

Ariadne é a aranha, aquela que produz a seda para tecer
variações de teias; um dispositivo vibrátil que dá ritmo
aos movimentos descompassados de sua criadora e
criaturas. A aranha sempre lança um fio novo para a
invenção de modos de existir e resistir; nunca o
mesmo, sempre outro e outro e outro e e e....

Eterno fabu(r)lAR!



Potência do falso!

Potências do falso!

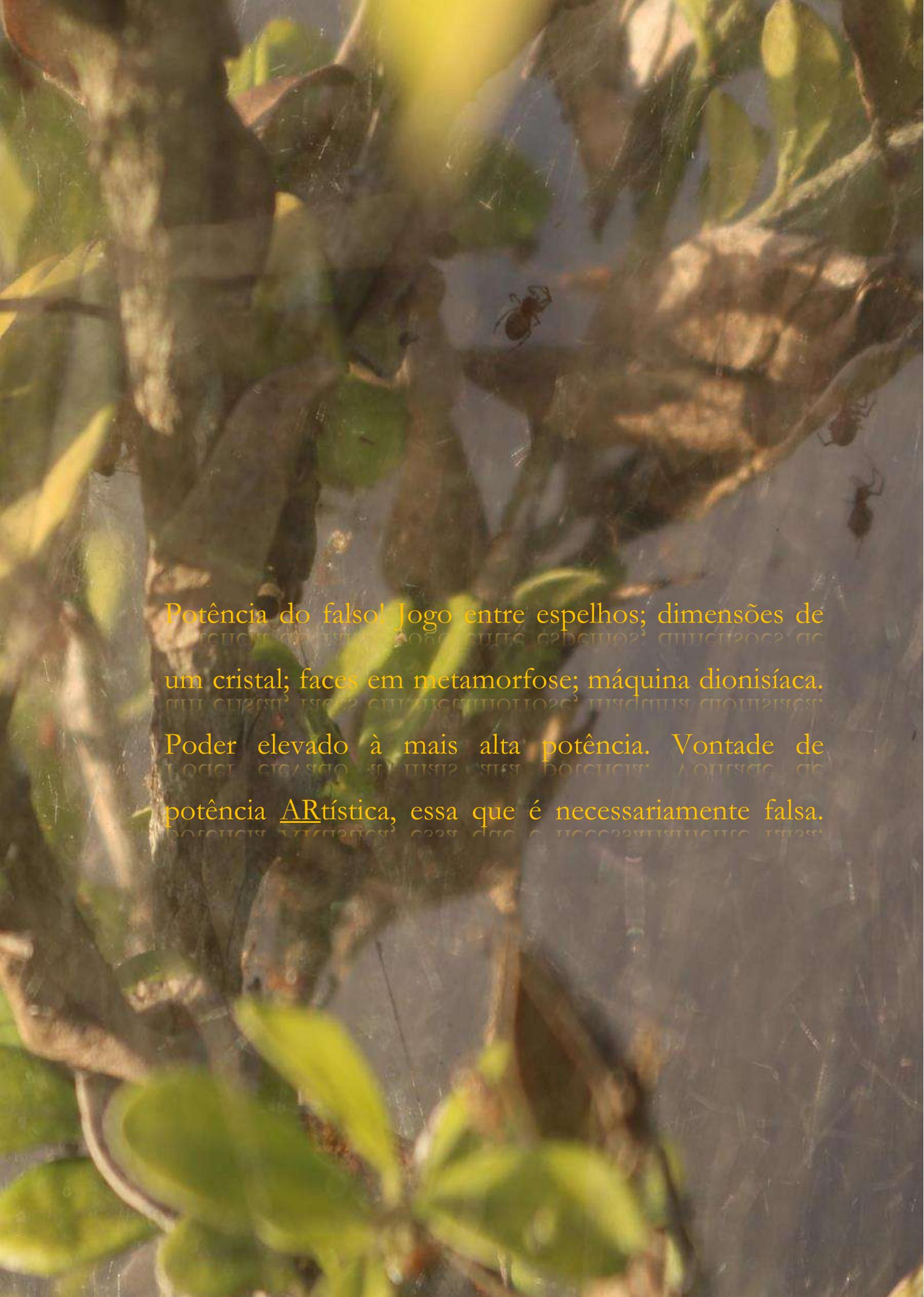
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Maria Paula Pinto dos Santos Belcavello

POTÊNCIA DO FALSO

fio a fabu(r)lar formações

Juiz de Fora - MG
Agosto/2021



Potência do falso! Jogo entre espelhos; dimensões de
um cristal; faces em metamorfose; máquina dionisiaca.
Poder elevado à mais alta potência. Vontade de
potência ARTística, essa que é necessariamente falsa.

Maria Paula Pinto dos Santos Belcavello

POTÊNCIA DO FALSO

fio a fabu(r)lar formações

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Margareth
Aparecida Sacramento Rotondo

Juiz de Fora - MG
Agosto/2021

A close-up photograph of a spider on its web. The spider is positioned in the lower center of the frame, facing upwards. It has a dark body with a prominent red stripe and white spots. Its legs are thin and dark. Above the spider, a small, reddish-brown insect is caught in the web. The background is a soft-focus green, suggesting foliage. The text is overlaid on the right side of the image.

Potência do
falso

fio a fabu(r)lar
formações...

Os textos *As cenas* aqui escritas, inscritas, transcritas..
são realmente fascículos, *riscos e rabiscos*. Fascículos
é outro nome do que chamamos feixe *Pequenos feixes:*
feixe de desejos, de perguntas, de sonhos, de ideias ou
teorias.
ensaios de
para a
atalhos
ou recuar.
alguma ou
sentido de
uma
temática, uma coerência de estilo, uma fuga a repetições.
Trata-se mesmo de feixes de gravetos da vida, a qual vai
e vem, se repete e não se repete: inventa! *Fabu(r)lação!*²

Texto quer dizer tecido.. O texto se faz, *se*
refaz, se desfaz, se trabalha através de um
entrelaçamento perpétuo; perdido neste
tecido – nessa textura *e tecitura* – o sujeito
a pesquisadora se desfaz nele qual aranha
se dissolve ela mesma nas secreções
construtivas de sua teia. Se *gostássemos* de
neologismos *fosse o caso*,
poderíamos definir a teoria do texto
como uma hifologia (hifos é o tecido e a teia
da aranha)³.

São também
ação, rumos
caminhada,
para avançar
Não houve
preocupação
cuidado no
construir
unidade

¹ Composição com LARA, 2016, p. 3.

² Com BELCAVELLO, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/4562>.

³ Composição com BARTHES, 1987, p. 82-83.

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pela autora.

Belcavello, Maria Paula Pinto dos Santos.

Potência do falso: fio a fabu(r)lar formações / Maria Paula Pinto dos Santos Belcavello. -- 2021.

124 f.

Orientadora: Margareth Aparecida Sacramento Rotondo
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora,
Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em
Educação, 2021.

1. Formação. 2. Docência. 3. Potência. 4. Falso. 5. Vida. I. Rotondo, Margareth Aparecida Sacramento , orient. II. Título.

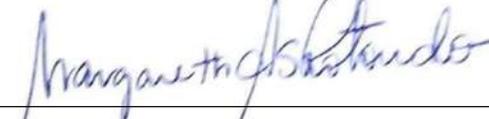
Maria Paula Pinto dos Santos Belcavello

Potência do falso: fio a fabu(r)lar formações

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: “Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas”.

Aprovada em 13 de agosto de 2021.

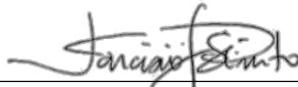
BANCA EXAMINADORA



Dra. Margareth Aparecida Sacramento Rotondo – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora



Dra. Sônia Maria Claretto
Universidade Federal de Juiz de Fora



Dr. Tarcísio Jorge Santos Pinto
Universidade Federal de Juiz de Fora



Dra. Anelice Astrid Ribetto
Universidade do Estado do Rio de Janeiro



Dr. Cristian Poletti Mossi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Ahnara se vê completamente envolvida pelo espelho, como a ARanha fêmea a envolver seus

OVOS na ooteca à espera da eclosão de fios de vida; presa em sua própria teia.

em ovos na ooteca à espera da eclosão de fios de vida; presa em sua própria teia.

Ahnara

Tece

O Tao da teia

Entre fios

ARTistARte

O Tao da

escrita

O Tao da

pesquisa

ARacnário

(r)ex(s)istir

Povos

Imagem

Lis

Tato

Anda

acontecendo

Sutilera

Aprender

O que deu

Bagunça

Gallo

vida-escola

Atual-virtual

Inacabada

Resposta

Andam

dizendo

Missão

Insatisfatório

Conselho

Imagem-

crystal

Regra

Demais

Aula

Método

Devir

Aula-teia

Bolo

Traduzir-se

Ariadne

Biblioteca

Fardos

Identidade

Fabu(r)lar

Bem

professor

Signos

Conversa

Escola

P de

professor

Formação

Deveres

Decisão

Receita

Felix

48 horas

Creche

Desaba(r)fAR

Bola de gude

Floyd

Calendário

Docência

guida

Lobby

Mochila

Oculto

Perder tempo

Último

Conselho

O que resta?

Banca

aranhAR

Jogo

Bando

Falsárias e

Falsários

Ahnara

ARacnário

Nas "grandes descobertas", nas grandes expedições não há apenas incerteza do que se vai descobrir, e conquista de algo desconhecido, mas a invenção de uma linha de fuga e a potência da traição: ser o único traidor, e traidor de todos...

(DELEUZE; PARNET, 1998, p. 34).

Sim,
somos ladras de pensamento
não, por favor, ladras de almas
construímos uma palavra, uma linha
chaves no vento para que nossa mente fuja
e
fornecer a nossos pensamentos fechados
uma corrente de ar fresco
ideias novas ainda não escritas,
palavras novas que seguiriam a rima...
e
não ligamos para as novas regras
já que elas ainda não foram fabricadas
e gritamos o que soa em nossa cabeça
sabendo que somos nós e os de nossa espécie
que faremos essas novas regras,
e
se as pessoas de amanhã
tiverem realmente necessidade das regras de hoje
então juntem-se todos, procuradores gerais
o mundo não passa de um tribunal
sim
mas conhecemos os acusados melhor que vocês
enquanto vocês se ocupam em julgá-los
nós nos ocupamos em assobiar
limpamos a sala de audiência
varrendo varrendo
escutando escutando
piscando os olhos entre nós
atenção atenção³
e
e
e
.
.
.

Sempre há traição em uma linha de fuga. Não trapacear à maneira de um homem da ordem que prepara seu futuro, mas trair à maneira de um homem simples, que já não tem passado nem futuro. Trai-se as potências fixas que querem nos reter, as potências estabelecidas da terra. A traição é como o roubo, ela é dupla. O roubo criador do traidor, contra os plágios do trapaceiro...

(DELEUZE; PARNET, 1998, p. 33-34).

³ Com Bob Dylan, *Ecrits et dessins*, 1975; linhas traçadas por Deleuze na obra *Diálogos* (1998, p. 7).



“Elevando o falso à potência, a vida se liberta tanto das aparências quanto da verdade: nem verdadeiro nem falso, alternativa indecível, mas potência do falso, vontade decisória” (DELEUZE, 2013, p. 176).

É dezembro. As festas de final de ano ainda aconteciam quando sua mãe a acordou dizendo que se mudariam no dia seguinte. A pequena, por um instante, pensou que estava sonhando e se virou para parede ajeitando sua manta de seda, um dos presentes de Natal. Na noite anterior, mal havia pregado os olhos; a agitação da matilha invadiu seu quarto como se estivesse aos pés do ouvido; o labirinto se esforçou para se adaptar aos ruídos, mas foi vencido. Ahnara é uma menina apaixonada por histórias de investigação; passa horas assistindo a filmes e séries tentando desvendar, sem definir, os mistérios de uma vida... Quando perde o sono, enlaça seu livro de cabeceira até adormecer; um hábito noturno que alimenta desde muito nova. Neste momento, estava enredada n' *O livro dos espelhos*⁴; um romance policial enigmático que desafia a mente humana; dissimula, ofusca e seduz em um jogo entre espelhos e reflexos: *real, imaginário; atual, virtual; verdade, falso?* Alternativas, duplos indecíveis como se, incansavelmente, um corresse atrás do outro; *se refletissem um no outro, em torno de um ponto de indiscernibilidade*⁵. Na tentativa de se lembrar dos acontecimentos que atravessaram o assassinato do ilustre professor universitário Joseph Wieder, a mente se esforça para evocar as informações daquele funesto e inescrutável dia. Em uma aposta de que as encontrariam guardadas – como um arquivo a ser acessado a qualquer tempo e a serviço de um certo tipo de conhecimento – clama obstinadamente pela atenção da memória psicológica.

Sabe como é: você acha que esqueceu algo – um fato, uma pessoa, uma situação – e então, de repente, percebe que a lembrança estava jogada em um canto escondido da mente, e que ela sempre esteve ali, como se o episódio tivesse ocorrido ontem. É como abrir um armário velho, cheio de tralhas: é só tirar uma caixa do lugar que tudo cai em cima de você⁶.

⁴ CHIROVICI, 2017.

⁵ DELEUZE, 2013, p. 16.

⁶ CHIROVICI, 2017, p. 12.

Uma memória constituída – faculdade sob os domínios e sujeição do passado – a oferecer lembranças que promovem desordem, dobram os sentidos e levam o reconhecimento ao fracasso. Um movimento aberrante sem respostas da lembrança procurada a conservar um passado que já não é...

Como desvendar o crime?

Mas só há um crime: o próprio tempo. O que o movimento aberrante revela é o tempo como todo, como “abertura infinita”, anterioridade a qualquer movimento anormal definido pela motricidade: é preciso que o tempo seja anterior ao desenrolar regrado de qualquer ação, que haja “um nascimento do mundo que não esteja ligado perfeitamente à experiência de nossa motricidade”, e que “a mais remota lembrança de imagem esteja separada de qualquer movimento dos corpos”. Se o movimento normal vai subordinar o tempo, do qual nos dá uma representação indireta, o movimento aberrante atesta uma anterioridade do tempo, que ele nos apresenta diretamente, do fundo da desproporção das escalas, da dissipação dos centros⁷.

Força do esquecimento contra a preservação da memória...

A memória não está em nós, somos nós que nos movemos numa memória-Ser, numa memória-mundo. Somos constituídos como memória, somos a um só tempo a infância, a adolescência, a velhice e a maturidade. O que acontece quando procuramos a lembrança?⁸.

Fiança numa memória subjugada pelo inconsciente?

(...) é no tempo que mergulhamos, não à mercê de uma memória psicológica que nos daria apenas uma representação indireta, não à mercê de uma imagem lembrança que nos remeteria apenas a um antigo presente, mas segundo uma memória mais profunda, memória do mundo que extrapola diretamente o tempo, alcançando no passado o que se furta à lembrança⁹.

Ahnara e sua mãe haviam se mudado há pouco para casa colonial no alto da montanha, com uma vista que quase dá para ver todo povoado. Nos fundos, um largo quintal abriga pomar e horta cuja variedade de plantios se transmuta em um grande caleidoscópio, a se contrair e dilatar, na exibição de cores quentes flutuantes. E feitos

⁷ DELEUZE, 2013, p. 51.

⁸ Ibid, p.122.

⁹ Ibid, p. 53.

das gotas de orvalho capturadas pelas teias da aranha que refletem, com violência, as cores cristalizadas. À frente da casa, um pequeno e majestoso jardim cria, em aliança com o tempo, caminhos imperceptíveis de bifurcação que se estendem até as bordas da alameda e separam uma casa da outra; mais parece **El jardín de senderos que se bifurcan**¹⁰. Lugar merecedor de um esplêndido cenário de filme, daquele que prende o espectador por horas a desfiar sua extraordinária fotografia. No arranjo interior da habitação, Ahnara acaba por ficar com o quarto dos fundos; sua mãe teve esse cuidado já pensando nos possíveis barulhos a interromper o sono da menina, que parece não ter gostado da ideia. Seu quarto tem uma janela que ocupa parte da parede de tão grande; quando fechada, forma um espelho colossal e sombrio. Logo pensou no trabalho que vai ter para limpar tudo aquilo. Vive a reclamar quando sua mãe pede para ajudar na limpeza da casa, já que a parte dos vidros é tarefa sua e a palavra de ordem é “não ter vestígios de sinais vitais”. As faces do espelho têm de estar límpidas como uma estrutura cristalina na composição de uma **imagem bifacial**;

como se uma imagem espetacular, uma foto, um cartão-postal se animassem, ganhassem independência e passassem para o atual, com o risco de a imagem atual voltar ao espelho, retomar lugar no cartão-postal ou na foto, segundo um duplo movimento de liberação e de captura”.

Incomodada com o tamanho daquela janela-espelho, Ahnara se arma sobre pesquisas investigativas e, numa urdidura alquímista, cria uma mistura que com apenas algumas borrifadas e um pano sedoso, faz os vidros ficarem imperceptíveis e se distenderem, rapidamente, em **opaco-límpido**. Um instante de troca entre duas faces indiscerníveis; duas faces que não se confundem, mas provocam confusão.

¹⁰ BORGES, 1944.

¹¹ DELEUZE, 2013, p. 88.

Entre as duas faces distintas uma dúvida sempre subsistirá, impedindo-nos de saber qual é a límpida, qual é a sombria, consideradas todas as condições¹².

Quando a imagem virtual se torna atual, então é visível e límpida, como num espelho ou na solidez do cristal terminado. Mas a imagem atual também se torna virtual, por seu lado, remetida a outra parte, invisível, opaca, tenebrosa, como um cristal que mal foi retirado da terra. O par atual-virtual se prolonga, pois, imediatamente em opaco-límpido, expressão de sua troca. No entanto, basta que as condições (notadamente de temperatura) se modifiquem para que a face límpida escureça, e a face opaca adquira ou reencontre sua límpidez. A troca é relançada. Há, sim, distinção das duas faces, mas não discernibilidade, enquanto as condições não forem precisadas¹³.

Ahnara se anima com a nova invenção e com a cena que produz uma pluralidade de percepções, como se o espelho, a todo momento, desafiasse – ao estilo d'A dama de Xangai¹⁴ – quem por ele atravessa. Toda vez que se aproxima da janela, tem a impressão de que a lâmina de cristal se multiplica e a captura, em um circuito que sempre retorna; como se a única condição para se liberar fosse a criação de uma fissura, uma rachadura pela qual deva sair para afirmar a atividade da vida.

O cristal é expressão. A expressão vai do espelho ao germe. É o mesmo circuito que passa por três figuras, o atual e o virtual, o límpido e o opaco, o germe e o meio. Por um lado, o germe é a imagem virtual que fará cristalizar um meio atualmente amorfo, mas por outro lado, este deve ter uma estrutura virtualmente cristalizável, em relação à qual o germe desempenha o papel de imagem atual. Também aí o atual e o virtual se trocam numa indiscernibilidade que a cada vez deixa subsistir a distinção¹⁵.

Em suas conversas com o espelho, ela insiste na questão da memória; nessa segurança de um lugar como arqueologia temporal, que restitui, acessa e rememora algo do passado; numa sucessão de eventos encadeados em dimensões necessariamente temporais: passado, presente, futuro.

(...) a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas, pelo contrário, num progresso do passado ao presente. É no passado que nos colocamos de saída. Partimos de um “estado virtual”, que conduzimos pouco a pouco, através de uma série de planos de consciência diferentes, até o termo em que ele se materializa numa percepção atual, isto é, até o ponto em que ele se torna um estado presente e atuante...¹⁶.

¹² DELEUZE, 2013, p. 91.

¹³ Ibid, p. 90.

¹⁴ Filme de Orson Welles, 1947, Estados Unidos.

¹⁵ DELEUZE, 2013, p. 94.

¹⁶ BERGSON, 2010, p. 280-281.

Futuro e passado não têm muito sentido; o que conta é o devir-presente¹⁷.

Ahnara fica horas afilando este mistério, a cada vibração tempestuosa, qual aranha a devorar sua indigesta presa...

O passado não se confunde com a existência mental das imagens-lembrança que o atualizam em nós. É no tempo que ele se conserva: é o elemento virtual em que penetramos para procurar a “lembrança pura” que vai se atualizar em uma “imagem-lembrança”. E não teria sinal algum do passado, se não fosse no passado que tivéssemos ido procurar seu germe¹⁸.

O espelho se demora numa espécie de prolongamento; reflete uma **imagem-cristal** e revela para menina – em menor circuito – uma imagem-tempo direta, ao invés de uma imagem indireta do tempo. Ahnara fica perturbada ao se deparar com a imagem-cristal refletida pelo espelho e ver que não é o tempo. No entanto, dá a ver sua operação oculta mais fundamental e pura; dá a ver a fundação do tempo não cronológico no cristal, interioridade movente e metamorfoseante; dá a ver o

jorrar do tempo como desdobramento perpétuo que o próprio cristal não para de fazer girar sobre si, que impede de findar, como cisão¹⁹. Temos um tempo crônico, não-cronológico, que produz movimentos necessariamente “anormais”, essencialmente “falsos”²⁰.

Ahnara se vê completamente envolvida pelo espelho, como a aranha fêmea a envolver seus ovos na ooteca à espera da eclosão de fios de vida; presa em sua própria teia. Na defesa de suas tes(c)es, desa-fia perigosamente o espelho que, em um único lance, é capturado pelo movimento **en passant** da pequena. Sem ter como fugir dessa jogada de mestre, abre-se em variações de camadas a entrelaçar as facetas de um cristal.

(...) onde começa a vida?

O tempo no cristal diferenciou-se em dois movimentos, é um dos dois que se encarrega do futuro e da liberdade, sob a condição de sair do cristal. Então o real será criado, ao

¹⁷ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 20.

¹⁸ DELEUZE, 2013, p. 121.

¹⁹ Ibid, p. 102.

²⁰ Ibid, p. 159.

mesmo tempo que escapa ao eterno ricochete do atual e do virtual, do presente e do passado²¹.

Virtual se opõe ao atual, mas não se opõe ao real²².

A imagem virtual não existe na consciência, mas na relação com o fora; existe no tempo. O tempo se desdobra, a cada instante e sem finalização, em estados cristalinos, menina. O que se vê no cristal é a diferenciação do tempo, sua liberação de todo e qualquer tipo de subordinação, aprisionamento; o que se vê, infinitamente, é o jorro da vida; o saltar da aranha na tecitura de formas de vida, de modos de (r)ex(s)istir.

É preciso que o tempo se cinda ao mesmo tempo em que se afirma ou desenrola: ele se cinde em dois jatos dissimétricos, um fazendo passar todo o presente e outro conservando todo passado. O tempo consiste nessa cisão, e é ela, é ele que se vê *no cristal*²³.

Um funcionamento que se conecta não por pontos, mas por linhas – a linha que se bifurca e não para de se bifurcar, passando por “presentes impossíveis, retomando passados não-necessariamente verdadeiros”²⁴ – parecendo haver uma confusão entre tempos, espaços, corpos e e... Aranha, espelho, cristal, vida...? Ahnara se ocupa com isso, com esse poder que a força pensar nessa relação sem uma lógica representativa; uma lógica sem razão de ser.

Na vida tudo é questão de força?

Sim, se compreendermos que a relação de forças não é quantitativa, mas necessariamente implica certas “qualidades”. Há forças que não sabem responder a outras, senão de uma única maneira, uniforme, invariável²⁵.

²¹ DELEUZE, 2013, p. 110.

²² Ibid, p. 56.

²³ Ibid, p.102.

²⁴ Ibid, p.160.

²⁵ Ibid, p. 171.

Isso, menina – essas forças que acabam por se instituírem como norma – distancia a vida do que ela pode produzir; separa o falso, enquanto movimento de uma vida ativa, de sua potência de transmutação. Um estado de alerta para existência: ficar à espreita, sem de modo algum saber o que vem. Mas, como dar sentido... Antes de efetuar sua questão, livrou-se dela sem demora; sem lhe atribuir qualquer valor de verdade. Para Ahnara a vida é demasiadamente espetacular, intensa e misteriosa; um livro interminável e indecifrável de contos investigativos que a lança para o mundo das experimentações. Mundo no qual a própria vida se torna, a um só tempo, critério de avaliação e avaliadora de si. Um universo inexplicável formado por imagens-cristais, numa frequência vibracional que se estira em vários estados... em cristais do tempo.

A irreduzibilidade da imagem-cristal consiste na unidade indivisível de uma imagem atual e de “sua” imagem virtual; o ponto de indiscernibilidade entre as duas imagens que nunca acabam de se reconstituir. O que é atual é sempre um presente. O presente muda ou passa, torna-se passado quando um novo presente o substitui. A imagem atual e a imagem virtual coexistem e se cristalizam, entram num circuito em uma constante troca. É preciso, portanto, que a imagem seja presente e passada, ainda presente e já passada, a um só tempo, ao mesmo tempo. Se não fosse já passada ao mesmo tempo que presente, jamais o presente passaria. O passado não sucede ao presente que ele não é mais, ele coexiste com o presente que foi. O presente é a imagem atual, e seu passado contemporâneo é a imagem virtual, a imagem especular²⁶.

Sua mãe salta apressada da cama; está atrasada para o trabalho. A demora para realizar sua rotina antes de sair, faz com que se sinta estrangeira em seu próprio território. Mesmo atrasada, deixa a mesa do café posta com tudo que a filha gosta: café, leite, queijo branco, banana, ovos mexidos com um pouco de aveia e chia. Na porta da geladeira, um bilhete, num post it amarelo, feito às pressas – a julgar principalmente pela dinâmica da escrita – muda os rumos daquele dia:

B dia! Cheguei à noite. Tome café, arrume o quarto. Almoço tá pronto. Bj

²⁶ DELEUZE, 2013, p. 99.

Ahnara é quase uma perita grafotécnica; examina manuscritos para descobrir os possíveis elementos de uma escrita. Uma ocupação que diz mais de uma paixão pela investigação, que de um interesse por qualquer tipo de representação a revelar uma forma invariável. Acha-se a profissional da área, com toda expertise de uma calejada investigadora. Ganhou de aniversário uma maleta com alguns instrumentos que a ajudam em seu trabalho: lupa, lanterna, transferidor, microscópio; além de sua companheira inseparável e preferida: a máquina fotográfica. Por mais que sua mãe tente estabelecer uma rotina diária, Ahnara sempre dá um jeito de fugir disso – *ou seria com isso?* – Sem renunciar às ações exigidas por sua mãe, *faz fugir um sistema organizado*, inventa outras maneiras e tempos de lidar com a situação; o que permite que seus dias sejam tomados por eventos inusitados. Pôs-se a pensar no que improvisar com tanto *tempo livre*, sem o controle de um adulto para ditar cada passo a ser dado. Entre um afazer e outro, fica na janela de seu quarto observando com binóculo um prédio acinzentado, camuflado pelas folhas das árvores. Algo naquela dura estrutura a atrai e desperta seu interesse para saber o que se passa com aquele lugar. A neblina impediu que a manhã anunciasse sua claridade, confundindo até mesmo o galo da vizinha que se recusou a acordar os moradores; parecia noite, ainda. O ar frio a faz desconfiar de que esta é uma estranha oportunidade para se viver uma grande aventura. Ahnara tem especial encantamento pelas baixas temperaturas que dão mais beleza à paisagem bucólica; um clima inspirador e discreto. O vento e a serena chuva, que se fazem tão intensos nesta época do ano, não parecem incomodar essa pequena de apenas 8 anos de idade; ao contrário, torna-se mais ativa enquanto outras vidas hibernam.

Uma vida não contém nada mais que virtuais. Ela é feita de virtualidades, acontecimentos, singularidades. Aquilo que chamamos de virtual não é algo ao qual falte realidade, mas que se envolve em um processo de atualização ao seguir o plano que lhe dá sua realidade própria²⁷.

Com mochila nas costas e um fino casaco branco, de pura seda, sai pela porta da frente seguindo pistas que a levem à emblemática edificação. Suas pernas sentem o peso que carrega e a distância, até então trilhada. Ahnara pensa em parar um pouco para descansar; quando faz o movimento de se assentar na calçada, avista uma área coberta por um tapete de folhas secas. Aperta o passo na tentativa de encurtar esse intervalo; acredita, enfim, ter se encontrado com um possível **local de dança para divinos acasos**²⁸. Um lugar perfumado com flores silvestres, cercado por eucaliptos e ípês amarelos. No portão, há uma placa; a ferrugem esconde o que está escrito, deixando à mostra apenas algumas letras “ENTE”. Aproxima-se, vê que está aberto e resolve entrar. Depara-se com um pátio grande; mais adiante, com uma porta de vidro. Fica olhando para ver se tem alguém por ali; ensaia alguns sons, mas prefere seguir em silêncio. Ao mexer na porta, percebe que o vidro está quebrado, dando acesso à tranca que só permite sua abertura por dentro. Nem precisa de muito esforço, quando toca na tramela a porta se abre; para sua surpresa, dá de cara com outra porta; diferente da anterior, essa está coberta por um tecido disforme e fibroso. O que será isso? Sua curiosidade é maior que seu medo e segue a investigar aquele lugar sombrio. Quando por fim entra, fica hipnotizada; num piscar de olhos pensa estar no **Poço Chand Baori** – não pela incrível arquitetura – pela infundável escadaria. Nas extremidades, um longo corredor com recuos de um lado a outro. Em cada entrada havia uma marcação desgastada; algumas delas indicam certa combinação de letras e

²⁷ DELEUZE, 2002, p. 16.

²⁸ DELEUZE, 2018, p. 38.

números. Ao subir as escadas, mais corredores, recuos e marcações. As paredes se desfazem a cada movimento; tijolos à vista, vidros quebrados, móveis empoeirados, lixos espalhados, entulhos, cinzas... como se o lugar nunca tivesse sido habitado. Marcas de destruição, escombros... tudo isso foi complicando ainda mais a investigação; não dava para entender o que significavam aqueles rastros e descuidos. Ahnara sobe o último lance de escadas e se surpreende com um espaço no qual parte da parede havia caído, possibilitando uma mirada extraordinária de sua própria casa... à distância. Um movimento de saída – para além de um esqueleto arquitetônico – numa relação entre territórios.

Todo um jogo de territórios bem determinados, planejados. Tem-se um porvir, não um devir. Eis uma primeira linha de vida, “linha de segmentaridade dura ou molar”; de forma alguma é uma linha de morte, já que ocupa e atravessa nossa vida, e finalmente parecerá sempre triunfar. Ela comporta até mesmo muita ternura e amor. Seria fácil demais dizer: “essa linha é ruim”, pois vocês a encontrarão por toda a parte, e em todas as outras²⁹.

Restos de suas conversas com o espelho...

Aquela altura vertiginosa causa um mal-estar na menina que desce, acelerada e em tropeços, as escadas. Certa de que não deseja mais seguir com sua expedição, faz o percurso de volta. Do lado esquerdo do corredor, na entrada, ao pular o primeiro degrau, nota alguns quadros pendurados na parede mofada. Os rostos desconhecidos não dizem muito, apenas que não são membros de uma mesma família. Afasta-se para ver melhor as imagens e, num passo em falso, encosta na porta de madeira podre. Ahnara cai em um cômodo escuro e é amortecida por um colchão de papéis. Levanta-se, em meio àquela desorganização, tomada de assalto por uma placa de metal oxidada que marca sua testa com uma forte linha vermelha. Três letras não

²⁹ DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 73-74.

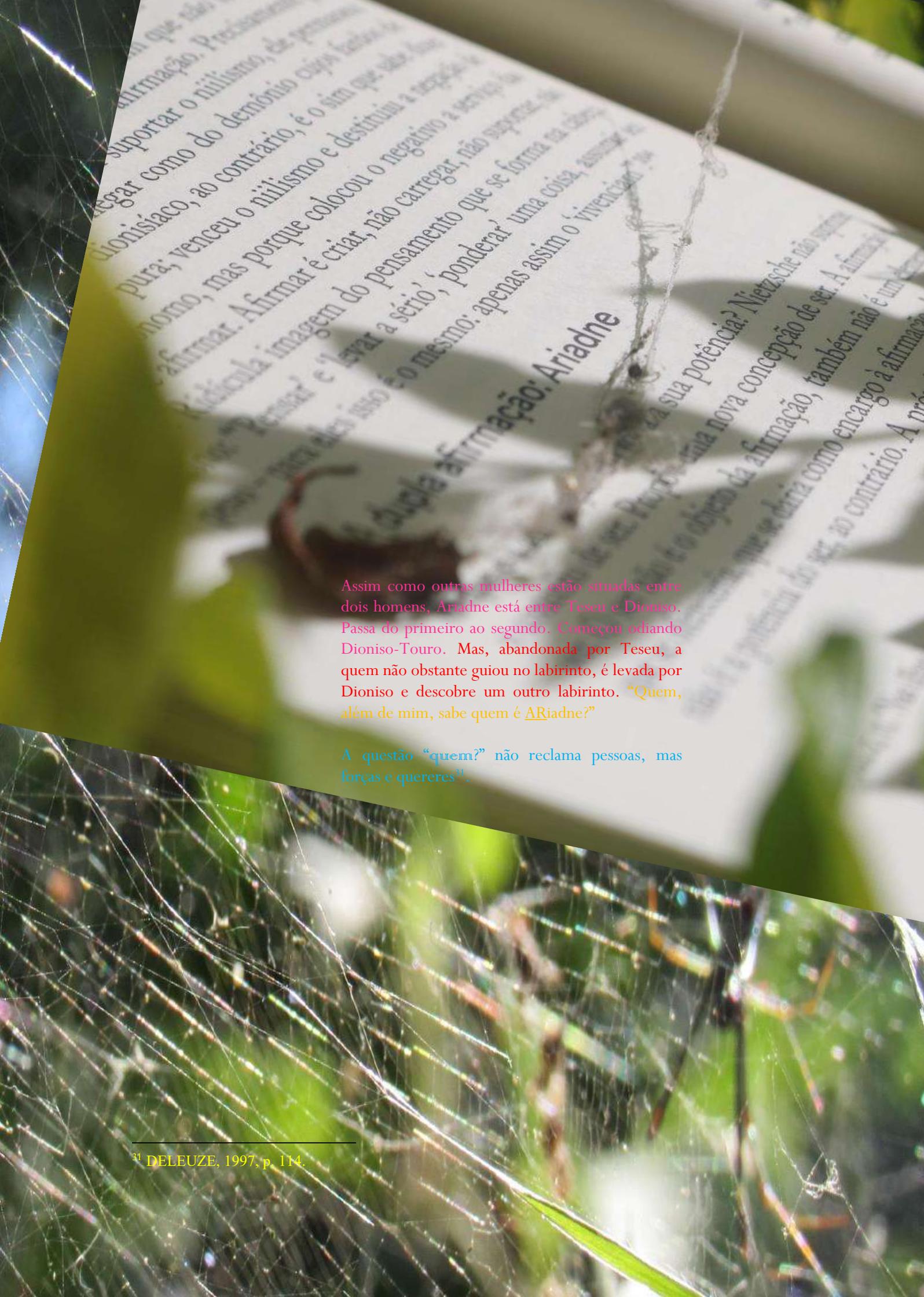
bastam para identificá-la; mesmo assim, a menina arrisca: “TEC”... só pode ser de “TECNOLOGIA”. Mas... aqui só tem papel! Papeis soltos, folhas devoradas, manuscritos... Quando leva a mão para agarrar o caderno colorido, escuta um barulho; parece uma voz pedindo algo. Sim! Seu estômago a exigir um pouco de atenção. Ahnara se distrai tanto que sequer se lembra do lanche e da água que levaria; não tem ideia se já passou a “sagrada hora do almoço”. Eis o som de sua mãe – um eco em seu ouvido – que faz questão de conservar este momento. O relógio que a presentearam em seu último aniversário, Ahnara negociou com a gaveta do guarda-roupa; suspeita desse tal aparelho de marcar o tempo. Às vezes, quando sua mãe pergunta pelas horas, pede ajuda ao celular que, porventura, ficou preso à tomada da cozinha.

Por onde começar?

Indaga Ahnara!

Ao se abaixar para pegar uma folha rabiscada, a linha presa à sua roupa agarra o rodapé e ela percebe algumas notas³⁰ legivelmente escritas. Até então, não havia se dado conta de que um fio de seu casaco ficou preso à guarnição da porta, guiando-a desde que entrou naquele misterioso labirinto...

³⁰ Se a instituição é um agenciamento molar que repousa em agenciamentos moleculares (daí a importância do ponto de vista molecular em política: a soma dos gestos, atitudes, procedimentos, regras, disposições espaciais e temporais que fazem a consistência concreta ou a duração - no sentido bergsoniano - da instituição, burocracia estatal ou partido), o indivíduo por sua vez não é uma forma originária evoluindo no mundo como em um cenário exterior ou um conjunto de dados aos quais ele se contentaria em reagir: ele só se constitui ao se agenciar, ele só existe tomado de imediato em agenciamentos (ZOURABICHVILI, 2004, p. 9).



Assim como outras mulheres estão situadas entre dois homens, Ariadne está entre Teseu e Dioniso. Passa do primeiro ao segundo. Começou odiando Dioniso-Touro. Mas, abandonada por Teseu, a quem não obstante guiou no labirinto, é levada por Dioniso e descobre um outro labirinto. “Quem, além de mim, sabe quem é Ariadne?”

A questão “quem?” não reclama pessoas, mas forças e querer³¹”.

³¹ DELEUZE, 1997, p. 114.

A close-up photograph of a person's skin, showing a small red spider on the surface. The spider is positioned near the edge of the skin, which is on the left side of the frame. The background is a plain, light-colored surface.

Nada revela melhor a
traição que a escolha do
objeto. Não porque seja
uma escolha de objeto,
noção ruim, mas porque
é um devir...³²

³² DELEUZE; PARNET, 1998, p. 35.

Tece:
JGGG:

O que pode uma tese em um campo infinitamente aberto? O que pode uma Universidade Pública sem recursos? O que pode um corpo reduzido à mercadoria? O que pode uma instituição na pandemia? O que pode uma política frente a incontáveis mortes? O que pode uma pesquisadora na relação jogo-tempo-vida? O que pode uma pesquisa que não se sabe? O que pode uma sociedade ante ao discurso de ódio? O que pode uma sala de aula com vidas? O que pode uma educação em meio às desigualdades? O que pode um currículo na virtualidade tecnológica? O que pode uma escola em des-ocupação? O que pode uma aula tomada pelo distanciamento? O que pode uma vida sujeitada à necropolítica? O que pode a vontade de potência em afinidade com uma certa qualidade das forças? O que pode um doutorado em in-acabamento? O que pode uma docência em tempos de isolamento? O que pode um coletivo de forças em (r)ex(s)istência? O que pode uma formação sem forma definida? O que pode um corpo em experimentação? O que pode uma vida com a própria vida? Efeitos de uma tese que se ocupa com os afetos que se dão junto às forças que se encontram com a pesquisa; que dizem mais com uma pesquisa que da pesquisa. Fios entrelinhas indicam um ensaio em tece na composição e combinação de acasos e necessidades. Isso implica em riscos; jogar em um campo infinitamente aberto com uma escola, uma universidade, uma bicicleta, uma música, uma rua, um ônibus, uma aula, um teatro, uma casa, um carro, um bar, um hospital, uma estrada, um cinema... uma vida. Potência do falso, fio a fabu(r)lar formações...

Fios-linha: Formação. Docência. Potência. Falso. Vida.
FIOS-LINHA: FORMAÇÃO. DOCÊNCIA. POTÊNCIA. FALSO. VIDA.

Weaves:

What can a thesis in an infinitely open field? What can a Public University without resources? What can a body reduced to merchandise? What can an institution in the pandemic? What can a policy in the face of countless deaths? What can a researcher in the game-time-life relationship? What can a search that is not known? What can a society in the face of hate speech? What can a classroom with lives? What can an education in the midst of inequalities? What can a curriculum in technological virtuality? What can a school in disoccupation? What can a lesson taken by distancing? What can a life subject to necropolitics? What can the will of power in affinity with a certain quality of forces? What can a doctorate in in-finishing? What can a teaching in times of isolation? What can a collective of forces in (r)ex(s)istência? What can a formation without a definite form? What can a body on trial? What can a life with its own life? Effects of a thesis that deals with the affections that are due to the forces that meet the research; that say more with a search than of the search. Wires between the lines indicate an essay in weaves in the composition and combination of cases and needs. This implies risks; play in an infinitely open field with a school, a university, a bicycle, a music, a street, a bus, a class, a theater, a house, a car, a bar, a hospital, a road, a cinema... a life. Power of the fake, wireto fabu(r)lar formations...

Yarn-line: Formation. Teaching. Power. Fake. Life.

A potência do falso é inseparável de uma irreduzível multiplicidade. “Eu=Eu” (semelhança) se converte em “Eu é outro” (dessemelhança); não se trata de substituir a verdade por uma outra instância superior. Trata-se de pôr em relação as forças de afetAR e de serem afetadas, elevando-as ao poder de transmutação. Invenção de mundos, modos outros de (r)ex(s)istir com tudo o que há de mais belo, sedutor e insuportável na produção de uma vida...



O Tao da teia³³

O Tao da teia

Num dos canteiros, entre uma longa folha lanceolada de um lírio rajado e um galho fino e espinhento de uma buganvília, esticava-se um único fio, tênue, transparente, quase invisível. Por ele andava uma aranha.

Luísa me explicou:

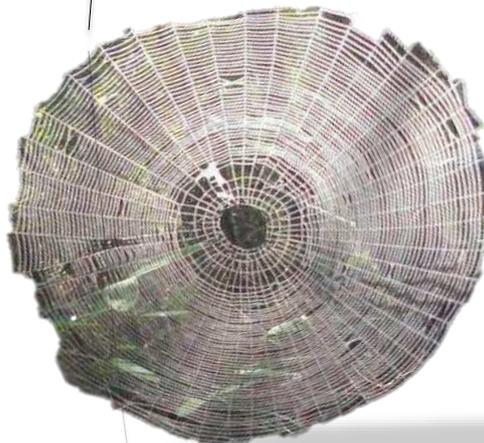
– Mãe, eu vi a hora em que ela começou. Pensei que ela estava caindo, porque aranha não voa. Mas ela estava presa no fio e pulou até bem longe, como se estivesse voando, pendurada...

Nesse momento, não caía mais. Subia pelo fio. Até certo ponto, apenas. De repente parou e se jogou de novo no espaço, agora para cima, mais uma vez deixando um fio no seu rastro, mas numa direção completamente diferente. Até alcançar outra folha. Depois voltou novamente pelo fio e retomou o processo. Percorria uma certa distância, mudava de direção, lançava-se no vazio secretando das entranhas o fiapo que a sustentava, fixava-o em algum ponto de apoio, retomava parcialmente o caminho percorrido...

Luísa e eu ficamos assistindo, maravilhadas. De início, manifestávamos nossa admiração com alguns comentários exclamativos. Mas logo nos sentamos no chão e apenas ficamos lado a lado em silêncio, como quem reza ou medita. Durante quase uma hora.

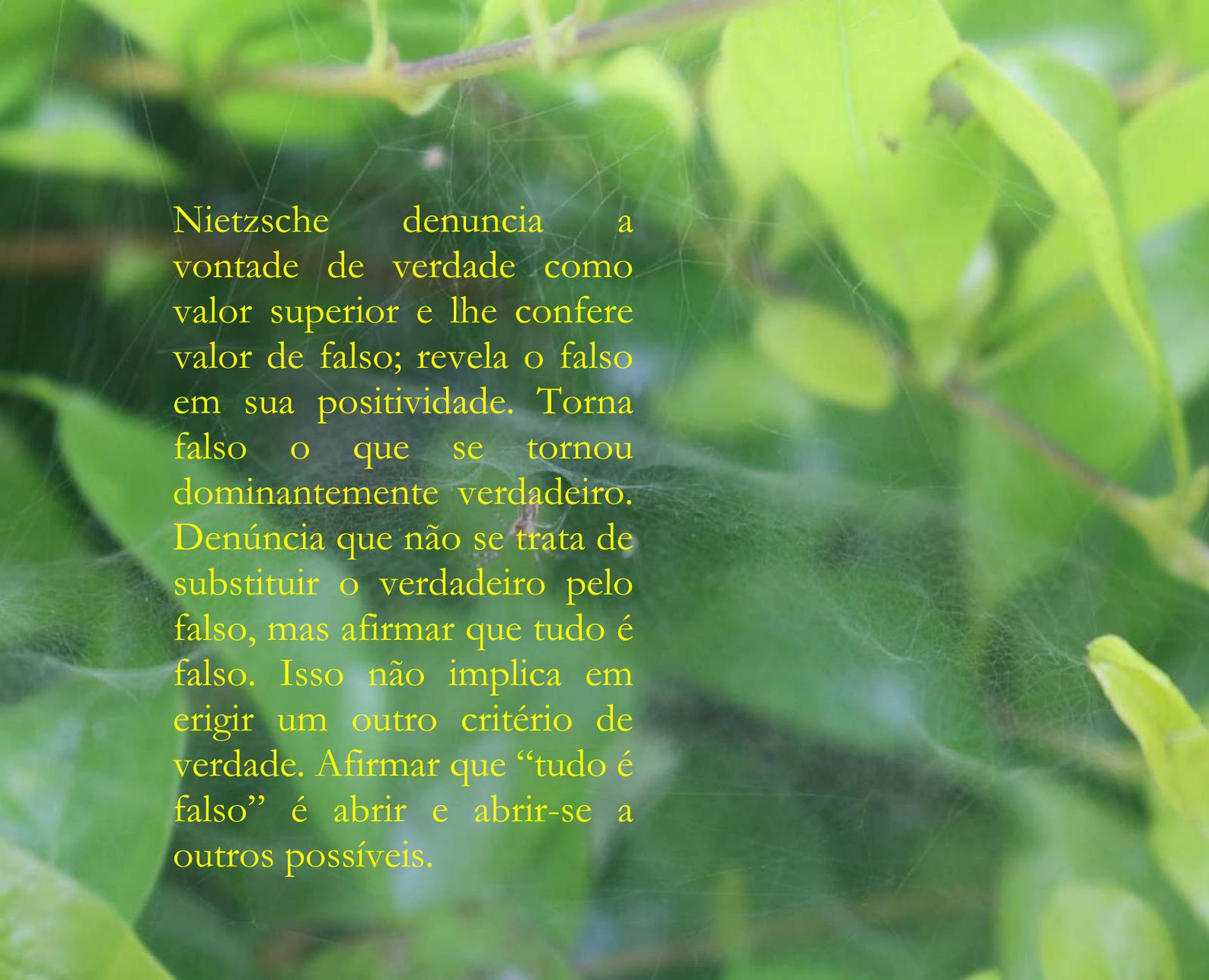
Sáímos dali encantadas, de mãos dadas. Luísa cantarolou um trecho de *Oriente*, de Gilberto Gil, canção que não era da sua geração, mas ela conhecia, por fazer parte do repertório do pai, músico:

A aranha vive do que tece
Vê se não esquece...



Mas em geral não precisávamos falar. Acabávamos de compartilhar uma experiência intensa, muito maior do que qualquer palavra. Íamos falar do quê? Apenas exercer nossa necessidade de controle sobre a natureza, nomeando e atribuindo significados? De minha parte, eu não tinha vontade de dizer nada. Embora imaginasse que Luísa fosse perguntar algo. E soubesse que então eu teria que responder, talvez falar em instinto e introduzir alguma tentativa científica de explicação para o inexplicável.

³³ MACHADO, 2003.



Nietzsche denuncia a vontade de verdade como valor superior e lhe confere valor de falso; revela o falso em sua positividade. Torna falso o que se tornou predominantemente verdadeiro. Denúncia que não se trata de substituir o verdadeiro pelo falso, mas afirmar que tudo é falso. Isso não implica em erigir um outro critério de verdade. Afirmar que “tudo é falso” é abrir e abrir-se a outros possíveis.



E se tudo é falso, o mundo é pura invenção; vARiação de potências de vida. Afirmção do falso enquanto potência; essência criadora de formas de vida...

Potência de fabu(r)lação!

aranha não voa, sobrevoa com o vento...

“O sobrevoa é o estado do conceito ou sua infinitude própria, embora sejam os infinitos maiores ou menores segundo a cifra dos componentes, dos limites e das pontes. O conceito diz o acontecimento, não a essência ou a coisa”³⁴.

8.º andar. Apartamento novo, paredes lisas. A cor branca preserva sua pintura padrão, modelo para todos os outros daquele bloco. Uma porta de vidro, de acesso à estreita varanda-sacada, torna-se abrigo. O espaço mal cabe o varal de roupas que disputa lugar com uma bicicleta branca e rosa, cujas linhas que envolvem sua cesta-acessório, e seus pneus vazios, indicam que o veículo está mais para um objeto decorativo intocável. Mas a pequena área não é problema para uma vida que só precisa de um **entre** para se afirmar. Menor que um pregador – de cor preta e silhueta que mais parece desenhada à mão – a artrópode se ajeita em um canto entre a porta, a grade de ferro – tipo parapeito – e o teto. Por mais que a vassoura passe por ali, sempre que solicitada, não ousa invadir o abrigo alheio. Faz seu trabalho solo, sem se levantar para além do necessário; preserva apenas os movimentos descompassados em seus deslocamentos. O muito que faz, às vezes, é pedir licença para passar pela porta sem que toda edificação, trabalhada em seda, seja destruída. Uma bela arquitetura de arranjos provisórios – construída com códigos de um **devir-imperceptível** – que ganha contornos outros quando da presença do Sol e das gotas de orvalho em um frio amanhecer. O tempo de duração desse tipo de construção varia, pode ser subtraída em uma noite ou em dias. Pode ser destruída de imediato – por sua própria criadora – ou preservada por meses. Uma nova construção sempre se faz... infinitamente outra, nunca a mesma. O trabalho em sua obra conta com uma força abdominal em potencial, que, em aliança com o vento, produz todo material necessário para a invenção de

³⁴ DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 29.

variações de formas; cumplicidade em um duplo-movimento. “A cada relação de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, que agrupa uma infinidade de partes, corresponde um grau de potência. Às relações que compõem um indivíduo, que o decompõem ou o modificam, correspondem intensidades que o afetam, aumentando ou diminuindo sua potência de agir, vindo das partes exteriores ou de suas próprias partes”³⁵. Fio a fio, cuidadosamente, com resistência e elasticidade, seu abrigo vai se constituindo lentamente. À medida que o fio vai sendo produzido, o vento dá seu toque final e se encarrega de levá-lo para sua fixação nos chamados pontos de contato. Esse movimento é realizado por diversas vezes, desordenadamente, até que seja convertido em um abrigo-armadilha. Um método de captura, para afirmar sua sobre-vivência, assume uma forma provisória. Por ora, resta apenas um repouso em sua rede, com suas quelíceras atentas, à espera de sua presa. “O inseto preso, a princípio, reage, esperneia. No seu canto, a dona da teia observa. Só bem mais tarde, nauseada de tanto fastio, move-se para injetar o veneno na sua vítima, cujo pecado: o descuido de se enredar”³⁶.

“Duas aranhas são dispostas nas extremidades de uma vara de bambu, uma em cada lado. Em volta, uma multidão observa a luta que então se sucede. Enquanto a luta não termina, o ambiente é tenso, a maioria dos presentes já fizeram suas apostas. Momentos depois, o resultado é conhecido: uma das aranhas é expulsa do bambu ou, não raramente, morta durante o combate”.

Ecologia e comportamento de aranhas, 2007, p. 165

³⁵ DELEUZE, GUATTARI, 2012b, p. 44.

³⁶ LACERDA, 2006, p. 48.

Traçados e fugas enfrentam territórios a todo momento. Desterritorializa. Linhas interrompidas, outras prolongadas e outras, ainda, retomadas. Linhas de segmentaridade põem em risco o movimento do jogo, que de lance parece fluído. Uma micropolítica dos movimentos; vibrações interrompidas antes mesmo do contorno de seus traçados. Na atualidade, problemas se apresentam e impõem velocidades, pausas, acelerações. AR. Problematizar. Escapar das formas instituídas, constantes, uniformes e produzir outras; sempre outras. Pura variação! Cair na teia do desconhecido... Produção que arrasta vidas. Potência do falso!



A caminhada à procura de um cenário que produzisse uma imagem nas proximidades dos **Gestos de estudo**³⁷ cria um exercício fílmico inesperado. A proposta sugere um tema e um espaço para sua realização. Entre travessias e atravessamentos pelas ruas da cidade, fora do território anunciado, uma cena rouba um olhar desatento que, sem perceber, escapa a um comando; produz um **traçado territorial**. “O traçado territorial distribui um fora e um dentro, ora passivamente percebido como o contorno intocável da experiência (pontos de angústia, de vergonha, de inibição), ora perseguido ativamente como sua linha de fuga, portanto como zona de experiência”³⁸. E... lá está ela; bela, à espreita, com seus gestos sutis, lentos e descompassados, alçando voos ao vento, a enlear sua presa. Ela “nada vê, nada percebe, nada se lembra, acontece que em uma das extremidades de sua teia, registra a mais leve vibração que se propaga até seu corpo em ondas de grande intensidade. É movida pelos signos que atravessam seu corpo”³⁹. Seus gestos imprevisíveis e cambaleantes agitam os fios com uma força – como se fossem romper a cada agitação – produzindo outro gesto. “Um gesto de interrupção, quase impossível nos tempos que correm, que requer: pensar, olhar, escutar e sentir mais devagar; suspender o juízo; suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção, a delicadeza e a arte do encontro”⁴⁰. Ela, enquanto salta, inventa danças, produz **ARte** em um enfrentamento junto ao caos. “A arte luta com o Caos, mas para torná-lo sensível”⁴¹. Assim, “o que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos”⁴². Nesse sentido, pode-se dizer que o/a artista é “mostrador/a de afectos, inventor/a de afectos, criador/a de afectos, em relação com os perceptos ou visões que nos dá”⁴³. Em movimentos arrítmicos, com o toque do vento e o brilho do sol, um emaranhado de linhas vai surgindo; um desenho irregular se fazendo. E sem qualquer preocupação com a simetria, faz tudo sem medida, desmedidamente; como se tentasse – com seus instintos estéticos da natureza, o apolíneo e o dionisíaco, “que estão na base da arte trágica”⁴⁴ – uma inversão de um ideal a se reconhecer como arte. Instaura modos

³⁷ Proposta lançada na disciplina “Filosofia, Cinema e Educação” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora: exercício fílmico; tema “Gestos de estudo”; espaço “Campus da UFJF”. Professores: Aimberê Quintiliano, Maximiliano López e Tarcísio Santos Pinto.

³⁸ Disponível em: <https://docplayer.com.br/5215617-O-vocabulario-de-deleuze.html>.

³⁹ DELEUZE, 2003, p. 172.

⁴⁰ LARROSA, 2002, p. 24.

⁴¹ Ibid, p. 241.

⁴² DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 193.

⁴³ Composição com Ibid, p. 207.

⁴⁴ MACHADO, 1999, p. 10.

de produzir arte com fios – uma espécie de **teiaArtistagem** – e inventa um tipo de formação e de conhecimento que escapam à subordinação ao instinto racional, introduzindo uma variação de sentidos em seus movimentos. A beleza dos ritmos e dos gestos que se expõem com-vida **quem** está de passagem a entrar nas cenas do filme que começa pelo meio, no **entre**, nessa distância que separa a lente da câmera das folhas das árvores; em uma mirada como penetração no mundo. Trata-se da **imagem** em tanto quanto ela se produz como “**abertura ao mundo**”⁴⁵. Nessa produção, o que está em jogo é o conjunto de forças em luta, inconscientes e diferentes, que desqualifica uma identidade estabelecida. Sua arte não se reproduz; produz-se outras com a sua. “**Acaso não é a arte a mais elevada potência do falso?**”⁴⁶. Enquanto trabalha na sua obra, a lente da câmera tenta capturar esse momento que se confunde e se entrelaça entre a dança improvisada e a arte inventada. “**A arte precisamente inventa mentiras que elevam o falso a essa mais alta potência afirmativa; ela faz da vontade de enganar algo que se afirma na potência do falso. Aparência, para o artista, não significa mais a negação do real nesse mundo**”⁴⁷, mas afirmação, formação. E, naquele instante, que já não é, o que os olhos orgânicos veem não são visíveis aos olhos mecânicos; a névoa esconde uma produção com-vida; camufla uma vida em produção de formas variáveis. “**O automatismo do olho-máquina dissolve tanto o imperialismo do olhar quanto suas sujeições. A onipotência do olho-máquina fica então invertida. Ela é apenas o transmissor de movimento. O automatismo do olho-máquina dissolve tanto o imperialismo do olhar quanto suas sujeições. O poder dessa máquina é sobretudo o de destituição: ela dispensa o par formado pelo olho manipulador das aparências e o olho que é por estas assujeitado**”⁴⁸. O que há entre a lente e as folhas das árvores? A não captura da imagem dançante de uma artista faz a lente mudar o foco. E em um **flash**, revela-se um enredo com um encadeamento de ações vertiginosas a produzir um efeito diferente do esperado. “**É o que faz a câmera de Dziga Vertov, suprime aquela demora ou intervalo que dá ao olhar a possibilidade de colocar uma história em um rosto. É esse intervalo que produz o fascínio de Scottie pela falsa Madeleine**”⁴⁹. “**Como pode o desenrolar visual das imagens em movimento desposar essa lógica de desvelamento da verdade das aparências?**”⁵⁰. Uma questão em suspensão! **Verdade. Aparência. Formação. Conhecimento. Vida. Falso.** Lá estão elas: ARTista e ARte.

Afirmção da mais pura existência e resistência. Uma vontade de potência afirmativa; pura potência feminina em um devir-ativo da vida... **Potência do falso!**

⁴⁵ NANCY, 2008, p. 32.

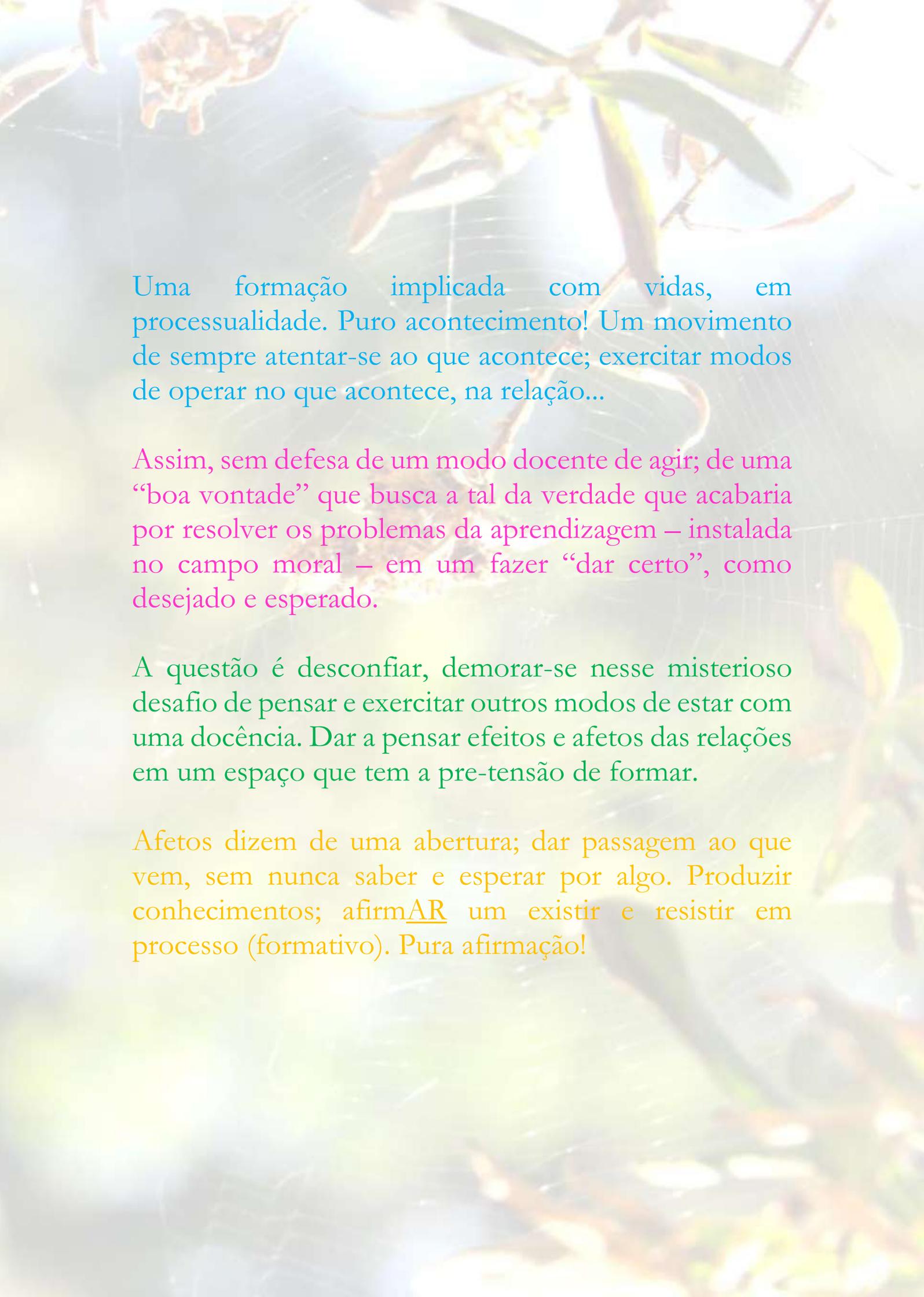
⁴⁶ DELEUZE, 1997, p. 120.

⁴⁷ DELEUZE, 2018, p. 132-133.

⁴⁸ RANCIÈRE, 2016, p. 42.

⁴⁹ Ibid, p. 41.

⁵⁰ RANCIÈRE, 2016, p. 29.



Uma formação implicada com vidas, em processualidade. Puro acontecimento! Um movimento de sempre atentar-se ao que acontece; exercitar modos de operar no que acontece, na relação...

Assim, sem defesa de um modo docente de agir; de uma “boa vontade” que busca a tal da verdade que acabaria por resolver os problemas da aprendizagem – instalada no campo moral – em um fazer “dar certo”, como desejado e esperado.

A questão é desconfiar, demorar-se nesse misterioso desafio de pensar e exercitar outros modos de estar com uma docência. Dar a pensar efeitos e afetos das relações em um espaço que tem a pre-tensão de formar.

Afetos dizem de uma abertura; dar passagem ao que vem, sem nunca saber e esperar por algo. Produzir conhecimentos; afirmAR um existir e resistir em processo (formativo). Pura afirmação!

O Tao da escrita

O Tao da escrita

O desassossego ocupa um lugar no exercício da escrita, deixando-a ainda mais desafiadora. O silêncio precisa ser interrompido para dar passagem à materialidade... O vivível e o vivido entram em agenciamentos e composições com uma vida que pesquisa com-vidas e... escrever. “Decerto que escrever não é impor uma forma (de expressão) a uma matéria, a do vivido”⁵¹.

Como iniciar uma escrita? Como escrever? O que escrever? Qual o tempo da escrita? Tempo? Qual o tempo da escrita acadêmica? Tempo?

Doutorar-se! Um título? Um estado? Uma condição? Um desejo? Como dar passagem aos acontecimentos que atravessam a vida de uma pesquisadora? O que se arrasta junto a um processo formativo que diz de um certo lugar a ser ocupado e assumido?

Escrever... ora, “escrever é uma questão de devir, sempre inacabado, sempre a fazer-se, que extravasa toda a matéria vivível ou vivida. É um processo, quer dizer, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrevermos, devimos-mulher, devimos-animal ou vegetal, devimos-molécula até devir-imperceptível”⁵².

Escrita, pesquisa, método, decisão... Palavras operam na tentativa de direcionar o processo de produção de uma pesquisa acadêmica. Método?

Decidir pelo método de investigação implica na antecipação e definição dos rumos da pesquisa? Como criar um método que fuja de uma imagem representativa da pesquisa? A quê que se destina a pesquisa, para além de uma finalidade? Que método? Que pesquisa? Que corpo-pesquisadora? Que educação? Que formação?

“Ao escrevermos, como evitar que escrevamos sobre aquilo que não sabemos ou que sabemos mal? É necessariamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro”⁵³.

⁵¹ DELEUZE, 1997, p. 11.

⁵² Idem.

⁵³ DELEUZE, 1988, p. 10.



O Tao – Taoísmo e Tauismo e Daoismo – sofre uma forte influência da cultura chinesa, com origem no Leste Asiático; possui uma dupla abordagem: religiosa (tao-chiao) e filosófica (tao-chia). Diversas traduções tentam se aproximar do que seria sua definição: caminho, sentido, o existente e o inexistente, ritmo da vida etc. Tao não está assentado em uma perspectiva associada ao Deus cristão do ocidente, tampouco a uma figura criadora de todas as coisas para as quais há um governante; um Ser Universal. Tao encontra ressonância no imaginário maternal, na ideia de um feminino que se abre aos possíveis com um mundo fértil, fluido, sempre em metamorfose; pura variação, acontecimento... O interesse desta pesquisa está mais no movimento que se produz com o Tao, que em um estudo pormenorizado desse modo de existência e resitência. Deseja-se, nesse exercício de experimentação,

“mais que um instante”; deseja-se “seu fluxo”⁵⁴.

⁵⁴ LISPECTOR, 1998.

“E dia e noite: dos seus palpos primavam obras, com belezas de cacimbo gotejando, rendas e rendilhados. Tudo sem fim nem finalidade. Todo aracnídeo sabe que a teia cumpre as fatais funções: lençol de núpcias, ARmadilha de caçador”⁵⁵.

⁵⁵ COUTO, 2009, p. 73-74.



Em Conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze, Foucault destaca que dessubjetivar é tudo o que tem por função arrancar o sujeito de si próprio, de fazer com que não seja mais ele próprio ou que seja levado a seu aniquilamento ou à sua dissolução⁵⁶.

Dessubjetivar-se de uma forma;
inventar-se em devir...

Esta pesquisa não vem afirmar um outro lugar para a formação docente, já que não há um esgotamento desse processo. Desvia da imagem de uma formação enquanto um processo continuado, incompleto, à procura de um ideal que dê fôrma a uma forma formação. Afirmção de um processo movente, imprevisível, em devir... que desforma a forma; que disforma a fôrma; que produz formas sempre provisórias, infinitamente outras e e e...

Como se forma uma professora? A formação acadêmica garante o exercício professoral? Forma-se uma professora? Como uma professora se forma? Como dar forma a uma forma? Como desformar a forma? Forma? Formar? Formação?

O perigo desta pesquisa é desejar um escape dessa forma enquanto idealidade e ser capturada por outra, despotencializando o fluxo da criação de outros modos de estar com e *entre* uma formação. O que pode um curso de formação em um território que tem a pre-tensão de formar? Como produzir outro território no processo formativo, desterritorializando o anunciado? Qual é a forma-professora da qual o devir nos libera?

A pesquisa traz cenas – facetas de um cristal – dos encontros em produção junto a territórios que vazam as fronteiras dos institucionalizados, dos instituídos, dos reconhecidos e majoritariamente determinados para o campo da Educação. Uma disciplina de um curso de Especialização, de uma Faculdade de Educação, que ocupa lugar em uma Universidade Pública, torna-se o fio-guia da pesquisa. A deposição de novos fios vai se dando nesse processo de constituição, fazendo surgir outras e novas linhas. Os fios tecidos se apresentam, nesta materialidade, em fabu(r)lações que operam na experimentação de possíveis com uma pesquisa acadêmica em educação. Capturas das conexões, nos diversos territórios que atravessam o caminho da pesquisa, desafiam uma composição que se arrisca nesta trama *entre* os fios de seda da urdidura estendidos pela lançadeira.

⁵⁶ FOUCAULT, 2005, p. 291.

“A seda é composta por proteínas fibrosas que contêm sequências de aminoácidos altamente repetitivas e é armazenada no corpo das aranhas em forma líquida, adquirindo a conformação de fibra apenas quando é expelida pelas fiandeiras. Cada fio é composto por um emaranhado de cadeias de aminoácidos onde estão inseridos cristais de aminoácidos. Os cristais conferem resistência, enquanto a trama frouxa de aminoácidos confere ao fio sua elasticidade. São essas duas características, a resistência e a elasticidade, que tornam tão eficientes as armadilhas construídas com esse material”.

Ecologia e comportamento de aranhas, 2007, p. 46

Uma professora-pesquisadora-jogadora deseja estar com uma educação e com encontros que dão a pensar os processos formativos e os modos de (r)ex(s)itências produzidos nesses territórios. Experimentar outros possíveis com uma formação. Produção de si. Produção de mundo. Um inventar-se com e entre os desafios e entraves que é estar com a educação, com a pesquisa, com a afirmação do imprevisível e inesperado, ao mesmo tempo. Uma pesquisa que diz dos acontecimentos que constituem e são constituídos por um corpo-professora-pesquisadora nesse jogo com a vida.

Como alguém se torna professora? Como alguém se torna pesquisadora? Como alguém se torna doutora? Como alguém se torna professora-pesquisadora-doutora? Que formação?

A composição tramada com **linhas de fuga**, em velocidades e ritmos diferentes, pode criar “buracos no espaço estriado do sistema educativo”⁵⁷, rasgar o abrigo acadêmico e fazer vazar singularizações. Uma fissura que produz abalos, **afectos** – rementem a um “estado do corpo afetado e corpo afetante, ao remete à transição de tendo em conta corpos afetantes”⁵⁸ – o atravessamento **implica a presença do passo que o afeto um estado a outro, variação correlativa dos e se abre provocando de um “pouco de caos livre e tempestuoso”⁵⁹** em um território do formar. Traz a formação docente, seus modos de produção e constituição, para o campo problemático da pesquisa, nas proximidades das filosofias da diferença.

“(…) a fuga continua a ser uma operação ambígua. O que nos diz que, sobre uma linha de fuga, não iremos reencontrar tudo aquilo de que fugimos?” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 32).

⁵⁷ GALLO, 2010, p. 241.

⁵⁸ DELEUZE, 2002, p. 56.

⁵⁹ ROTONDO, 2011, p. 173.

“A noção de diferença deve lançar uma certa luz sobre a filosofia de Bergson, mas, inversamente, o bergsonismo deve trazer a maior contribuição para uma filosofia da diferença. Uma tal filosofia opera sempre sobre dois planos, metodológico e ontológico. De um lado, trata-se de determinar as diferenças de natureza entre as coisas: é somente assim que se poderá "retornar" às próprias coisas, dar conta delas sem reduzi-las a outra coisa, apreendê-las em seu ser. Mas, por outro lado, se o ser das coisas está de um certo modo em suas diferenças de natureza, podemos esperar que a própria diferença seja alguma coisa, que ela tenha uma natureza, que ela nos confiará enfim o Ser. Esses dois problemas, metodológico e ontológico, remetem-se perpetuamente um ao outro: o problema das diferenças de natureza e o da natureza da diferença. Em Bergson, nós os reencontramos em seu liame, nós surpreendemos a passagem de um ao outro”⁶⁰.

Que educação? Que formação? Que relações de saber e poder se estabelecem nos e são estabelecidas pelos espaços formativos? Que subjetividades se produzem nesse espaço? Que aprendizagens se dão? O que pode um processo de formação docente em territórios que têm a pre-tensão de formar? Quais efeitos uma formação, sustentada por um ideal de educação, produz? Que potências de vida e modos de existir um curso de formação docente pode produzir? Que formação pode uma educação? Que educação pode uma formação? Que educação? Que educações? Que formação? Que formações?

Questões que dizem das potencialidades, dos processos de produção de subjetividade e da educação que se produz em territórios de passagem. “(...) há território a partir do momento em que componentes de meios param de ser direcionais para devirem dimensionais, quando eles param de ser funcionais para devirem expressivo”⁶¹. Habitar esses territórios implica em uma disponibilidade e abertura às experimentações que atravessam esse entre, deixando-se afetar pelos acontecimentos. Tudo isso em uma acolhida – que se distancia de uma passividade – onde as coisas se misturam e se conectam.

Questões que escapam à procura de respostas desejosas de um lugar de conforto, apaziguador. É pura abertura à experimentação com as implicações tramadas, “nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro”⁶². Jogar o jogo do risco. Fazer variar o campo problemático, que nada tem a ver “com a resolução de problemas”⁶³; tem a ver com a invenção de problemas, com o “acontecimento que vai se dando junto a encontros”⁶⁴.

⁶⁰ DELEUZE, 2006a, p. 47.

⁶¹ DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 127.

⁶² DELEUZE, 1988, p. 10.

⁶³ CLARETO, 2011, p. 22.

⁶⁴ Idem.

A invenção que sustenta essa produção “não é um processo que possa ser atribuído a um sujeito. A invenção não deve ser entendida a partir do inventor”⁶⁵; são efeitos e afetos que se dão junto ao processo, na relação.

Uma das propostas desta pesquisa é experimentar uma formação enquanto processo de invenção de possíveis na constituição de um **tornar-se** docente. Um **tornar-se**, em Nietzsche, que – com as forças que atuam tramando subjetividades – problematiza e experimenta formações em processualidades. Exercita-se, assim, uma educação-multiplicidade – “toda multiplicidade implica elementos atuais e elementos virtuais”⁶⁶ –, uma educação-acontecimento, “no que acontece”⁶⁷. Um processo formativo enquanto movimento... na “imanência”⁶⁸. Pura variação de formas; **fabu(r)lação!**

Em um exercício “**aracniano**”⁶⁹, o movimento-pesquisa é acionado pelos “**signos**”⁷⁰ que atravessam um corpo-aranha. Fica à espreita na atenção da captura ao que faz variar; aos processos de dessubjetivação que se dão com as formações e educações que se produzem nos encontros que vão se lançando e sendo lançados; com o que se prende à teia, ainda que provisório... Produzir e compor com os **dispositivos** acionados, efeitos das virtualidades que se atualizam. “O dispositivo alia-se aos processos de criação e o trabalho ~~do pesquisador, do cartógrafo~~ da pesquisadora se dá no desembaraçamento das linhas que o compõem - linhas de visibilidade, de enunciação, de força, de subjetivação. Trabalhar com dispositivos implica-nos, portanto, com um processo de acompanhamento de seus efeitos, não bastando apenas pô-los a funcionar”⁷¹.

A proposta da pesquisa escapa à análise de uma única forma de interpretação, abre-se à interpretações múltiplas; exercícios de experimentação com o que se deu. O que está em jogo são as relações de poder, os jogos de força na luta contra o ideal de educação, de formação, de vida. Em meio a um fluxo contínuo que agencia a processualidade da pesquisa, tudo o que está na teia tende a ser capturado e devorado. Algumas presas podem escapar, desviar-se e se metamorfosear; outras, podem ser lançadas para fora do abrigo e serem devoradas.

⁶⁵ KASTRUP, 2005, p. 1275.

⁶⁶ DELEUZE, 1998, p. 121.

⁶⁷ DELEUZE, 2011, p. 152.

⁶⁸ DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 45-74.

⁶⁹ DELIGNY, 2015.

⁷⁰ DELEUZE, 1987, p. 182.

⁷¹ Composição com KASTRUP; BARROS, 2009, p. 79.

“Primeiro a aranha utiliza o colmilho - uma espécie de garra - para injetar o veneno da presa. Depois, perfura a pele da vítima, lançando enzima digestivas no seu corpo. Com estas enzimas, **todo os órgãos da presa se transformam numa espécie de caldo, que a aranha acaba por sugar**”.

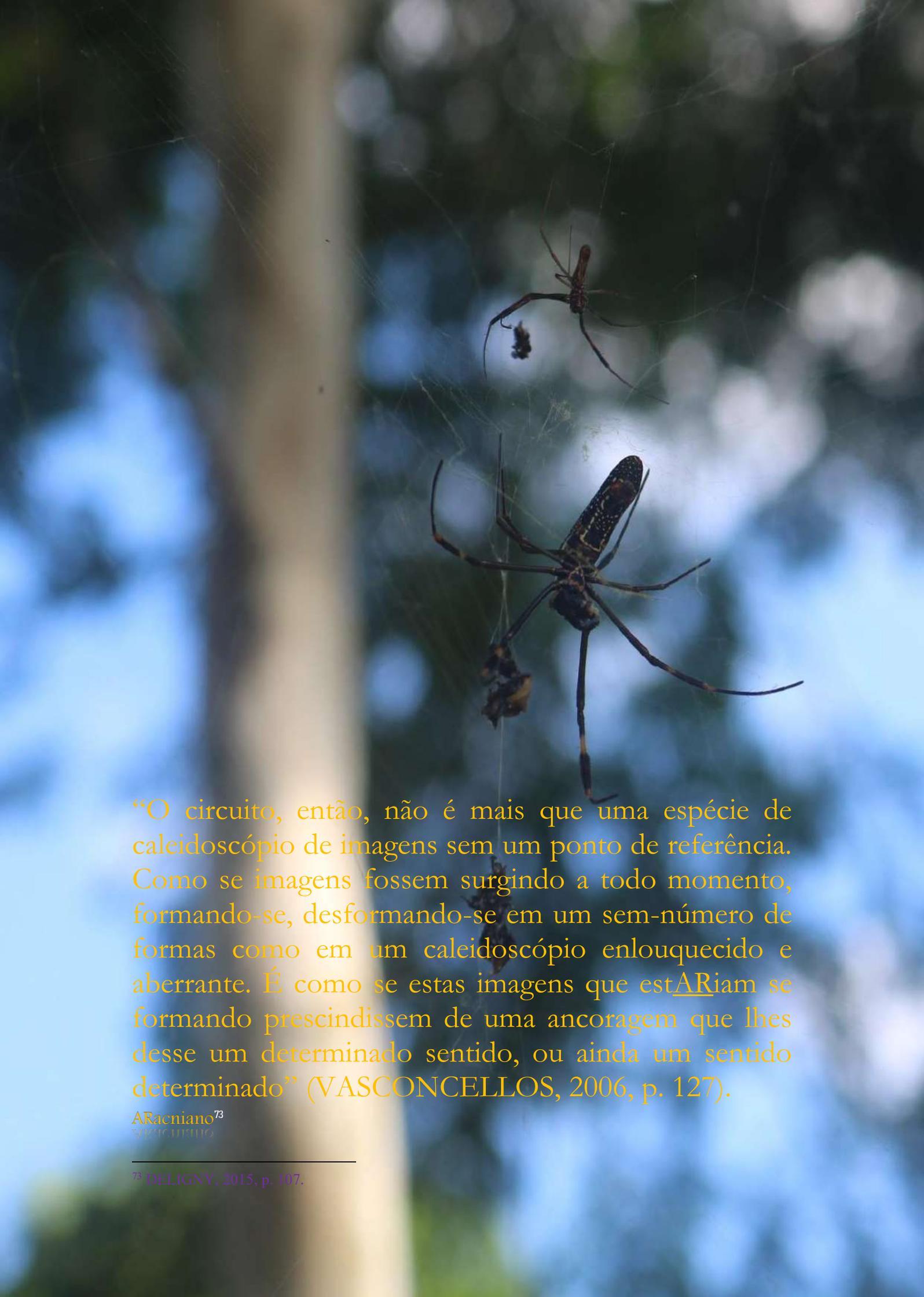
Falsa-viúva-negra devora e mamifica lagarto nativo da Irlanda.

Disponível em: <https://zap.zebra.pt/viava-negra-devora-mamifica-lagarto-218079>.

Como, ao produzir pesquisa, uma vida se produz?

“Isso funciona em toda parte: às vezes sem parar, outras vezes descontinuamente. Isso respira, isso aquece, isso come. Mas que erro ter dito o isso. Há tão somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões. Uma máquina-órgão é conectada a uma máquina-fonte: esta emite um fluxo que a outra corta. O seio é uma máquina que produz leite, e a boca, uma máquina acoplada a ela. A boca do anoréxico hesita entre uma máquina de comer, uma máquina anal, uma máquina de falar, uma máquina de respirar (crise de asma). É assim que todos somos “bricoleurs”; cada um com as suas pequenas máquinas. Uma máquina-órgão para uma máquina-energia, sempre fluxos e cortes”⁷².

⁷² DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11.

A photograph of a spider on its web. The spider is dark with a patterned abdomen and is positioned in the center-right of the frame. It has two captured insects on its web: a smaller, reddish-brown insect at the top and a larger, dark insect with a patterned abdomen at the bottom. The background is a blurred, bokeh effect of green and blue foliage, suggesting an outdoor setting. The lighting is soft, highlighting the spider and its prey.

“O circuito, então, não é mais que uma espécie de caleidoscópio de imagens sem um ponto de referência. Como se imagens fossem surgindo a todo momento, formando-se, desformando-se em um sem-número de formas como em um caleidoscópio enlouquecido e aberrante. É como se estas imagens que estARiam se formando prescindissem de uma ancoragem que lhes desse um determinado sentido, ou ainda um sentido determinado” (VASCONCELLOS, 2006, p. 127).

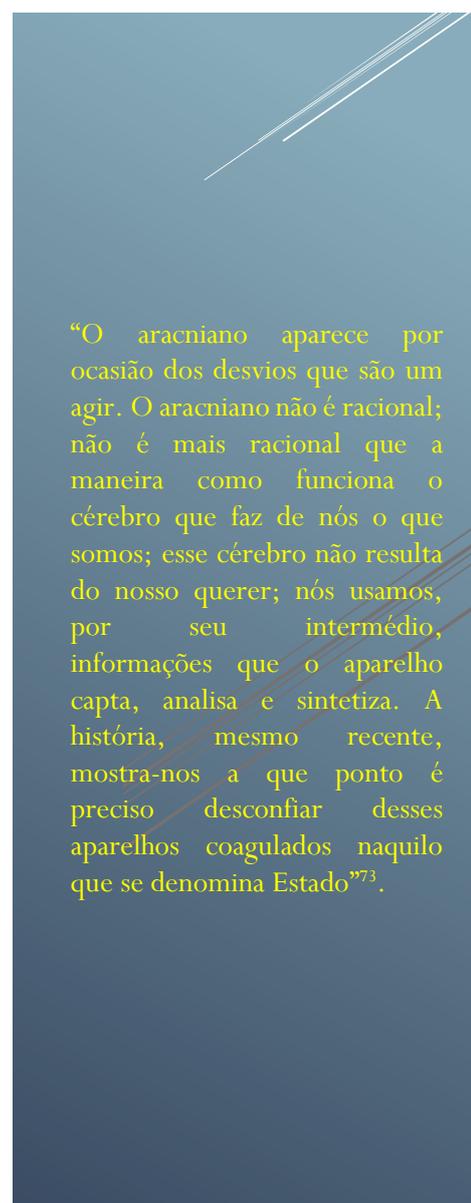
ARacniano⁷³
VERSICLUSO

⁷³ DELIGNY, 2015, p. 107.

Este trabalho exercita o roubo de ideias, pensamentos e **conceitos**; problematiza e experimenta formações docentes sempre outras; em uma potência afirmativa de pura criação de modos e formas provisórias nesse processo infundável de um **tornar-se...** Aqui, “roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como”⁷⁴, roubar é capturar. O roubo é sempre “um duplo-roubo, e é isso que faz, não algo de mútuo, mas um **bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias, sempre fora e entre**”⁷⁵. E a sua noção de “**deia**”⁷⁶ não é, “obviamente, a mesma no sentido platônico ou do pensamento da representação. A ideia não é dada, não é uma precondição espontânea de uma faculdade”⁷⁷.

O desafio reside em operar com esses conceitos junto a uma atitude **(n-1)**; subtrair o único da multiplicidade a ser constituída. Para Deleuze, pode-se dizer que se trata de um sistema que poderia ser chamado de rizoma. “Um rizoma, não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, intermezzo. A árvore impõe o verbo ser, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra”⁷⁸.

A ideia de formação que move esta pesquisa se aproxima do conceito de devir; de um tornar-se que se distancia de uma espera ancorada na noção de futuro; de um modelo normativo de sua realização. Fuga à



⁷⁴ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 6-7.

⁷⁵ *Idem.*

⁷⁶ VASCONCELLOS, 2005, p. 1225.

⁷⁷ *Idem.*

⁷⁸ DELEUZE; GUATTARI, 2011b, p. 48-49.

representação de uma imagem, de um **regime orgânico** que advoga formas de determinações individuais, aspirando ao verdadeiro da formação. O regime orgânico supõe uma realidade preexistente cuja função conservadora define e prevê situações por sua continuidade. Um regime de relações localizáveis, conexões legais, causais e lógicas, representado por uma forma abstrata correspondente. Tal forma, para Deleuze, “é o espaço euclidiano, pois este é o meio no qual as tensões se resolvem conforme um princípio de economia, segundo leis ditas de extremo, de mínimo e de máximo: por exemplo o caminho mais simples, o desvio mais adequado, a palavra mais eficaz, o mínimo de meio para um máximo de efeito”⁷⁹. Na contratamão disso que se apresenta, exercita-se uma formação docente – maquinaria com Nietzsche e Deleuze e Guattari e e e... – em devir. Um constituir-se docente entre processos de dessubjetivação, na relação, enquanto produção de si e de mundos. **Potência de fabu(r)lação!**

O fio dessa formação desdobra-se em múltiplas facetas das docências, em diversas dimensões do **tornar-se**; escapa de uma única dimensão, a da busca pela forma **ser**. Nessas relações, conceitos como **Ser, Identidade, Uno...** são lançados em uma repetição no eterno retorno no qual “o ser se diz do devir, a identidade se diz do diferente, o uno se diz do múltiplo”⁸⁰.

Nesta combinação frágil de fios que compõem essa teia de relações conceituais, **“Potência do falso: fio a fabu(r)lar formações...”** ~~“Facetas do cristal das docências: potência do falso, fio a entretecer uma formação em tes(e)”~~ **“Potência do falso da formação: facetas do cristal de uma docência”** ~~“O falso da formação: facetas de uma docência”~~ **“Formação cristal: invenção de uma docência falsária”** desafia os conceitos de verdade que sustentam a idealidade de uma formação universal. Joga com as facetas do cristal das docências, na composição da tece, em suas múltiplas faces a potencializar uma formação, uma singularidade, um acontecimento, uma vida... nessa perene troca **entre o objeto atual e sua imagem virtual.**

O artigo indefinido **“uma”** de modo algum é a indeterminação da pessoa a não ser na medida em que é a determinação do singular...⁸¹

⁷⁹ DELEUZE, 2013, p. 157.

⁸⁰ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 50.

⁸¹ Composição com DELEUZE, 2002, p.14.

Este ensaio em tece se ocupa com a formação e seus modos de constituição em um **tornar-se** docente que se constitui na arte do encontro. Toma as **facetas do cristal das docências**, em sua potência, enquanto **afirmação da vida do falso** que se produz junto a uma formação em devir. Afirma uma formação como existência e resistência, não como forma invariável. **Investiga a potência do falso que dá a ver nas facetas do cristal**, numa **vontade de potência** que afirma a vida do falso nesse processo de produção de formações, de docências, de educações, de vidas...

Existências se atualizam em uma formação docente. Um corpo-professora-pesquisadora-jogadora experimenta outros possíveis com o exercício das docências em suas múltiplas facetas. Produção de si e de mundos outros. Um inventar e inventar-se

Um dos grandes paradoxos da filosofia de Nietzsche é denunciar o que é tido como verdade como sendo falsidade, sem com isso assumir um conceito de verdade como norma, mas, ao contrário, afirmar que tudo é falso. Afirmar que a vida é aparência, reivindicar a positividade do falso é se insurgir contra a possibilidade de um julgamento da vida a partir de um critério de verdade; é ressaltar como a vontade absoluta de saber é um ultraje à vida⁸².

com tudo o que uma pesquisa, no campo da educação, arrasta; afirmação do imprevisível, inexplicável e inesperado, ao mesmo tempo. Uma pesquisa diz dos acontecimentos que constituem e são constituídos nessa relação com-vidas; que produz e se produz **entretempos**. **Potência do falso!**

Deleuze insiste em dizer que não é o falso que destrona a noção de verdade, mas o falso enquanto potência que se eleva contra as formas constituídas do mundo, bem como de sua representação. Um movimento rente a isso se transmuta na fabricação de uma **“imagem-cristal”**⁸³, de um cristal das docências no qual o mundo possa se oferecer **“como matéria trabalhada pela vida enquanto potência de variação e, portanto, matéria em processo de arranjo de novas composições e engendramento de novas formas”**⁸⁴.

Deleuze retorna a Nietzsche para combater a forma do verdadeiro em defesa da potência do falso, uma potência artística e criadora. De acordo com Deleuze, a potência do falso só existe sob o aspecto de uma série de potências, que estão sempre se remetendo e penetrando umas às outras. Portanto, o falsário será **“inseparável de uma cadeia de falsários nos quais ele se metamorfoseia. Não há falsário único, e, se o falsário desvenda alguma coisa, é a existência atrás dele de outro falsário, ainda que seja o próprio Estado”**⁸⁵.

⁸² Composição com MACHADO, 1999, p. 106.

⁸³ DELEUZE, 2013.

⁸⁴ ROLNIK, 2002, p. 271.

⁸⁵ DELEUZE, 2013, p. 164.

Entre desdobramentos, diferenciações, conceitos e ideias, problematiza-se formação enquanto criação de existências e resistências que produzem, produzem-se e são produzidas em campos sustentados por linhas de forças. Formação enquanto processo de dessubjetivação; produção na relação com o que acontece. Maquinaria na dissolução de identidades. Formação que desforma a forma; que disforma a fôrma; que nega a docência em seu caráter universal, protótipo de um ideal.

“(...) não há universais, nada de transcendentais, de Uno, de sujeito (nem de objeto), de Razão, há somente processos, que podem ser de unificação, de subjetivação, de racionalização, mas nada mais. Esses processos operam em “multiplicidades” concretas, sendo a multiplicidade o verdadeiro elemento onde algo se passa. São as multiplicidades que povoam o campo da imanência, um pouco como as tribos povoando o deserto sem que este deixe de ser um deserto. E o plano de imanência deve ser construído; a imanência é um construtivismo e cada multiplicidade assinalável é como uma região do plano. Todos os processos se produzem sobre o plano de imanência e numa multiplicidade assinalável: as unificações, subjetivações, racionalizações, centralizações não têm qualquer privilégio, sendo frequentemente impasses ou clausuras que impedem o crescimento da multiplicidade, o prolongamento e o desenvolvimento de suas linhas, a produção do novo”⁸⁶.

Formação que abandona a potência negativa para se converter em pura afirmação. Afirmação da potência do falso da formação. Afirmação da vida do falso. Afirmação das docências em suas múltiplas facetas. Docência que, “ao modo de seu artífice, poderia ser chamada artística”⁸⁷; sem que isso diga de uma qualificação. Docência que, ao se exercer, afirma e se afirma; cria e inventa a todo momento. Docência que artista em um **tornar-se** sempre outra e outra e outra e e e; nunca a mesma...

O **tornar-se** em Nietzsche não reivindica uma identidade, é um **tornar-se** que atravessa as relações de forças. Trata-se de uma **vontade de potência** que só pode manifestar-se em face de resistências. E é por encontrar resistências que a vontade de potência se exerce; é por exercer-se que torna a luta inevitável⁸⁸.

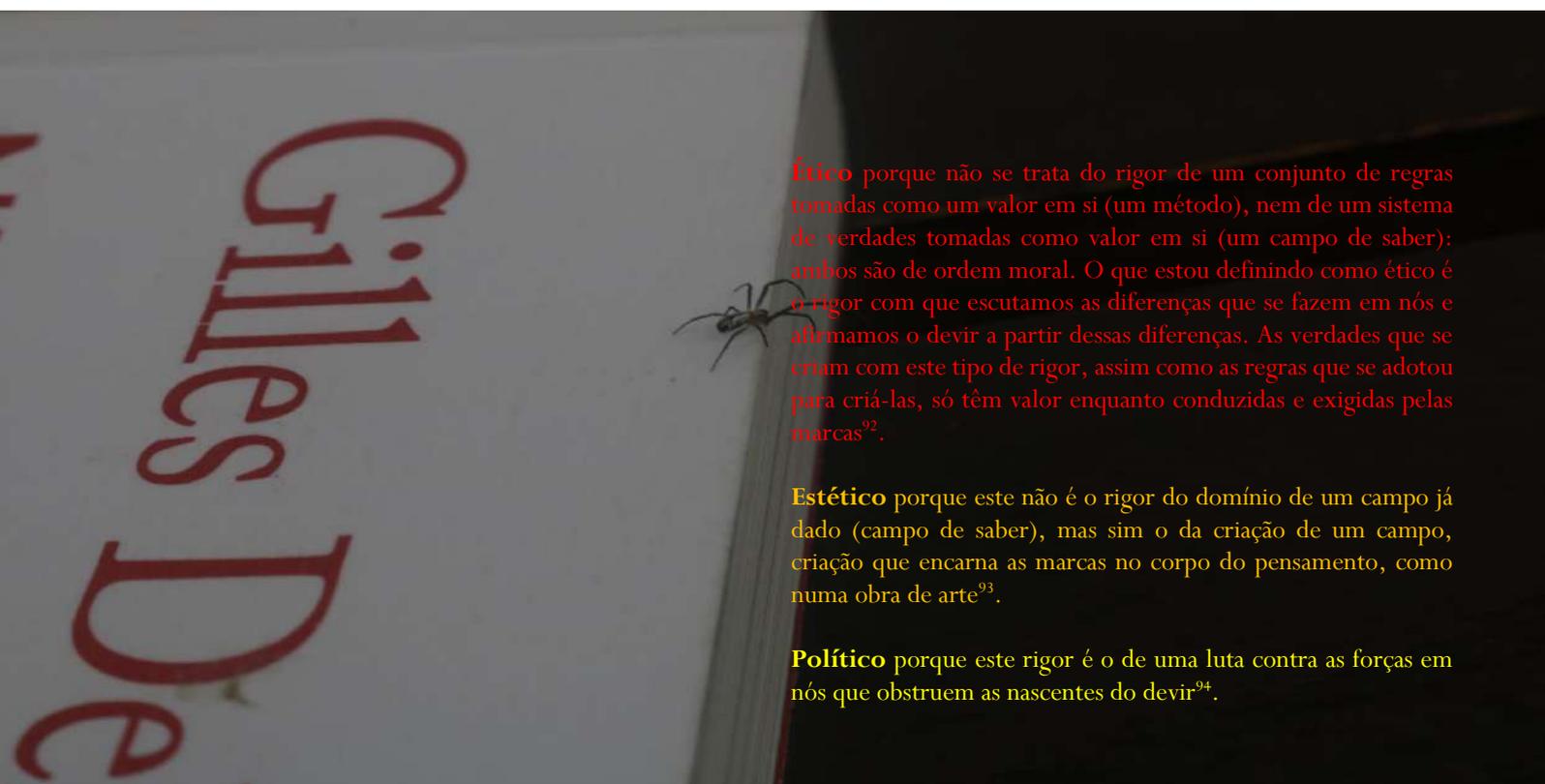
⁸⁶ DELEUZE, 1992, p. 182.

⁸⁷ CORAZZA, 2001.

⁸⁸ Composição com MARTON, 1990, p. 30.

O **tornar-se** em Nietzsche e o **falsário** em Deleuze produzem efeitos para se pensar a potência do falso da formação em invenção com as facetas do cristal das docências; **um fio a fabu(r)lar formações...** Trata-se de criar novas armas, como sugere Deleuze, para inventar modos de existir e resistir às relações de poder que se estabelecem e são estabelecidas nos diversos territórios; notadamente nos que têm a pre-tensão de formar.

A (r)ex(s)istência se dá, “necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder”⁸⁹. Assim, tanto a (r)ex(s)istência “funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes, o resultado dessas relações”⁹⁰. E como as relações de poder estão em todo lugar, a (r)ex(s)istência “é a possibilidade de criar espaços de lutas e agenciar possibilidades de transformação”⁹¹. Pode-se dizer de um modo de (r)ex(s)istência **ético-estético-político**.



Ético porque não se trata do rigor de um conjunto de regras tomadas como um valor em si (um método), nem de um sistema de verdades tomadas como valor em si (um campo de saber); ambos são de ordem moral. O que estou definindo como ético é o rigor com que escutamos as diferenças que se fazem em nós e afirmamos o devir a partir dessas diferenças. As verdades que se criam com este tipo de rigor, assim como as regras que se adotou para criá-las, só têm valor enquanto conduzidas e exigidas pelas marcas⁹².

Estético porque este não é o rigor do domínio de um campo já dado (campo de saber), mas sim o da criação de um campo, criação que encarna as marcas no corpo do pensamento, como numa obra de arte⁹³.

Político porque este rigor é o de uma luta contra as forças em nós que obstruem as nascentes do devir⁹⁴.

⁸⁹ Composição com REVEL, 2005, p. 74.

⁹⁰ Idem.

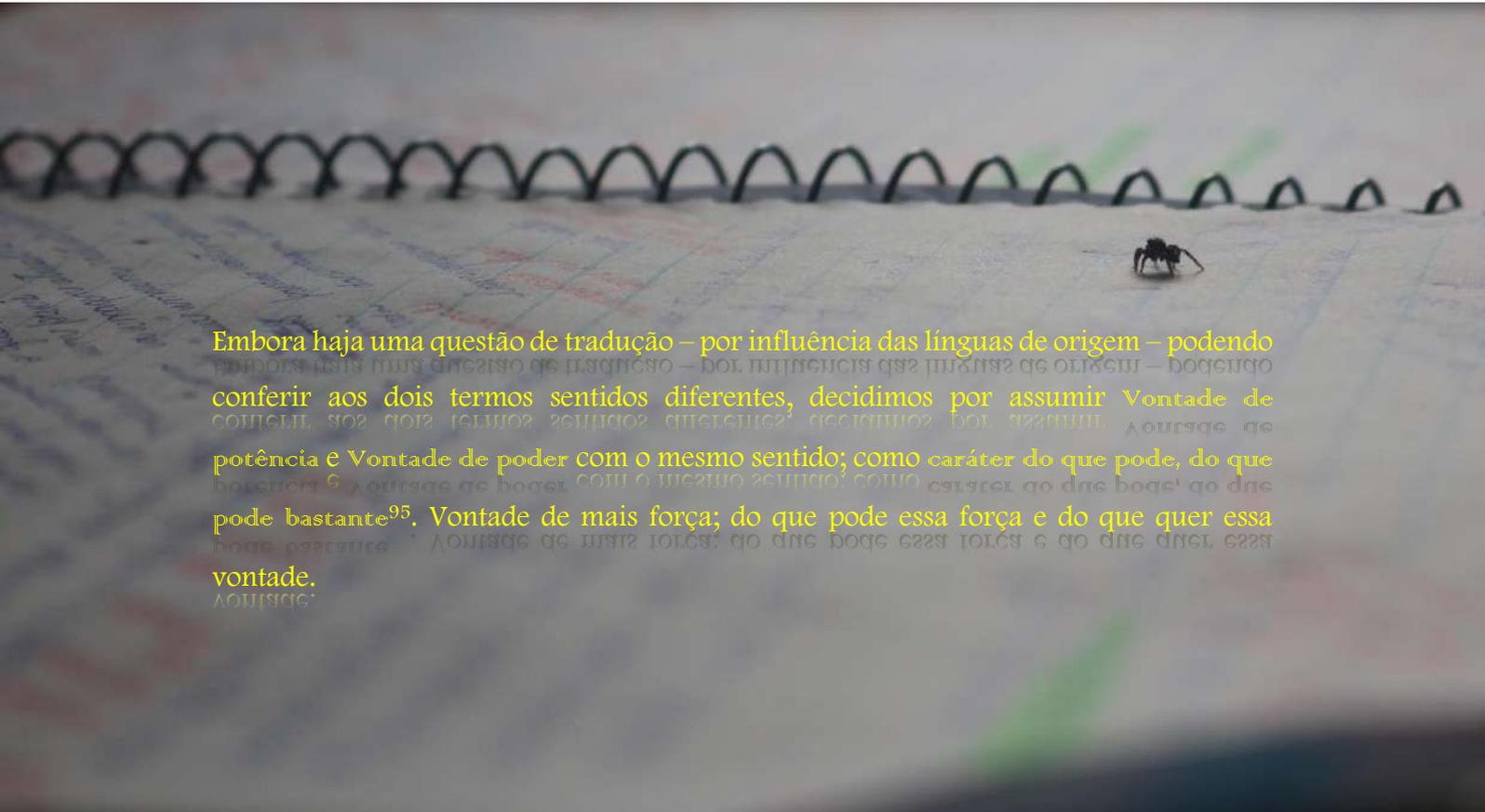
⁹¹ Idem.

⁹² ROLNIK, 1993, p. 7.

⁹³ Idem.

⁹⁴ Idem.

Potência e Poder; Vontade de potência e Vontade de poder se apresentam nesta escrita como forças em intensificação. Força plástica capaz de produzir efeitos de transmutação; força de metamorfose que se dá em exercício, na relação com outras forças. Um conceito na contramão da ideia de potência como uma latência, algo em repouso; faculdade ou capacidade inata à espera por ser acionada.

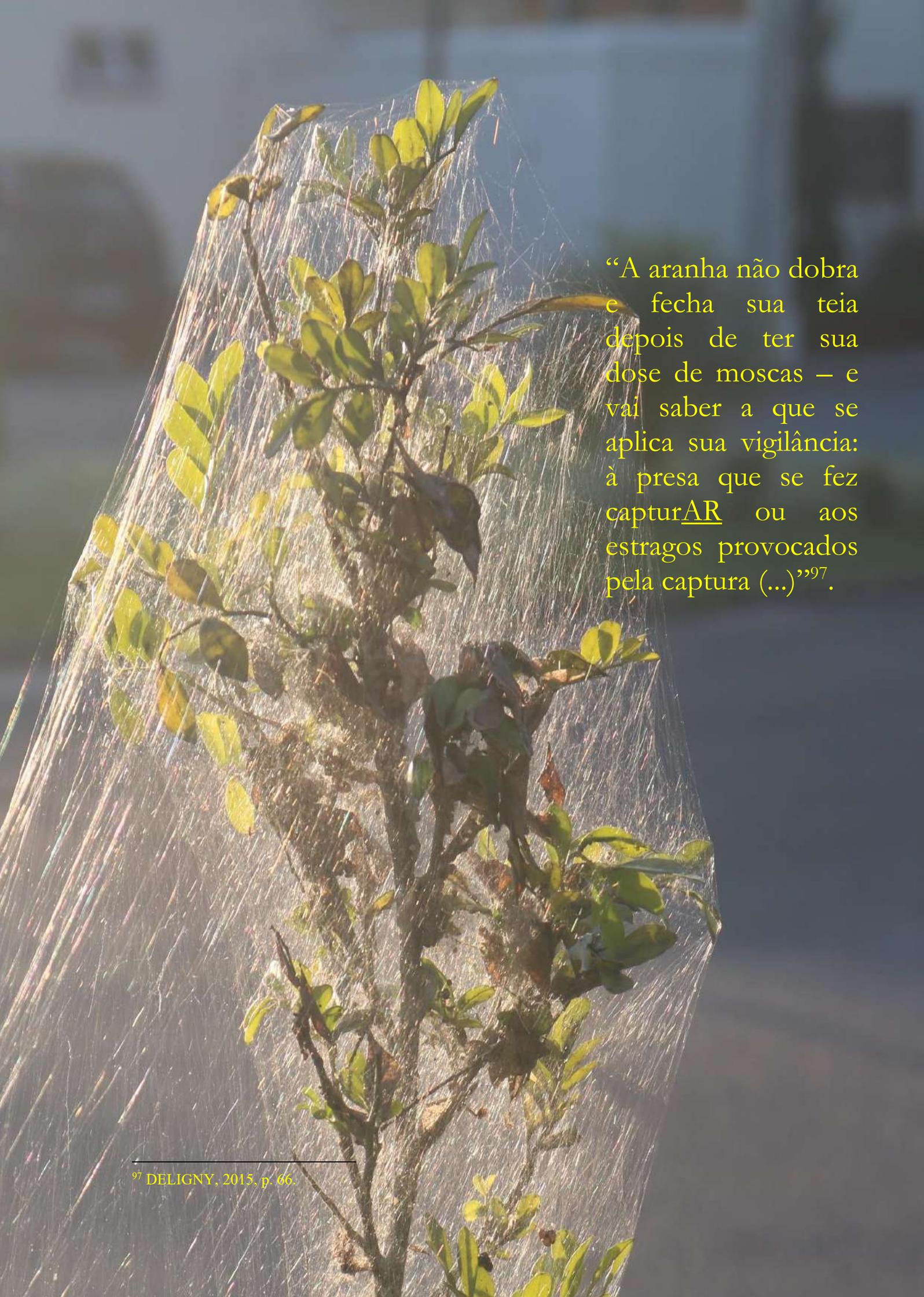


Embora haja uma questão de tradução – por influência das línguas de origem – podendo conferir aos dois termos sentidos diferentes, decidimos por assumir Vontade de potência e Vontade de poder com o mesmo sentido; como caráter do que pode, do que pode bastante⁹⁵. Vontade de mais força; do que pode essa força e do que quer essa vontade.

Vontade de potência como energia, essa que pode ser tanto nobre; pura potência de agir, capaz de transformar-se... quanto vil ou baixa; forma invariável, aquela que só sabe disfarçar-se. Nobre e vil, nesse emaranhado, não são conceitos tecidos pelo fio da moralidade, sustentados pelos juízos morais; são tecidos e assumidos como avaliações ético-estético-políticas⁹⁶.

⁹⁵ Ver nota 26 “Vontade de poder” (Wille zur Macht) de Paulo César de Souza, na obra de Nietzsche “Além do Bem e do Mal” (2005, p. 200).

⁹⁶ Insistimos com a força de abertura do termo “Vontade de potência” junto à tradução de Eloisa de Araújo Ribeiro da obra de Gilles Deleuze “A Imagem-Tempo”, principal referência desta pesquisa.

A photograph showing a spider web stretched over a green plant branch. The web is made of fine, translucent threads that catch the light, creating a shimmering effect. The plant has several green leaves and a central stem. The background is a clear, bright blue sky. The text is overlaid on the right side of the image.

“A aranha não dobra e fecha sua teia depois de ter sua dose de moscas – e vai saber a que se aplica sua vigilância: à presa que se fez capturAR ou aos estragos provocados pela captura (...)”⁹⁷.

⁹⁷ DELIGNY, 2015, p. 66.

À espera de sua mãe, a menina aguarda, em uma sala pequena, o toque do telefone. Na mesma sala, sua professora a acompanha. Posso te fazer um pedido? Mas não fala para minha mãe o que conversamos aqui, por favor. Ela e meu pai querem me colocar em outra escola. Meu pai disse que não faço nada direito; que minha mãe fica me tratando assim, me mimando, só porque não moro com ela; fica me protegendo. Você acredita que meu pai quebrou meu celular porque disse que estou gostando de uma menina? Só porque sou menina não posso namorar outra menina? Quem disse isso? Ele não sabe, mas estou apaixonada por uma menina mesmo. Isso é errado? Às vezes acho que também gosto de menino. Já pensei em me matar. Já tentei, mas não consegui. Moro em uma casa de três andares; quando vou para o terraço, vejo que tem uma altura boa, sabe?! Minha mãe pegou umas cartas minhas, onde eu dizia que queria me matar; na carta não falava o motivo. Acho que ela também não aceita que eu goste de menina, porque quando conversamos sobre esses assuntos de namoro ela sempre fala que nossa religião não permite muitas coisas antes do casamento; que só homem e uma mulher se casam. Eu queria saber onde isso está escrito. Nunca li isso na Bíblia. Mas o líder da minha igreja fala que temos que saber interpretar a Bíblia do jeito que ela está escrita. Se lá está dizendo que é para crescer e multiplicar, isso só pode acontecer entre um homem e uma mulher. Sabe, eu fico mais quieta porque tenho medo de que as pessoas descubram esse meu segredo. A outra menina sabe, mas também tem medo. Ninguém sabe o que é gostar de alguém e não poder. Estou sofrendo tanto que não consigo nem estudar. Estou indo mal nas matérias de humanas. Exatas ainda vou bem, é só cálculos, não precisa pensar muito. Mas humanas, essas exigem mais da gente. Temos que ler, compreender, escrever sobre... é muito complicado para quem tem problemas como eu. Será que todo mundo se comporta assim? Será que toda família é como a minha? Será que só porque meus pais são separados eles pensam assim? Meu pai já chegou a falar que se me pegar com alguma menina, me deixa na rua e eu nunca mais serei reconhecida como sua filha. Eu não entendo porque ele trata meu irmão de um jeito e

a mim de outro. Só porque meu irmão tem namorada? Será que é por isso? Ou porque não nasci homem. Sim, porque ele sempre fala que queria ter tido dois filhos homens e que mulher só dá trabalho. Tem que ficar no pé a todo momento. Eu nem dou trabalho. Durante a semana, depois que saio da escola, vou direto para casa e fico o dia todo em casa. Ele não me deixa mexer mais no celular. Então, fico lendo livros e estudando. Não gosto de ver televisão. Nada na TV me interessa. É tudo mentira. Tudo falso! No final de semana, às vezes, fico com minha mãe, quando ele deixa. Quando vou para a casa dela, passeamos, rimos, brincamos, até minhas roupas são outras. Meu pai não me deixa usar outras roupas, somente saias e vestidos longos. Meus cabelos têm que estar soltos; não posso colocar brincos, nem usar esmaltes. Baton? Nem pensar! Uso manteiga de cacau. Isso pode! Queria falar para vocês uma outra coisa, mas por favor estou confiando em vocês. Alô, mãe?! A Senhora pode trazer, por favor, o meu caderno de ciências que deixei em cima da cama?! Obrigada! Pra Senhora também. Tchau!

“Todas as aranhas possuem a capacidade de produzir seda, que é utilizada para, entre outras funções, proteger os ovos, como modelo de locomoção, através de fios-guia, como substrato para a deposição do esperma que será usado para o preenchimento dos órgãos de cópula dos machos e como meio de comunicação. Entretanto, o uso mais conhecido de seda por aranhas é, sem dúvidas, como matéria-prima para a construção de armadilhas para captura de presas. A construção de teias para captura é amplamente disseminada entre diferentes grupos de aranhas e as estruturas e modos de funcionamento destas armadilhas são extremamente variáveis”.

Com Ecologia e comportamento de aranhas, 2007, p. 46



“Ai, manter controle, manter controle. O cometa é grande, é por isso que eu passo mal, a carcaça, a cARne. Porque ele é muito grande. Ele não é do tamanho que vocês vê. Ele não é lá em cima não, ele é aqui embaixo. Lá, o que vocês vê é o reflexo. A lua é lá no morro acolá, ó. Não é lá, não, assim, não, é o reflexo, é o contorno. Ai, manter controle, manter controle. Ai, Ai...”
Estamira, filme de Marcos Prado.

Bom dia, crianças! Que dia é hoje? Sexta-feira! Sim. Hoje é sexta-feira e é dia de um povo muito importante. Quem sabe dizer que povo é esse? O povo da rua. Eu sei, tia! É o dia da Páscoa. Minha mãe disse que o coelhinho vai passar só para as crianças que vão na escola e que não desobedecem. Meninas e meninos, vocês não observaram nada em nossa escola? Não viram a decoração? O que foi que pedi que trouxessem hoje? Cola e jornaal... Para quê? Você não falou, tia. É para fazer barquinho? Minha mãe falou. Tia, meu pai colocou tinta na minha mochila. Disse que a gente vai brincar de pintura hoje. Talvez... Tenho uma ideia! Enquanto tentam descobrir que dia é hoje, começarei nossa aula com uma história.

Dia do Índio: Por Quê?

<http://ailtonkrenak.blogspot.com/2007/04/dia-de-ndio-por-qu.html>

Gostaram da história? Esses povos, crianças, têm incomodado muito as pessoas. No dia de hoje, dezenove de abril, são lembrados apenas como figuras do nosso folclore, com suas músicas, danças, brincadeiras... como se tivessem ficado só lá na história, lá atrás naquelas histórias que nossas avós e mães contam. Alguém já ouviu alguma história desses povos? São histórias que fazem a gente acreditar que eles não têm o que a gente tem e que por isso nós somos muito melhores. A casa deles é no mato e bem diferente da nossa. Muitas pessoas dizem que eles até nos atrapalham a ganhar dinheiro; que o Brasil, nosso país, não cresce mais por causa desses povos. Será isso mesmo?

O Brasil é que ainda não resolveu o que quer fazer com os índios, como gente, e nem consigo mesmo como nação, no sentido de ter uma infraestrutura, de ter fronteiras, e de definir a gestão territorial. Se o Brasil tivesse gestão territorial, os índios de Roraima teriam terras reconhecidas e demarcadas, os índios de fronteira estariam sendo monitorados sem stress, e a infraestrutura do Brasil - usinas, estradas, hidrovias, ferrovias - estaria projetada, negociada, e não teria crise nenhuma⁹⁸.

⁹⁸ Ailton Krenak. Disponível em: <http://ailtonkrenak.blogspot.com/2009/01/o-brasil-ainda-no-resolveu-o-que-fazer.html>.



Potência do falso! Triunfo da máquina dionisiaca entre jogos de simulação...

“A simulação é o próprio fantasma, isto é, o efeito do funcionamento do simulacro enquanto maquinARia, máquina dionisiaca. Trata-se do falso como potência, Pseudos, no sentido em que Nietzsche diz: a mais alta potência do falso. Subindo à superfície, o simulacro faz cair sob a potência do falso (fantasma) o Mesmo e o Semelhante, o modelo e a cópia” (DELEUZE, 1974, p. 268).



Imagem

Jean-Luc Nancy diz que o pensamento filosófico viverá a **viragem** mais decisiva quando “a **imagem** enquanto **mentira**”⁹⁹, da tradição platônica, sofrer uma alteração capaz de suscitar a verdade como imagem.

Deleuze diz que a própria imagem é um conjunto de relações de tempo de que o presente só deriva apenas como um múltiplo comum ou como o mínimo divisor. E que as relações de tempo nunca se veem na percepção ordinária, mas na imagem enquanto criadora de mundos possíveis. Tornam sensíveis, visíveis, intensas as relações de tempo irreduzíveis ao presente.

Em **O ato de criação**, Deleuze coloca questões que dão a pensar – numa atenção mais demorada – o ato de produzir, fabricar, criar cinema... Traz a filosofia, e seu ato de criação de conceitos, para conversa. Afirma que a criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento. O que força a pensar é o signo, esse objeto de um encontro; mas é precisamente a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar. O ato de pensar, assim, não decorre de uma simples possibilidade natural; ele é, ao contrário, a única criação verdadeira. Para Deleuze o que está em jogo é a produção do real, não sua reprodução; coloca problema no estatuto da representação em defesa da imagem como sendo, essencialmente, movimento; matéria em movimento. Um deslocamento em defesa de um pensamento sem imagem, como o Vampiro na relação com o espelho; não se vale de uma imagem a ser capturada para reprodução de uma cópia, tampouco para imitação de um modelo. Dito de outro modo, Deleuze clama por uma **nova imagem do pensamento**; uma imagem na produção de variações de formas de vida, invenções de mundos infinitamente outros e outros e outros... em devir.

Potência do falso!

Há quem diga que as imagens revelam o real. Sim, Lawrence é um sonhador, mas um sonhador diurno, ele não gosta dos sonhos noturnos, interessa-o o sonho em vigília, ele não é um homem de ação, interessado nos fins e nos meios, mas antes nas Ideias. No entanto, não se deve entender as Ideias de modo puramente intelectual, uma ideia é uma força, uma entidade, uma potência. E se ele gosta do sonho diurno é justamente porque o que o interessa é essa capacidade de projetar sobre o real as imagens que ele pode extrair de si mesmo. Mas uma imagem não é uma cópia da realidade, da realidade que foi, existente, concreta – por exemplo, a vileza e baixeza de tantos homens – assim como tampouco no cinema a imagem é cópia da realidade¹⁰⁰:

⁹⁹ DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 209.

¹⁰⁰ PELBART, 2000, p. 22.



Ariadne-Dionísio, ou seria
 Aranha-Touro? Uma aliança!
 Anel nupcial numa relação
 que dobra e desdobra toda
 tentativa de manutenção da
 forma do verdadeiro;
 redobra a própria afirmação;
 eleva o falso à sua mais alta

potência; atinge a força das
 metamorfoses em um devir
 como potencialização. No
 eterno retorno –
 inseparável de uma
 transmutação – devir-ativo
 de uma vida.

Dupla afirmação!

Um nome pequeno, de fácil escrita e pronúncia. Lírio! Desde criança, ao perguntarem seu nome, logo dizia: Lis Lírio. Minha mamãe disse que sou perfumada e enfeito a casa. Ah..., eu sou o lírio branco, porque tenho a pele bem clarinha.

Em uma noite, enquanto amentava seu filho Hércules, Hera, deusa grega, deixou gotas de seu leite cair no céu, formando, assim, a Via-Láctea. As gotas que escaparam, ao tocarem a terra, transformaram-se em flores, lírios¹⁰¹.

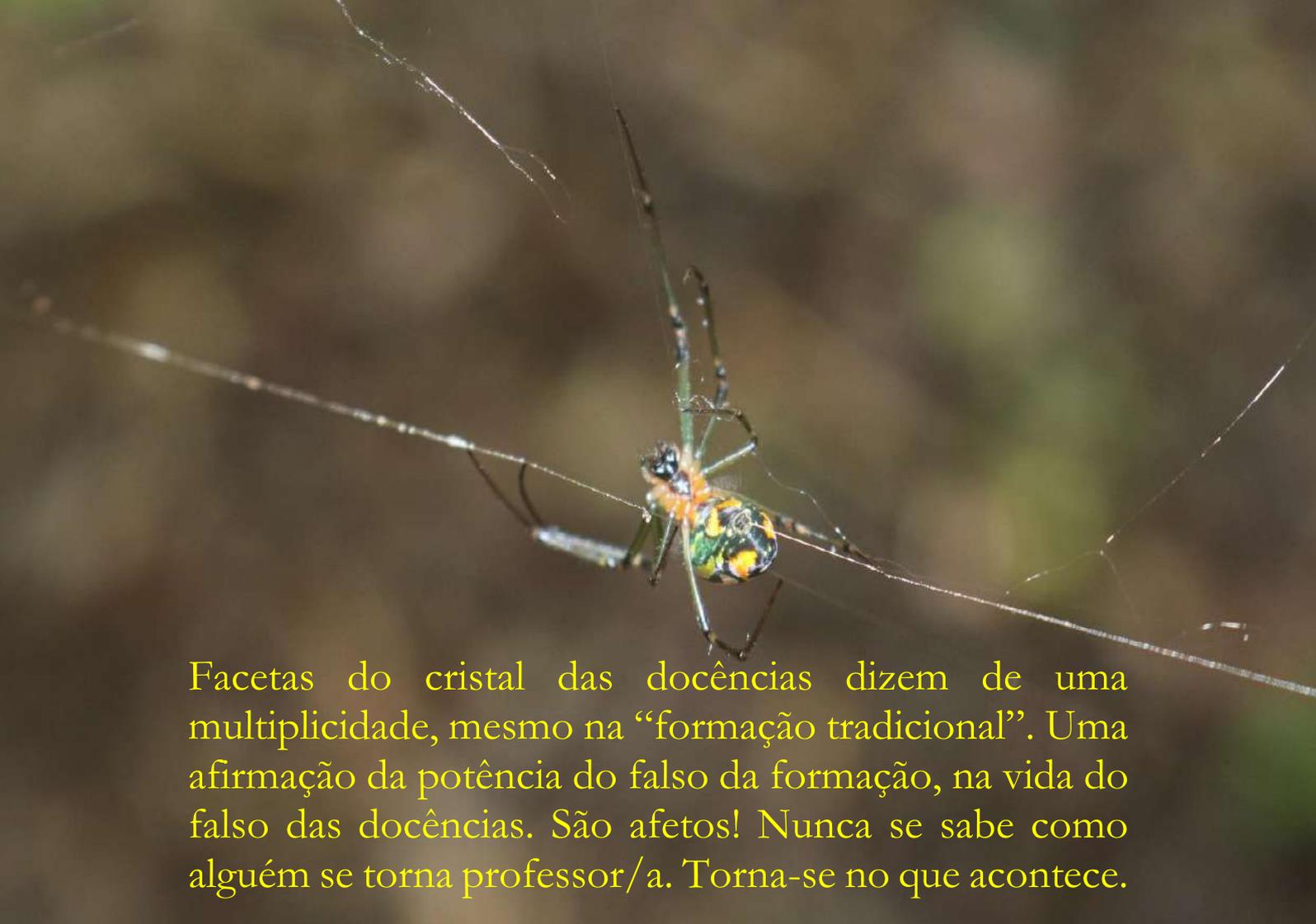
Quando Lis entrou na escola, com seus seis anos de idade, logo colocaram em questão seu modo de estar em um espaço com regras e objetivos bem definidos. Na primeira semana de aula, a menina havia batido em seu colega na hora do recreio porque a chamou de Branca de Neve. Uma ação que a rotularia por muito tempo. Para a escola, era uma aluna que não tinha perfil para ali estar. Não se encaixava nos padrões preestabelecidos, por ser, principalmente, como destacavam, agressiva e sem educação. Parecia mais um menino de saia. Os gestos de carinho eram sempre recebidos com repulsa. Não se podia, sequer, encostar em seu braço. Muito calada, não participava das aulas, nem mesmo quando se fazia a chamada. Os colegas se encarregavam de responder para ela todos dias. Lis é uma aluna frequente. Suas notas não são as piores, mas se distanciam muito das ditas melhores, esperadas e desejadas para ser uma “excelente aluna”. Estava sempre na média. Portanto, uma aluna mediana; outra característica dada pela escola. Toda semana, praticamente, sua avó era chamada para responder ao péssimo comportamento da neta. Uma Senhora de pouca idade, mas que já colecionava muitas rugas. “Quando a mãe de Lis foi embora, envelheci dez anos em um mês”, dizia ela com um tom de voz amargurado. Sempre que solicitada, Dona Francisca repetia a mesma história: “quando Lis tinha três anos, sua mãe se separou de seu pai e cada um foi para um canto, deixando a filha para trás. Eu peguei a menina

¹⁰¹ Mitologia grega...

para criar. O pai mora por perto, ainda pega a menina; muito difícil, mas ainda pega. A mãe, minha filha, essa foi embora para longe; foi embora para outro país e nunca mais quis saber da gente. Lis sente muito, fica sonhando com o dia em que a mãe virá buscá-la”. Na aula de Biologia, a professora questiona Lis a razão do seu desinteresse pelos estudos, pela escola, em fazer amizades... Com uma resposta já pronta, dizia, sem pensar: “minha mãe vai me buscar e vou trabalhar com ela na praia. Vamos vender água de coco e ganhar muito dinheiro. Não preciso estudar para isso! Só estou aqui esperando minha mãe”. Todos os dias, praticamente, ela repetia a mesma coisa para quem a perguntasse: “minha mãe vai me buscar e vou trabalhar com ela na praia. Vamos vender água de coco e ganhar muito dinheiro. Não preciso estudar para isso! Só estou aqui esperando minha mãe”. Tornou-se seu mantra. Uma frequência vibratória capaz de acalmá-la e de fazê-la acreditar que um dia sua mãe voltará para buscá-la. A cada rara ligação da mãe, o mantra se torna mais forte e a escola menos interessante. Mas, com o tempo, o longo silêncio da mãe vai criando um abismo e um distanciamento dessa vida “prometida”. Os dias na escola só são possíveis porque Dona Francisca leva sua neta, contra a vontade da menina. Lis é uma aluna que se dependesse da escola não estaria mais ali. Hoje, com seus treze anos, ainda fica à espera de um dia poder vender água de coco na praia, junto de sua mãe. E a escola? Só um lugar de passagem...

“As estratégias de captura de presas são geralmente mais complexas em aranhas que forrageiam ativamente na vegetação. Enquanto as caçadoras por emboscada esperam imóveis pelas suas presas e direcionam seus esforços apenas para captura-las, as caçadoras ativas devem encontrar, perseguir, capturar e subjugar suas presas”.

Com Ecologia e comportamento de aranhas, 2007, p. 69



Facetas do cristal das docências dizem de uma multiplicidade, mesmo na “formação tradicional”. Uma afirmação da potência do falso da formação, na vida do falso das docências. São afetos! Nunca se sabe como alguém se torna professor/a. Torna-se no que acontece.

Qual é a potência disso? A formação nunca dará conta!

Nesta tece não se busca a resolução de problemas, tampouco a investigação de uma formação que justifique o exercício da docência... A vontade de potência, que se produz, está em afinidade com as forças ativas; pura afirmação de afetos e efeitos das vidas que pulsam nessas relações.

Como dAR a ver isso, um algo funcionando? Que vida do falso tem no encontro das facetas do cristal das docências? Qual a potência desses corpos?

nós descobrimos que com aaassss... mããããooos...

um, dois...

eu já tô com cinco

quatro

cinco. Então, numa mãozinha temos quantos dedinhos?

eu tenho...

cinco dedinhos

e se a gente colocar agora mais cinco quadradinhos na outra mãozinha. Vamos contar?

Vamos colocar na outra mãozinha agora. Um, dois...

três, quatro, três, quatro, cinco

cinco. Muito bem!

eu tenho cinco

agora que os quadradinhos estão em cima da mãozinha... Coloca cada quadradinho em

cima de quatro mãozinha! Muito bem, Davi. Ótimo! Então agora que nós temos cinco

quadradinhos em cada mãozinha... Tem que colocar na outra mãozinha, também, dona

Maia! Cinco em cada mãozinha... Muito bem, Hugo. Parabéns!

ôh tia. Olha aqui, tia.

agora nós vamos contar com quantos quadradinhos nós ficamos se nós juntarmos as

duas mãozinha. Então vamos lá?! Um...

dois, cinco, três, nove, quatro, sete, cinco, seis, três, sete, dez, oito, nove, dez

muito bem, primeiro período!

então... o que que acontece? Nós descobrimos que com aaassss... mããããooos...

nós sentimos o tato!!!

... nós sentimos o tato e podemos con...?

taaaaarr...

¹⁰² Vídeo produzido por uma professora em uma aula de matemática e compartilhado com alunas e professoras de um curso de Especialização, na Faculdade de Educação de uma Universidade Pública.

e podemos contar! Então, olha só. As nossas mãozinhas são importantes, não são? pra nos ajudar... na matemática. É ou não é?

ééééé...

então, nossa mãozinha é muito importante

e no lápis

no lápis, também. Nossa mãozinha segura o lápis

e no brinquedo

também no brin... também na folha

também na folha

e também na areia

mas só que agora nós não estamos falando de folha e nem de areia. Nós estamos falando de matê...?

máááática

isso! De matemática...

de agenda

Isso! Quantos alunos nós somos?

de mochila

vamos contar quanto nós somos? Um dois...

três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez,

onze doze treze treze. Treze alunos. Falta... Falta quem?

Bernardo

quem faltou hoje?

o bernaaardoooo

então, com o Bernardo nós vamos ficar com? Quatorze. Nós somos então quatorze alunos

tia tia tia...

fala Maria!

ôh tiiia, quero fazer xixi

Jogar bem...

Um jogar como entrega; abertura aos possíveis com as forças que se apoderam do jogo e do/a jogador/a. Um jogar que se afasta do modo qualificado; de um valor que se quer como resultado esperado.

Jogar bem é jogar sem finalidade, sem causas a conhecer; experimentação com a vida em um devir-imperceptível que nunca se sabe quem joga, mas quem dá a jogar. No lance dos dados, afirmar o acaso; na queda dos dados, afirmar a necessidade; no jogo, afirmAR o devir e o ser do devir. Potência do falso!



Anda acontecendo por aí...

Anda acontecendo por aí...

[Universidades públicas no Brasil](#)

[Piloto tenta pousar avião com aranha gigante "passeando" pela cabine](#)

[Ensino público: paralisação e pluralidade](#)

[Espetáculo em escola pública debate cidadania, arte e educação](#)

[Alunos de escola pública de SP são premiados por aplicativo inovador](#)

[Bebê nasce durante o voo e ganha passagens gratuitas para a vida toda!](#)

[Colégios e universidades fazem parceria para aulas no ensino médio](#)

[Projeto ciência vai à escola uma parceria universidade escola: aspectos pedagógicos e sociais na visão dos professores do ensino fundamental](#)

[Escolas públicas atendem 45 milhões de alunos no Brasil](#)

[Quase metade dos estudantes de universidades federais veio de escolas públicas](#)

[Casais separados pela pandemia se unem para derrubar restrições de viagens](#)

[Alunos de escola pública são premiados em concurso de redação no Pará](#)

[Pelo de cachorro nascido na Itália é verde; o nome do filhote é Pistachio](#)

[Alunos promovem ação para discutir o que precisa ser melhorado nas escolas públicas](#)

[Laboratório Pedagógico de Matemática promove I Feira de Matemática em escola de Marituba](#)

[Alunos deixam a rede privada e buscam escolas públicas](#)

["Pensávamos que a luta era a qualidade da escola pública", diz Rita Santos](#)

[99% das pesquisas são feitas pelas universidades públicas](#)

[Startup cria palafita sustentável e tecnológica adaptada ao movimento dos rios](#)

[Pesquisas da Ufal ganham destaque em matérias nacionais: Foram divulgados estudos sobre trabalho infantil e ensino a crianças em tratamento do câncer](#)

[Casamentos, aniversários, formaturas, chás de bebê: veja a criatividade das comemorações em tempos de coronavírus](#)

[Buldogue francês é eleito prefeito em cidade nos EUA](#)

[Inauguradas novas instalações do Departamento de Saúde Comunitária da UFC](#)

["O maior presente que dei à minha mãe foi entrar na UFMA", contam diversos estudantes](#)

[Pela quarta vez, UEMA fica em primeiro lugar no ranking de aprovados da OAB/MA](#)

[Informações sobre Doenças Inflamatórias Intestinais marcaram evento ontem \(15\) no HC](#)

[Projeto de extensão "Mechas de Alegria" realiza campanha para doação de cabelos](#)

[Capturada onça-pintada; animal está bem e segue para área florestal adequada](#)

[Empresas incubadas no Critt movimentam mercado e geram emprego e renda](#)

[VÍDEO: após ser deixado dentro de carro, cão buzina até o dono voltar](#)

[Corona vírus: UFRGS altera atividades acadêmicas](#)

[UFMA alerta a comunidade acadêmica sobre os procedimentos quanto ao Coronavírus](#)

[UFRPE cria Comitê de Prevenção ao Coronavírus](#)

[Aos 61, calouro da UFPA que viralizou nas redes sociais fala da aprovação: momento mais indescritível da minha vida](#)

[RJ: universidades promovem aulas online durante quarentena](#)

[Calendário de lançamentos de filmes nos cinemas em 2020 e 2021 atualizado](#)

[Vacina do Butantan é eficaz contra cepas sul-africana e britânica do novo coronavírus](#)

[Educação e pandemia: desafios e perspectivas](#)

[A igualdade de gênero e criminalização da violência contra mulher em África](#)

[Fiocruz anuncia hoje produção em massa de vacina, sendo 600 mil doses por dia](#)

[Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica](#)

[Pandemia evidenciou desigualdade na educação brasileira](#)

[Mulheres Negras agem para enfrentar o racismo na pandemia Covid-19 e garantir direitos da população negra no “novo normal”](#)

[Fachin anula condenações de Lula na Lava Jato](#)

[STJD nega pedido de anulação da partida entre Vasco e Inter, pela 36ª rodada do Brasileirão](#)

[Coronavírus: pouco caso de Bolsonaro pode custar 478 mil vidas ao Brasil](#)

[Mulheres enfrentam alta de feminicídios no Brasil da pandemia e o machismo estrutural das instituições](#)

[Brasil tem maior número de mortes por covid-19 em um dia: 1.910 óbitos](#)

[MEC quer ampliar financiamento privatizado em universidades federais](#)

[Bolsonaro interfere na nomeação de reitores em três universidades](#)

[Record esconde fala de Lula; JN não cita crítica do ex-presidente à Globo...](#)

[Candidatos do PSL destroem placa com homenagem a Marielle](#)

[CPI ouve ex-coordenadora do PNI recém-exonerada do cargo, Francieli Fantinato](#)

[Inflação eleva teto de gastos em R\\$ 124 bi em ano eleitoral](#)

[Ex-presidente Jacob Zuma é preso na África do Sul](#)

[Como era o mundo na última vez que Argentina conquistou um título?](#)

[Na Nicarágua, o sexto pré-candidato à presidência é preso](#)

[Papa endurece as regras para frear corrupção no Vaticano e proíbe presentes acima de 260 reais](#)

[A alegria do melhor futebol do mundo está de volta com a Itália na Eurocopa...](#)

[Vaca anã que pode ser a menor do mundo vira atração turística em Bangladesh](#)

[Melhorar ou controlar o mundo? Qual a real intenção do Great Reset?](#)

[Melhores lugares para fazer topless ao redor do mundo](#)

[Concluída a cirurgia, Papa passa bem](#)

[STF anula condenações contra Lula: o que acontece agora](#)

[Militares ameaçam reação "mais dura" se CPI citar corrupção nas Forças Armadas](#)

[Brasil assume presidência do Mercosul em meio a crise do bloco](#)

[Os estágios da pandemia num mundo com 4 milhões de mortes](#)

[Livro da semana: "A Guerra: a ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil"](#)

[Resto de prédio que desabou na Flórida é demolido em explosão controlada](#)

[Vaticano ordena que cardeal demitido por Francisco seja julgado por fraude](#)

[Mundo do cinema está olhando para o Brasil, diz crítica](#)

[CPI da Covid: Quem é quem no escândalo Covaxin](#)

[Governo indiano anuncia maior reforma ministerial](#)

[Biden e Putin se reúnem para desenhar rascunho do mundo pós-pandemia...](#)

[Covid-19: Número real de mortes no mundo pode ser entre 2 a 4 vezes superior ao oficial](#)

[Sociedade civil pede ajuda do Parlamento para combater tortura em prisões](#)

[Maior gestora de investimentos do mundo reduz expectativas para o Brasil](#)

[Corretores de luxo da TV detonam 'cópia' da Netflix: 'Todo mundo pode fingir'...](#)

[Forças Armadas do Canadá em alerta diante de avanço dos incêndios](#)

[Mercedes faz parceria com PlayStation e entra no mundo dos gamers](#)

[Ataque de ransomware em massa já atinge 1.500 empresas no mundo todo](#)

[Presidente da CPI dá voz de prisão a ex-diretor da Saúde](#)

[Sequestros de estudantes na Nigéria deixam ideologia e viram indústria lucrativa](#)

[Sob pressão, EUA deixarão de prender maioria das imigrantes grávidas em situação irregular](#)

[William Bonner mostra Lula com 49% contra 23% de Bolsonaro e web vai ao delírio](#)

[Covid-19 não devastou a África, para surpresa de muitos. Por quê?](#)

[Havia "um troca-troca intenso" de funcionários fantasmas entre o clã Bolsonaro, diz a jornalista Juliana Dal Piva](#)

[Serra da Bocaina: caminhos e experiências que desembocam na vida caipira](#)

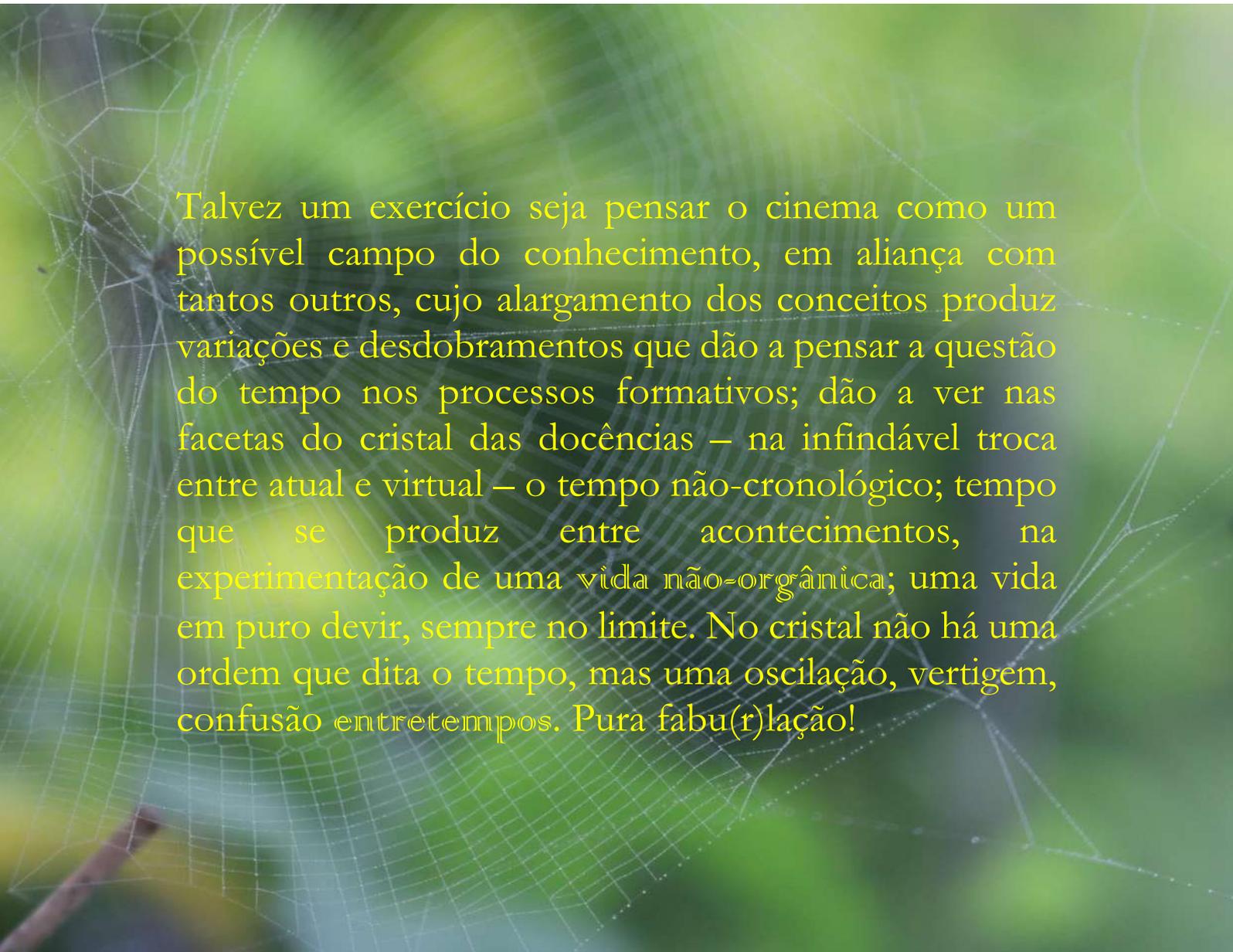
[Terrorismo no Brasil: casos mostram que o país é um "porto seguro" para extremistas](#)

[Pfizer e autoridades de saúde dos EUA discutirão terceira dose contra Covid-19 segunda-feira](#)

[Ministro defende volta imediata às aulas presenciais](#)

[Painel Coronavírus ÓBITOS CONFIRMADOS](#)

“A formação do cristal, a força do tempo e a potência do falso são estritamente complementares, e não param de se implicar” (DELEUZE, 2013, p. 162).



Talvez um exercício seja pensar o cinema como um possível campo do conhecimento, em aliança com tantos outros, cujo alargamento dos conceitos produz variações e desdobramentos que dão a pensar a questão do tempo nos processos formativos; dão a ver nas facetas do cristal das docências – na infindável troca entre atual e virtual – o tempo não-cronológico; tempo que se produz entre acontecimentos, na experimentação de uma vida não-orgânica; uma vida em puro devir, sempre no limite. No cristal não há uma ordem que dita o tempo, mas uma oscilação, vertigem, confusão entre tempos. Pura fabu(r)lação!

Afirmar uma formação como potência, não como modelo garantido por uma forma. Afirmar e se afirmar exige, antes, um exercício num eterno fabu(r)lar; tornAR-se sempre outro, em devir... **Potência do falso!**

Sutileza

Em um jogo de sutilezas e forças, a aranha provoca uma confusão de sentidos e uma produção de instintos, cujos fios sedosos e resistentes, tocados pelo ar, desenham possíveis modos de existências e resistências. Suas manobras criam condições para que possam exercitar, também, a prática do roubo de outras teias e presas. Com suas fieiras, sua arte sedutora opera na fabricação de linhas de errância. A forma-teia, como idealidade, dá lugar a uma variação ética de um estilo de vida que se ocupa menos com a forma que com a política que se produz. A aranha sempre refaz sua teia, afirma-se em devir...

“Ao olhar a teia da aranha, parece-nos assistir a uma maquinação cuja sutileza nos confunde”¹⁰³

A aranha é Ariadne! “Ariadne é a aranha”¹⁰⁴! Essa aranha que exprime as forças reativas, abandona a potência negativa para se converter em uma pura afirmação de vida. Dupla afirmação de uma vida ativa. Ariadne, com Dionísio-Touro e sua canção, descobre um outro labirinto que já não é mais o do conhecimento e o da moral. “A canção de Ariadne deixa de ser a expressão do ressentimento para tornar-se uma pesquisa ativa”¹⁰⁵; que se distancia de uma forma, sendo capaz de transformar-se a si mesma.

Uma pesquisa ativa pretende afirmar a vida que se inventa e é inventada junto a uma política de transvaloração dos valores; que escapa aos ideais moralistas e dogmáticos que buscam uma certa ordem. A questão não é trocar o lugar dos valores, trata-se de “mudar o elemento de onde se originam os valores. É o fato de remeter as apreciações de valor à vida ou à vontade de potência”¹⁰⁶. O valor em si não há! Todo valor é criado!

Frente a que ética, estética e política os processos formativos são produzidos?

A favor de que estilo de vida?

¹⁰³ DELIGNY, 2015, p. 52.

¹⁰⁴ DELEUZE, 1997, p. 117.

¹⁰⁵ Ibid, p. 12.

¹⁰⁶ MACHADO, 1999, p. 88.

Nesse exercício aracniano, o movimento desta pesquisa se inspira na **sutileza da aranha**. Fica à espreita na tentativa de capturar os efeitos e afetos dos encontros produzidos nos múltiplos espaços formativos. A não definição de um campo para a produção da pesquisa não diz de um sem-lugar como território desconhecido, um labirinto arquitetônico. É abertura aos possíveis espaços nos quais se deseja problematizar formação. Uma pesquisa que clama por travessias que se fazem em diversos territórios de passagem, já que **quem** a lança atravessa e é atravessada por esses e tantos outros.

Pode-se dizer, talvez, de uma pesquisa que se produz em um labirinto sonoro e musical, que se abre a um campo de possíveis. Esse labirinto no qual o fio da moralidade – que indica um caminho tramado para a morte – é abandonado por Ariadne que passa a segurar o fio da vida, de um caminho que sempre retorna. Entre a vida reativa (conservação) e a vida afirmativa (transmutação), está o mistério de Ariadne. O poder que redobra a própria afirmação em um devir ativo da vida no eterno retorno; desejo de repetir o encontro na produção da diferença. Pura variação de tempos e espaços e formas, na relação. **Potência do falso!**

Ariadne não resolve o problema do labirinto; instaura problema! Coloca dúvida, questiona seu método, ensaia: **“Como decidir por um método?”**¹⁰⁷. A definição por um tipo de método, apenas, pode colocá-lo em um certo lugar, tornando-o um potente aparelho de controle do discurso; de um saber organizado e sistematizado que tira toda e qualquer possibilidade da dúvida. **“Mas se cada um criar um método, como vamos fazer para saber qual é o correto? É possível ensinar sem método?”**¹⁰⁸.

“Inicialmente, a aranha permanece imóvel sobre um ponto elevado enquanto produz um fio, que será levado pelo vento até tocar outro ponto da vegetação. A aranha então utiliza este fio para percorrer a distância entre dois pontos que constituirão as bases de fixação superior da teia. Enquanto se desloca, vai produzindo um fio-guia e recolhendo o fio inicialmente depositado até atingir aproximadamente a metade do comprimento entre dois pontos. Neste local, o fio-guia é conectado ao restante do primeiro fio e a aranha desce até um ponto de fixação localizado logo abaixo. A remoção de parte do fio original e deposição de um novo fio com comprimento um pouco maior permite seu deslocamento”.

Ecologia e comportamento de aranhas, 2007, p. 17

¹⁰⁷ BELCAVELLO, 2017, p. n-1... 080.

¹⁰⁸ Questões colocadas por uma aluna do curso de Pedagogia, de uma Universidade Pública, na disciplina de Matemática, sobre os métodos das operações de subtração.

278 - 169

Método de "empurra"

Método da "compensação"

$$\begin{array}{r} 278 \\ -169 \\ \hline 109 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 278 \\ -169 \\ \hline 109 \end{array}$$

Método da (Adriana)

$$\begin{array}{r} 278 \\ -169 \\ \hline 11-1 \\ -1+10 \\ \hline 109 \end{array}$$

Método?

Ensina-se por um método?

Aprende-se por um método?

Institui-se um método?

Métodos...

Método do (Armando)

Método da (Ana Beatriz)

$$\begin{array}{r} 14723 \\ -3934 \\ \hline 11-2-1-1 \\ -1+10 \\ \hline 108-1-1 \\ -1+10 \\ \hline 1079-1 \\ -1+10 \\ \hline 10789 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 134 \\ 49 \\ \hline 1713 \\ +1-10 \\ \hline 183 \end{array}$$

Não gosto de matemática. Mesmo depois dessa disciplina, continuo não gostando e não querendo dar aula de matemática. Sei que minha formação em Pedagogia me obriga a dar aula de todas as disciplinas para os anos iniciais. Mas prefiro ficar sem a ter que dar aula de matemática; prefiro, até, abandonar a docência.

(Incômodo de uma aluna do curso de Pedagogia, de uma Universidade Pública, em uma disciplina de Matemática).



Nietzsche-Deleuze dobra a forma do verdadeiro, desdobra o conceito vontade de potência e redobra na potência do falso; potência artística, criadora de novos e outros estilos de vida; metamorfoses do falso no lugAR da forma do verdadeiro, sempre. Puro devir...
Potência do falso!

O desafio, quem sabe, seja ensaiar o processo com Ariadne, já que “o ensaio converte o método em problema, por isso é metodologicamente inventivo. A peculiaridade do ensaio não é sua falta de método, mas a de que mantém o método como problema sem nunca tê-lo como suposto. Às vezes, o ensaio é também uma figura de desvio, de rodeio, de divagação ou de extravagância. O ensaio é, também, sem dúvida, uma figura do caminho da exploração, do caminho que se abre ao tempo em que se caminha”¹⁰⁹.

“Digamos que o ensaísta a pesquisadora não sabe bem o que busca, o que quer, aonde vai. Descobre tudo isso à medida que anda. Por isso, o ensaísta a pesquisadora é aquele aquela que ensaia, para quem o caminho e o método são propriamente ensaio”¹¹⁰. Embora, por vezes, essa pesquisadora – que assume e enfrenta a indefinição de um caminho seguro – suspeite de sua própria pesquisa; lança-se e é lançada no abismo de incertezas, ambiguidades e desconfianças.

“Acredito que o narrador a pesquisadora tenha um método, o qual no início ele ela não sabe que aprende segundo ritmos diferentes, em ocasiões muito diferente. E que esse método, literalmente, é a estratégia da aranha”¹¹¹.

“Embora a construção de teias para captura de presas seja considerada uma das mais conspícuas características das aranhas, e tenha atraído interesse de pesquisadores desde o século XIX, o conhecimento atual sobre a estrutura, funcionamento e evolução destas armadilhas é ainda insuficiente. Parte desta ignorância pode ser atribuída à extrema diversidade de tipos de teias construídas por diferentes grupos de aranhas”.

Ecologia e comportamento de aranhas, 2007, p. 65

entre
arte-manhas
e sutilezas...
vidas se
entre-laçam
entre-abrigos
entre-teias
entre-acontecimentos
entre-tempos

¹⁰⁹ LARROSA, 2003, p. 112.

¹¹⁰ Composição com Idem.

¹¹¹ Mesa redonda com Roland Barthes e Gilles Deleuze acerca de Marcel Proust. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2016/09/29/o-narrador-e-uma-aranha-a-aranha-cre-mas-ela-cre- apenas-nas-vibrações-de-sua-teia-mesa-redonda-com-roland-barthes-e-gilles-deleuze-acerca-de-marcel-proust-transcrição-integral-do-audio/>.



“Se o devir é a potência do falso, o bom, o generoso, o nobre, é o que eleva o falso à enésima potência, ou a vontade de potência até o devir artista. (...) só o bom se deixa esgotar pela vida em vez de a esgotAR, colocando-se sempre a serviço do que renasce da vida, do que se metamorfoseia e cria” (DELEUZE, 2013, p. 173).

Nicolas é um aluno interessado, envolvido com a tal da matemática e seus problemas. Naquela bela escola da zona rural, muitos estudam até o quinto ano; antiga quarta série. Aprender a ler, escrever algumas palavras, assinar o próprio nome e fazer as quatro operações, parece ser o mais importante para quem labuta no campo, dedicando-se ao plantio, colheita e cultivo de suas terras. Um trabalho exaustivo e prazeroso, ao mesmo tempo, conta o pequeno Nicolas. A matemática ajuda nas negociações de sacos de milho, feijão e hortaliças, bem como na apuração do peso desses produtos. Tia..., a senhora sabia que meu pai colheu 10 sacos de feijão esse mês e ganhou um dinheirão? Tia..., quando crescer vou ter minha própria fazenda, plantar e vender muito e ter muito dinheiro. Que bacana, Nicolas! Mas, para isso, teremos que aprender a fazer contas, não é mesmo!? Pergunta, retoricamente, a professora, que, de sobrolho franzido, aproveita a intervenção para iniciar a aula. Os alunos do quinto ano estudam multiplicação e divisão, ao mesmo tempo. A professora julga ser mais fácil trabalhar assim, por se tratar de operações inversas. Acredita “matar dois coelhos com uma cajadada só”. E... continuando crianças, quem estudou a tabuada do seis? Silêncio... A turma havia sido intimada na aula anterior a estudar a tabuada do seis, de multiplicar e dividir. Às crianças, que ocupam parte de seu tempo ajudando na lida de suas casas, não lhes resta tempo para estudar (ou seria decorar?) a tabuada. Extremamente cansadas, adormecem antes mesmo de chegar ao seis vezes sete. Muitas, também, não entendem a necessidade de se conhecer a tabuada para poder plantar, colher e ganhar dinheiro. O que fazer com isso? Para que serve? De repente, Nicolas levanta o dedo e diz: Tia..., eu estudei a tabuada do seis com meu pai ontem, lá na cidade, enquanto ele vendia feijão. Um sorriso de satisfação desfaz o olhar de preocupação de Clara. Que orgulho! Que alegria! Das coisas que essa professora gosta de ouvir, essas palavras soam como uma boa música para seus ouvidos. Daquela que te leva para outros lugares e te deixa nos ares. Ah é Nicolas? Como foi? Ah tia, enquanto meu pai arrumava os sacos de feijão para vender, ele foi me explicando como

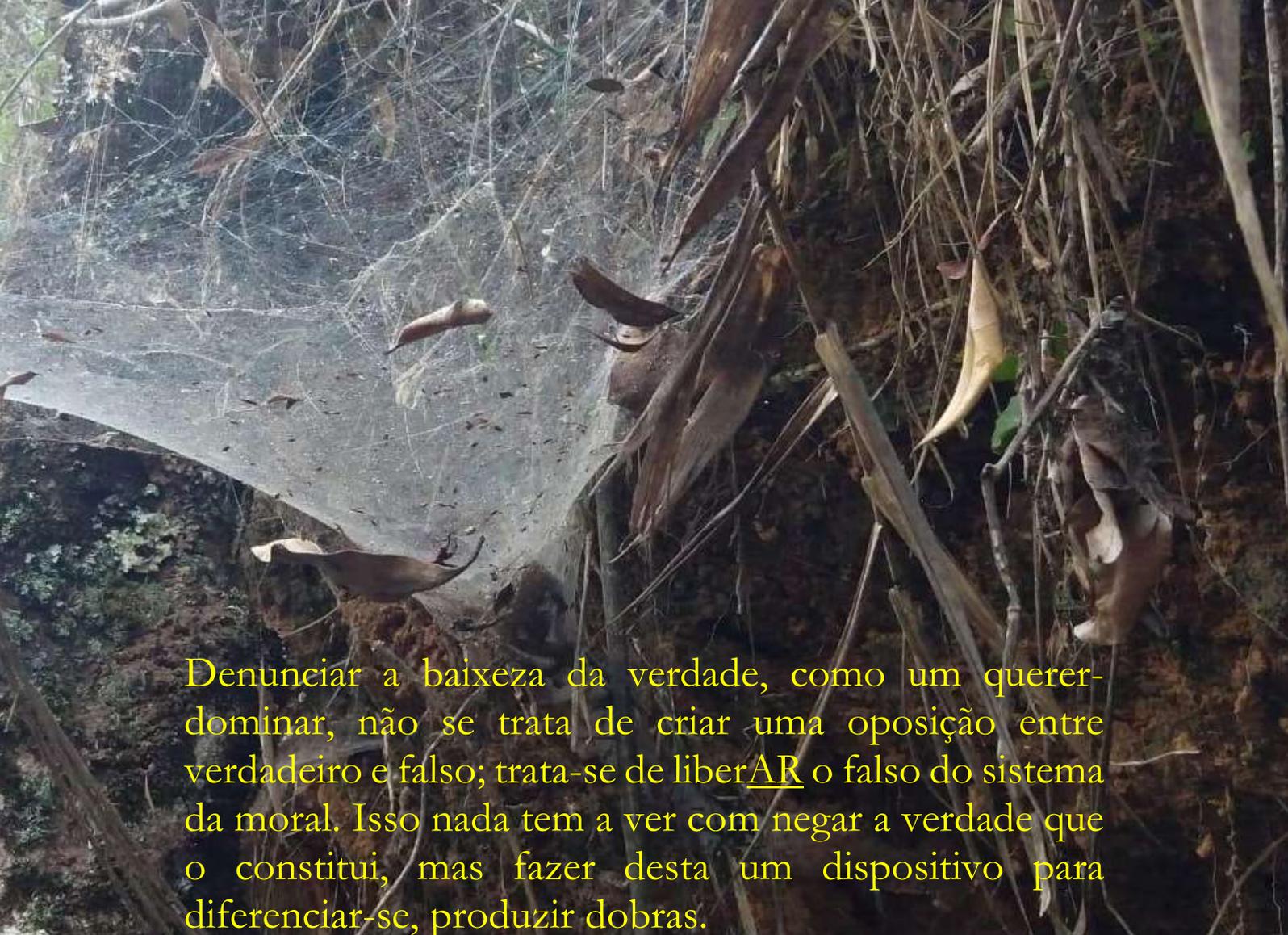
calculava pra ninguém passar a perna nele; eu até ajudei ele a contar. Um detalhe muito importante a se colocar: o pai de Nicolas é analfabeto; mas parece que isso não é problema para negociar seus produtos. E nesse mundo de números e operações, que invadem e ocupam seu cotidiano, Nicolas, muito empolgado, começa a contar sobre sua experiência. Foi assim, tia: meu pai conseguiu colher 10 sacos, cada saco custa 60 reais; ele me pediu pra escrever, em ordem crescente, em cada saco, quanto ele ganharia. Sim, mas como você fez o cálculo? Interrompe a professora. Ele me disse que era pra ir somando com as pedrinhas dele de seis em seis. A resposta de Nicolas intrigou a professora. Como assim, somar de seis em seis? E que pedrinhas são essas? Nicolas continuou: Tipo assim, tia: no primeiro saco, escrevi 60; no segundo saco, escrevi o resultado de $6 + 6$ que é igual a doze, mais o zero e ficou 120. E assim fui fazendo, crescendo de seis em seis e acrescentando o zero. Meu pai disse que não sabe fazer multiplicação, mas sabe fazer continha de mais e de menos como ninguém. E que quando tem dúvidas, usa as pedrinhas que ganhou do meu avô quando ele era criança, assim da minha idade. E sorri satisfeito ao finalizar sua explicação. A professora impressionada ao ver a relação que o menino fazia com a matemática, perguntou: qual a ligação que você encontrou com a multiplicação? Ela já havia explicado o conceito de multiplicação por meio da adição de parcelas iguais. Tia, não sei te explicar, mas só sei que agora você pode tomar a tabuada do seis até o mil que eu sei tudinho [risos]. E nisso, a aula já estava chegando ao final. Tia..., você não tomou a tabuada, vai tomar amanhã? Pergunta Ana Paula. Não querida, amanhã vamos visitar a casa do Nicolas. Vamos ver de perto como o pai e ele fazem esses cálculos. Obaaa!!! A alegria foi geral. Vou falar pra minha avó fazer broa de fubá. HUUUU... Você sabia tia, a broa de fubá da minha vizinha é a melhor broa do mundo! Clara estava ansiosa pelo dia seguinte. Encarregou-se de combinar tudo com o pai de Nicolas, que ficou muito feliz com a ideia da visita. No dia seguinte, ao chegar na escola, as crianças já esperavam pela professora. Tia, tia, que horas nós vamos na casa do Nicolas? Um coro desarmônico e incompleto se formava. Calma crianças, vamos apenas entrar na sala, guardar nosso material escolar e esperar pela Júlia e pelo Fernando, que estão atrasados. Chegamos!!! Todos a postos, saem os treze em direção à casa de Nicolas, que é um pouco distante

da escola, cerca de 20 minutos a pé. Naquele povoado, as casas ficam longe umas das outras. A escola se situa em uma parte central da comunidade, próxima da igreja, do posto de saúde e de pequenos comércios. Após muitos passos, avista-se a casa de Nicolas. Sua irmã, Ana, de três anos e sua avó, Dona Geralda, aguardam seus visitantes, que foram recebidos com festa. Alguns alunos se dispersam pelo espaçoso quintal, decorado por árvores frutíferas e flores coloridas. Vamos crianças, temos uma grande missão aqui hoje. Viemos aprender tabuada com o senhor Wantuil. Não é mesmo, senhor Wantuil? O pai de Nicolas, timidamente, balançou a cabeça em um sinal afirmativo. Nicolas conduz a todos até o paiol, local onde ficam guardados os sacos de toda colheita que realizam. Então senhor Wantuil, conte pra nós como é mesmo que o senhor faz para calcular os valores a receber pelos sacos de feijão que vende. Com um lardo sorriso, orgulhoso por estar sendo referência em uma aula de matemática da turma de seu filho, começa a explicar: ó, professora, eu tenho pouco estudo, mas meu pai sempre disse que a gente tem que ser veiaço e criar nossos meios de fazer conta pra ninguém passar a gente pra trás; quando eu tinha a idade do Nicolas, ele me deu essas pedrinhas; com elas eu consigo fazer minhas contas. É mesmo, senhor Wantuil? Conte-nos como o senhor as utiliza. Nesse momento, ele abriu três sacos, cada qual com dez pedras, porém, de cores diferentes. Eram pedras recolhidas em rios, com coloração da própria natureza. Dez pedras brancas, dez marrons e dez esverdeadas. Senhor Wantuil explicou que cada cor tinha um valor. As brancas valem 1; as marrons 10 e as esverdeadas 100, cada. Nicolas mais que depressa completa: tia..., mas eu usei só as brancas! Seu pai havia lhe entregue somente as pedras brancas para que fizesse o cálculo, acrescentando sempre de seis em seis. Clara havia entendido todo processo! Sem saber, o Senhor Wantuil utiliza o Sistema Decimal na base 10, com auxílio de um material concreto. Então, tia... o que o pai do Nicolas usa é quase igual àquele brinquedo que a gente tem na escola, o ábaco, né? Isso mesmo Roberta, só que nesse caso ele utilizou somente as pedras correspondentes à unidade simples e foi somando sucessivamente até chegar ao total de sacos que ele iria vender. Que legal, tia! Antes da senhora explicar, o pai do Nicolas já usava o que a gente está aprendendo na escola. Agora sim, tia, sei para que servem todas aquelas pecinhas que senhora pede pra gente

usar nas contas, quando temos dificuldades. Ah..., a matemática e seus caminhos. Caminhos que convergem em uma mesma direção! Clara suspira se distrai consigo mesma, enquanto a criançada se diverte. Crianças, o café está na mesa! Vem, também, professora! Clara se assusta com os gritos de Dona Geralda, pensou, por um instante, que estava sonhando. Mas depois que sentiu o cheiro do café se misturando com o da broa, logo despertou. Leite, broa de fubá, café, suco, biscoitos... mesa farta. Tudo preparado com muito desvelo e ternura pelas mãos calejadas de Dona Geralda, que contam histórias longas de lutas travadas com a vida no campo. Fique à vontade professora, pode servir as crianças à vontade! Tem mais broa na cozinha. Clara começa a partir e a repartir a broa para seus alunos, de modo que todos possam saborear a “melhor broa do mundo”. O cuidado e a preocupação para que os pedaços fiquem em tamanhos iguais, quase transformou a broa de Dona Geralda em farelos. Tia, essa broa tá parecendo com aquele tabuleiro do livro, daquele probleminha, lembra? Decerto que ela se lembra, foram atividades de introdução ao conceito de frações que estudaram na semana passada. Tia, o pedaço dele ficou maior do que o meu. Isso não é fração! As partes não estão iguais!

“As aranhas são polígamas. A vantagem de assediar muitas fêmeas é óbvia para os machos de todos os animais, já que aumentam diretamente sua descendência. As fêmeas, no entanto, não aumentam a quantidade de filhos produzidos ao copular muitas vezes em um mesmo período reprodutivo. Por outro lado, elas podem aumentar a diversidade de sua prole, o aporte e a viabilidade do esperma, assim como evitar os custos de afastar machos ou armazenar muito esperma”.

Com Ecologia e comportamento de aranhas, 2007, p. 91



Denunciar a baixeza da verdade, como um querer-dominar, não se trata de criar uma oposição entre verdadeiro e falso; trata-se de liberAR o falso do sistema da moral. Isso nada tem a ver com negar a verdade que o constitui, mas fazer desta um dispositivo para diferenciar-se, produzir dobras.

Meia noite!

metamorfoses do verdadeiro
em potência do falso...

Nem sei como começar... Pensar em um só problema ou uma só questão que ficou durante e após essa disciplina... difícil, quase impossível. Essa disciplina nos fez pensar muito além daquilo que nos era inicialmente proposto em determinada discussão ou atividade, pois nunca havia parado, até então, para pensar nos problemas que se davam junto aos encontros. Saía das aulas pensativa, refletindo sobre as muitas dúvidas que ficaram lá atrás, no meu processo de escolarização. De pensar em um aprender que se dá na relação, junto à vida. Isso esteve muito presente em nossas discussões em sala de aula. Com isso, não pude deixar de me inquietar com os diversos caminhos e os possíveis que se abrem nesse processo educativo, presentes dentro e fora da sala de aula convencional. Esses possíveis acontecem de forma inesperada, numa pergunta, numa observação, no meio de uma conversa, em um pensamento que surge sem esperar... E o caminho da aula vai sendo tramado, inventado... experimentado. E é nesse processo que tecemos relações, sentidos que vão sendo construídos à maneira que a relação se faz, na medida em que o tecer da aula/conversa/experiência se dá. O tecer e o produzir sentidos, aqui, vão muito além de ensinar/aprender apenas conteúdos. Importante, ainda, ressaltar que as inquietações não vão parar por aqui, e que, futuramente, nas aulas que iriei dar, certamente lembrarei das experimentações, dos questionamentos e dos pensamentos filosóficos que as professoras dessa disciplina levantaram nos encontros. Eu sempre saía “perturbada”, com tantos pensamentos e questionamentos. Respostas? As respostas se deram, ou não, junto aos momentos criados pela disciplina. Junto aos conhecimentos produzidos, relações estabelecidas, experimentações vivenciadas, conversas realizadas e tantos outros acontecimentos. Modos de existir, relacionar e experimentar, estão muito além do que uma escola pode proporcionar. Tudo isso está e se dá na vida. Deixo algumas indagações em aberto para que os acontecimentos e as relações da vida me tragam não só uma, mas várias respostas para as perguntas que ficam: que aprender? Que existir? Que conhecer? Que efeitos? Que educação? Que formação? **Foi o que deu!**



e o Cinema

“A atividade da vida é como uma potência do falso: enganar, dissimular, ofuscar, seduzir. Mas para ser efetuada, essa potência do falso deve ser selecionada, reduplicada, ou repetida, portanto, elevada a uma potência mais alta. A potência do falso deve ser elevada até uma vontade de enganAR, vontade artística que é a única capaz de rivalizar com o ideal ascético e de se opor a ele com sucesso. A arte precisamente inventa mentiras que elevam o falso a essa mais alta potência afirmativa, ela faz da vontade de enganar algo que se afirma na potência do falso” (DELEUZE, 2018, p. 132).

“Contato direto com os textos

A maestria do texto... como provocação, como exigência, como orgulho de estar junto a. Na imensidão das possibilidades, compactuAR com os excessos, com os descaminhos, com as certezas advindas em um exercício de procura e delimitação...

Em meio às árvores na floresta, nos caminhos em meio à delicadeza das teias de aranha”

(LEITE, 2016, p. 29).

Leia mais...¹¹³

Em 1940, o 1º Congresso Indigenista Interamericano, reunido em Patzcuaro, México, aprovou uma recomendação proposta por delegados indígenas do Panamá, Chile, Estados Unidos e México.

Essa recomendação, de nº 59, propunha:

1. o estabelecimento do Dia do Índio pelos governos dos países americanos, que seria dedicado ao estudo do problema do índio atual pelas diversas instituições de ensino;
2. que seria adotado o dia 19 de abril para comemorar o Dia do Índio, data em que os delegados indígenas se reuniram pela primeira vez em assembléia no Congresso Indigenista. Todos os países da América foram convidados a participar dessa celebração.

Pelo Decreto-lei nº 5.540, de 02 de junho de 1943, o Brasil adotou essa recomendação do Congresso Indigenista Interamericano. Assinado pelo Presidente Getúlio Vargas e pelos Ministros Apolônio Sales e Oswaldo Aranha, e o seguinte o texto do Decreto:

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição, e tendo em vista que o Primeiro Congresso Indigenista Interamericano, reunido no México, em 1940, propôs aos países da América a adoção da data de 19 de abril para o “Dia do Índio”, decreta:

Art. 1º – considerado – “Dia do Índio” – a data de 19 de abril.

Art. 2º- Revogam-se as disposições em contrário.

A recomendação de institucionalização do “Dia do Índio” tinha por objetivo geral, entre outros, outorgar aos governos americanos normas necessárias à orientação de suas políticas indigenistas. Já, em 1944, o Brasil celebrou a data, com solenidades, atividades educacionais e divulgação das culturas indígenas. Desde, então, existe a comemoração do “Dia do Índio”, às vezes, estendida por uma semana, a “Semana do Índio”.

Leia também:

- **Terras indígenas: 'O filé do mercado de carbono mundial'**
- **As identidades indígenas na escrita de Daniel Munduruku**
- **Brasil tem racismo profundo contra índios e negros, diz relator da ONU**
- **Crescimento econômico ameaça índios no Brasil, diz Anistia Internacional**
- **Decisão de Gilmar Mendes é responsável por tragédia dos índios**
- **Bispo é ameaçado de morte em desocupação de área indígena em MT**

¹¹³ Disponível em:

https://www.geledes.org.br/por-que-o-dia-19-de-abril-e-o-dia-do-indio/?gclid=CjwKCAiAhc7yBRAdEiwAplGxX7MBuK6goU1MXMK_m1UYGaPNBS_Stz6-ZappDCQyvYIVwZjcZ7D0_BoCgLYQAvD_BwE.

A ~~narração verídica~~ formação que se quer verdadeira se desenvolve organicamente, segundo conexões legais no espaço e relações cronológicas com o tempo. (...) a ~~Narração falsificante~~ uma formação que se quer falsa, ao contrário, escapa a tal sistema, ela quebra o sistema do julgamento, pois a potência do falso (não o erro ou a dúvida) afeta tanto o investigador e a testemunha quanto o presumido culpado (composição com DELEUZE, 2013, p. 163).



Quanta gente desconhece as maquinações possíveis de uma pesquisa em educação? De uma pesquisa acadêmica? De uma escrita que se quer científica, positiva, mas que pode ser atravessada pela poesia, pela música, pela sensação, nos fios puxados por milhares de aranhas emaranhando novelos e abrindo linhas de fuga de rizomas, de rios, de vales, de verdes e de todas as cores em sobrevoo?

Por que agora? Porque as máquinas de visão invadiram o mundo, virtualizando possíveis. Por que Juiz de Fora? Porque uma universidade pública abre espaço para a experimentação, para a invenção, para uma pesquisa-que-quer-ser-pesquisa, que sabe que é preciso perder-se para, de fato, encontrar algo; que não se satisfaz com uma pesquisa-simulacro, que se faz para afirmar o que se sabe.

Perversão do acadêmico. Traçar linhas de fuga de uma pesquisa que fica no registro do representacional, de uma reconhecimento que luta para afirmar, de novo, o que já se sabe, na experimentação tateante de pesquisa-outra, que segue fluxos, permite-se se perder no emaranhado de fios, mas que como a aranha fica à espreita e aprende a produzir o novo naquilo que não pode ser encontrado.

Maquinar imagens... e as maquinando, maquinar subjetividades, produzir inquietações e saberes outros.

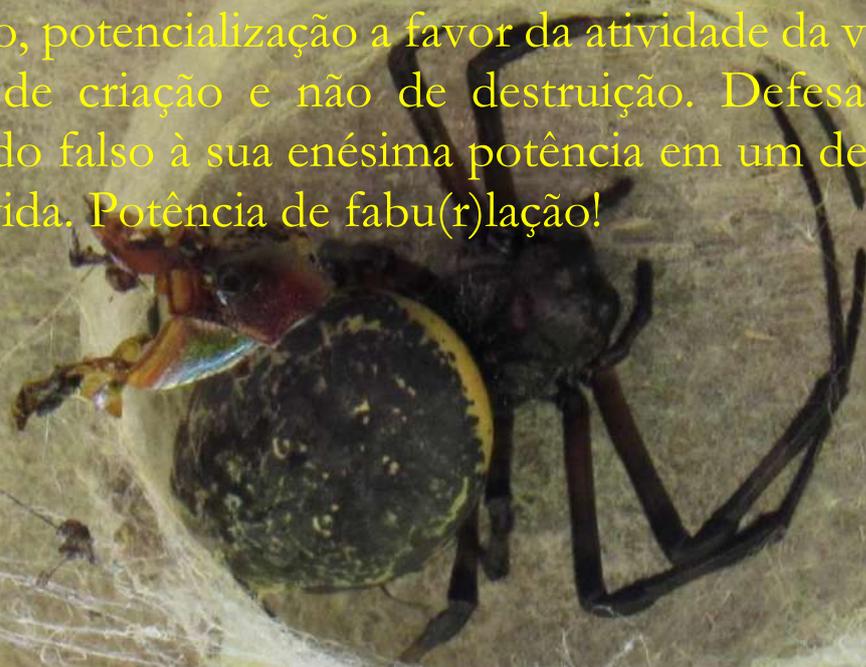
(...) fazendo rizoma com imagens em movimento no tempo fabulando virtualidades, compondo com os textos que se compõem em mutirão, entre vários, n-1 autores com suas letras atravessadas, tachadas, um estupro da linguagem que produz um novo inusitado, construindo novos sentidos numa lógica da sensação que só se percebe quando nela se entra.

¹¹⁴ Riscos, rabiscos e restos de um texto produzido e lido por Silvio Donizetti de Oliveira Gallo, “**Imagens maquinaças numa pesquisa em educação**”, por ocasião da defesa da Dissertação de Mestrado de Maria Paula Pinto dos Santos Belcavello, intitulada “cinemaquinação: *entre montanhas e vale, um sobrevoo*” (2017).

Nem todos os falsários e falsárias o são no mesmo nível, na mesma potência; armadilha sedutora da ARanha Universal. Nem tudo se vale!

A questão da verdade é colocada como suspeita não para que toda mentira e falsificação sejam defendidas, mas para afirmar uma vontade de potência; esse elemento diferencial que não está de posse de um “sujeito” e sim de posse de outra vontade; uma vontade sobre uma vontade.

Afirmção, potencialização a favor da atividade da vida. Potência de criação e não de destruição. Defesa da elevação do falso à sua enésima potência em um devir-ativo da vida. Potência de fabu(r)lação!



Uma professora. Sim, uma professora! Uma professora, educadora, docente... Multiplicidade! Uma professora capturada por uma lógica identitária reivindica um lugar para se afirmar enquanto tal. Unidade? Ensinar, aprender, currículo, receita, doces, salgados, alunos, alunas, professora, matemática, escola. Vida! Resultado, erro, frações, conceitos, matemáticas. Dobras! Reconhecimento, discurso, reforço, segurança, verdade representação. Idealidade?

Um corpo-professora formatado deseja estar no controle. Forma-professora. Discurso produz um modo, um ideal. Uma professora se ocupa com o aprender. Clama por um lugar. Lugar do reconhecimento. Lugar da forma idealizada. Segurança! Reconhecimento. Autorregulação.

“A forma (ideia) ~~“homem”~~ “professora” reduz a multiplicidade das singularidades ~~humanas~~ à unidade ~~da espécie; acaba com a complexidade e nos dá o simples;~~ deixa de lado as diferenças das singularidades existentes e nos dá, como pensamento, a identidade. Para ela o inteligível ou compreensível é o que pode ser conduzido por redução à unidade. O que não couber nessa lógica, fica fora como ganga: algo não aproveitável para a compreensão. A lógica desse processo de conhecimento é a lógica identitária”¹¹⁶.

Regras garantem uma ordem? Receita: modelo, não pode dar errado! A massa precisa descansar: dar tempo... O que fazer quando a coisa não sai do modo esperado? Tenta novamente! O resultado esperado garante um aprender? O que garante um aprender? Não deu certo? Tenta de novo! Repetir para produzir o igual, o esperado?

¹¹⁵ Escrita produzida junto ao artigo *Entre frações e o aprender no processo formativo docente*, de Viviane Rosa de Souza Gama, em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de uma Especialização realizada na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Escrita lida pela pesquisadora desta tese na banca de defesa – do referido TCC – da qual participou como membro.

¹¹⁶ Composição com LARA, 2016, p. 13.

Aula de Matemática interrompida. Agora, aula de História! Como saber quando termina o tempo de uma aula e inicia o tempo da outra? Não cabe matemática na história? Não cabe história na matemática? Qual o tempo de uma aula? O que pode no tempo de uma aula? Que tempo? Há tempo para o aprender?

Avaliar. Modelo. Erro. Acerto. Resultado esperado: decorar fórmula mágica. Erro, dissintonia: culpabilização, fracasso. Acerto: apaziguar. A prova prova um aprender? Que aprender? Provar. Por que não, saborear...?

Matemática assepsiada. Limpa de vida! Importante para evitar contaminações e manter uma certa regularidade. Uma aula de matemática se dá em experimentação com matemáticas numa escola. Abertura de possíveis junto à vida. Uma aula tenta escapar a uma idealidade. Conteúdo se apresenta de outros modos. Matemática que se dá na escola; um modo; não está separada da vida. Há Matemática e matemáticas nesse território institucionalizado. Há vivianes, marias, margareths, giovanis, paulas... Há sujeira na limpeza!

Fazer diferente produz diferença? Pensar o diferente! Negar o consenso da aparência. Denunciar o igual. Abalar verdades. Por problema na formação. Desconfiar dos discursos. Escapar das idealidades. Recusar a aplicação de um modelo. Desformar a forma formação. Afirmar uma formação enquanto processo de dessubjetivação. Afirmar uma formação como potência, não como forma. Compor uma teia de relações singulares. Tornar-se docente!

Uma professora se ocupa com o aprender. Clama por um lugar. Lugar do reconhecimento. Lugar da forma idealizada. Teorizar experimentando. **Uma aula que mostra como é a realidade da vida e não como a matemática é utilizada na escola.** Essa é a realidade da vida? A matemática utilizada na escola está fora da vida? Que matemática? Que vida? Que realidade?

Tornar-se professora no existir. Sujeito da experiência. Estranhar o comum. Por problema no instituído. Quebrar regras que governam um aprender. Resultado, erro...frações em partes diferentes. Uma aula dobra um conceito e produz matemáticas outras. Multiplicidade em uma sala de aula. Relação com o mundo. Não deu certo? Certeza? Tentar de novo! Exercitar uma formação enquanto processo de invenção de possíveis. Formação enquanto processo de dessubjetivação; maquinaria na dissolução de identidades e constituição de uma subjetividade-docente, sempre outra. Tentar de novo, sempre! Repetir, repetir, repetir... Produzir diferença! Encontrar-se com o inesperado. E... com tudo isso, o que se produz junto à trama vida-escola?

“Quase todas as aranhas envolvem seus ovos com fios de teias, formando um invólucro que ajuda a mantê-los úmidos e que, na maioria dos casos, é capaz de manter condições adequadas de umidade e temperatura. Além disso, as camadas compactas de seda podem constituir barreiras mecânicas contra parasitas. Muitas espécies, no entanto, vão além do fornecimento de um invólucro. As ootecas podem ser transportadas até a eclosão dos filhotes e mesmo ativamente protegidas contra predadores e parasitóides”.

Ecologia e comportamento de aranhas, 2007, p. 233

Ecologia e comportamento de aranhas, 2007, p. 233

e mesmo ativamente protegidas contra predadores e parasitóides”
entanto, vão além do fornecimento de um invólucro. As ootecas podem ser transportadas até a eclosão dos filhotes
as camadas compactas de seda podem constituir barreiras mecânicas contra parasitas. Muitas espécies, no
entanto, vão além do fornecimento de um invólucro. As ootecas podem ser transportadas até a eclosão dos filhotes

O que o cristal dá a ver?

O menor circuito: presente contendo todo passado; a contração que revela uma imagem-tempo direta, não mais uma imagem indireta do tempo, prisioneira do movimento. O cristal dá a ver a reversão da subordinação do tempo em relação ao movimento.

“O que o cristal revela ou faz ver é o fundamento oculto do tempo, quer dizer, sua diferenciação em dois jorros, o dos presentes que passam e o dos passados que se conservam. De uma só vez o tempo faz passar o presente e conserva em si o passado” (DELEUZE, 2007, p. 121).

“Tem o eterno, tem o infinito, tem o além, e tem o além dos além. O além dos além vocês ainda não viram. Cientista nenhum ainda viu o além dos além. O além do além é um transbordo. Você sabe o que é um transbordo?” *Estamira, filme de Marcos Prado.*

“Toda multiplicidade implica elementos atuais e elementos virtuais. Não há objeto puramente atual. Todo atual rodeia-se de uma névoa de imagens virtuais. A relação do atual com o virtual constitui sempre um circuito, mas de duas maneiras: ora o atual remete a virtuais como a outras coisas em vastos circuitos, onde o virtual se atualiza, ora o atual remete ao virtual como a seu próprio virtual, nos menores circuitos onde o virtual cristaliza com o atual”¹¹⁷.

O menor circuito opera não mais na dilatação, mas na contração até um ponto de indiscernibilidade entre a imagem atual e sua imagem virtual – a um só tempo e ao mesmo tempo presentes e passadas – sua coexistência; os cristais do tempo. É o menor circuito que constitui o ponto de indiscernibilidade, a coalescência entre atual e virtual; a imagem bifacial, ao mesmo tempo atual-virtual.

“O plano de imanência contém a um só tempo a atualização como relação do virtual com outros termos, e mesmo o atual como termo com o qual o virtual se intercambia. Em todos os casos, a relação do atual com o virtual não é a que se pode estabelecer entre dois atuais. Os atuais implicam indivíduos já constituídos, e determinações por pontos ordinários; ao passo que a relação entre o atual e o virtual forma uma individuação em ato ou uma singularização por pontos relevantes a serem determinados em cada caso”¹¹⁸.

A atualização compete ao virtual; sua atualização é a singularidade. O atual é a individualidade constituída. Para Deleuze, o atual sempre está encoberto por uma névoa de imagens virtuais que são constituídas e se movem, incansavelmente, pelos circuitos. E é assim, nessa relação de coexistência com os circuitos, “que uma partícula atual emite e absorve virtuais mais ou menos próximos, de diferentes ordens”¹¹⁹.

“O atual se cerca de círculos sempre renovados de virtualidades, esses (os círculos) emitem outros e todos reagem sobre o atual. Objeto e imagem são ambos aqui virtuais, e constituem o plano de imanência onde se dissolve o objeto atual. Esse processo de atualização, pelo qual o atual passou, afeta imagem e objeto. O virtual nunca é independente das singularidades que o recortam e dividem-no no plano de imanência. O plano de imanência contém em si, e a um só tempo, o virtual e sua atualização, sem que possa haver aí limite assimilável entre os dois. Há também coalescência e cisão, ou antes oscilação, perpétua troca entre o objeto atual e sua imagem virtual”¹²⁰.

Nesse circuito menor, Deleuze insiste na troca infinita e constante entre virtual-atual na qual a imagem virtual, sem cessar, tornar-se atual; como quando um espelho captura a personagem, deixando-lhe apenas uma virtualidade ao estilo *d'A dama de Xangai*. Nesse momento, a imagem virtual devora toda atualidade da personagem; essa – a personagem atual – por sua vez, e a um só tempo, nada mais se torna que uma virtualidade. E é nessa troca infundável – entre virtual e atual – diz Deleuze, que se define um cristal. “É sobre o plano de imanência que aparecem os cristais”¹²¹.

¹¹⁷ DELEUZE, 1998, p. 121.

¹¹⁸ Idem.

¹¹⁹ Idem.

¹²⁰ Idem.

¹²¹ Idem.

Tecer pensar no pensamento como um exercício no eterno retorno que se furta à adequação, ao desvelamento de um mundo representativo; submeter o modelo de verdade à mais baixa potência e o falso à sua mais alta potência de transmutação. Afirmar o poder do falso como capaz de violentar o pensamento na produção de um pensar sempre outro e novo. Uma nova imagem do pensamento como potência de pensar e de dar a pensAR...

Avaliar a
vontade de
potência
no que ela
pode:
negar ou
afirmar
uma vida?
A favor de
que estilo e
modos de
existir?

Ousar, experimentar... Pensar modos forjados em nossa formação. Implicar, inventar, complicar... Pensar na formação docente me faz refletir sobre os saberes docentes, sua multiplicidade e de como, em maior ou menor grau, nossa experiência discente irá influenciar em nossa atuação como docente. Mas o que isso quer dizer? Talvez por não termos experiência em experimentar, não conseguimos oportunizar que nossos alunos também inventem e experimentem. As concepções de educação e formação vão se transformando. Estamos armadas para questionar as verdades impostas, sejam elas das exatas, das humanas ou da saúde. Dada à atual conjuntura em que verdades são impostas, colocar problema nisso tem sido nossa maior arma na luta contra os ataques à educação. Não um problema qualquer! Mas um problema problemático, ou ficaremos à margem dos senhores de poder. Nessa relação com o mundo, que conhecer? Que aprender? Que existir? Que vidas se produzem e são produzidas nessa relação? Qual a minha participação na produção de vidas? Um inventar-se docente? Um tornar-se docente? Mas como alguém se torna docente? Como pode um encontro, em uma quinta-feira à noite, em uma Universidade Pública, fria e vazia, despertar tanta tensão? Como pode um encontro, depois de um dia cansativo de trabalho, em duas escolas, provocar um despertar? O que pode um encontro? O que pode um curso de formação? O que pode um curso de formação em um território que tem a pre-tensão de formar? Inventar... Invenção! Esta foi uma palavra que se fez presente em nossos encontros. Em meio a tantas produções, riscos, experimentações, desarranjos, escapes, subversões, instabilidades, estranhamentos, desassossegos, abalos e e e ... Invenção! Das pecinhas; ou melhor, do controle das pecinhas às produções textuais, existiu construção. Mas sempre acreditei que quase tudo no mundo já estava inventado, ou que eu jamais seria capaz de inventar algo. Talvez porque romantizasse as invenções, as produções. Inventamos um sistema de numeração. Foi fantástico! Ah Manoel¹²², nossa vida de cada dia, em nossas aulas de matemática, física, química etc. etc. etc. Ah Manoel, sou inacabada. Então..., diga-me, como alguém se torna docente?

¹²² Referência ao poeta Manoel de Barros, 2016.

Potência do falso e fabu(r)lação... sem definir, sem identificar; em agenciamentos!



OperAR na criação de outras formações, outras docências, outros mundos em um campo infinitamente aberto; junto aos efeitos, afetos e exercícios de experimentação a ensaiar com a própria e outras vidas...

Quando cursei a faculdade de Pedagogia, comecei a desconstruir essa certeza de que todos aprendem da mesma forma e ao mesmo tempo; passei a entender a complexidade do ato de educar e das diferentes formas de aprender. Sempre pensei que havia um método para todas as formas. Um modelo a ser seguido. Uma resposta para todas as dúvidas. Foi difícil compreender que aquilo que para mim era tão fácil se tornava complicado para tantos outros. Uma experiência importante, pois quando entrei na sala de aula, como professora, empenhei-me para que meus alunos tivessem a chance de aprender à sua maneira. Meu exercício, desde então, foi criar modos diferentes de abordar o mesmo conteúdo, buscando abarcar a maioria da turma na tentativa de, pelo menos, alcançar a todos. Acreditava ser uma professora diferente, em alguns aspectos, daqueles professores que tive ao longo da minha vida. Mesmo assim, deparava-me com alunos que eu não conseguia atingir, ainda que com a ajuda de manobras diversas na abordagem dos conteúdos. Sentia que algo faltava e que precisava melhorar. Alfabetizar no sentido de linguagens, não era mais um problema. Os muitos cursos de aperfeiçoamento, a especialização e a prática dentro de sala me capacitaram para tal. Aposto nos cursos de formação continuada para garantir minha prática docente. Agora, por exemplo, estou cursando esse, que, com certeza me dará segurança para trabalhar certos conteúdos com meus alunos. Um curso que me permite abordar outros temas, em perspectivas diferentes, que não só a linguagem; além de melhorar o processo de ensino e aprendizagem dos meus alunos. No início, quando comecei a dar aulas, focava, demasiadamente, no português, que era o que eu dominava e deixava os outros conteúdos de lado. Nesse curso, uma aula em que me senti desafiada foi a que tivemos de produzir um novo sistema de numeração, diferente do já conhecido. Nossa!!! Parecia que nunca tinha frequentado a escola, foi muito difícil. Senti na pele o que alguns de meus alunos sentem quando dizem não entender nada, saindo da aula frustrados por tentarem, tentarem e não conseguirem obter sucesso imediato. Uma sensação nunca antes experimentada por quem sempre teve facilidade para assimilar as coisas. Estava saindo da minha zona de conforto e me compadecendo cada vez mais de meus alunos,

entendendo que preciso melhorar para oferecer um melhor ensino a eles; ser uma professora referência para meus alunos; aquela professora de quem a gente nunca se esquece, sabe!?. Esse é meu grande desejo e desafio como professora. Por isso escolhi fazer essa especialização. Pergunta respondida?

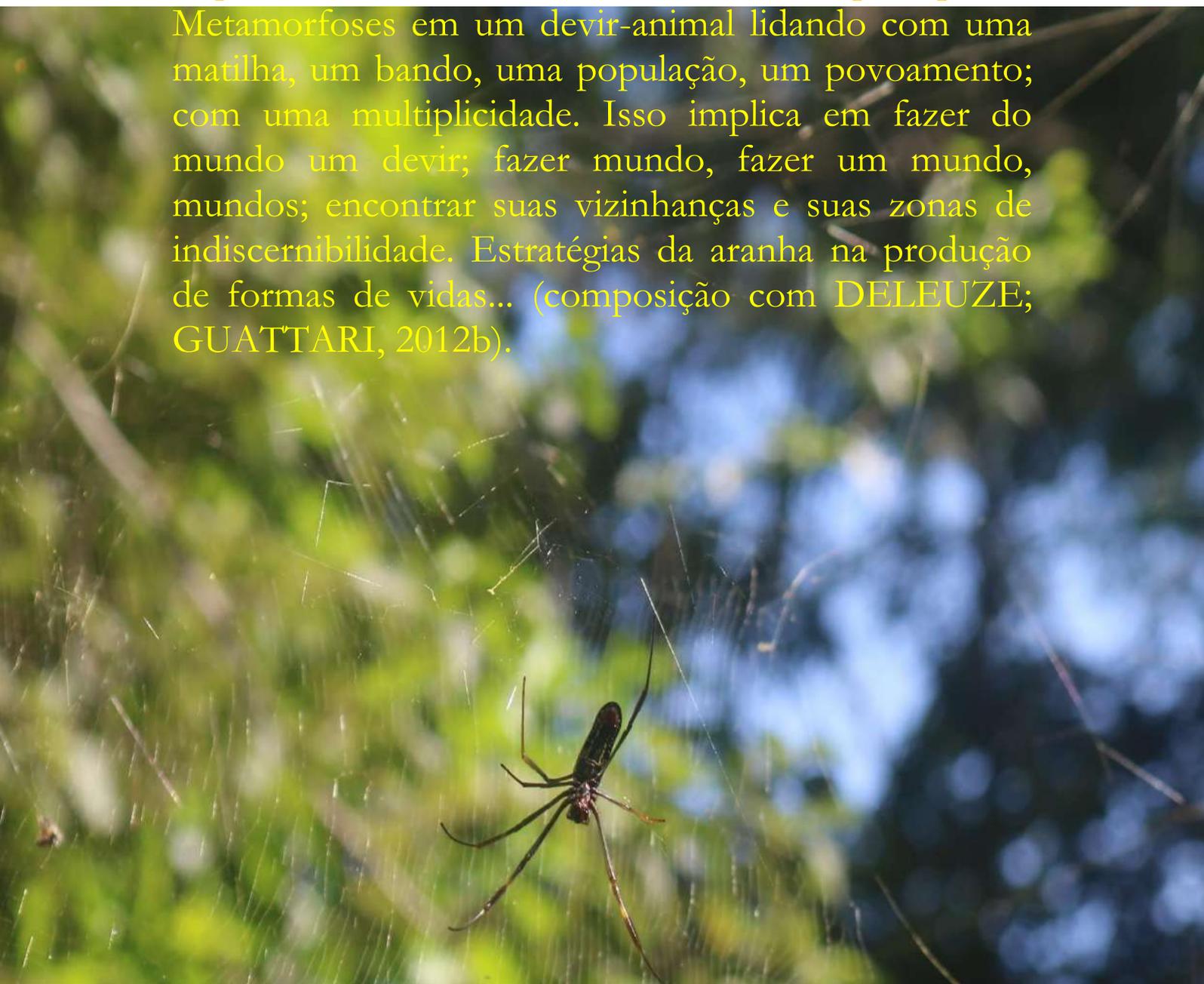
Para quê e para quem a formação docente?
Para quem e para quem a formação docente?

A serviço de quê e de quem a formação docente se coloca?
A serviço de quê e de quem a formação docente se coloca?

A quem ou a quem a formação docente interessa?
A quem ou a quem a formação docente interessa?

Quais forças se apropriam, apoderam-se e se expressam em uma certa
Quais forças se apropriam, apoderam-se e se expressam em uma certa
formação docente?
formação docente?

Tudo devém imperceptível, tudo é devir-imperceptível no plano de consistência, mas é justamente nele que o imperceptível é visto, ouvido. Devir-imperceptível quer dizer muitas coisas; multiplicidade de formas; sem identificação e representação! Tudo se torna imperceptível, tudo é devir-imperceptível. O devir-mulher é o primeiro *quantum*, ou segmento moleculAR, e depois os devires-animais que se encadeiam na sequência em direção a um devir-imperceptível. Metamorfoses em um devir-animal lidando com uma matilha, um bando, uma população, um povoamento; com uma multiplicidade. Isso implica em fazer do mundo um devir; fazer mundo, fazer um mundo, mundos; encontrar suas vizinhanças e suas zonas de indiscernibilidade. Estratégias da aranha na produção de formas de vidas... (composição com DELEUZE; GUATTARI, 2012b).



Andam dizendo por aí...
ΥΠΟΥΡΓΙΟ ΠΑΙΔΕΙΑΣ ΚΑΙ ΘΡΗΣΚΕΥΜΑΤΩΝ

[O ensino público no Brasil: ruim, desigual, estagnado](#)

[Com fardas de escola pública, adolescentes são flagrados assaltando motociclista em Messejana](#)

[Escola militarizada é nova aposta para rede pública do DF](#)

[Demitido por Bolsonaro, Vélez diz que entrega MEC 'com a casa em ordem'](#)

[Escola pública brasileira ainda é excludente, dizem especialistas em debate do UMBRASIL](#)

["Professor herói: os desafios de ensinar nas escolas públicas"](#)

[MEC contraria discurso e tira verba da educação básica, além de faculdades](#)

["As universidades devem ficar reservadas para uma elite intelectual", diz ministro da educação](#)

[O ingresso à Universidade e as dificuldades do Ensino público no Brasil](#)

[Para melhorar, ensino público brasileiro precisa mais do que investimentos](#)

[O sucateamento do sistema de ensino público brasileiro](#)

[Ensino público no brasil-um dos piores do mundo](#)

[A resistência sem tréguas pela sobrevivência do ensino público](#)

[Globo lança campanha pela qualidade do ensino público no Brasil](#)

[Qualidade do ensino público piora](#)

[Privatização do ensino público no Brasil. Uma boa pedida?](#)

[Cenário da educação básica no Brasil é alarmante, aponta Ideb](#)

[Precarização do ensino público](#)

[Falar que se passa fome no Brasil é uma mentira, diz Bolsonaro](#)

[Ensino público no país piorou, avaliam brasileiros em pesquisa CNI](#)

[Governo Bolsonaro vê universidade como estorvo público, diz reitor](#)

['No Brasil, não existe racismo', diz Mourão sobre assassinato de homem negro em supermercado](#)

[Abraham Weintraub diz que universidades federais "têm cracolândia"](#)

[Bolsonaro sobre vacina da Pfizer: 'Se você virar um jacaré, é problema seu'](#)

[Minoria barulhenta é quem pede adiamento do Enem, diz ministro da Educação...](#)

[Ministra da Agricultura diz que Brasil não tem problemas de abastecimento por causa da pandemia](#)

[Bolsonaro diz que Brasil e China não têm problema nenhum. Presidente disse que pode pedir auxílio ao país contra o Covid-19](#)

[Vereador diz que Carnaval é culto a orixás com dinheiro público e fonte de lucro para tráfico e prostituição](#)

[Se Brasil não tiver voto impresso em 2022, vamos ter problema pior que os EUA, diz Bolsonaro](#)

[Após prisão de deputado aliado, Bolsonaro pede que continue “tudo em paz”](#)

[Bolsonaro diz não se lembrar de vizinho suspeito de matar Marielle](#)

[Em meio à pandemia, CBF decide manter o futebol no Brasil: "Não há contaminação dentro de campo"](#)

[Ministro da Saúde diz que falta de oxigênio em Manaus foi causada por problemas na rede de gás](#)

[Ministro da Economia diz que retorno do auxílio emergencial pode bloquear orçamento](#)

[Ideologia de gênero é coisa do capeta, diz Bolsonaro](#)

[Ministro da Educação diz ser a favor da volta de aulas presenciais: 'Não podemos achar que só se pega o vírus dentro da escola'](#)

[Prisão de Daniel Silveira 'não tem valor jurídico e legal', diz líder na Câmara](#)

[Dameres diz que menina de dez anos estuprada deveria ter feito cesárea](#)

[\[VÍDEO\]“Lockdown não funciona”, diz prefeito Clésio Salvaro](#)

[Marina Silva afirma que considerar ex-presidente Lula corrupto](#)

["Salário de engraxate", diz vereador que recebe quase R\\$ 6 mil por mês](#)

[Hoje é dia de “SuperLula”, segundo William Bonner](#)

[É guerra, tem que jogar pesado com governadores, diz Bolsonaro a empresários](#)

[Em discurso sem menção a Biden, Trump diz que EUA não adotarão lockdown](#)

[Mourão diz que presidente da França desconhece produção da soja no Brasil](#)

[Turbulência é o estado normal da política haitiana, diz Heleno sobre assassinato de presidente](#)

[Bolsonaro diz que ato com participação de Pazuello não foi político](#)

[Flávio Bolsonaro se diz ‘perseguido’ por Renan Calheiros](#)

[Pedro Bial diz que só entrevista Lula ao vivo se ex-presidente usar detector de mentiras](#)

[Pazuello diz a aliados que sofreu pressão de Lira e Ramos para liberar dinheiro ao centrão](#)

[Ministro confirma reunião com filho '04' de Bolsonaro, mas diz que não sabia quem era](#)

[Bolsonaro diz que Eduardo Leite está 'se achando o máximo' ao se assumir gay](#)

[Presidente da Fundação Palmares chama movimento negro de 'escória maldita'](#)

[Regina Duarte diz que cloroquina 'tem salvado vidas' e incentiva o seu uso contra a Covid](#)

[Sergio Moro diz que Bolsonaro pressionou para controlar PF do Rio: "Quero apenas uma superintendência"](#)

["Jamais me colocaria contra meu 'patrão'", diz Silvio Santos sobre Bolsonaro](#)

[Bolsonaro comenta morte de Lázaro: "CPF cancelado"](#)

[Bolsonaro comete gafe ao minimizar pandemia e diz ser 'infectável'](#)

[TV Record diz ser calúnia que esteja fazendo campanha para Jair Bolsonaro](#)

[Chú, jogadora da Seleção: "Paulo Gustavo foi pro inferno"](#)

[Flordelis diz que há interesse político e religioso em sua prisão](#)

[Governo diz que resultado do PIB demonstra "acerto" da política econômica](#)

[Filho mais novo de Bolsonaro diz que pode entrar para a política](#)

[Queiroga diz que Copa América não vai exigir vacinação para jogadores](#)

[Bolsonaro diz que Lula está rodando país negociando cargos e critica Barroso](#)

["Lula é o maior corruptor da história brasileira", afirma Ciro](#)

[Não é 'problema' do MEC, diz ministro sobre desigualdade de ensino durante pandemia](#)

[Bolsonaro diz que CPI se ilude achando que vai derrubar governo](#)

[Ramos diz que partidos aliados ao governo saíram vitoriosos das eleições](#)

[Se Lula chegar ao poder em 2022, Forças Armadas não criarão qualquer impedimento ou dificuldade, diz Jungmann](#)

[Líder do governo na Câmara diz que "só professor não quer trabalhar na pandemia"](#)

[Aliados do governo dizem que prisão de ex-diretor do Ministério da Saúde é nula, e](#)

[Sem máscara, Bolsonaro debocha: 'Sou imorrível, imbrochável e incomível'](#)

[Governador do AM diz que não irá depor na CPI porque está vacinando a população](#)

[Ministro da Educação diz que 'homossexualismo' vem de 'famílias desajustadas'...](#)

[Osmar Terra defende a imunização de rebanho e diz que a quarentena é ineficiente](#)

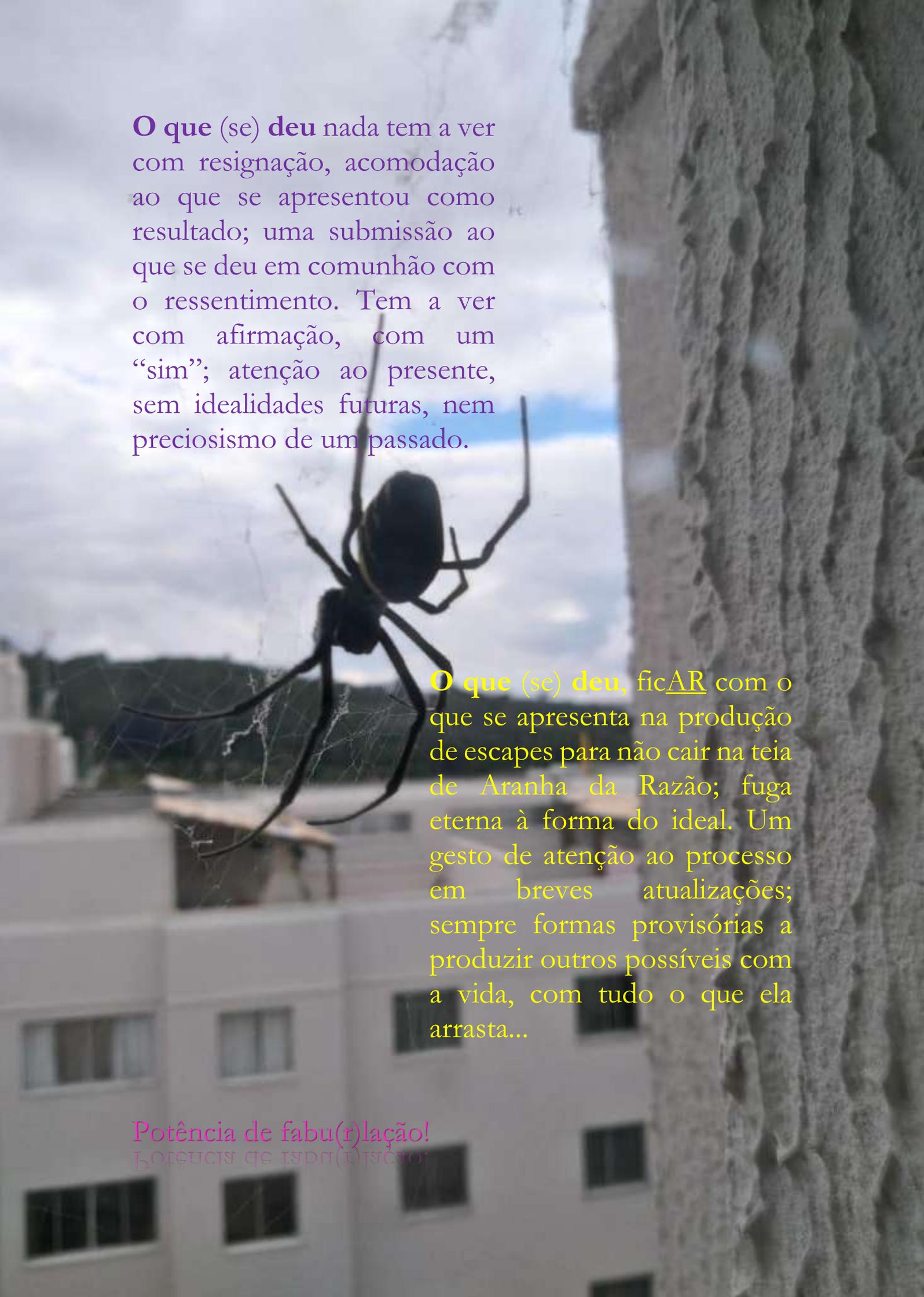
[Mourão diz que Bolsonaro deve escolher outro candidato a vice para 2022](#)

[Secretária de Educação de Varginha: "Não vamos apoiar birrinha de professores"](#)

[Governo diz que orçamento o impede de cumprir lei que direciona uso do Fust para escolas](#)

['Lamentamos as mortes, mas, apesar de tudo, o Brasil vai bem', diz Bolsonaro ao comentar PIB](#)

[Pazuello diz que Bolsonaro "fala o que vem na cabeça", mas não deu ordens sobre pandemia](#)

A black spider is positioned in the center of the frame, clinging to its intricate web. The background is a soft-focus view of a multi-story building with several windows, set against a sky with light, wispy clouds. The overall tone is contemplative and somewhat somber.

O que (se) deu nada tem a ver com resignação, acomodação ao que se apresentou como resultado; uma submissão ao que se deu em comunhão com o ressentimento. Tem a ver com afirmação, com um “sim”; atenção ao presente, sem idealidades futuras, nem preciosismo de um passado.

O que (se) deu, ficAR com o que se apresenta na produção de escapes para não cair na teia de Aranha da Razão; fuga eterna à forma do ideal. Um gesto de atenção ao processo em breves atualizações; sempre formas provisórias a produzir outros possíveis com a vida, com tudo o que ela arrasta...

Potência de fabu(r)lação!
Potência de ispu(r)lação!

Nos anos Iniciais do Ensino Fundamental, não tive muitas dificuldades; o método pelo qual aprendi as quatro operações e as noções matemáticas, lembro-me, foi suficiente para que tivesse êxito. Porém, quando passei para os anos finais, as dificuldades começaram a aparecer; não cheguei a ser reprovada, mas pela primeira vez a temida nota vermelha pintava meu boletim escolar. Essa disciplina, o “monstro matemática”, passou a ser aquela em que eu deveria me esforçar para somente não ir com vermelho. Durante muito tempo, nossa relação foi de muita repulsa e medo. Na graduação, as coisas melhoraram um pouco; minhas perspectivas aumentaram e me vi disposta a aprender. Mas, a realidade da sala de aula é bem diferente daquilo que vivenciamos na graduação. Eis minha primeira experiência: ensinar Português e Matemática para alunos com dificuldades de aprendizagem, de modo que não reproduzisse o modelo de estudo trabalhado com eles na sala de aula tradicional. Um grande desafio! Hoje, vejo que fracassei... O tempo passando e os estranhamentos aumentando; novos conhecimentos chegando e algo começou a pulsar. Acredito que deva ser assim com todo profissional que quer fazer o melhor. O desejo de buscar algo que atendesse às necessidades de meus alunos me fez querer buscar, mais e mais. Em 2013 iniciei uma Especialização em Educação no Ensino Fundamental. O curso abrangia todos os conteúdos e debatia temas importantes para a educação. Infelizmente, criei expectativas que não foram atendidas. Pensei que conheceríamos, na prática, meios de ensinar que facilitariam nosso trabalho na sala de aula. No entanto, discutimos sobre temas relacionados à formação de professores, que hoje entendo eram necessários, mas naquele momento me frustraram. Com o dia a dia, e vivenciando a sala de aula com outros professores, novas experiências vão se somando à nossa prática e nos proporcionando possibilidades ao ensinar. Mas o cotidiano da sala de aula, de quem precisa atuar em dois turnos, duas escolas diferentes, geralmente, são desgastantes. O tempo para a criatividade e para o planejamento ficam achatados e a vontade de fazer a diferença e o diferente vão ficando em segundo plano. Muitos problemas presentes na escola vêm diretamente ao nosso encontro, dificultando ainda mais nossa “missão”.

Deleuze toma o cinema – numa relação entre o clássico e o moderno – em um encontro com problemas que dão a pensar, essencialmente, o movimento, o corpo, o pensamento, a imagem, a narração, o tempo... Nesse encontro com a arte do cinema, coloca em evidência a crise do ideal de verdade como valor superior à própria vida; exercita um modo de atravessAR a fronteira entre a verdade e o falso para liberá-la desse modelo de verdade e convertê-la em séries de potências do falso. Isso nada tem a ver com a anulação da fronteira, mas com a afirmação do poder de transmutação do falso quando elevado à sua mais alta potência; de tornar “indecidíveis” ou “inextricáveis” a verdade e o falso; de constituir lendas, de fabu(r)lar entre fronteira.



Diante de um resultado no boletim escolar, a surpresa: I de insatisfatório!? Mas eu sempre fiz tudo que a senhora pediu, professora. Por que me deu I? O I é para entender que não basta fazer as atividades, tem que ficar quieto nas aulas. É preciso ter disciplina, senão não tem aprendizagem! Não me formei professora para dar aula para aluno que não quer estudar. Seu conceito é I e ponto!

O que pode um “I” na educação?

O que pode um “I” no processo formativo?

mil palavras¹²³, e tantas outras com I, para dar a pensar movimentos que impulsionam, invadem, intensificam os fluxos que atravessam e são atravessados por um dos campos mais Intenso, Instituído e Institucionalizado: o campo da educação.

O que fazer quando não se sabe o que fazer? O que fazer quando se habita um território desconhecido? O que fazer quando quanto mais segurança se busca, mais a Insegurança se afirma? O que fazer quando um saber é questionado? O que fazer quando se busca um Ideal de educação? O que fazer quando se perturba um modo de ser professora e professor? O que fazer quando uma formação não assegura o que fazer? O que fazer?

Como se sabe como alguém aprende?
COMO SE SABE COMO ALGUÉM APRENDE?

¹²³ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/palavras-com-i/>.



imprescindível inerente impressão implícito iminente inconveniente intrinsecamente
inspiração independente inferir inserção indiferente incidência ingerência inusitado
imputar imensurável impávido inato incumbência interesse instância intervenção
isenção ideia intensidade imanente idiota incólume itinerário inefável imparcial
indubitável importante imersão incauto intransigente impertinente intenso inércia
indagar impugnar invariância indivíduo intenção imponente indolente identificar inspirar
intercorrência interação imutável ignóbil influência incitar incisivo imprevisível
insensato insalubre intempestivo impacto indispensável infligir inteligível incômodo
incomensurável ignorante integridade inaudível insipiente intermediário impelir impasse
inconstante irreduzível imputável implicar inevitável incoerência instituição indeferido
irrefutável insano inimizade infâmia intimidade impreterivelmente interstício instante
inútil importunar indignado indissociável imbricado inoportuno intelectual isonomia
ideologia instante inconstitucional integral instruir injúria intemporal inteligente
intensificar imprevisto implicar inventar ...

Manhã de terça. 7h. A agitação logo cedo promove uma inquietação. As salas ainda desorganizadas, solicitava uma certa ordem para que tudo pudesse acontecer dentro do tempo estabelecido: 7h. Carteiras, *notebooks*, corpos, imagens, canetas, lápis, borrachas, balas, garrafas d'água, celulares, cadernos, copos de café, carteiras, *notebooks*, corpos, imagens, canetas, lápis, borrachas, balas, garrafas d'água, celulares, cadernos, copos de café e... pronto: 07h30. Tudo organizado! Por onde começar? Pelo começo! Pela ordem dos nomes. Pelo alfabeto, letra A. Então, comecemos! André, Daniel, Fabrício, Geraldo, Helaine, Isabel... Margarida, Nivalda... Zenaide. Gente, não me lembro do Geraldo. Veja a foto dele. Claro! Como pude me esquecer?! Geraldo chegou ano passado. Os pais se separaram e desde então ele não foi o mesmo. Somos sempre os mesmos? Comigo o Geraldo continua o mesmo: desinteressado, calado, voa o tempo todo. Nas minhas aulas ele participa. Mas quem não participa das suas aulas? Educação Física é moleza. Quero ver nas aulas de Matemática. Nas minhas aulas ele também participa. Na última atividade que fizemos em sala, ele participou bastante. A atividade proposta foi um bingo, mas um bingo um tanto diferente. As pedras eram cantadas não em números, mas em problemas. Eles tinham que resolver, encontrar o resultado e localizar na cartela. Foi uma aula bem interessante. Acharam difícil, mas gostaram. Trabalhamos vários conceitos matemáticos. Aula assim, quem não gosta! A matemática te dá possibilidades para fazer uma aula diferente, mas História não. Como não?! Você pode brincar com a linha do tempo, com a identificação dos séculos, com os calendários. Eu tenho uma atividade boa com calendários. Gente, estamos nos perdendo. Vamos voltar para o que nos interessa. Isabel... Preciso que, quando disser o nome do aluno, olhem imediatamente a imagem para se lembrarem da pessoa. Nossa! A Isabel? Precisamos de um Conselho só para ela. O que essa menina está pensando da vida? Só sabe ficar no celular, a aula toda; não faz as atividades, atrapalha a turma com suas piadas sem graça. Será que estamos falando da mesma pessoa? Ela participa de todas as minhas aulas. Das minhas,

também. Das minhas aulas ela não participa não; sempre tem uma desculpa para não ter feito as atividades para casa. E as notas dela? Por incrível que pareça, tem excelentes notas. Então, ela é uma aluna que se destaca em notas? Sim! Mas não se destaca em comportamento. Então não vamos colocar o nome dela na lista de “alunos-referência”. Concordam? Zenaide... Essa sim é uma aluna exemplar. Se todos fossem como ela, não teríamos problema. Eu não gostaria de ter uma turma só de Zenaides; uns André, Daniel, Isabel sempre tornam as aulas mais interessantes; aulas imprevisíveis. Eles quebram um pouco a dureza de uma aula. Por mais que a gente queira correr com o conteúdo para cumprir o programa do currículo, quando eles se manifestam, algo diferente acontece. Um respiro, sabe?! Nós não podemos fazer isso, mas podemos permitir que eles façam. Concordo com você. Quantas vezes pedi em silêncio que se manifestassem, pois a aula estava cansativa, chata mesmo, nem eu estava me suportando. Mas o programa precisa ser cumprido e nos orientamos por ele. Sabe o que me assusta? Esse é o nosso primeiro Conselho e estamos falando como se estivéssemos no último. Esses meninos me fazem, a todo momento, repensar minha função de professora; minha formação. Gente, precisamos focar, senão não vamos conseguir terminar todas as turmas hoje. Temos 8 turmas e ainda estamos na primeira, já são: 9h15 e 9h30 vamos parar para o café. 12h... Vamos ter que deixar as 4 turmas restantes para um outro dia da próxima semana. Quem pode quarta à noite?

A doutora ainda falava, Tuda continuava muda, obstinadamente muda. Uma nuvem tapou o sol e o escritório de repente sombrio e úmido. Daí a um instante o floco de poeiras recomeçou a brilhar e a mover-se. E conselheira impacientou-se ligeiramente. Estava cansada. Trabalhara tanto... Tuda pensava confusamente: vim perguntar o que faço de mim. Mas não sabia resumir seu estado nessa pergunta. Além disso, receava cometer uma excentricidade e ainda não se habituara consigo mesma¹²⁴

¹²⁴ LISPECTOR, 2016.

“Se consideramos a história do pensamento, constatamos que o tempo sempre pôs em crise a noção de verdade. Não que a verdade varie conforme as épocas. Não é o mero conteúdo empírico, é a forma, ou melhor, a força pura do tempo que põe a verdade em crise. (...) temos um tempo crônico, não-cronológico, que produz movimentos necessariamente ‘anormais’, essencialmente ‘falsos’” (DELEUZE, 2013, p. 159).



Imagem-cristal

Em seus estudos com Cinema, Deleuze se ocupa com duas particularidades que envolvem a questão do tempo – a **imagem atual do presente que passa e a imagem virtual do passado que se conserva** – entre presente-passado, atual-virtual. Apresenta uma relação simultânea a partir de um ponto de indiscernibilidade entre atual-virtual e o denomina imagem-cristal. Nessa relação, atual e virtual coexistem, formando um circuito que sempre retorna; não se trata mais de uma atualização, mas de uma cristalização.

Em **A imagem-tempo**, Deleuze traz para discussão a ideia de cristais do tempo numa relação entre a imagem atual e sua imagem virtual correspondente: **um duplo ou “reflexo”**. Em uma linguagem bergsoniana, há coalescência entre o objeto real que se reflete em uma imagem especular, que, por sua vez e ao mesmo tempo, reflete o real. Um jogo na formação de uma imagem bifacial, envolvendo atual e virtual; um movimento duplo de liberação e de captura em um circuito que sempre retorna.

“Os dois aspectos do tempo, a imagem atual do presente que passa e a imagem virtual do passado que se conserva, distinguem-se na atualização, tendo simultaneamente um limite inassinalável, mas intercambiam-se na cristalização até se tornarem indiscerníveis, cada um apropriando-se do papel do outro”¹²⁵.

Diz Deleuze que o espelho, em particular os espelhos venezianos – status de obra de arte e sem qualquer pretensão de assumir uma função específica – é o caso mais conhecido para se pensar o duplo movimento de liberação e captura, entre atual-virtual, na formação da imagem-cristal que se dá neste ponto de indiscernibilidade.

“A imagem-cristal é certamente o ponto de indiscernibilidade de duas imagens distintas, a atual e a virtual, enquanto o que vemos no cristal é o tempo em pessoa, um pouco de tempo em estado puro, a distinção mesma entre as duas imagens que nunca acaba de se reconstituir. Por isso há diferentes estados do cristal, conforme os atos de sua formação e as figuras que nele vemos”¹²⁶.

¹²⁵ DELEUZE, 1998, p. 124.

¹²⁶ DELEUZE, 2013, p. 103.

A imagem-cristal nada mais é que um jogo entre o atual e o virtual no qual as faces se tornam indiscerníveis; numa troca infundável com esse duplo – que não se confunde – que a todo momento provoca confusão. Assim, a única forma de jogar esse jogo consiste na afirmação do devir; um relançar em experimentações com as múltiplas e infinitas facetas que dão a ver no espelho, na imagem-cristal.

“A imagem-cristal não é o tempo, mas vemos o tempo no cristal. O cristal é o estado último da problemática da experiência "real", apresentando-se como um aprofundamento do conceito de devir. Confirma, em primeiro lugar, que num devir qualquer (devir-animal, devir-mulher etc.), não é o término que é buscado (o animal ou a mulher que nos tornamos), mas sim o próprio devir, ou seja, as condições de um relançamento da produção desejante ou da experimentação”¹²⁷.

A constituição da imagem-cristal corresponde à operação mais fundamental do tempo, em sua cisão. A imagem-cristal é uma percepção do tempo, sua gênese e desdobramento. O que se vê no cristal “é sempre o jorro da vida, do tempo, em seu desdobramento ou diferenciação”¹²⁸. O que se vê é a “perpétua fundação do tempo, o tempo não cronológico dentro do cristal”¹²⁹. **Potência do falso!**

“A maioria das aranhas usa veneno para matar suas presas. Na ponta das garras ficam duas estruturas semelhantes a seringas, ocas e pontiagudas, usadas para picar o corpo da presa e injetar o veneno, que é produzido em glândulas especiais. Seu aparelho respiratório funciona por meio de pulmões (pulmões foliares) e por traqueias. Existem aranhas que têm apenas pulmões e aranhas que têm apenas traqueias. As aranhas possuem circulação de sangue em seu organismo. O coração situa-se na parte dorsal do abdômen”.

Fiocruz. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/bis/infantil/aranheidos.htm>

¹²⁷ ZOURABICHVILI, 2004, p. 18.

¹²⁸ DELEUZE, 2013, p. 113.

¹²⁹ Ibid, p. 102.

A photograph of a spider on its web, with a purple flower in the foreground. The spider is positioned in the upper right quadrant, and the flower is in the lower left. The background is a soft, out-of-focus grey. The text is overlaid on the image in yellow and blue colors.

Uma formação sem compromisso com o ideal de verdade; que põe em questão, problematize a noção e vontade de verdade nesse processo de constituição docente; que se põe a ficcionAR, a fabu(r)lar; abertura aos afetos e efeitos dos exercícios de experimentações, em movimentos essencialmente "falsos"; que eleve o falso à sua potência criativa;

“pois o falso deixa de ser mera aparência, ou até mesmo mentira, para atingir esta potência do devir que constitui as séries ou os graus, que transpõe os limites, efetua as metamorfoses, e desenvolve sobre todo seu percurso um ato de constituir lenda, fabulação” (DELEUZE, 2013, p. 327).

Curitiba, abril de 2018. Noite fria de quarta-feira. Escola Pública. Escola com regras rígidas que servem para manter uma certa ordem; um certo controle. Com uma lista de proibições, quase não se tem espaço para as “permissões”. Uma das proibições tem a ver com o uso do celular¹³⁰ na escola, que pode ser manipulado, apenas, com autorização. O descumprimento das regras implica em punições. Naquele dia, parece que a regra fora retirada da lista. Fim de tarde, uma aula se dava em discussões intensas, quando um assunto sobre manifestações, das diversas ordens e esferas, causou um desconforto muito grande em um grupo de alunos. O professor seguiu com as discussões e foi bombardeado por perguntas que mais pareciam um interrogatório a fim de descobrir sua opinião sobre a questão colocada. O professor enfatizou o uso da violência, exercida pela força do Estado, para conter as manifestações. Uma repressão nomeadamente política, característica de regimes de força como o autoritarismo. E continuou dizendo da correlação de forças entre Estado e Sociedade Civil, no seu fortalecimento de ambos os lados. Entrou em defesa de uma Sociedade Civil organizada como um modo potente de transformação social. Um outro grupo de alunos sustentava as discussões e parecia estar envolvido com a aula. Faltava pouco para seu término, quando uma aluna pediu a palavra e começou a relatar sobre o brutal assassinato da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco. Seu discurso começou assim: mulher, negra, mãe, da favela, bissexual, socióloga, política, feminista, defensora dos direitos humanos, militante, forte, presente, **MULHER NEGRA BISSEXUAL DA FAVELA** (o tom de sua voz foi ficando cada vez mais alto e forte). Uma mulher que incomodava. Está ou não está justificada sua morte? Outra aluna interrompeu sua fala: cuidado com as palavras! Olha onde estamos! Alertas não calaram uma voz que parecia ter muito a dizer. Cuidado?! Retomou o lugar de fala. Por que não podemos falar sobre isso? Por que a escola não participa disso? Qual a função da escola? O que estamos fazendo aqui

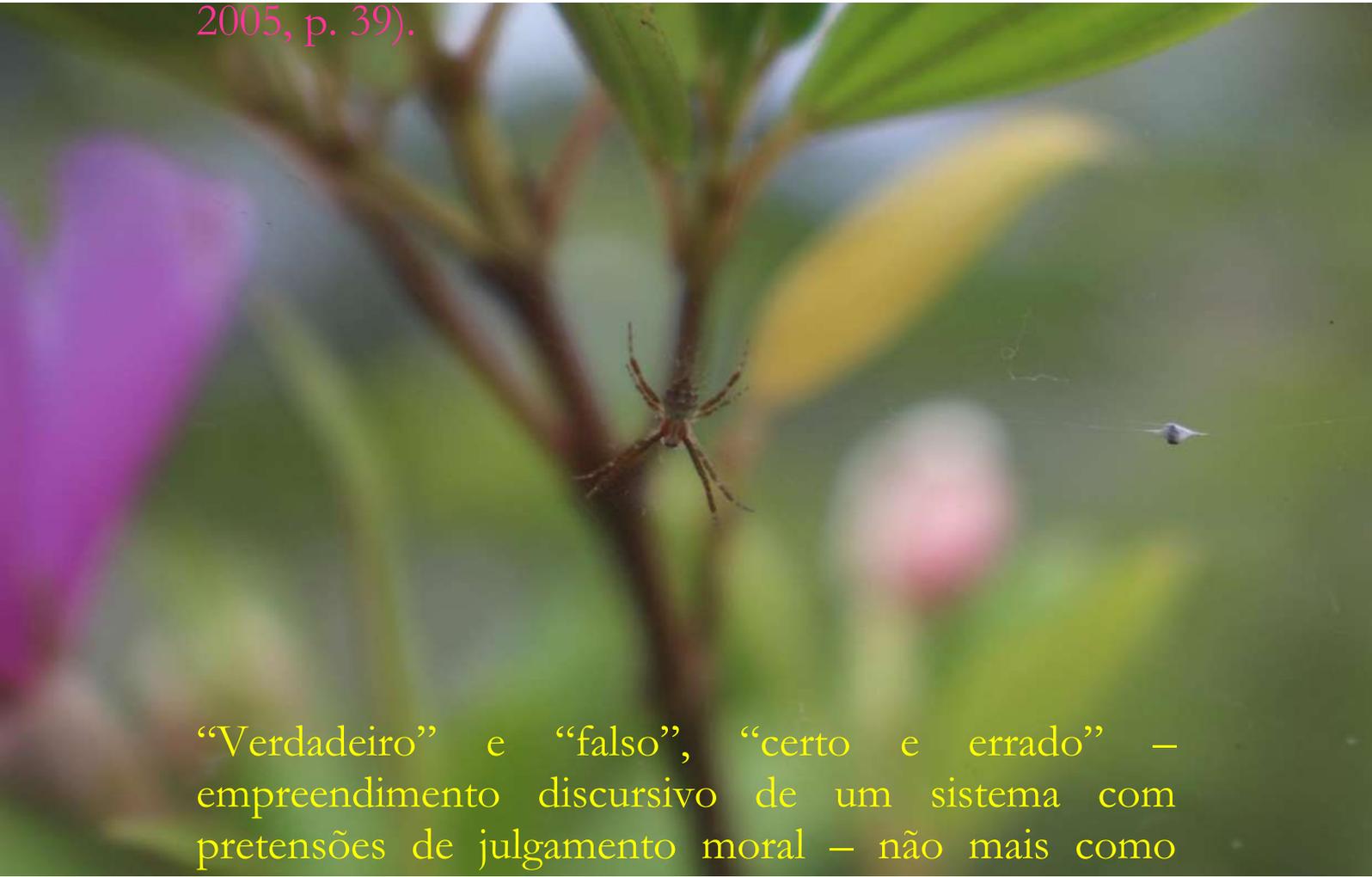
¹³⁰ PROJETO DE LEI N.º 2.246-A, DE 2007 (Do Sr. Pompeo de Mattos). Art. 1º - Fica proibido o uso de telefone celular nas escolas públicas do país. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=517286.

se não podemos dizer o que pensamos? Se não for na escola, onde mais poderemos ter esses momentos de discussão? Em casa? Nunca! Por que os professores não podem se posicionar? Por que temos que nos calar diante desses acontecimentos? Por que aceitamos calados a tudo isso? Por que...? Nesse momento, as vozes se confundiam frente à agitação da sala de aula e já não foi mais possível escutar o que estava sendo dito. A voz do professor foi abafada pela voz da turma que parecia ter resolvido se manifestar de uma única só vez. No final desta gravação, feita por uma aluna, com seu celular, dava para escutar apenas as seguintes palavras, quase um sussurro: **tinha que morrer mesmo!** No outro dia, a cadeira preta, ocupada pelo professor, encontrava-se vazia...

“Os pelos das aranhas não causam somente arrepios aos que tem fobia só de olhar um animal com muitas patas. São elementos importantes e de vital importância em sua sobrevivência. Os pelos funcionam como sensores de deslocamento de ar. As aranhas possuem hábitos diurnos e noturnos. A maioria das aranhas têm 8 olhos. Algumas têm 6, 4 ou 2 olhos, ou mesmo nenhum. Algumas aranhas de caverna são cegas. As espécies noturnas, onde estão as caramujeiras, possuem a visão deficiente e não reconhecem pessoas como agressores. A agressividade existe quando um conjunto de situações informa ao animal que ele está vulnerável, ali existe uma presa. Estas reações envolvem, principalmente, movimentos bruscos, deslocamentos repentinos de ar, qualquer situação que envolva manuseio, contenção ou captura”.

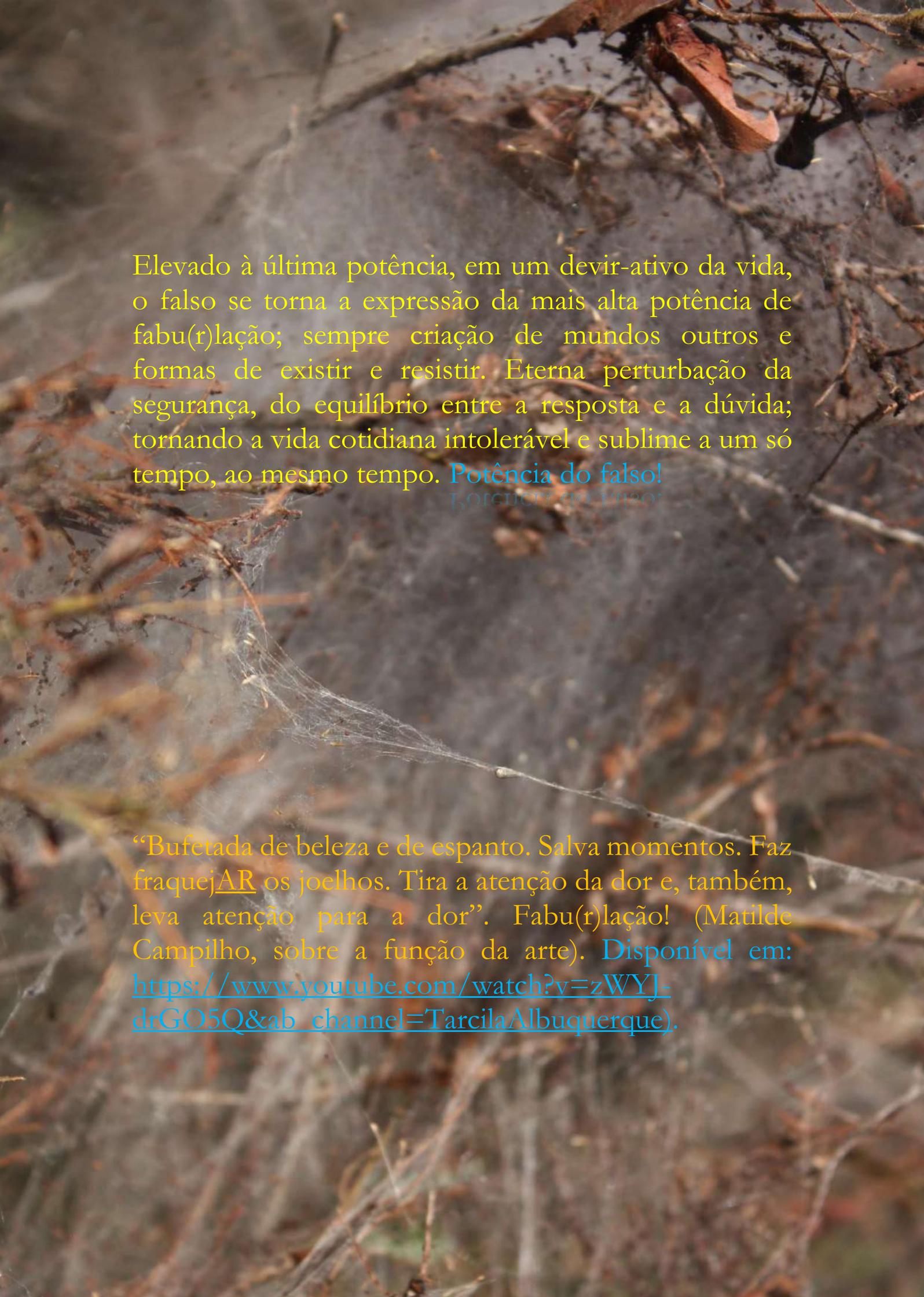
Fiocruz . Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/araneideos.htm>

“(…) o que nos obriga a supor que há uma oposição essencial entre ‘verdadeiro’ e ‘falso?’” (NIETZSCHE, 2005, p. 39).

A photograph of a spider on a branch with a web in the background. The spider is positioned in the center of the frame, clinging to a dark brown branch. The background is a soft-focus green and purple, suggesting a natural outdoor setting. A thin web is visible on the right side of the image.

“Verdadeiro” e “falso”, “certo e errado” – empreendimento discursivo de um sistema com pretensões de julgamento moral – não mais como oposição, mas zona de indeterminação, indiscernibilidade. Fabu(r)lação entre fronteira ; efeitos de uma vida elevada ao mais alto grau de transmutação, à mais alta potência afirmativa. ARriadne-Dionísio. Dupla afirmação!

O telefone toca antes das 7h. Oi. Bom dia! Desculpa o horário. Ligo apenas para avisar que estou deixando meu cargo. Não dou conta! Ser professora não é como sempre imaginei. Esse tipo de trabalho não é para mim. Estou angustiada, apenas com dois meses de trabalho. Estou adoecendo: não durmo, não me alimento bem. Meus dias têm sido para a escola. Planejar aulas, corrigir provas, dar conta de alunos, de pai de aluno. Nunca mais quero pisar em uma escola. Estou traumatizada. Tempos de estudos perdidos na minha vida. Recém-formada e sem qualquer perspectiva. Como vocês conseguem? Qual a receita? Você, há vinte anos nessa profissão, nunca adoeceu? Já pensou, em algum momento, abandonar a docência? Eu, mal comecei, já estou abandonando. Melhor, fugindo do tal ofício de ser professora. Fiquei pensando nos meus alunos. Como, até o final do ano, eles saberiam tudo aquilo que o currículo da escola diz que têm que aprender? E se não aprenderem? A culpa será toda minha, com certeza. Por mais que o discurso da escola seja outro, na prática não é o que acontece. Quando os pais começarem a reclamar e o *ranking* da escola cair nas avaliações externas, terei que responder pelo fracasso. Não saberei lidar! Por isso há um adoecimento crescente, de acordo com várias pesquisas que tenho lido, dessa profissão, ou melhor, das pessoas que exercem essa profissão de professor. Talvez o mesmo não aconteça com todos os professores. Os universitários, por exemplo, é outro tipo de trabalho. Muito mais tranquilo que trabalhar na escola, além de receberem muito bem. Mas até chegar lá, terei que passar pelo mestrado, doutorado, processo seletivo ou concurso. Não! Não estou disposta. É muito tempo para tão pouco. Não preciso e não mereço passar por mais isso. Aumentar ainda mais minha ansiedade e angústia. Daqui a muito pouco tempo, essa profissão não vai mais existir. Algumas faculdades estão acabando com as licenciaturas. Os cursos técnicos são mais rentáveis e menos exigentes. Bom, talvez voltar para o comércio seja a melhor alternativa nesse momento. De pensar que fiz uma Especialização, junto com a graduação, para me tornar mais capaz e qualificada. Prefiro não ficar pensando nisso, enfim... Desculpa! Liguei apenas para dizer que não vou mais voltar para a escola. É demais para mim. Demais!

A close-up photograph of a spider web on a branch, with a quote overlaid in yellow and blue text. The background is a blurred natural setting with brown branches and leaves.

Elevado à última potência, em um devir-ativo da vida, o falso se torna a expressão da mais alta potência de fabu(r)lação; sempre criação de mundos outros e formas de existir e resistir. Eterna perturbação da segurança, do equilíbrio entre a resposta e a dúvida; tornando a vida cotidiana intolerável e sublime a um só tempo, ao mesmo tempo. Potência do falso!

FORÇANDO O FALSO!

“Bufetada de beleza e de espanto. Salva momentos. Faz fraquejar os joelhos. Tira a atenção da dor e, também, leva atenção para a dor”. Fabu(r)lação! (Matilde Campilho, sobre a função da arte). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zWYJ-drGO5Q&ab_channel=TarcilaAlbuquerque).

“Professor, gostaria de conseguir dar uma aula como Dylan organiza uma canção, surpreendente produtor, mais que autor. E que comece como ele, de repente, com sua máscara de palhaço, com uma arte de cada detalhe arranjado e, no entanto, improvisado. O contrário de um plagiador, mas também o contrário de um mestre ou de um modelo. Uma preparação bem longa, mas nada de método nem de regras ou receitas”¹³².

Fim de tarde, quinta-feira. Outono. Uma aula de matemática havia sido planejada para este dia. E outra aula e outra e outra e e e... Uma aula invade a outra, que invade outra, que invade a outra, que... Havia um lugar. Um território institucionalizado. Formação! Uma aula em muitas. Um encontro *entre* aulas, *entre* alunes, *entre* professores, *entre* cursos, *entre* departamentos, *entre* escolas, *entre* universidades, *entre* vidas. **Uma aula**¹³³! O frio com-vida quem está por ali a entrar rapidamente e se acomodar em algum lugar. O espaço, que era amplo, encolheu-se. O vento frio que se deixava sentir, foi se esvaecendo com o calor dos corpos. Pós-Graduação. Produção do conhecimento. Direito de viver. Desafios da educação. Atual conjuntura. Alguns números: 16, 30, 18, 05, 02, 19. Indeterminação política. Por que e para quê pesquisar? Insensatez, estupidez, insanidade. Crise estrutural. Regulação. Mercado, qual o seu papel na política? Produção de um conhecimento potente. Lutar! Todos pela educação? Educação para todos! Que Educação? Medo. Resistência. Armadilha. Coletivo. Força! Direito de existir. Universidade. Escola. Ensino público? Tudo é mercado! Ensino privado. Currículo? Suspeitar...

“É preciso de coragem, essa é a nossa tarefa permanente. Não podemos cair na armadilha do medo. Individualmente temos medo, porque até os animais têm um instinto de proteção quando se sentem ameaçados. A luta contra o medo nos obriga a buscar abrigo no coletivo. E precisamos encontrar uma unidade amparada na diversidade. O nosso grande desafio hoje é construir pontes em uma travessia cada vez mais dura”¹³⁴.

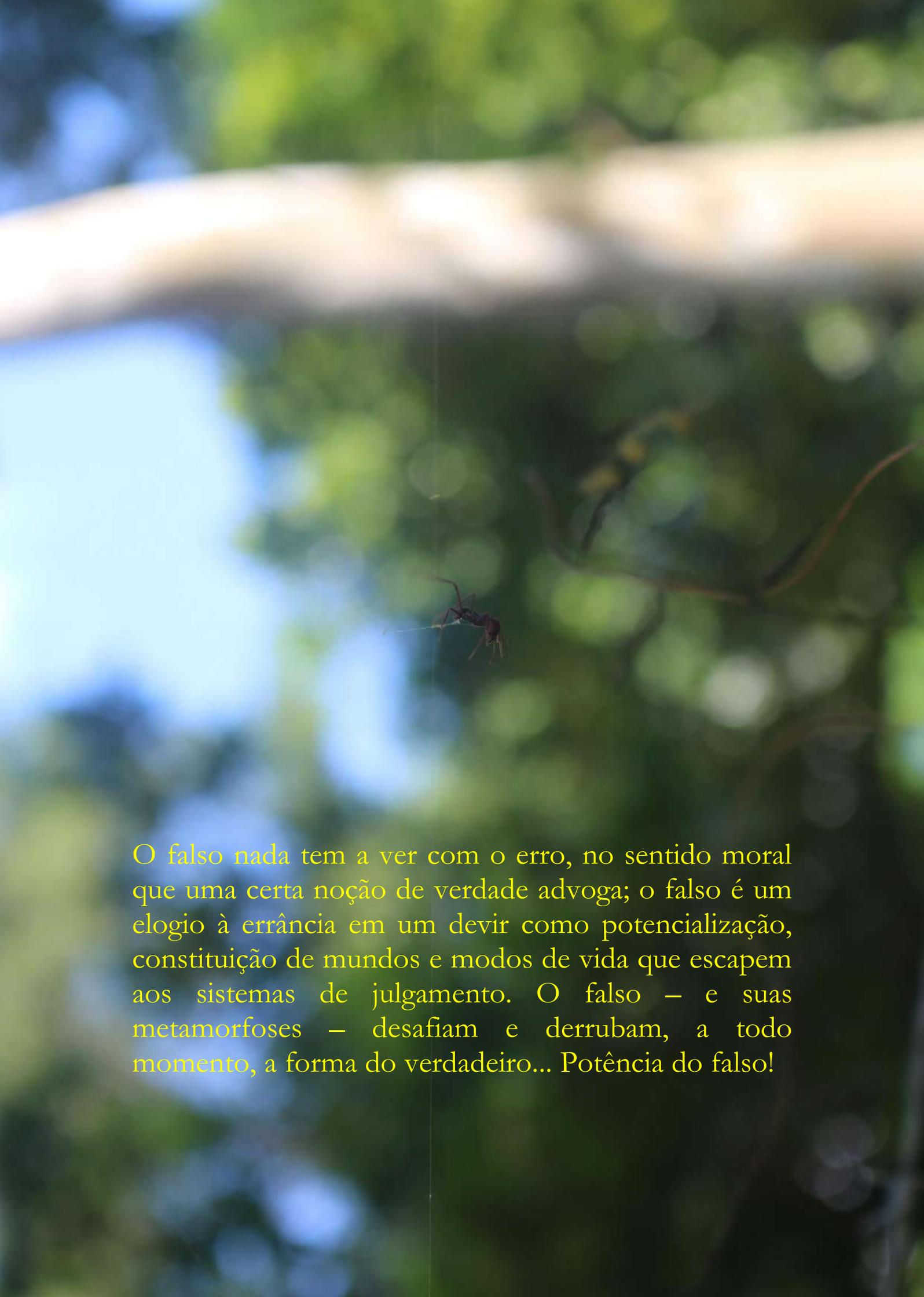
¹³¹ Uma ~~conversa~~ aula, o que é, para que serve? (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 2).

¹³² Ibid, p. 8.

¹³³ Ciência não se negocia, se debate (FRIGOTTO). Disponível em:

<https://www2.ufjf.br/noticias/2019/05/17/ciencia-nao-se-negocia-se-debate-analisa-gaudencio-frigotto/>.

¹³⁴ Idem.

A close-up photograph of a spider on its web, set against a blurred background of green foliage and a bright light source. The spider is positioned in the center of the frame, facing left. The web is a thin, delicate line that stretches across the image. The background is a soft, out-of-focus mix of green and blue, suggesting a natural outdoor setting. A bright, circular light source is visible in the upper right quadrant, creating a bokeh effect. The overall mood is serene and contemplative.

O falso nada tem a ver com o erro, no sentido moral que uma certa noção de verdade advoga; o falso é um elogio à errância em um devir como potencialização, constituição de mundos e modos de vida que escapem aos sistemas de julgamento. O falso – e suas metamorfoses – desafiam e derrubam, a todo momento, a forma do verdadeiro... Potência do falso!

Em grande parte, as professoras que atuam nas salas de aula tiveram, na sua experiência enquanto alunas, professores metódicos, que explicavam e ensinavam de forma tradicional; forma de exercícios de repetição e com o intuito de decorar os conteúdos. Seus professores tinham, na maioria das vezes, professoras centradas em processos metodológicos, com pouca ou quase nenhuma situação de questionamento. Os conteúdos eram apresentados de tal modo que não se podia questionar. Quem nunca ouviu um professor falar: “É assim e pronto! Se você seguir esse caminho, vai dar certo.” Diante desse cenário, muitos alunos passam a não gostar de determinadas disciplinas, isso quando passam a não gostar de estudar; muitas vezes não entendem o processo e nem mesmo compreendem onde poderão usar tal conteúdo da sala de aula. Fico pensando: **como os professores constroem um determinado modelo de aula? Como planejam? Como explicam?** Essas e outras questões só poderão ser respondidas se entendermos como foram as experiências no processo educativo de escolarização destes mesmos professores. **Como eles aprenderam? Como foram ensinados? Por que gostaram de uma disciplina e de outra não? Por que escolheram essa profissão? Quando se tornaram professores? Como se tornaram professores?** Ao conversar com alguns professores que atuam em uma escola da Rede Estadual de Juiz de Fora, pude constatar que todos eles tiveram bons professores que os inspiraram e que os auxiliaram na tomada de decisão pela profissão. Porém, ao conversar sobre suas práticas, os mesmos responderam que fazem muito do que os seus professores faziam, utilizando em vários momentos a mesma metodologia e a mesma forma de ensinar, utilizando o livro didático, o quadro e a explicação oral. O professor deseja compartilhar seus encantamentos, ele quer que seu aluno goste e se apaixone por essa profissão, mas muitas vezes ele não sabe como fazer e repete posturas e metodologias de professores com os quais tiveram contato em sua formação. O professor oferece explicações, ensina como foi ensinado e espera que esse encantamento aconteça; mas, ao repetir seus passos, muitas vezes, vários alunos se perdem no caminho e o tão

desejado encantamento vai se tornando medo, receio e até mesmo pavor. Mas **o que de fato aprendemos? Como aprendemos? Qual o melhor método? Sabemos que todas as habilidades devem ser trabalhadas, mas o que fica para aluno, diante de tantos conteúdos, diante de tantos livros didáticos, diante de tantas cópias e decorebas?** Lembro-me de quando estudava na antiga sétima série, estávamos no recreio conversando e rindo de nossas inquietações enquanto adolescentes; o sino tocou e fomos para sala de aula. O professor chegou, nem nos cumprimentou; estava sempre sério. Pediu para abrimos o livro na página 110, não me esqueço; a única palavra que ele trocou com a turma foi: “façam os exercícios da página 110 a 113 e quero silêncio; ninguém aprende com barulho; vocês precisam se concentrar!”. A alegria da turma, efeitos da hora do intervalo, desfez-se rapidamente. Olhamos uns para os outros; apenas com um olhar já sabíamos o que cada um estava pensando: “essa aula vai durar uma eternidade...”. Os 50 minutos pareciam não ter fim e nós ficamos como máquinas, apenas fazendo exercício de repetição. Não tinha um aluno que gostava das aulas dele, com exceção da Claudinha. O interesse dela não estava na aprendizagem, no processo, mas nos acertos e no reconhecimento. Nunca questionou nenhum conteúdo, desde que conseguisse chegar no resultado esperado, na nota desejada e no reconhecimento do seu esforço. Ficava pensando: **“por que tenho que fazer isso?”**. Hoje, como professora polivalente, vejo várias colegas reclamarem que seus alunos têm dificuldade e me pergunto o porquê de tanta dificuldade. Ouço muitas vezes, como justificativas, que se o aluno não aprende o “português” ele nunca vai aprender a matemática. Isso me preocupa, pois tenho vários alunos nessa situação; se uma é condição para o sucesso da outra, **como fazer para que o aluno não fracasse? Como faço, como professora, para ensinar o caminho menos difícil? Qual metodologia devo aplicar? Qual o melhor método? Qual o método?**



“O mundo não é nem verdadeiro, nem real, mas vivo. E o mundo vivo é vontade de potência, *vontade do falso* que se efetua sob potências diversas. Efetuar a vontade do falso sob uma potência qualquer, a vontade de potência sob uma qualidade qualquer, é sempre avaliar. Viver é avaliar. (...) AfirmAR é ainda avaliar, mas avaliar do ponto de vista de uma vontade que goza de sua própria diferença na vida, em vez de sofrer as dores da oposição que ela própria inspira a esta vida” (DELEUZE, 2018, p. 233).

Devir¹³⁵

DGAIL

Devir, para Deleuze e Guattari, não tem de modo algum um objetivo; nunca tende a um final na busca de um processo para um ser, pois se assim o fosse há muito já teria alcançado seu objetivo.

Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais *próximas* daquilo que estamos em vias de devir, e através das quais devimos.

Devir é o processo do desejo. Um devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco é ele uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação. Toda a crítica estruturalista da série parece inevitável.

Devir não é progredir nem regredir segundo uma série. E sobretudo devir não se faz na imaginação, mesmo quando a imaginação atinge o nível cósmico ou dinâmico mais elevado, como em Jung ou Bachelard.

Os devires-animais não são sonhos nem fantasmas. Eles são perfeitamente reais. Mas de que realidade se trata? Pois se o devir animal não consiste em se fazer de animal ou imitá-lo, é evidente também que o homem não se torna "realmente" animal, como tampouco o animal se torna "realmente" outra coisa.

O devir não produz outra coisa senão ele próprio. É uma falsa alternativa que nos faz dizer: ou imitamos, ou somos. O que é real é o próprio devir, o bloco de devir, e não os termos supostamente fixos pelos quais passaria aquele que se torna.

O devir pode e deve ser qualificado como devir-animal sem ter um termo que seria o animal que se tornou.

O devir-animal do homem é real, sem que seja real o animal que ele se torna; e, simultaneamente, o devir outro do animal é real sem que esse outro seja real.

Enfim, devir não é uma evolução. O devir é involutivo, a involução é criadora. Regredir é ir em direção ao menos diferenciado. Mas involuir é formar um bloco que corre seguindo sua própria linha, "entre" os termos postos em jogo, e sob as relações assinaláveis.

Devir nunca é imitar. Quando Hitchcock faz o pássaro, ele não reproduz nenhum grito de pássaro, ele produz um som eletrônico como um campo de intensidades ou uma onda de vibrações, uma variação contínua, como uma terrível ameaça que sentimos em nós mesmos. E não são apenas as "artes": as páginas de Moby Dick valem também pela pura vivência do duplo devir, e não teriam essa beleza de outro modo. A tarântula é a estranha dança que conjura ou exorciza as supostas vítimas de uma picada de tarântula: mas, quando a vítima faz sua dança, pode-se dizer que ela está imitando a aranha, que se identifica com ela, mesmo numa identificação de luta "agonística", "arquetípica"? Não, pois a vítima, o paciente, o doente não se torna aranha dançante a não ser na medida em que a aranha por sua vez é suposta devir pura silhueta, pura cor e puro som, segundo os quais o outro dança. Devir-aranha da dança, à condição de que a aranha se torne ela mesma som e cor, orquestra e pintura¹³⁶.

¹³⁵ Composição com DELEUZE; GUATTARI, 2012b.

¹³⁶ DELEUZE; GUATTARI, 2012b (Capa livro Mil Platôs 4).

O homem verídico – expressão da mais baixa potência – com o desmoronamento do modelo de verdade, abala-se frente ao nascimento do falsário; potência que se desenvolve na relação com outros falsários, inseparável de uma cadeia. Para Deleuze, o homem verídico, a seu modo, faz parte dessa cadeia de falsários que, por sua vez, só existe numa série de falsários nos quais se metamorfoseia. Assim, está numa ponta como ARtista e na outra como enésima potência do falso – expressão da mais alta potência – cada um se metamorfoseando nos outros, enfrentando-se em toda sua multiplicidade. A potência última do falso que se efetua em metamorfoses do verdadeiro, no lugar de assumir seu modelo, seu valor reativo.

O homem verídico tem gosto pela forma; é um falsário, mas um falsário que “não tem o sentido nem a potência das metamorfoses” (DELEUZE, 2013, p. 178). O homem verídico assegura o empobrecimento da vida, a vê como erro; inventa o erro para negá-lo; revela uma vida já esgotada em toda sua potência de destruição.

Deleuze diz que nem todos os falsários o são no mesmo grau. “Longa é a cadeia de falsários, do homem verídico ao artista. Sem dúvida é por isso que é tão difícil definir ‘o’ falsário, pois não se leva em conta sua multiplicidade, sua ubiquidade, e porque nos contentamos em invocar um tempo histórico e, finalmente, cronológico. Mas tudo muda, do ponto de vista do tempo como devir” (DELEUZE, 2013, p. 162). Potência de transmutação!

fo incita, investiga, incomoda, intensifica, implica, inventa

Sala de aula de uma Universidade Pública. Em um curso de formação. Quinta, à noite. Forma-se um círculo com trinta e três mulheres, professoras de instituições públicas e privadas; em maior número, formação em Pedagogia. Todas de pé, um grupo de alunas dá o comando: *todas devem dizer uma palavra e lançar o barbante para quem desejar! Não são quaisquer palavras. Palavras que tenham alguma relação com a educação. Ah..., não podem soltar o barbante; têm que prendê-lo no dedo antes de arremessar.* Palavras para dizer de uma educação produzem ritmos, sons, imagens que se desdobram em linhas. Improvisos e imprevistos vão desenhando um dispositivo-disparador de outras linhas. Escola, educação, saber, disciplina, professor, conhecimento, medo, linguagem, cristal... Algo sai do controle! *Mas não era assim! Não eram essas as palavras. Não vai dar certo! A ideia inicial era: a cada duas palavras, o grupo colocaria outra; pensando na proposta de apresentação que preparamos.* Um dispositivo-teia se arranhou nos arremessos do barbante. Vida, acontecimento, mundo, teia, invenção... Cristal? *O que isso tem a ver com a educação?*

Relações de forças e as múltiplas facetas de um processo formativo...
Relações de forças e as múltiplas facetas de um processo formativo...

Que formação?
Que formação?



“(…) quando um professor é denominado como *Bom, Verdadeiro, Correto, Competente*, e um outro professor é denominado como *Mau, Falso, Incorreto, Incompetente*, é porque cada um está sendo julgado por sua *Professoralidade*, em função do maior ou menor grau de semelhança ou de infidelidade a ela, considerada a causa de todos eles” (CORAZZA, 2012, p. 129).

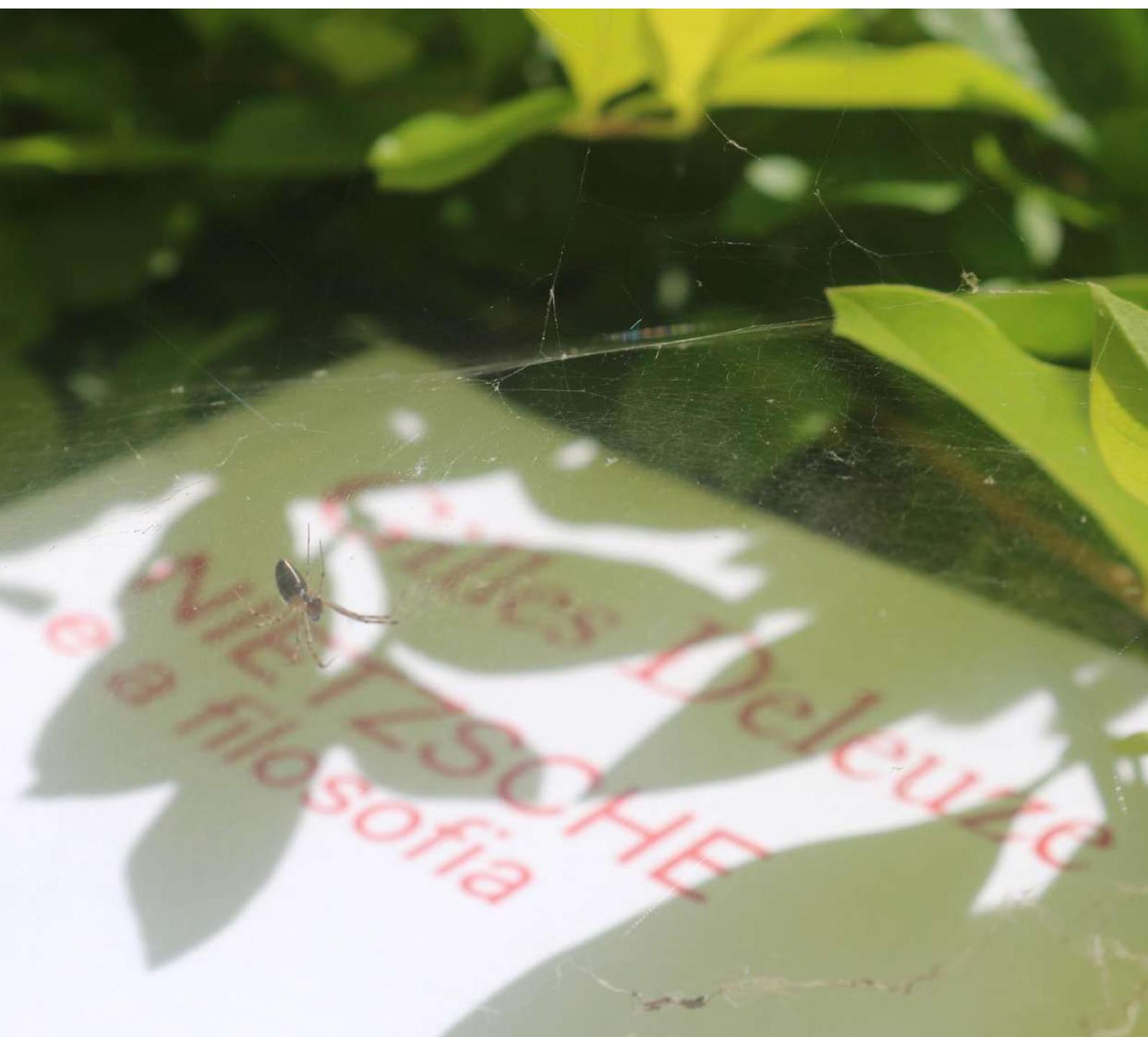
Nós educadoras sempre estamos em busca de formas de ensinar e de aprender. Terminamos o curso de Licenciatura frustradas, pois queríamos a receita do bolo. Depois de um tempo, percebemos que essa receita não existe. E mesmo sabendo disso, fortalecemos um discurso de que teoria e prática não estabelecem uma relação possível. Talvez tenhamos, cada uma, que criar, acrescentar ou retirar ingredientes para a produção do seu próprio bolo. Mudam-se os fornos, as fôrmas, os ingredientes, os consumidores; mudam-se as cozinheiras. Assim como acontece com o preparo da comida, acontece com o processo de aprendizagem; podemos dizer de uma produção que se dá na relação, com o que se apresenta, com o que vem. Já parou para pensar que quando fazemos comida sem prazer, o alimento fica sem sabor? Que sabor? Que saber? Será que existe uma única receita de bolo? Será que existe uma única escola? Será que existe uma única aluna? Será que existe uma única professora? Ficamos à espera das coisas prontas, acabadas... sem pensar no processo que possibilitou aquele resultado. É como se não tivéssemos condições de fazer um bolo sem a receita em mãos. Ficamos presas a um certo modo de fazer que julgamos ser o único caminho, o desejado; ou, talvez, por que buscamos o caminho mais seguro. Segurança? Lugar do conforto! Há desvios... Há fugas... Trocar um ingrediente pode ser um outro caminho possível e não um erro; o medo de correr riscos nos aprisiona; a fiança na receita infalível, conforta-nos. Desabituar, deixar-se duvidar, incomodar-se; dar (-se) tempo e espaço para relação com o aprender. Será que aquela aluna gosta mais de bolo doce ou de bolo salgado? Como escolher os ingredientes? Mesmo tendo seguido criteriosamente toda receita, feito a mesma receita, o bolo pode sair diferente um do outro; nem sempre sairá como esperamos, mas com o que foi possível, com o que deu. E isso não se trata de um conformismo; no processo de feitura, foi o que se apresentou. Por ser processo, tantos modos de se fazer um bolo pode acontecer, abandonando um ponto de chegada a uma única forma-bolo; atenção ao que faz variar a forma e o sabor no processo; sustentar a relação junto ao processo... Ao entregarmos às alunas o

material dourado, por exemplo, não o fazemos com tudo pronto; deixamos que inventem, que manuseiem, despretensiosamente, quando for possível. Depois, talvez, elas mesmas percebam que suas peças foram se formando de maneira crescente em blocos de 10 em 10 (base 10). O contato com o material, com uma predefinição e funcionalidade, pode não significar nada para uma aluna se já o entregamos pronto. O desafio é experimentar e tentar criar hipóteses que poderão levá-la à construção de conhecimentos outros, ainda não inventados. A materialidade, neste caso na matemática, apresenta-se como um modo possível de abertura a exercícios de experimentação que se fazem junto à teoria produzida; uma relação que nada tem a ver com causa e efeito, mas processos de produção do conhecimento. Quando entregamos tudo pronto, ou até mesmo um material com uma finalidade específica, não abrimos espaço para os desvios, para o inesperado. Mas..., como avaliar? Que saber? Que sabor? Provar? Experimentar...

“Embora muitas espécies de artrópodes sejam encontradas suspensas no ar, relativamente poucas são providas de asas. As aranhas estão entre estes aeronautas que viajam grandes distâncias por meio de fios de seda que funcionam como balões. O balonismo é um importante meio pelo qual aranhas colonizam ilhas remotas”.

Ecologia e comportamento de aranhas, 2007, p. 305

Na arte do cinema, o movimento não se opõe ao ideal de verdade; mas está sujeito aos seus efeitos à medida que conserva seus centros. Enquanto potência artística, potência do falso, ocorre uma transmutação cinematográfica no momento em que as aberrações de movimento perdem suas invariantes e se furta (o movimento) à centragem.



Traduzir-se

Entrando na vibração de sua escrita, arrisco-me a um “Traduzir-se”, com Ferreira Gullar¹³⁷:

Uma parte ~~de mim~~ da pesquisa
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte ~~de mim~~ da pesquisa
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte ~~de mim~~ da pesquisa
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte ~~de mim~~ da pesquisa
almoça e janta:
outra parte
se espanta.

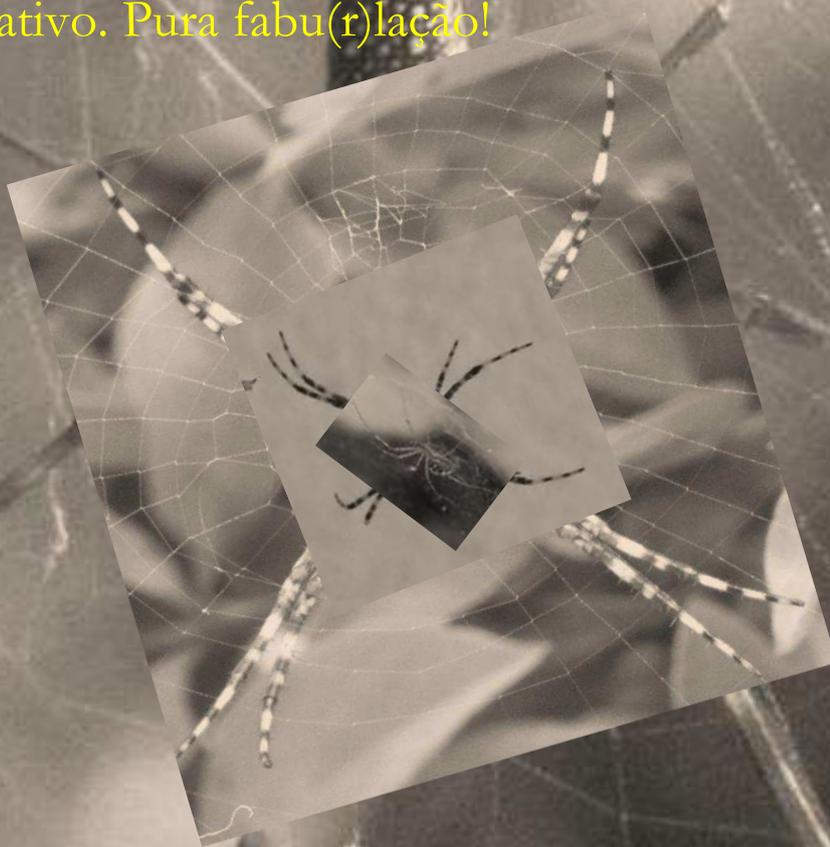
Uma parte ~~de mim~~ da pesquisa
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte ~~de mim~~ da pesquisa
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
- que é uma questão
de ~~vida~~ saber ou ~~morte~~ ignorar-
será arte? será filosofia? será ciência?

¹³⁷ Riscos, rabiscos e restos de um texto produzido e lido por Silvio Donizetti de Oliveira Gallo, “**Imagens máqunicas numa pesquisa em educação**”, por ocasião da defesa da Dissertação de Mestrado de Maria Paula Pinto dos Santos Belcavello, intitulada “cinemaquinação: *entre* montanhas e vale, um *sobrevo*o” (2017).

Docência em um eterno tornar-se; uma arte. Essa que eleva o falso à sua potência afirmativa; devir-ativo da vida. Uma docência que eleva o poder do falso a uma vontade artística; vontade de enganAR que tem sua afirmação no poder do falso; o mais elevado poder afirmativo. Pura fabu(r)lação!



Ariadne

Ἀριάδνη

Potência feminina de transmutação...

Ariadne é a dupla afirmação. A afirmação afirmada; afirmação em toda sua potência.

Para Nietzsche, a afirmação é o **ser**. E ao afirmar essa afirmação, sugere um novo conceito de **ser** no lugar de aboli-lo; dobra o conceito que se quer universal e faz a forma **Ser** variar. Nesse sentido, o **ser** não diz do **objeto** da afirmação. A própria afirmação é, a um só tempo, **ser** e **objeto** de si. O **ser** é a afirmação em toda sua potência; afirmação como **objeto** da afirmação.

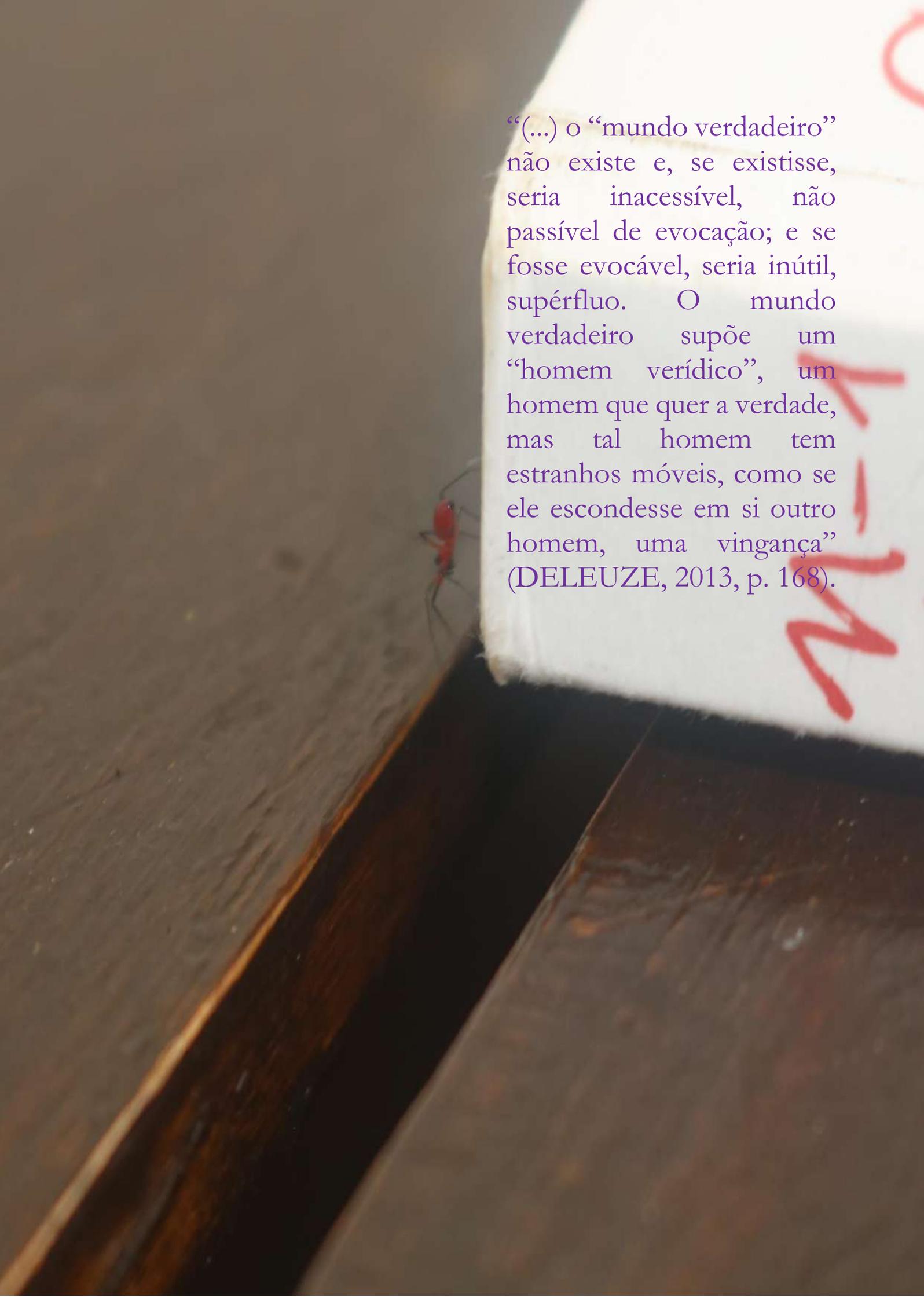
“O que é a afirmação em toda a sua potência?”¹³⁸

É a afirmação primeira (o devir) que é ser, mas ela só é ser como objeto da segunda afirmação. As duas afirmações constituem a potência de afirmar em seu conjunto. Na relação entre o **casal divino, Dionísio-Ariadne**, Dionísio é a primeira afirmação, o devir e o ser, mas justamente o devir que só é ser como objeto de uma segunda afirmação; Ariadne é esta segunda afirmação. Ora, o ser sai do devir, se afirma do devir, na medida em que a afirmação do devir é o objeto de outra afirmação (o fio de Ariadne). É a vontade de potência como elemento diferencial que produz e desenvolve a diferença na afirmação, que reflete a diferença na afirmação da afirmação, que faz com que ela volte na própria afirmação afirmada¹³⁹.

A aranha é Ariadne! Ariadne é a aranha!
 Ἀράχνη ἔστιν Ἀριάδνη; Ἀριάδνη ἔστιν Ἀράχνη;

¹³⁸ DELEUZE, 2018, p. 234.

¹³⁹ Composição com Ibid, p. 234-239.

A red ant is crawling on a dark wooden surface, positioned to the left of a white paper. The paper has some red markings, including a circle at the top right and some scribbles below. The text is printed on the white paper.

“(…) o “mundo verdadeiro” não existe e, se existisse, seria inacessível, não passível de evocação; e se fosse evocável, seria inútil, supérfluo. O mundo verdadeiro supõe um “homem verídico”, um homem que quer a verdade, mas tal homem tem estranhos móveis, como se ele escondesse em si outro homem, uma vingança” (DELEUZE, 2013, p. 168).

Já era noite. A escola estava quase fechando seus portões, quando um rapaz entrou procurando pelo Diretor. Naquele dia, especialmente naquele dia, Roberto precisou sair mais cedo. Recebera a notícia de que sua mãe havia sofrido um acidente na estrada, quando retornava da casa de seu outro filho. O carro em que estava colidiu com uma caminhonete ao desviar de um buraco antigo na estrada. O acidente foi grave. Edite não resistiu aos ferimentos e foi a óbito.

De acordo com a Organização mundial da Saúde (OMS), só em 2019 o número estimado de vítimas fatais em acidentes de trânsito chegou perto de 1,3 milhão.

O Diretor não se encontra, posso ajudá-lo? Gostaria de saber como funciona o empréstimo de livros da biblioteca da escola. Os livros estão sendo catalogados, ainda. Neste momento, não estamos emprestando. Você é... aluno? Temos muitos livros, mas só alunos e professores podem ter acesso ao acervo. O livro não é para mim, não; é para meu pai. Tem um mês que está preso. Quem? Meu pai. O que houve? Foi preso em flagrante ao tentar roubar leite e biscoito em um mercadinho perto de casa. Ficará no presídio por quatro meses. Um policial disse que se ele ler livros e fizer resumos, seu tempo na prisão será reduzido¹⁴⁰. O primeiro lugar que pensei em vir foi aqui, nesta escola; não se lembra de mim, Sra. Rose? Entrei no Fundamental I, era bem pequeno. Pegava livros para ler. Fui até aluno destaque em leitura. Do meu pai vai se lembrar; ele sempre ajudou nos reparos da escola, com a pintura, com a horta... Entendo, somos muitos. A Sra. sabe me dizer se aqui perto tem outra biblioteca?

¹⁴⁰ Projeto de Lei do Senado n° 208, de 2017. Senador Cristovam Buarque (CIDADANIA/DF). Altera a Lei de Execução Penal (Lei 7210/1984) para prever a remição de quatro dias de pena por livro lido, mediante adesão voluntária a projeto específico constituído pela autoridade penitenciária. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/129787>.

Deleuze destaca a arte do cinema na passagem do clássico para o moderno (novo cinema) – entre fronteira – momento no qual a narração deixa de aspirar à verdade e passa, em sua essência, a ser uma narração falsificante. Nesse sentido, não se trata de

“cada um com a sua verdade”, tendo como referência um conteúdo. Trata-se de “uma potência do falso que substitui e destrona a forma do verdadeiro, pois ela afirma a simultaneidade de presentes impossíveis, ou a coexistência de passados não-necessariamente verdadeiros” (DELEUZE, 2013, p. 161).

Uma nARração tecida pela potência do falso – enquanto produz movimentos aberrantes, descentrados – joga com o verdadeiro e o falso um jogo de “alternativas indecíveis” e “diferenças inexplicáveis” entre presente e passado. Produção de potências de vida em um mundo de pura fabu(r)lação.

A preocupação da professora a incomodou logo cedo, assim que pisamos na escola. Desculpa, bom dia! Ela mesma se adiantou e cumprimentou antes que a pergunta saísse de sua boca primeiro que sua saudação. Gostaria de saber sobre o processo de escolha de turmas para o próximo ano; meu interesse é permanecer com as turmas do 9.º ano. Tenho já todos os materiais. Há anos trabalho com esse segmento de ensino. Estou preocupada, pois sei que foi nomeado um professor para a disciplina que leciono. Como o critério de escolha da escola começa pelos efetivos, fico preocupada; não concordo com esses critérios que foram estabelecidos, sem ao menos nos consultar. Estou na escola há mais tempo; não é justo que um outro que esteja chegando agora tenha mais direitos que eu. Como ficarão os alunos? Eles poderão ficar prejudicados, principalmente os do 9.º ano, já que é um ano escolar que separa o Ensino Fundamental do Ensino Médio. Um ano escolar que exige professores muito bem preparados e com perfil para atuar nesta fase. Para nós professores já é muito difícil entender a rotina desta escola, imagina para os alunos!? Você já pensou?!?!? Você enquanto escola, tá? A escola já pensou no índice de reprovação no 1.º ano do Ensino Médio caso esses alunos avancem para essa etapa com algum déficit de aprendizagem? Sem contar aqueles alunos, e são muitos, que apresentam grandes dificuldades em quase todos os componentes curriculares. Imagine o Roberto e a Gilda no 1.º ano? Meu Deus! Não gosto nem de pensar. Está entendendo minha preocupação? Você... Desculpe, a escola precisa pensar e conversar sobre essas questões, já que a cada etapa são divulgados os resultados e o *ranking* das escolas da rede. A nossa está bem colocada, mas pode vir a cair muito de posição com os novos resultados... Desculpa; nem deixei você entrar em sua sala. Desculpa! Fico no aguardo de um retorno, sim? Ah! Já ia me esquecendo...; sabe aquela aluna que só agora os pais trouxeram seu laudo de TDAH¹⁴¹? Então, na aula passada ela nem abriu o caderno; ficou deitada na carteira o tempo todo da aula. Para não causar um tumulto na sala, que estava em silêncio

¹⁴¹ TDAH: sigla de Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade.

copiando a matéria no quadro, fingi que não vi seu desinteresse. Sim, porque, para mim, só pode ser desinteresse; além de estar se aproveitando de sua condição, agora, de aluna TDAH. Quem sofre com tudo isso somos nós professores, enfim... Quem me vê falando assim, vai achar que não gosto nem um pouco da escola e da minha profissão. Mas você sabe que não é verdade; o meu problema é me preocupar demais com meus alunos. Eu quero que eles aprendam e tenham condições de competir em pé de igualdade com outros alunos, nas provas lá fora. O meu esforço e dedicação sempre foi pensando nos alunos. Só queria mesmo desabafar e pedir para que revejam, em nome dos alunos, o processo de escolha das turmas para o próximo ano. E se possível, fechar com esses professores, que hoje estão no 9.º ano, um acordo para permanecerem, já que somos mais bem preparados para assumir essas turmas. Agora preciso ir, o sinal já bateu. Sabe como os alunos ficam quando estão sozinhos, né? Deixa eu correr. Bom trabalho!

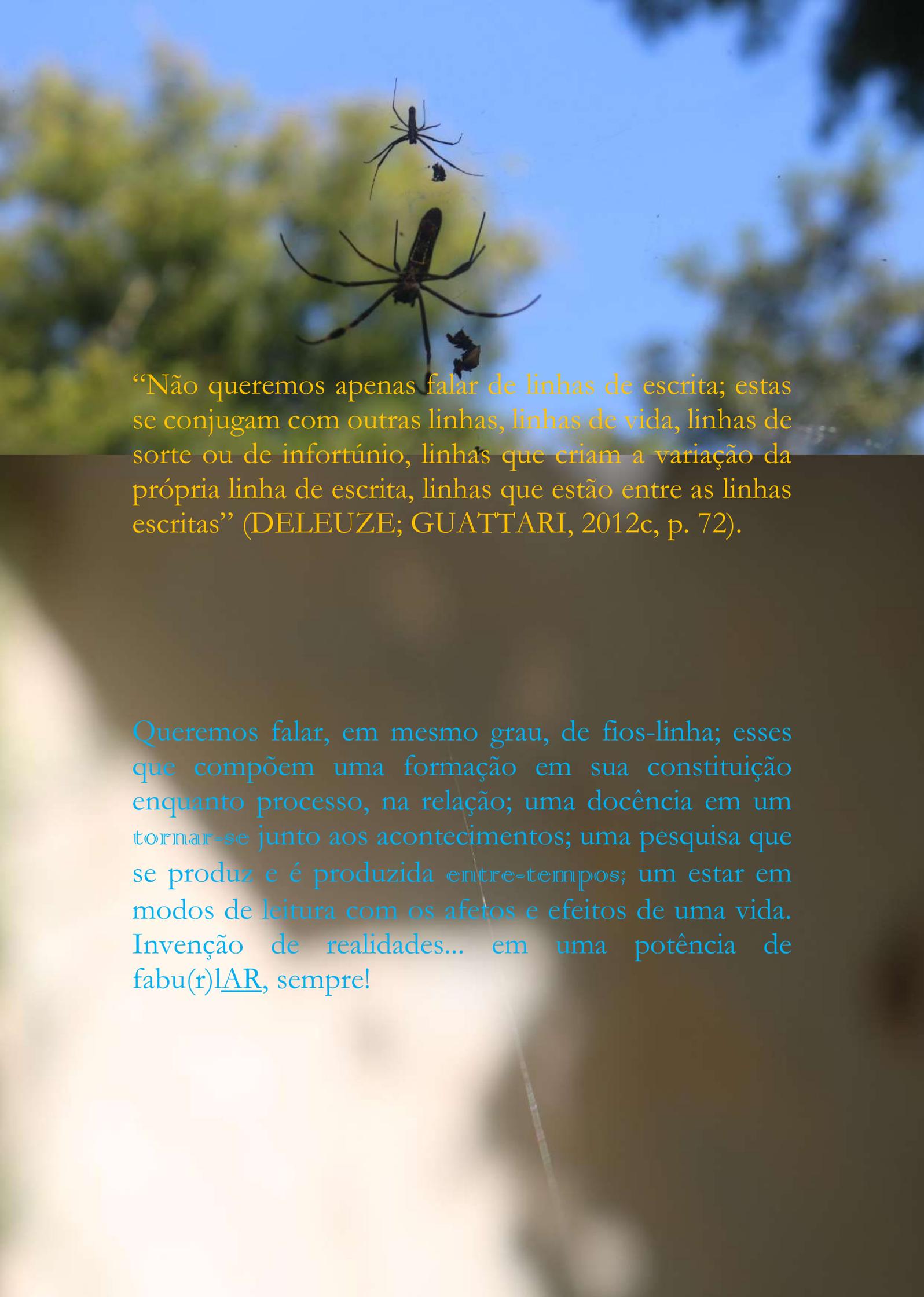
Qual é a forma-professor/a da qual o ~~de~~vir nos libera?

Dá licença?! Voltei apenas para dizer que já conversei com alguns professores e eles concordaram em continuar com as turmas do 9.º no próximo ano. Coloquei também no grupo dos professores, no **whatsApp**¹⁴², mas ainda não responderam. Quando será nossa próxima reunião? Já será o Conselho de Classe? Se for, podíamos deixar um tempo para que essa discussão aconteça; apesar de saber que o tempo do Conselho nunca é suficiente para discutirmos sobre todos os problemas. Desculpa se estou passando na frente de vocês, mas a minha grande preocupação é com os alunos. Você me entende, não é mesmo? Assim que obtiver a resposta de todos os professores, passo para vocês. E os preparativos para o evento de sábado, como estão?

“Em outros termos, educar, formar e assistir, tendo em vista a realidade apontada, constituiriam atividades profissionais crivadas por dificuldades e pelo desgaste; atividades estas, portanto, que implicariam carregar fardos. E tais infortúnios e fardos, por sua vez, seriam determinados basicamente por motivos de ordem política e econômica”¹⁴³.

¹⁴² Aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones*. A empresa com o mesmo nome foi fundada em 2009 por Brian Acton e Jan Koum, ambos veteranos do *Yahoo* e está sediada na cidade estadunidense de Santa Clara, na Califórnia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/WhatsApp>.

¹⁴³ GADELHA, 2005, p. 1260.

A photograph of two spiders on a web. The larger spider is in the center, and a smaller one is above it. The background is a bright blue sky with blurred green foliage. The text is overlaid on the lower half of the image.

“Não queremos apenas falar de linhas de escrita; estas se conjugam com outras linhas, linhas de vida, linhas de sorte ou de infortúnio, linhas que criam a variação da própria linha de escrita, linhas que estão entre as linhas escritas” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 72).

Queremos falar, em mesmo grau, de fios-linha; esses que compõem uma formação em sua constituição enquanto processo, na relação; uma docência em um tornar-se junto aos acontecimentos; uma pesquisa que se produz e é produzida entre-tempos; um estar em modos de leitura com os afetos e efeitos de uma vida. Invenção de realidades... em uma potência de fabu(r)lAR, sempre!

Identidade

Já tive educadores de todos os tipos imagináveis e inimagináveis. **Os legais;** apoiavam-nos, brincavam em suas aulas, explicavam de diferentes modos, repetiam a explicação se alguém não havia entendido, ajudavam com notas; **os ausentes;** esses apareciam na escola de vez em quando, enchiam o quadro de matéria, iam embora sem explicar e cobravam os conteúdos nas provas; **os inseguros;** apenas passavam o conteúdo e, diferente dos ausentes que não explicavam porque não queriam, os inseguros não sabiam explicar, jogando a culpa toda em nós, alunos, e no livro didático; **os historiadores;** explicavam e contavam longas histórias... tentavam justificar o porquê de termos que saber e reconhecer todos os caminhos julgados possíveis para a resolução de uma determinada questão; **os inteligentes;** sabiam muito e não queriam compartilhar o que sabiam, achavam-se melhores que os demais, nunca se misturavam com ninguém e diziam que para ficar como eles tínhamos que nos esforçar, enfim.... são muitos e muitas identidades que definem um professor e uma professora; a começar pela questão de gênero. Sempre me perguntei, quando fazia o Ensino Fundamental e o Médio, se encontrávamos esses professores apenas na Educação Básica; questionava o porquê de aprender tantas coisas, para mim, até então, “fúteis”, sem qualquer aplicação na vida. Os professores diziam sempre a mesma coisa, parecia até que combinavam a resposta: *vocês aprendem para entrar em uma faculdade e terem uma profissão.* Assim como tem a desejada identidade professor, tem, também, a esperada identidade aluno. Eu, era o tipo de aluna que não sabia o que queria com o estudo; nunca pensei em fazer uma faculdade. Às vezes, quando estou em sala de aula, como professora, surpreendo-me com o que vem, com as situações inesperadas... mesmo com tudo muito bem planejado. É incrível e assustador, ao mesmo tempo, tudo isso. E se há uma identidade-professora, ainda não consigo definir qual é a minha; não sei que tipo de professora sou... Neste momento, sou a professora; na maioria das vezes, a tia. O tempo definirá minha identidade. Tempo? Identidade?

“Mas a arte nunca é um fim, é apenas um instrumento para traçar as linhas de vida, isto é, todos esses devires reais, que não se produzem simplesmente *na* arte, todas essas fugas ativas, que não consistem em fugir *na* arte, em se refugiar na arte, essas desterritorializações positivas, que não irão se reterritorializAR na arte, mas que irão, sobretudo, arrastá-la consigo para as regiões do a-significante, do a-subjetivo e do sem-rostro” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 63-64).



“Não há literatura sem ~~fabulação~~ fabu(r)lação, mas como Bergson soube vê-lo, a ~~fabulação~~ fabu(r)lação, a função ~~fabuladora~~ fabu(r)ladora não consiste em imaginar nem em projetar um eu. Ela atinge sobretudo essas visões, eleva-se até esses devires ou potências”¹⁴⁴.

“A ~~fabulação~~ fabu(r)lação não é um mito impessoal, mas também não é ficção pessoal: é uma palavra em ato, um ato de fala pelo qual a personagem nunca para de atravessar a fronteira que separa seu assunto privado da política, e produz, ela própria, enunciados coletivos”¹⁴⁵.

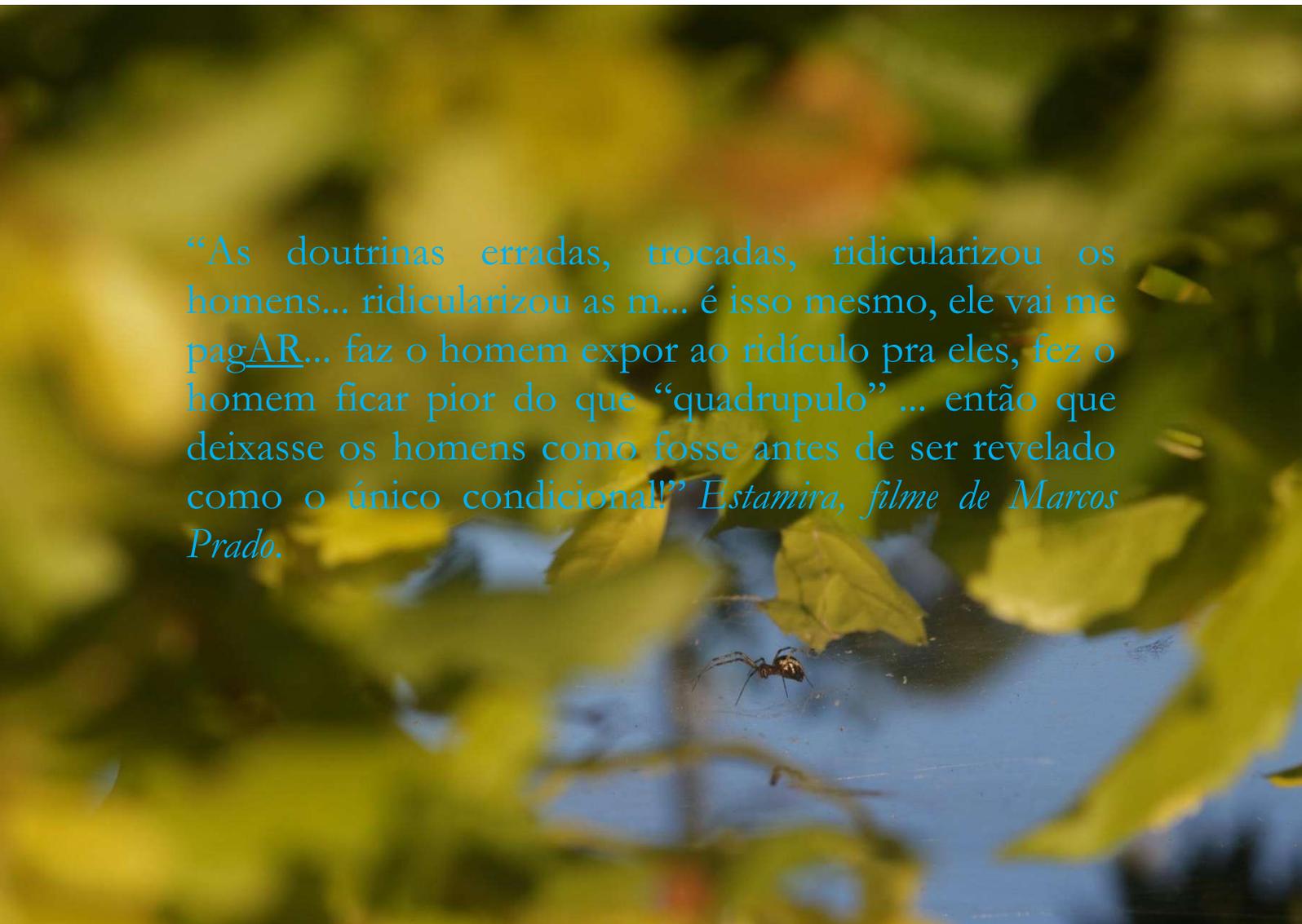
“Quando Perrault se dirige a suas personagens do Quebec, não é apenas para eliminar a ficção, mas para libertá-la do modelo de verdade que a penetra, e encontrar ao contrário a pura e simples função ~~fabuladora~~ fabu(r)ladora que se opõe a esse modelo. O que se opõe à ficção não é o real, não é a verdade que é sempre a dos dominantes ou dos colonizadores, é a função ~~fabuladora~~ fabu(r)ladora dos pobres, na medida em que dá ao falso a potência que faz deste uma memória, uma lenda, um monstro”¹⁴⁶.

¹⁴⁴ Composição com DELEUZE, 1997, p. 13.

¹⁴⁵ Composição com DELEUZE, 2013, p. 264.

¹⁴⁶ Composição com Ibid, p. 182-183.

“As doutrinas erradas, trocadas, ridicularizou os homens... ridicularizou as m... é isso mesmo, ele vai me pagAR... faz o homem expor ao ridículo pra eles, fez o homem ficar pior do que “quadripulo” ... então que deixasse os homens como fosse antes de ser revelado como o único condicional!” *Estamira, filme de Marcos Prado.*



Para ser um bom professor é preciso seguir alguns caminhos. O professor é peça fundamental no processo de ensino e de aprendizagem. É dele a tarefa de apresentar os problemas e suas soluções, sabendo onde quer chegar. Toda atividade que prepara deve ter uma intencionalidade, mesmo que o resultado final saia do seu planejamento. No modelo de ensino tradicional, a escola desempenha o papel de responsável pela transmissão do saber. Esse foi sempre o objetivo principal realizado pelo professor: conduzir o aluno ao acerto. O professor, nesse modelo, torna-se responsável pela transmissão do conhecimento; por mostrar o caminho, fornecer exemplos para que os alunos possam, posteriormente, aplicá-los, da mesma forma que aprenderam (o professor entende que eles aprenderam). E os espaços de discussões, confrontações e argumentações? O professor apenas observa a aplicação e corrige o erro e os alunos verificam se acertaram ou se erraram. O ambiente no qual ocorrem as interações entre os agentes (aluno e professor) e o conhecimento em questão, deve ser planejado (pela parte docente) como um sistema problematizador no qual o aluno é levado ao desequilíbrio. É nesse momento que serão motivadas e provocadas eventuais mudanças, visando à desestabilização do sistema didático tradicional. Além da possibilidade do surgimento de conflitos e contradições que levem à aprendizagem de novos conhecimentos. No âmbito pedagógico, não se trata de proceder com a tradicional dinâmica de transmissão do conhecimento. O professor, sobretudo, deve encontrar e desenvolver meios e ferramentas que evitem o trabalho com respostas previamente apresentadas e conceitos prontos. É necessário que, dentro das possibilidades, o mesmo proporcione um ambiente que valorize a autonomia e independência (obviamente mediada), objetivando a experiência em um ambiente investigativo e hipotético. Isso é formar para a criatividade, para a cidadania e não para a memorização, alienação e exclusão. Os professores, para serem bons, podem começar por se organizarem e organizar os trabalhos produzidos em sala de aula. Antes, é importante ressaltar que é indispensável a confecção de um planejamento escrito de cada etapa da

aula, com justificativa, desenvolvimento e objetivos bem definidos. Esses são apenas caminhos possíveis para quem deseja ser um bom professor. Claro que não é um caminho fechado. O importante, também, é, na sala dos professores, conversar sobre as experiências que cada um tem trabalhado com seus alunos. Essa troca permitirá a ampliação da visão, às vezes limitada, daquele professor que não faz nada diferente em suas aulas. Oferece as mesmas atividades passadas no quadro ou em folhas xerocadas. Os alunos precisam ser protagonistas do seu próprio conhecimento e aprendizagem. Eles estão no centro do processo educativo. O bom professor compreende tal processo e se coloca nesse lugar de mediador, sempre ao redor do protagonista. E é quem promoverá inovação e mudança para que o avanço aconteça positivamente no cenário educacional atual, que entende que a educação é para sempre; que um bom professor deve ser capaz de preparar seus alunos para um ideal de sociedade, de educação e de vida.

“A maioria das espécies de aranhas apresenta uma dieta composta basicamente por insetos. Apesar disso, indivíduos de vários outros grupos taxonômicos podem ocasionalmente ser capturados e consumidos. Outras aranhas, mesmo co-específicas menores ou menos ágeis, estão incluídas nesta categoria de presas em potencial. Assim, encontros fortuitos entre duas aranhas podem acabar resultando em eventos de predação. Mas estes encontros nem sempre ocorrem ao acaso. Algumas poucas espécies, embora geralmente também consumam insetos, caçam preferencialmente outras aranhas. São capazes de invadir teias sem ficarem retidas nos fios tecidos pelas espécies residentes e, em certos casos, podem até mesmo atrair suas vítimas”.

Ecologia e comportamento de aranhas, 2007, p. 239

Ecologia e comportamento de aranhas, 2007, p. 239

espécies residentes e, em certos casos, podem até mesmo atrair suas vítimas”.

caçam preferencialmente outras aranhas; são capazes de invadir teias sem ficarem retidas nos fios tecidos pelas espécies residentes e, em certos casos, podem até mesmo atrair suas vítimas”.

O falsário “a um só tempo ele é o homem das descrições puras, e fabrica a imagem-cristal, a indiscernibilidade do real e do imaginário; ele passa pARa o cristal e faz ver a imagem-tempo direta: suscita as alternativas indecidíveis, as diferenças inexplicáveis entre o verdadeiro e o falso, e com isso impõe uma potência do falso como adequada ao tempo, em oposição a qualquer forma do verdadeiro que discipline o tempo” (DELEUZE, 2013, p. 162).



“Aprender diz respeito essencialmente aos signos. Os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Não existe aprendiz que não seja ‘egiptólogo’ de alguma coisa. Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se sensível aos signos da doença. A vocação é sempre uma predestinação com relação a signos. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos. A obra de Proust é baseada não na exposição da memória, mas no aprendizado dos signos”¹⁴⁷.

“Nunca se sabe como uma pessoa aprende; mas, de qualquer forma que aprenda, é sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos. Quem sabe como um estudante pode tornar-se repentinamente ‘bom em latim’, que signos (amorosos ou até mesmo inconfessáveis) lhe serviriam de aprendizado?”¹⁴⁸

“Nunca aprendemos alguma coisa nos dicionários que nossos professores e nossos pais nos emprestam. Quem sabe como se tornar um grande escritor? Diz Proust, a propósito de Otávio: ‘Não me impressionei menos ao refletir que talvez as obras-primas mais extraordinárias de nossa época tenham saído, não dos concursos universitários, de uma educação modelar e acadêmica, no estilo de Broglie, mas do contato com as ‘pesagens’ e com os grandes bares’”¹⁴⁹

¹⁴⁷ DELEUZE, 2003, p. 4.

¹⁴⁸ Ibid, p. 21.

¹⁴⁹ Idem.



“Para além da verdade e do falso, o devir como potência do falso” (DELEUZE, 2013, p. 327).

Formação que abandona o modelo idealizado de uma identidade docente, professoral; vontade de verdade que demove a docência do que ela pode; afasta o falso de sua potência artística. Formação que afirma e se afirma entre acontecimentos; exercício em um eterno tor~~na~~AR-se docente; em um devir-aranha da docência. Em tudo isso, só há devir!

Sabe..., já pensei diversas vezes em desistir deste curso. Será que até eu terminar de estudar essa profissão ainda existirá? Sim, porque... Como é ser professor? O que é ser professor hoje? Quando decidi pelo curso, o meu interesse era dar aula em escolas públicas; mas com tanta violência e insegurança que vemos nos noticiários, penso em trabalhar com o ensino privado; a educação e o ensino são outros; não há esse conflito constante entre professor e aluno; não há essa violência e falta de respeito que estamos vendo acontecer nas escolas públicas do Brasil. Em pouco tempo, meu pensamento já mudou muito. Com tudo isso, acho melhor me dedicar ao estudo de uma língua estrangeira, provavelmente, o Francês; meu desejo, neste momento, é sair do país¹⁵⁰.

O ônibus faz um corte

“É difícil ‘se explicar’ – uma entrevista, um diálogo, uma conversa”¹⁵¹.

Outra estratégia que as aranhas utilizam é denominada comportamento de escudo. Este comportamento consiste em utilizar a formiga capturada como um escudo, mantendo-a na frente do corpo da aranha. Quando outras formigas aproximam-se, tocam o corpo da formiga capturada com suas antenas e não o corpo da aranha. Isso fornece à aranha um tempo extra para escapar, já que as formigas que estão patrulhando confundem a aranha com uma formiga ao reconhecer quimicamente a cutícula da formiga-escudo. Além disso, durante esse tipo de interação, algumas espécies de aranhas tocam as formigas com seu primeiro par de pernas como se fossem antenas, o que pode representar um mimetismo tátil.

Com Ecologia e comportamento de aranhas, 2007, p. 268

¹⁵⁰ Captura de uma breve conversa – em um ponto de ônibus da cidade de Juiz de Fora, MG – de uma aluna do curso de Letras com outra estudante.

¹⁵¹ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 02.



“(…) um professor que revela ser um falsário, tão somente um falsário, potência do falso do próprio Dionísio”, está “sempre passando a fronteira do real e o fictício = a potência do falso, a função de fabu(r)lação” (composição com DELEUZE, 2013, p. 185-186).

Sua voz saía com um tom que não se sabia se era de revolta ou defesa de um discurso do não-lugar dos marginalizados naquele espaço. Um espaço representativo, formatado e universalizante, que define e marca uma certa instituição chamada escola. Que escola?

Até quando os pais desta menina vão deixá-la nesta escola? Uma escola que não foi feita para ela! Será que não entendem? Desde que entrou aqui, a única coisa que evoluiu foi saber fazer suas necessidades no local adequado. Estamos sendo babás! Porque então não contratam uma pessoa para ficar cuidando dela em casa? Todos os dias as mesmas coisas. O que ela faz na escola, pode fazer, também, em casa. Seu cognitivo está todo comprometido. Ela nunca vai aprender! Que garantias de sucesso e notoriedade nos *outdoors* ela pode dar para escola? O que ela faz não é interessante para o que se espera de uma escola neste nível. Ela só desenha... Os desenhos são seu passatempo; suas pinturas não passam de uma mistura de cores sem sentido algum. Os sons que ela emite não podem ser compreendidos; não para em sala de aula; só quer ficar brincando no parquinho, descendo e subindo o escorregador para cair na areia e se sujar. É o único momento em que sorri, a cada caída. Ela mesma faz o movimento repetitivo de subida e descida do brinquedo, até se cansar. Depois, fica indo e voltando da árvore para a escada; da escada para árvore, até se cansar novamente e ir para a pintura; só para quando preenche toda folha de papel. Parece gostar mais das cores quentes. Assim que termina sua atividade com a pintura, vai direto para o banheiro se limpar. Merenda e segue para o parquinho... Essa é a sua rotina escolar. Se sair disso, não dou conta, porque ela fica toda confusa. Perde o rumo, sabe!? Então, todos os dias têm que ser a mesma coisa. A mesma rotina! Precisa da escola? Qual o sentido de estar aqui? Ela vai aprender?

Um corpo-professora trava uma batalha para tentar dar conta de algo que lhe foi atribuído como um dever: fazer com que sua aluna aprenda. Um aprender que dê conta de representar o que se entende por uma aprendizagem escolar. Identificar um conteúdo previsto no currículo; fazer provas para mensurar e classificar; atribuir notas para que se possa avançar. Definir critérios de seleção. Seguir um modelo. Um ideal de educação. Uma forma-aluna para uma forma-professora para uma forma-escola. Que vida se afirma?

Ela vive em outro mundo; não consigo acessar esse lugar que é só dela. É como se não me permitisse; parece até intencional. Procurei seus pais e pedi para ter contato com a psicóloga da aluna; precisamos conversar sobre. Para a psicóloga, não haverá avanços cognitivos, apenas motores; pediu para que a estimulamos com outras atividades. Tentar alterar, aos poucos, sua rotina. Mas isso é muito difícil! Ela só faz o que ela quer. Se eu tento mudar, ela chora e fica, às vezes, agressiva; não gosta de ser contrariada, sabe? Já tentei fazer um de amassar papéis, fazer bolinhas para trabalhar a coordenação motora, mas ela rasga tudo. Isso me desanima muito. Não é por falta de tentativas. Tento de tudo, mas sem sucesso. Fico me questionando se o problema sou eu. Sim, porque a psicóloga disse que no consultório ela faz tudo o que é proposto e não mostra qualquer resistência. A nossa formação, só com a graduação, não nos ajuda em quase nada. Eu trabalho em duas escolas e não tenho condições e nem tempo para fazer uma especialização, muito menos um mestrado e um doutorado. Você que tem formação, pode responder à minha pergunta: ela vai aprender?

“Só o artista criador eleva a potência do falso a um grau que se efetua, não mais na forma, mas na transformação. Já não há mais verdade nem aparência. Já não há mais forma invariável nem ponto de vista variável sobre uma forma. Há um ponto de vista que pertence tão bem à coisa que a própria coisa não para de se transformAR num devir idêntico ao ponto de vista. Metamorfose do verdadeiro. O artista é criador de verdade, pois a verdade não tem que ser alcançada, encontrada nem reproduzida, ela deve ser criada. Não há outra verdade senão a criação do Novo” (DELEUZE, 2013, p. 178).



P de Professor¹⁵²

CP: Então, P é de Professor. Você foi professor, primeiro do ensino médio, depois, na universidade. Você disse que dava aula com paixão.

GD: A questão das aulas é muito simples. Acho que as aulas têm equivalentes em outras áreas. Uma aula é algo que é muito preparado. Parece muito com outras atividades. Se você quer 5 minutos, 10 minutos de inspiração, tem de fazer uma longa preparação. Para ter esse momento de... Se não temos... Eu vi que, quanto mais fazia isso... Sempre fiz isso, eu gostava. Eu me preparava muito para ter esses momentos de inspiração. Com o passar do tempo, percebi que precisava de uma preparação crescentemente maior para obter uma inspiração cada vez menor. Então, estava na hora... Resta-me escrever, o que comporta outros problemas.

CP: Preparar muito significava quanto tempo de preparação?

GD: Tenho de refletir. Como tudo, são ensaios. Uma aula é ensaiada. Se não tivermos ensaiado o bastante, não estaremos inspirados. Uma aula quer dizer momentos de inspiração, senão não quer dizer nada.

CP: Você não ensaiava diante do espelho, não é?

GD: Não, cada atividade tem seus modos de inspiração. Nem sempre achamos interessante o que dizemos. O ensaio é isso. Eu precisava menos disso. E as aulas são algo muito especial. Uma aula é um cubo, ou seja, um espaço-tempo. Muitas coisas acontecem numa aula. Uma aula é algo que se estende de uma semana a outra. É um espaço e uma temporalidade muito especiais.

CP: Vamos recomeçar do início. Você lecionou primeiro no ensino médio. Você tem uma boa lembrança?

GD: Sim, mas isso não significa nada porque o ensino médio não era o que é hoje. Penso nos jovens professores que ficam desanimados. Eu lecionei no ensino médio durante a Liberação, não muito tempo depois. Era totalmente diferente. Ainda era a época em que o professor de filosofia era recebido com muita complacência. Eu podia praticamente fazer tudo que quisesse. Eu ensinava meus alunos a tocar serrote porque eu tocava e todos achavam normal. Acho que, hoje, isso não seria mais possível...

CP: Pedagogicamente, queria explicar o quê com o serrote? Em que momento ele entrava em cena?

¹⁵² *O Abecedário de Gilles Deleuze*, 1995, p. 71. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4908216/mod_folder/content/0/%5BGilles_Deleuze%2C_Claire_Parnet%5D_Abeced_rio%28z-lib.org%29.pdf.

GD: As curvas. O serrote, como você sabe, tem de ser curvado e obtemos o som num ponto da curva. São curvas móveis que lhes interessavam muito.

CP: Já era sobre a variação infinita.

GD: Mas eu não fazia só isso. Eu seguia o currículo, era muito consciencioso.

CP: Depois, vieram os anos de Sorbonne. Você ficou contente por entrar para a universidade depois de ter sido professor de ensino médio?

GD: Contente, não é bem assim nesse nível... Era uma carreira normal. Se eu tivesse voltado ao ensino médio eu teria ficado... Não teria sido dramático, anormal, uma derrota.

CP: As aulas da faculdade são preparadas de outra maneira?

GD: Para mim, não.

CP: Para você, era igual?

GD: Totalmente. Sempre preparei aulas da mesma forma.

CP: A preparação era tão intensa na escola quanto na faculdade?

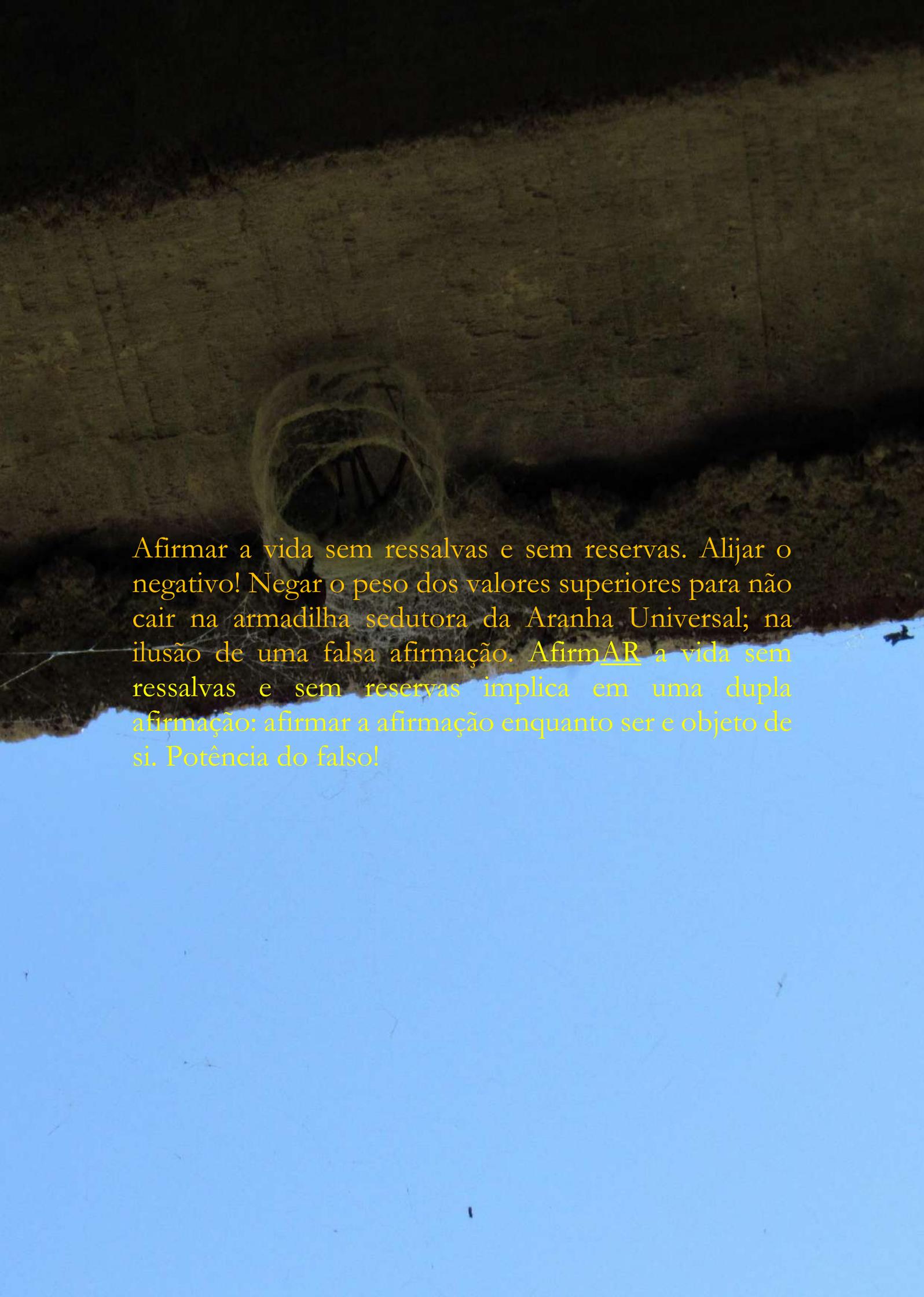
GD: Certamente. É preciso estar totalmente impregnado do assunto e amar o assunto do qual falamos. Isso não acontece sozinho. É preciso ensaiar, preparar. É preciso ensaiar na própria cabeça, encontrar o ponto em que... É muito divertido, é preciso encontrar... É como uma porta que não conseguimos atravessar em qualquer posição.

CP: Você nunca quis nem escola nem discípulos. Essa recusa de discípulos é algo muito profundo em você?

GD: Eu não os recuso. Geralmente, uma recusa é recíproca. Ninguém quer ser meu discípulo. Eu não quero ter nenhum. Uma escola é terrível por uma simples razão: consome muito tempo, nos tornamos administradores. A escola é o contrário do movimento. Dou um exemplo simples: o surrealismo é uma escola. Acerto de contas, tribunais, exclusões etc.

CP: Você acha que, na universidade hoje, a era dos grandes professores acabou?

GD: Não sei bem porque não faço mais parte disso. Saí em um momento aterrorizador. Eu não entendia como os professores podiam dar aulas. Eles tinham se tornado administradores. Quanto à universidade, a política atual é muito clara. Isso tem a ver com a adoção de disciplinas que nada têm a ver com disciplinas universitárias. Meu sonho seria que as universidades continuassem a ser locais de pesquisa e que, ao lado das universidades, se multiplicassem as escolas. Somos cada vez mais corroídos por problemas administrativos. A tendência parece ser o desaparecimento da pesquisa, o aumento de disciplinas não inovadoras na universidade, que não são disciplinas de pesquisa. É o que chamamos de adaptação da universidade ao mercado de trabalho. Esse não é o papel da universidade.

A photograph of a spider web on a textured, brownish surface. The web is a dense, circular structure with a central hub and many radial threads. The background is a gradient of blue, transitioning from a darker blue at the top to a lighter blue at the bottom. The text is overlaid on the image in a yellow, serif font.

Afirmar a vida sem ressalvas e sem reservas. Alijar o negativo! Negar o peso dos valores superiores para não cair na armadilha sedutora da Aranha Universal; na ilusão de uma falsa afirmação. AfirmAR a vida sem ressalvas e sem reservas implica em uma dupla afirmação: afirmar a afirmação enquanto ser e objeto de si. Potência do falso!

Agosto de 2011... uma emoção para quem acabou de passar no vestibular e vai entrar em uma Universidade Pública Federal; depois de longos anos fora dos bancos escolares. No primeiro dia de aula o professor chegou em sala, deu boa noite e soltou uma pergunta: **porque escolheram a química?** Logo respondi: sempre tive o sonho de ser professora; a química não era minha primeira opção, mas a escolhi pensando no mercado de trabalho. A maioria dos alunos da turma não concordaram, afinal não queriam ser professores. E assim começou minha formação acadêmica. No início, estava gostando do curso; não tinha tantos cálculos como diziam, pensava... Isso foi somente até o dia da aula de cálculo I. O que era aquilo? Que sala lotada era aquela!? Uma apostila passada em um projetor. O professor só fazia ler aquela bendita apostila... Meu Deus, isso é uma aula de faculdade? Onde vim parar!? O susto foi ainda maior no dia da primeira prova de cálculo departamental; nunca tinha visto aquilo, um tanto de gente para fazer uma prova, parecia até dia de vestibular. Algo estava muito errado. Uma colega de sala me explicou que aquele número indicava os alunos repetentes da disciplina. E que assim como nos outros cálculos, nesse era muito difícil de passar, de ser aprovada; que estava fazendo a disciplina pela terceira vez. Senhor!!! Que balde de água fria! Que dia! Que prova! Que disciplina! Que Educação! Que curso! Que Formação! Nunca na minha vida tinha feito uma prova daquela. Lia e não entendia nada; tentava fazer e nada saía, nada, nada, nada... Pensei: vou tomar pau! Isto não era um achismo qualquer, era uma constatação; uma afirmação não só da minha parte, mas da maioria dos meus colegas de sala. Na segunda-feira, a sala estava vazia. Assim foi. Cada dia mais e mais os alunos foram desistindo da matéria; não pela primeira vez, mas pela segunda, terceira e sei lá quantas vezes se podia desistir. Até o limite? Qual o limite? Tem limite? Só os bons conseguiam. Eu não estava entre eles. Não mesmo! E assim foi até começarmos a ter aulas na Faculdade de Educação. Lá era outro mundo, outro universo. Que diferença! Sentia-me bem naquele lugar; era outra pessoa, outra estudante, com um olhar diferente. Para começar, tínhamos aulas de verdade. Logo

pensei: didática é tudo na vida! Mas o que fazer? Estava caminhando para o quarto período de química, quando a vontade de trocar de curso bateu forte. Falei com meus familiares sobre meu interesse em trocar a Química pela Pedagogia, mas eles não me apoiaram. Todos falaram que eu estava louca; diziam que eu estava dando um tiro no pé; que na Química eu poderia demorar mais um pouco para me formar, mas nesta profissão eu teria emprego. Já na Pedagogia, eu iria limpar bumbum de neném. Ninguém me apoiou na minha decisão, mas também ninguém me entendia; não sabiam nem de longe o que era o Departamento de Química. Fiquei mais um período na Faculdade de Química, até o dia da prova de soluções, matéria específica do curso. Ai meu Deus! Que falta de paciência! Que dor de cabeça! A esta altura do campeonato já estava estressada, cansada, meus cabelos começaram a cair. Isso não era vida! No final da prova, perguntei à professora: Então é assim? Só cálculo? Só matemática? E ainda vai piorar? Ela, por sua vez respondeu: **Sim! Isto não é nem a ponta do *iceberg*.** Saí daquela prova decidida a trocar de curso ou fazer outro vestibular. Chequei à conclusão de que seria mais feliz “limpando bumbum de neném”; era assim que meus familiares viam meu futuro curso. Tinha total consciência que a minha dificuldade na matemática vinha de um déficit do Ensino Fundamental e Médio e de anos sem estudar. Tenho que destacar, também, que faltava didática e metodologia para a maioria dos professores do Departamento de Química. O material utilizado, por exemplo, não era atualizado, era sempre a mesma aula, a mesma apostila, a mesma lista de exercícios, listas intermináveis, essas que de tão gastas nem o xerox ficava bom. Achava isso tudo um absurdo: como não adequar o material ao aluno, às suas dificuldades e dúvidas? Sempre o mesmo material. Todos os anos. Para todos! Penso que eles achavam menos trabalhoso reprovar os alunos, que reformular métodos e modos de ensinar. Por tudo isso, e muito mais, resolvi mudar de curso. No outro período, estava no curso de Pedagogia. Costumo falar que foram duas alegrias na minha vida: a primeira, entrar no curso de Química; a outra; sair do curso. Estava traumatizada com a Matemática. Disciplina que nunca mais queria ver na minha vida... Até saber que na Faculdade de Pedagogia também estudamos a tal da Matemática. Que decepção! Nesta altura da vida, a única coisa que eu queria era um mundo sem Matemática. Entrava em pânico só de

pensar nos cálculos; até que começamos a ter as aulas de metodologias de matemática. Logo percebi a diferença na qualidade das aulas. Talvez um outro modo de experimentação junto a matemática. E pensava porque não apareceu um professor assim na Química!? Existia vida na matemática... Incrível isso!!! Fui apresentada a uma outra matemática... Muito prazer! Quando acabaram as disciplinas de metodologia em matemática I e II, queria mais e mais. Quem diria, eu querendo mais matemática?! Meu desejo é fazer diferente; apresentar aos meus alunos matemáticas outras; outro modo de estar com esta disciplina que aterroriza a tantos. Mas..., onde está o problema? No curso? Na disciplina? No professor? No aluno? Na didática? Na formação?

Teoria dos jogos...

(...) se uma aranha evita o contato físico com sua oponente durante um conflito, ou se decide desistir da luta rapidamente, esta o faria porque tais decisões seriam, de acordo com a teoria, as que proporcionam o maior benefício (ou menor custo) líquido dentro do conjunto de estratégias ou ações disponíveis. Além disso, uma de suas principais características advém do pressuposto de que o sucesso de uma determinada estratégia irá depender da presença e frequência de estratégias alternativas adotadas por outros "jogadores".

Ecologia e comportamento de aranhas, 2007, p. 181

Ecologia e comportamento de aranhas' 2007' p' 181

Produção de estratégias alternativas adotadas por outros "jogadores".

características advém do pressuposto de que o sucesso de uma determinada estratégia irá depender da presença e frequência de estratégias alternativas adotadas por outros "jogadores".

A close-up photograph of a wooden handle attached to a metal shaft, likely a tool or part of a machine. The wood is light-colored with visible grain and some wear. The metal is dark and appears to be part of a larger assembly. The background is blurred, showing hints of a workshop or industrial setting.

“Apenas onde há vida há também vontade: mas não vontade de vida, e sim – eis o que te ensino – vontade de poder!” (NIETZSCHE, 2011, p. 110).

Vontade de poder não se reduz à conservação, negação da vida em um “querer-dominAR” com suas forças reativas. Mas, antes, uma vontade que quer a si mesma; vontade de mais força na vontade de poder. Multiplicidade de forças em intensificação.

Eterna metamorfose! Um outro possível como vontade de afirmativa no devir-ativo de uma vida. Nesse lugar, de pura afirmação, o falso deixa de ser sinônimo de erro e se transmuta em elogio à “errância”; fluxos, deslocamentos, delírios... Invenção de mundos outros, sempre outros... Fabu(r)lação!

Deveres¹⁵³

DESAIGES

- 1) “O professor não se aproveitará da audiência cativa dos alunos para promover os seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias”.
- 2) “O Professor não favorecerá nem prejudicará ou constrangerá os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, morais ou religiosas, ou da falta delas”.
- 3) “O Professor não fará propaganda político-partidária em sala de aula nem incitará seus alunos a participar de manifestações, atos públicos e passeatas”.
- 4) “Ao tratar de questões políticas, socioculturais e econômicas, o Professor apresentará aos alunos, de forma justa – isto é, com a mesma profundidade e seriedade -, as principais versões, teorias, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito da matéria”.
- 5) “O Professor respeitará o direito dos pais dos alunos a que seus filhos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com as suas próprias convicções”.
- 6) “O Professor não permitirá que os direitos assegurados nos itens anteriores sejam violados pela ação de estudantes ou terceiros dentro da sala de aula”.

“Estive em duas cidades do interior. Gostei muito de uma e menos da outra. Gostei muito de Amiens porque havia uma liberdade absoluta. Era uma cidade muito livre. Orléans era uma cidade mais severa. Ainda era a época em que o professor de filosofia era recebido com muita complacência, perdoavam-lhe muitas coisas porque ele era uma espécie de louco, de idiota da aldeia. Eu podia praticamente fazer tudo que quisesse. Eu ensinava meus alunos a tocar serrote porque eu tocava e todos achavam normal. Acho que, hoje, isso não seria mais possível...”¹⁵⁴

¹⁵³ *Deveres do professor*. Disponível em: <https://www.escolasempartido.org/blog/deveres-do-professor/>.

¹⁵⁴ *O Abecedário de Gilles Deleuze*, 1995, p. 71. Disponível em: https://disciplinas.usp.br/pluginfile.php/4908216/mod_folder/content/0/%5BGilles_Deleuze%2C_Claire_Parnet%5D_Abeced_rio%28z-lib.org%29.pdf.



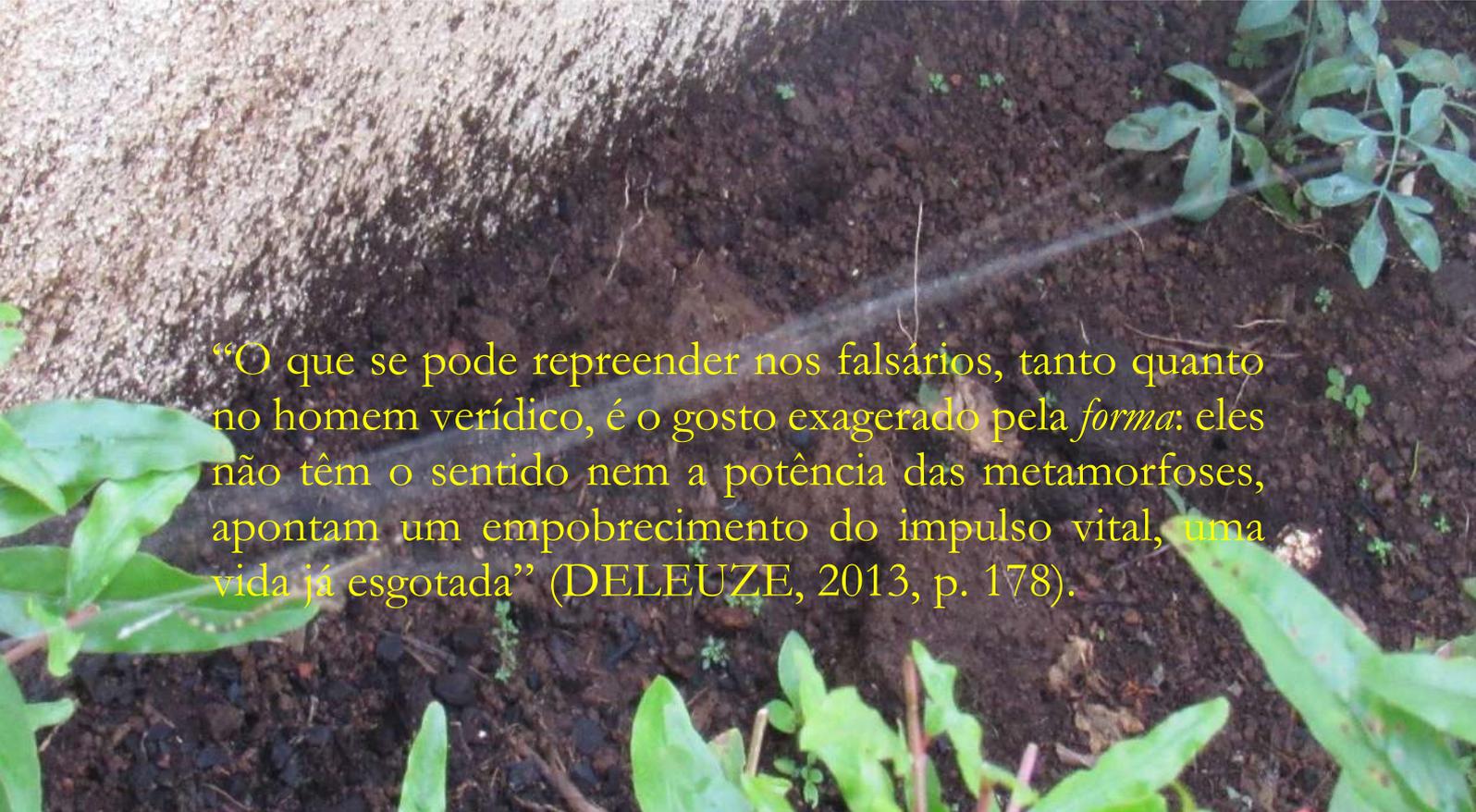
“Criar novos valores – tampouco o leão pode fazer isso; mas criar a liberdade para nova criação – isso está no poder do leão. Por que o leão rapace ainda tem de se tornAR criança? Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo! Sim para o jogo da criação! Assim falou Zaratustra” (NIETZSCHE, 2011, p. 28-29).

Por onde começar? Difícil... Primeiro, preciso rememorar meu percurso na educação básica; principalmente minhas vivências com a matemática. Lembro-me de que nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tinha uma grande admiração e curiosidade por essa disciplina. Gostava de descobrir novos desafios e conteúdos relacionados a ela. Com o tempo, e com a chegada dos quatro anos finais do Ensino Fundamental, passei a me afastar da matemática. Aquela curiosidade que me instigava e me animava foi sumindo aos poucos. Comecei a acreditar que para ter sucesso precisava sempre ir em busca de um único resultado, utilizando o mesmo caminho que a professora ensinava cuidadosamente no quadro de giz. Quando chegava ao mesmo resultado, mas seguindo caminho diferente do que a professora havia ensinado, questionava em silêncio: **Por que aprendemos um único caminho se há vários?** Essa indagação permaneceu adormecida por anos. Ao fim e ao cabo, sempre acreditava que minha forma de realizar os exercícios estava errada. No Ensino Médio, posso afirmar que meu temor pela matemática se intensificou. O olhar que tinha sobre ela era um olhar frio, voltado para um único resultado e focado na memorização de contas. Quando tive que escolher pelo curso de graduação, um dos pré-requisitos era a ausência da terrível matemática. Foi então que escolhi, ingenuamente, o curso de Pedagogia, acreditando ter encerrado minha trajetória com aquele conteúdo assustador. Eis que no 4.º período da graduação, deparo-me com uma disciplina de “Fundamentos Teóricos Metodológicos no Ensino de Matemática” e, para piorar, descubro que seriam dois módulos. Uma experiência que deu a pensar as relações estabelecidas, até aqui, com a matemática; que me permitiu desconstruir a visão que tinha de uma matemática exata. Além disso, despertou minha atenção e me aproximou da educação matemática como área de estudo e pesquisa; fato que me fez arriscar em duas bolsas de Pesquisa e Extensão, na Universidade, cujo um dos objetivos era pensar a formação dos professores que ensinam matemática. Após a conclusão da graduação, segui com meu processo formativo em uma Especialização. Acredito que a profissão docente é perpassada pela continuidade (de formação, de

inquietações, de reflexões). E qual foi minha escolha? Uma “Especialização no Ensino de Ciências e Matemática”. Sim, uma decisão! Decidi continuar meus estudos na área da matemática e em uma Universidade Pública. Os motivos são muitos, mas as razões se resumem em duas: **matemática**, causa-me incômodos e inquietações: um enfrentamento; **universidade pública**, espaço de formação plural e político: uma defesa.

“Aranhas podem ser coletadas por muitos métodos, que variam tanto no grau de dificuldade quanto em seu custo de implementação e rendimento em quantidades de espécimes obtidos. Esta alta diversidade de métodos está ligada ao fato de aranhas ocuparem uma imensa variedade de habitats, incluindo desde o solo e a vegetação arbustiva. Além disso, elas variam bastante quanto a seus hábitos de vida, desde espécies errantes, que caçam ativamente, até espécies sedentárias, que ocupam abrigos ou teias, onde esperam por suas presas”.

Ecologia e comportamento de aranhas, 2007, p. 9



“O que se pode repreender nos falsários, tanto quanto no homem verídico, é o gosto exagerado pela *forma*: eles não têm o sentido nem a potência das metamorfoses, apontam um empobrecimento do impulso vital, uma vida já esgotada” (DELEUZE, 2013, p. 178).

As duas pontas da cadeia de falsários são sustentadas por uma vontade de potência – dá sentido e cria valores – que quando movida por um “querer-dominar” é aniquilada pelo esgotamento do devir; mas quando o desejo é movido por um “querer-ARtista” ou “virtude que dá” – elevada à enésima potência do falso – é transmutação no devir-ativo de uma vida... Potência de fabu(r)lação!

Como fazer uma deliciosa goiabada (mole):

18/03/20 11:58 - Maria Paula Belcavello: Oie... Td bem?

18/03/20 11:59 - Maria Paula Belcavello: Pode me enviar uma receita de um dos doces que vc faz?

18/03/20 12:00 - Maria Paula Belcavello: Vasilha, preparo, ingredientes, tempo...

18/03/20 13:50 - Maria Joice: Oi tudo e vc?

18/03/20 13:50 - Maria Joice: Estou fazendo goiabada agora

18/03/20 13:50 - Maria Joice: Um tacho grande, uma colher de pau, um copo americano, um litro e uma peneirinha

18/03/20 13:50 - Maria Joice: Receita de 10 litros de leite

18/03/20 13:50 - Maria Joice: Vc arruma o fogão assim: um pau grosso p manter o fogo o tempo todo e uns finos

18/03/20 13:50 - Maria Joice: Para acender o fogão, coloca papel, bambu, o pau grosso e os finos por cima

18/03/20 13:50 - Maria Joice: Fogo acesso coloca o tacho e começa a medir o leite passando ele na peneirinha p coar e em seguida coloca o açúcar

18/03/20 13:50 - Maria Joice: P cada litro de leite um copo americano de açúcar

18/03/20 13:50 - Maria Joice: Aí vc tem q mexer sem parar até ferver, snão pode queimar

18/03/20 13:50 - Maria Joice: Depois vc vai mexendo mas aí já pode parar se precisar

18/03/20 13:50 - Maria Joice: Tempo mais ou menos 3 hrs

18/03/20 13:50 - Maria Joice: Depois de pronto vc tira do fogo coloca uma toalha por cima p esfriar

18/03/20 13:51 - Maria Joice: Aí é só servir

18/03/20 13:51 - Maria Joice: Rende de 4 a 4 e meio kg

18/03/20 13:51 - Maria Joice: É isso

18/03/20 13:51 - Maria: Estou fazendo goiabada mole

18/03/20 13:51 - Maria Joice: IMG-20200318-WA0047.jpg (arquivo anexado)

18/03/20 14:03 - Maria Joice: Vc viu?

18/03/20 14:13 - Maria Paula Belcavello: Delícia!!!

18/03/20 14:13 - Maria Paula Belcavello: Eu quero!

18/03/20 14:14 - Maria Paula Belcavello: Tenta tirar outra foto pegando o fogão e a lenha

18/03/20 14:29 - Maria Joice: Está espirrando muito já queimei

18/03/20 14:29 - Maria Joice: Aq, mesmo com a receita o seu pode ficar diferente do meu

18/03/20 14:31 - Maria Joice: IMG-20200318-WA0058.jpg (arquivo anexado)

18/03/20 15:14 - Maria Paula Belcavello: 😊😊😊

18/03/20 15:15 - Maria Paula Belcavello: Obrigada♥♥♥♥

“Como vamos extrair
as verdades do tempo
que se perde, e
mesmo as verdades
do tempo perdido?”

(...) quando pensá-
vamos perder tempo,
já fazíamos o
aprendizado dos
signos” (DELEUZE,
2003, p. 22-24).



Com apenas oitenta anos, seu deleite segue sendo contar histórias... Enquanto termina o sapato de lã que começou pela manhã, Felix se distrai com o fio do novelo. Talvez tivesse se encantado com a cor cinza que se confundia com seu pelo. Sem que Dona Zita percebesse, foi espalhando o fio pela sala... encontrando repouso no tapete perto da porta de entrada. Em um salto repentino, Felix se assustou e assustou Dona Zita que perdeu a contagem do número de pontos que havia feito. A porta se abre com a mesma força com que se fecha. O barulho desperta o cachorro do vizinho. Era Aline, a neta do meio; chegou desanimada por ter levado uma bronca da professora, que disse que ela não aprende porque não fica quieta em sala. Dona Zita a escuta, não interrompe. A atenção e a espera deslocam Zita para escola, quando ocupava a cadeira de aluna. Sabe, Aline, quando estudava também passei por situações como essa. Logo nos primeiros anos de escola, tive um professor muito sério, quase não falávamos em sala. Ele dizia que todos aprendiam da mesma forma; costumava desenhar no quadro uma espécie de esquema para explicar como se dava a aprendizagem. Para ele a gente aprende por etapas, como uma linha do tempo. Está vendo este novelo? Já que perdi o ponto, vou desmanchar. Estica até você; deixa a linha bem esticada, reta. Então..., para esse professor, essa linha é dividida por etapas e à medida com que nós vamos passando por elas, nosso conhecimento vai se transformando; como se se complicasse cada vez mais, a cada fase. Para ele, vamos nos adaptando a uma espécie de esquema; sei lá, acho que era isso. Apesar do seu jeitão sério, gostava de suas aulas; mas não concordava muito com essa ideia de “esquema/estrutura” da aprendizagem, aprender por “assimilação e acomodação”; enfim... Já grandinha, com sua idade, lembro-me como se fosse hoje, o professor de Matemática estava entregando as provas corrigidas e falando as notas, em voz alta, quando pegou minha prova, disse meu nome e logo gritou: “Gente, faz só o que foi pedido no exercício, não fica querendo mostrar conhecimento não”. Achei que nunca mais voltaria na escola. Sabia que era para mim, porque resolvi uma questão de multiplicação de uma forma diferente da que ele havia ensinado. Cheguei ao mesmo resultado, mas por outro caminho. O grande problema foi

não ter utilizado a fórmula correta, nem feito da maneira esperada; motivo para ele pegar no meu pé em suas aulas. Na hora, fiquei em silêncio; não disse nada. Peguei minha prova e, sem olhar para os lados, guardei-a rapidamente na mochila. Hoje, minha filha, vejo que não devia ter feito tudo do jeito que aquele professor queria que eu fizesse. Ele não anulou minha questão, nem me tirou pontos, mas me aprisionou em um único modo de lidar com a Matemática, decorando. Tive, também, aula com a professora Vera, dois anos depois, acho. Uma professora muito diferente. Gostava demais de conversar, porque dizia que era importante nos escutar. A Sra. Vera costumava dizer que isso fazia parte do processo de aprendizagem. Sei lá o que ela queria com isso, só sei que a coisa acontecia. Dizia que tínhamos que colocar problema no mundo, nas coisas, exercitar a tal da problematização; nada estava pronto, tudo foi inventado. Era isso aí: invenção! Essa era a palavra que tanto repetia. No último ano do Ensino Médio, conheci a professora Raquel. Foi ela quem espantou meus medos da assustadora Matemática. Comecei a entrar no jogo e a jogar com a matemática e seus conceitos. Ajudava meus colegas de turma e comecei, até, a dar aulas particulares. Foi aí que meu interesse pela profissão nasceu. À época, fiz o magistério e logo fui dar aula em uma Escola Pública, Municipal, perto de onde morava, antes de me casar com seu avô. As coisas mudaram muito, Alline. Os tempos são outros, mas o cenário político se intensificou, principalmente para nós mulheres, na luta pelo direito de (r)ex(s)istir. Mas... porque mesmo estou dizendo isso? Vovó, viu o que o Felix fez com seu novelo? Felix já havia se esquecido do novelo e estava brincando com um chumaço de algodão. No canto da parede, a dona¹⁵⁵ dos fios de seda o observa e aguarda o momento de atacar; de aplicar seu “golpe de judô”; um golpe paralisante e fatal.

¹⁵⁵ **Nome comum:** Aranha Marrom. **Nome científico:** *Loxosceles gaucho*, *L. laeta*, *L. intermedia*.. É a aranha brasileira que possui veneno mais ativo. Tem uma coloração marrom esverdeada. Seu corpo total raramente ultrapassa os 3 centímetros. É uma espécie de aranha doméstica, encontrada em locais escuros e úmidos como quina de pias, rachaduras de parede, livros, telhas e tijolos empilhados. Tem como característica a teia similar a um chumaço de algodão. Muitas aranhas inofensivas se parecem e vivem nos mesmos locais da aranha marrom, mas, somente um especialista tem condição de fazer a distinção com segurança. Devido à sua fragilidade, seus acidentes ocorrem quando ela penetra dentro da roupa e, ao vestir, são pressionadas e picam. Como sua picada não é muito dolorida, muitas vezes as pessoas pensam se tratar de alguma "farpa" presa à roupa e não dão muita importância. Seu veneno produz necrose no local da picada. É necessário soroterapia específica e acompanhamento médico. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/araneideos.htm>.

O falso – deslocado do campo moral – deixa de negar sua existência enquanto potência afirmativa. Na virtualidade, está sua verdade; ao se atualizar, o falso o faz em um processo metamorfoseante, criando sentidos outros na produção de um pensamento sem representação. Uma nova imagem do pensamento se afirma no falso ao afirmAR sua potência. Potência do falso. Dupla afirmação! Efeitos do que pode uma vida; do que pode um pensar no pensamento...

" Todo o pensamento é um devir, um duplo devir, em vez de ser o atributo de um Sujeito e a representação de um Todo" (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 53).

48 horas

“Cada momento privilegiado não possui apenas uma armadura formal através da qual cores, linhas e luzes compõem uma frágil relação, ele possui também uma força afirmativa que testemunha a favor da própria existência e da ‘beleza do mundo’”¹⁵⁶.

Universidades e institutos federais de SC aderem à greve nacional de 48 horas

<https://www.nsctotal.com.br/noticias/universidades-e-institutos-federais-de-sc-aderem-a-greve-nacional-de-48-horas>

Sob chuva, manifestação de estudantes encerra greve de 48h da UFRGS

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/10/sob-chuva-manifestacao-de-estudantes-encerra-greve-de-48h-da-ufrgs/>

Paralisação de 48h começa nas instituições federais. Na UFJF e no IF Sudeste, manifestantes cumpriram agenda interna com aulas públicas e corpo a corpo

<https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/02-10-2019/paralisacao-de-48h-comeca-nas-instituicoes-federais.html>

Docentes da UFF param na Greve Nacional de 48 horas nos dias 2 e 3 de outubro

<http://aduff.org.br/site/index.php/noticias/noticias-recentes/item/3870-docentes-da-uff-param-na-greve-nacional-de-48-horas-nos-dias-2-e-3-de-outubro>

Maioria das universidades federais do Estado participa de greve de 48 horas

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/10/maioria-das-universidades-federais-do-estado-participa-de-greve-de-48-horas-ck19e7734026s01n3pihtn0a8.html>

UFU adere à greve de 48 horas em defesa da educação

<https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/22926/ufu-adere-a-greve-de-48-horas-em-defesa-da-educacao>

Direito de greve

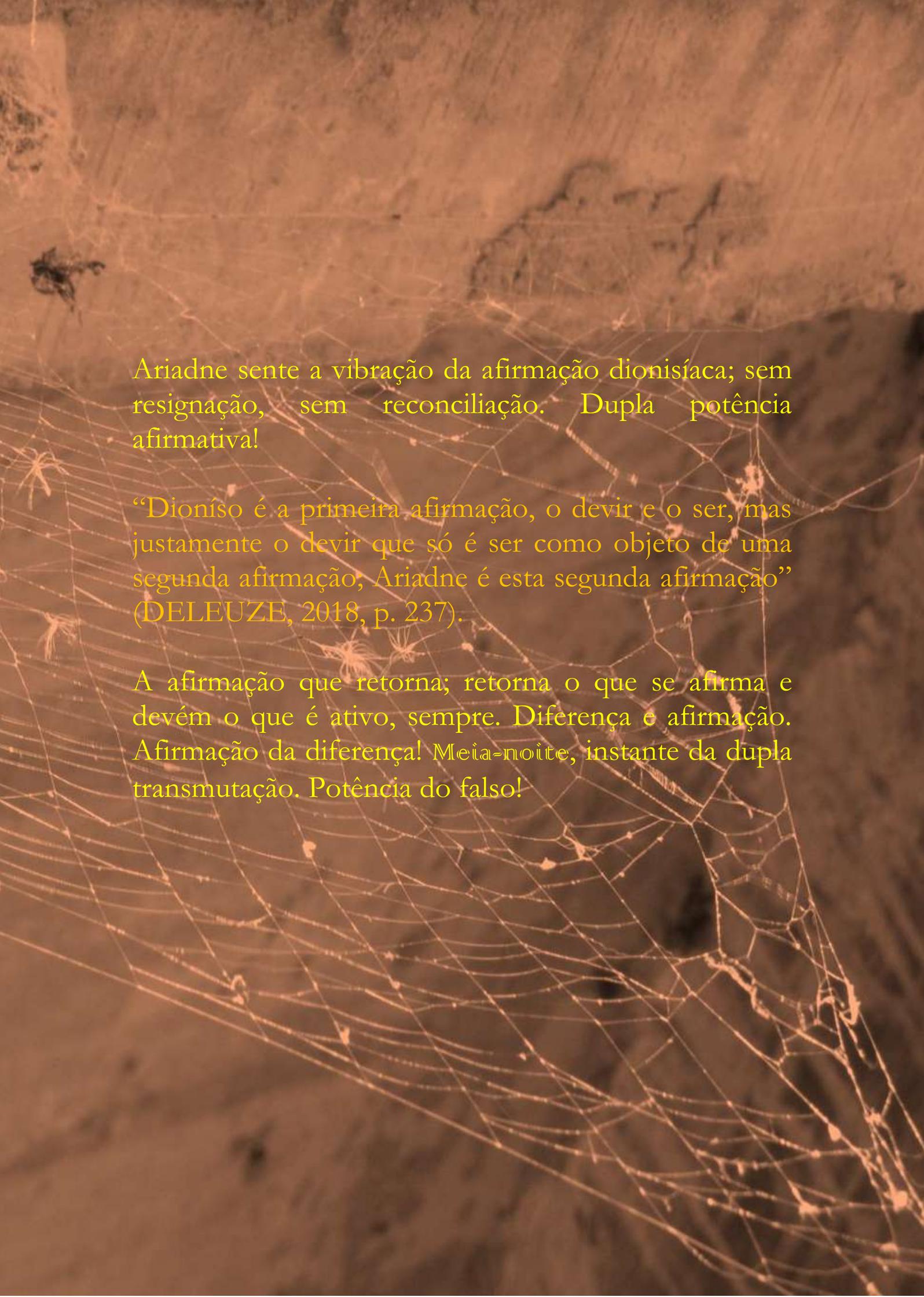
A Constituição Federal, em seu [artigo 9º](#) e a [Lei nº 7.783/89](#) asseguram o direito de greve a todo trabalhador, competindo-lhe a oportunidade de exercê-lo sobre os interesses que devam por meio dele defender <http://www.guiatrabalhista.com.br/guia/greve.htm>

Um ato público, num espaço público... em defesa de uma educação pública. Um direito!

“Se esses gestos são importantes não é apenas porque eles instauram novos modos de existência, mas sim porque são criadores de direito. Instaurar é fazer valer esse direito, promovê-lo”¹⁵⁷.

¹⁵⁶ LAPOUJADE, 2017, p. 93.

¹⁵⁷ Ibid, p. 89-90.



Ariadne sente a vibração da afirmação dionisíaca; sem resignação, sem reconciliação. Dupla potência afirmativa!

“Dionísio é a primeira afirmação, o devir e o ser, mas justamente o devir que só é ser como objeto de uma segunda afirmação; Ariadne é esta segunda afirmação” (DELEUZE, 2018, p. 237).

A afirmação que retorna; retorna o que se afirma e devém o que é ativo, sempre. Diferença e afirmação. Afirmação da diferença! Meia-noite, instante da dupla transmutação. Potência do falso!

Mais um dia de aula na creche. As crianças são recebidas, cotidianamente, pelas educadoras em sua sala de atividades. Algumas já conhecem o lugar de guardar a mochila e correm para o fazer. Outras - ainda embaladas por um soninho gostoso - não querem deixar o colo aconchegante da mãe, em sua maioria. Mas quando a professora se aproxima, logo despertam. Durante a permanência diária das crianças na creche, rotinas são estabelecidas. Neste momento inicial, as crianças são acolhidas em suas salas e posteriormente levadas ao refeitório para fazer o lanche da manhã. No caminho do refeitório para a sala, vários ritmos, sons e movimentos são produzidos. As crianças fazem de um curto percurso, um longo caminho... Músicas são cantadas e gestos são criados até chegarem à sala de atividade. Na sala, a professora chama as crianças para o início de uma rodinha de conversa, como de costume; tempo um pouco demorado; distraem-se com todo o resto... e o que estava planejado, em uma rotina diária, dá espaço ao imprevisível.

Quando, por fim, conseguiu organizar a turma em círculo...

Tia, olha, olha o passarinho!

Naquele momento, olhares de encatamento se voltaram para janela e a rodinha que demorou para ficar organizada, desorganizou-se em uma fração de segundos. As crianças correram até a janela para ver o tal passarinho.

Olha tia! Tem um piu piu...

Cê viu o passarinho?

Pega, pega o passarinho...

O passarinho parecia querer se esconder da chuva que caía naquela manhã; permaneceu ali por alguns instantes e depois levantou voo, estava apenas de

passagem. Mas não foi embora sem antes escutar a canção que sua presença despertou:

Sabiá lá na gaiola fez um buraquinho, voou, voou, voou... e a menina que gostava tanto do bichinho, chorou, chorou, chorou, chorou ... (Música de domínio popular).

As crianças queriam saber mais e mais sobre aquela ave tão bela que interrompeu o momento planejado da aula:

O passarinho vai beber água da chuva?
Tadinho, ele vai ficar duente, com febre.
Ele tem mãe?
Foi embora...
Tem um monte lá fora.
Quero vê!

O que era para ser um dia comum naquela turma, foi sutilmente dando espaço para aprendizagens outras e muitas.

Lá em casa tem passarinho...
Na minha, mora na gaiola...
Eles comem também...

Uma aula com visitas inesperadas. A curiosidade das crianças, ao observar o passarinho, chamou a atenção da professora, que inicialmente tinha outros objetivos. Um corpo-professora vai se produzindo junto a uma aula.

O que gostariam de saber mais sobre eles, os passarinhos?

Um dia de aula no quintal de uma creche; crianças se deliciam com o fruto da árvore Cereja Brasileira, à qual serve de abrigo e alimento, também, para os pássaros.

Facetas do cristal das docências...

Facetas do cristal das docências...

Mapear escapes; fuga à docência figurativa, subordinada a um pensamento disciplinado que sustenta uma formação ideal. Não se trata de uma ocupação com os opostos, com as polaridades; de afirmar uma verdade em contraposição a um falso e nem mesmo afirmar um falso em contraposição a uma verdade; não é uma simples troca de posição. Trata-se de dar a ver a potência dos efeitos que as dimensões de um tornar-se docente pode produzir, os múltiplos fios que tecem uma formação em te(s)(c)e; fios de um labirinto que é puro devir. CapturAR, em tentativas, o que escapa a um certo tipo de aprisionamento, a uma forma idealizada para um determinado modelo (de educação). Fazer variar a forma a cada instante. Fio da afirmação! Afirmação de uma docência em sua força de criação e invenção de modos de existir e resistir a toda e qualquer forma de dominação que a leve ao seu esgotamento. Afirmação de uma formação que substitui o modelo de verdade – que a define enquanto tal – pela potência do falso em um devir-aranha da docência; produção de docências em metamorfoses no jogo com a vida...

rio de janeiro, isolamento de 2020

olá, boa noite!

estou escrevendo esta carta para desabafar, senão... vou desabar. ah, vai tudo em minúsculo mesmo. podem corrigir se achar que isso fará mais sentido que minhas palavras. enquanto aluna, faço desse desabafo um meio para informar o que se passa na minha realidade e na de outros alunos, também; ou seja, algumas coisas que acontecem na vida dos alunos que, como sempre dizem, “são os que fazem uma escola”. Talvez estando cientes dessas coisas, possam ajudar a amenizar o caos presente nas casas de muitas pessoas. quero deixar bem claro que não estou aqui para reclamar de professores ou determinadas pessoas. escrevo este texto como um desabafo mesmo, como um pedido de ajuda, mais ainda, como uma apresentação de uns fatos que eu não sei se vocês aí têm conhecimento, algumas coisas bem pessoais, minhas, e outras que já ouvi de vários colegas que estão passando pela mesma situação. para nós, alunos, talvez podermos contar com a escola, no sentido de saber que a escola está do nosso lado e não contra em um momento de tanta dificuldade. eu me dedico, eu tento, mas não dou conta de todas as atividades, não dou conta de acompanhar todos os conteúdos, o que fazer? quando me preparei para o ano letivo foi pensando nas aulas presenciais, em uma escola viva. neste momento, onde vidas estão em risco e a saúde deveria ser o mais importante, a escola tem nos trazido mais problema: um novo método de estudo sendo imposto. método esse que nunca havia sido utilizado antes. nossas preocupações, medos, angústia, frustrações etc. só aumentaram. além de ajudar mãe e pai dentro de casa, faxinar, fazer almoço e no mesmo dia entregar atividades por imagens e pdfs. o pior, fazer tudo isso sem saber, sem aprender, porque estudar sozinha em casa é muito mais difícil. aprender sozinha com vídeos da internet ou videoaulas de péssima qualidade, sem contar quando travam, nem todo mundo tem uma internet que

de boa qualidade. por mais que os professores estejam tentando, não significa que esteja dando certo. ah, e se der problema na minha internet no momento da aula, serei reprovada por faltas? ser aprovada em um ano que frequentei a escola por apenas um mês? reprovar por não ter o melhor computador em casa? ter notas baixas no boletim por não conseguir aprender sozinho aquele conteúdo de física que você nunca ouviu falar antes e teve que se virar pra tentar aprender mas não conseguiu? infelizmente, por falha minha, ou por falta de preparo, não consegui substituir aulas presenciais por aulas virtuais, vídeos e leitura de apostilas. muitas vezes, enviamos atividades mal feitas ou erradas, apenas para dizer que estamos fazendo algo e não sermos punidos, ainda mais. da mesma forma que os professores estão excedendo suas horas de trabalho, nós alunos estamos ficando sobrecarregados com tantas atividades, não estamos dando conta. todo esse trabalho vai valer para quê? só para constar? e a aprendizagem, como fica? e as relações, como fazer? a escola parece ter deixado de existir e outra coisa assumiu o seu lugar, porque, para mim, isso não é escola. é impossível ir para o próximo ano sabendo tudo o que eu saberia se estivéssemos tendo aulas presenciais. quando voltarem as aulas, como acompanhar o ritmo para recuperar esse tempo perdido? muitos pais e alunos já concordam que parar o ano e recomeçar no próximo seria o melhor a se fazer. mas, quem somos nós pra decidir algo, né? sem falar dos alunos que estão no último ano do ensino médio. será que terão condições de passar em um vestibular? se a escola não fosse fonte de preocupações e se olhasse para o que estamos vivendo em nossas vidas, cada aluno, professor e coordenador em sua casa, poderíamos respirar com mais tranquilidade. antes, quando íamos para a escola, sabíamos que ali era o espaço em que iríamos deixar de lado parte dessa vida que fica do lado de fora, esperando o tempo da aula terminar. agora, tivemos que trazer a escola para dentro de nossas casas. será que todas as casas estão prontas para receber essa escola distante, fria, sem vida? será que a vida da minha mãe está segura aqui em casa? ou será que mesmo todo o álcool em gel que meu pai usa, quando chega do trabalho, não será suficiente para manter nossa segurança? será que posso perder aquele meu ente querido que já é de idade, sem vê-lo mais uma última vez? a escola, pode esperar; mas uma vida... não. tudo isso traz crises de ansiedade, choros de

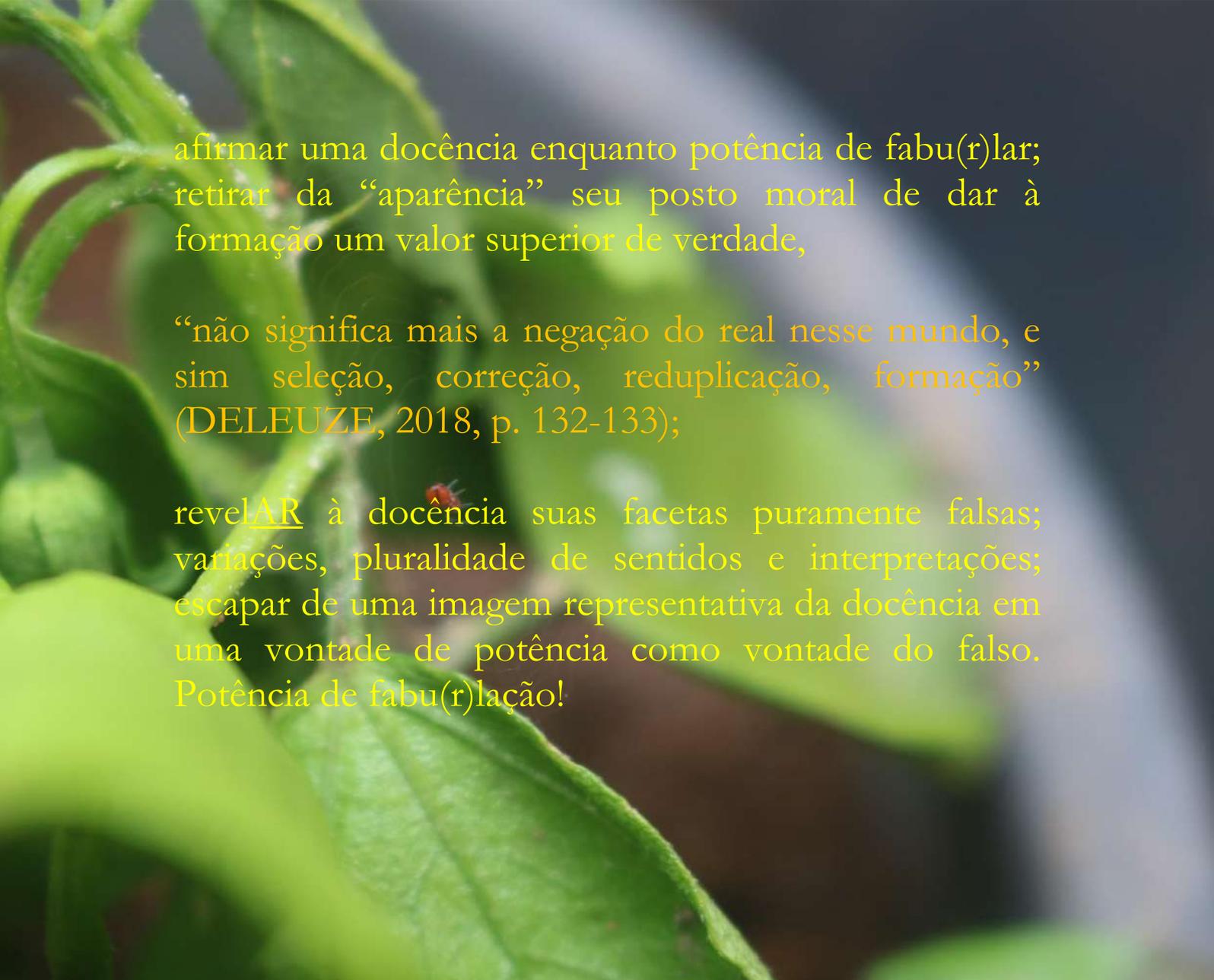
tristeza, desespero, problemas de saúde por estresse e aquela saúde, que já está em risco por conta de um vírus que atinge um planeta inteiro, só tende a se agravar. meu pai trabalha fora, serve há anos ao estado que é responsável por nossa escola. nesses tempos em que nossas vidas estão em jogo, ele continua a trabalhar para garantir a segurança daqueles que precisam sair de casa. todos os dias no fim da tarde ele volta para casa, onde vive minha avó que atualmente é paciente oncológica (grupo de risco). a escola sabe disso? a escola está considerando essa vida? vejo essa cena todos os dias e me pergunto: a escola está preocupada com a vida de seus alunos? obrigada pela atenção, caso alguém tenha lido até o fim. espero que esse desabafo possa ajudar de alguma forma ou servir, apenas, para informar. vidas importam! qualquer vida...

de uma aluna para uma escola (?)

“Artrópode da classe dos aracnídeos (ordem Araneída). Apresenta cores variadas, e, quanto ao tamanho, vai do quase invisível a olho nu até espécies de mais de 20 cm. Todas as aranhas são predadoras e sua dieta inclui de insetos tais como: moscas, mosquitos, grilos, gafanhotos, baratas etc. Apesar de poucas aranhas possuírem a capacidade de intoxicar o homem, todas as aranhas são venenosas. As aranhas se distinguem de outros aracnídeos por terem a cabeça e o tórax separados do abdômen por uma estreita cintura. Suas garras são usadas para segurar, picar e triturar a presa”.

Fiocruz . Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/araneideos.htm>

Fiocruz . Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/araneideos.htm>



afirmar uma docência enquanto potência de fabu(r)lar; retirar da “aparência” seu posto moral de dar à formação um valor superior de verdade,

“não significa mais a negação do real nesse mundo, e sim seleção, correção, reduplicação, formação” (DELEUZE, 2018, p. 132-133);

revelAR à docência suas facetas puramente falsas; variações, pluralidade de sentidos e interpretações; escapar de uma imagem representativa da docência em uma vontade de potência como vontade do falso. Potência de fabu(r)lação!

Você perdeu dez bolinhas, Rodrigo! Se não sabe brincar de brincadeira de rua, volta para o seu celular. Aqui a gente brinca mesmo, não finge que brinca. Vamos tirar par ou ímpar para ver quem começa. Não, Daniel! Somos quatro. Não é par ou ímpar, é zero ou um. Vai dar no mesmo. Não vai dar, não! Se a soma der par, quem escolheu ímpar já está fora. Assim é mais difícil, pode dar um número muito grande e a gente não vai saber se é par ou ímpar. Então vamos fazer desse jeito que você falou. Tem também pedra papel tesoura. Não! Essa é velha e chata. Rodrigo, vai brincar?

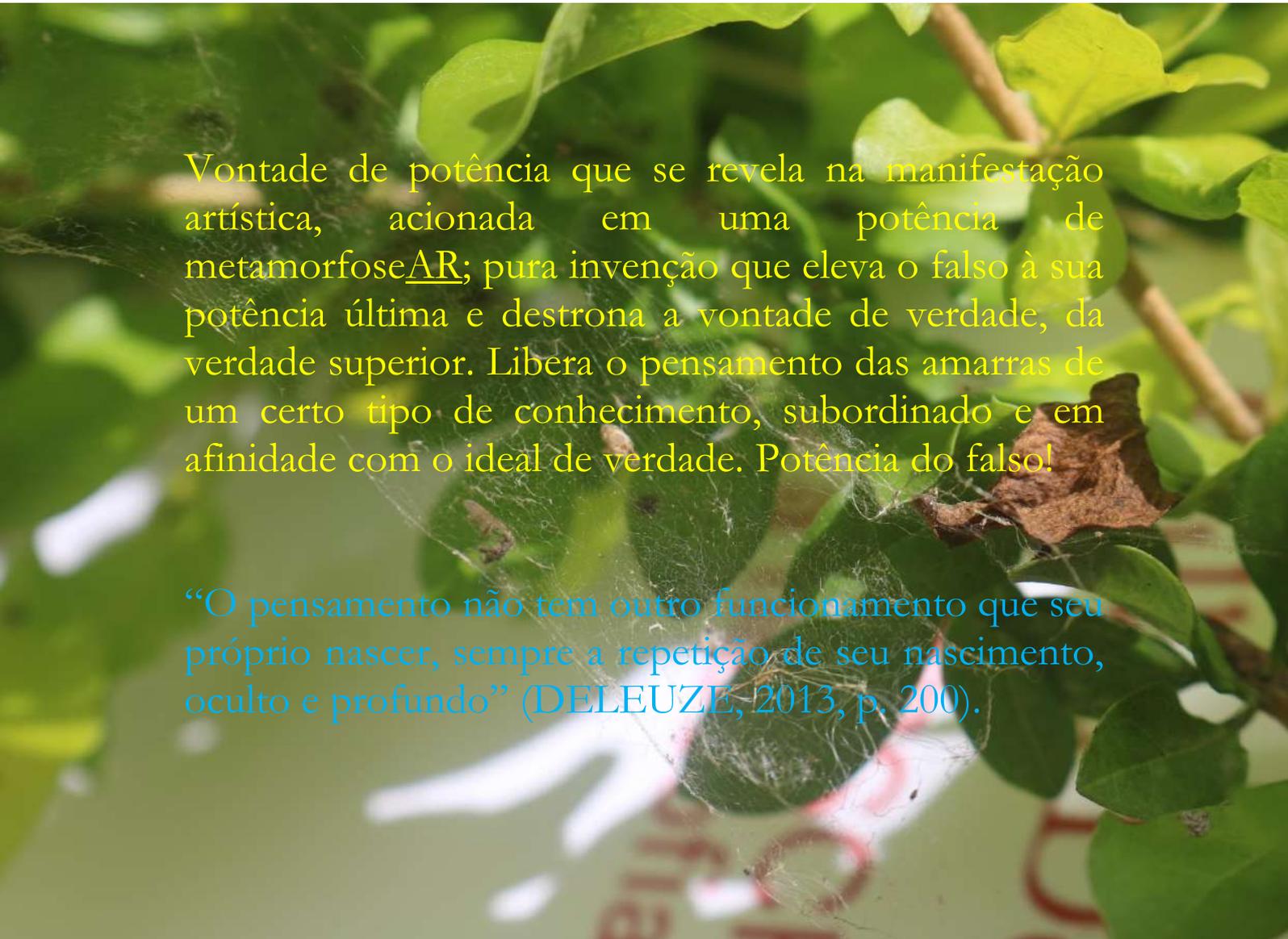
Naquele dia, ele parecia estar em outro mundo. Ficou por ali mexendo em seu celular de última geração; sempre atento ao jogo alheio. Ensaiou várias vezes uma fala, mas recuou.

Rodrigo, continue a leitura do texto de onde a Marcela parou! Meninos, acalmem-se, ainda faltam 10 minutos para o término da aula.

“Os aracnídeos não possuem mandíbulas para triturar o alimento, utilizando-se de suas quelíceras para segurar e dilacerar a presa. Eles ingerem somente alimento liquefeito e, para isso, lançam enzimas digestivas sobre os tecidos dilacerados da presa. O alimento é, então, parcialmente digerido fora do corpo do aracnídeo (**digestão extracorpórea**), formando um “caldo” que é sugado para o interior do estômago (estômago bombeador), associados a másculos. A digestão prossegue no interior do trato digestivo, e os restos não aproveitáveis são eliminados através do ânus”.

Só Biologia. Disponível em:

<https://www.sobiologia.com.br/conteudos/Reinos3/bioartropodes4.php#:~:text=0%20alimento%20%C3%A9%20ent%C3%A3o%20parcialmente,s%C3%A3o%20eliminados%20atrav%C3%A9s%20do%20%C3%A2nus.>



Vontade de potência que se revela na manifestação artística, acionada em uma potência de metamorfose AR; pura invenção que eleva o falso à sua potência última e destrona a vontade de verdade, da verdade superior. Libera o pensamento das amarras de um certo tipo de conhecimento, subordinado e em afinidade com o ideal de verdade. Potência do falso!

“O pensamento não tem outro funcionamento que seu próprio nascer, sempre a repetição de seu nascimento, oculto e profundo” (DELEUZE, 2013, p. 200).

Deleuze sustenta a ideia de que o aprender é um ato e que está em relação com os signos. É considerar, de lance, um ser, um objeto, uma matéria... na emissão de signos a serem interpretados, decifrados. E se o ato de aprender diz de uma interpretação de signos, considerando sua heterogeneidade, Deleuze defende que nunca se aprende fazendo como; não se trata de imitação, de seguir um modelo, um ideal de aprendizagem ancorado no fio da reconhecimento.

Aprende-se sempre fazendo com... com algo, com alguma coisa, com alguém, com um animal. Um ato de aprender sem qualquer conformidade, semelhança com o que se aprende. É pura invenção que se afirma e se produz na relação; na arte do encontro; com o que acontece... perdendo tempo; em devir. Algo que perturba, arromba, violenta o pensamento na criação de uma singular e nova imagem, infinitamente outra. Potência de transmutação!

“Nunca se sabe como alguém aprende”¹⁵⁹

¹⁵⁹ Saltar na produção de danças, com Deleuze, em *Proust e os signos*, 2003.

O calendário escolar traz a ideia de compartimento, de um tempo restrito dedicado ao cumprimento do currículo. A forma como se organiza o cotidiano escolar parece não favorecer o encontro com o inusitado. Os interesses dos alunos sobre determinado assunto, que foge ao planejado, dificilmente são discutidos em sala de aula; desvia do previsto e pode comprometer o cumprimento do plano de ensino da instituição.

Certa manhã, enquanto discutia com a turma do quinto ano sobre sistema de tratamento de água - que acabou trazendo a questão da poluição e do lixo - surgiu a conversa sobre o consumo. Um tema interessante que está diretamente relacionado à questão ecológica. Fiquei pensando no que viria daí. Para minha surpresa, os **youtubers** surgiram logo na primeira fala: canais com muitas novidades, produtos da moda, músicas “da hora”, **stand-up**, fofocas, culinária, dicas de beleza, necessidades imediatas para crianças e adolescentes. Alguns nomes famosos foram surgindo; a turma se agitou neste momento e cada um quis dizer o que sabia sobre essa profissão tão em evidência e disputada. Mergulhar numa piscina de creme de avelã; comprar roupinhas para bonecas realistas; abrir centenas de “recebidos”, presentes “carinhosamente” enviados aos **digitalinfluencers** por marcas que brigam por uma maior visualização. Como é uma turma numerosa - trinta e cinco alunos com faixa etária entre 10 e 11 anos - as contribuições foram as mais diversas e confusas; todos queriam falar ao mesmo tempo, participar da discussão; outros até reproduziam cenas dos episódios que veem na internet. Em um primeiro momento, fiquei apavorada com tudo aquilo; estava fugindo do planejado e precisava dar a parte teórica que trata dos impactos da poluição no Meio Ambiente. Além de explicar como deveriam fazer a maquete sobre o sistema de tratamento da água, bem como cartazes explicativos para diminuir os impactos causados pela poluição. No entanto, a discussão se prolongou e extrapolou o tempo estipulado, invadiu o previsto. Diante de tudo isso, não consegui controlar a turma e nem mesmo dar minha aula. Tentei interromper a discussão várias vezes,

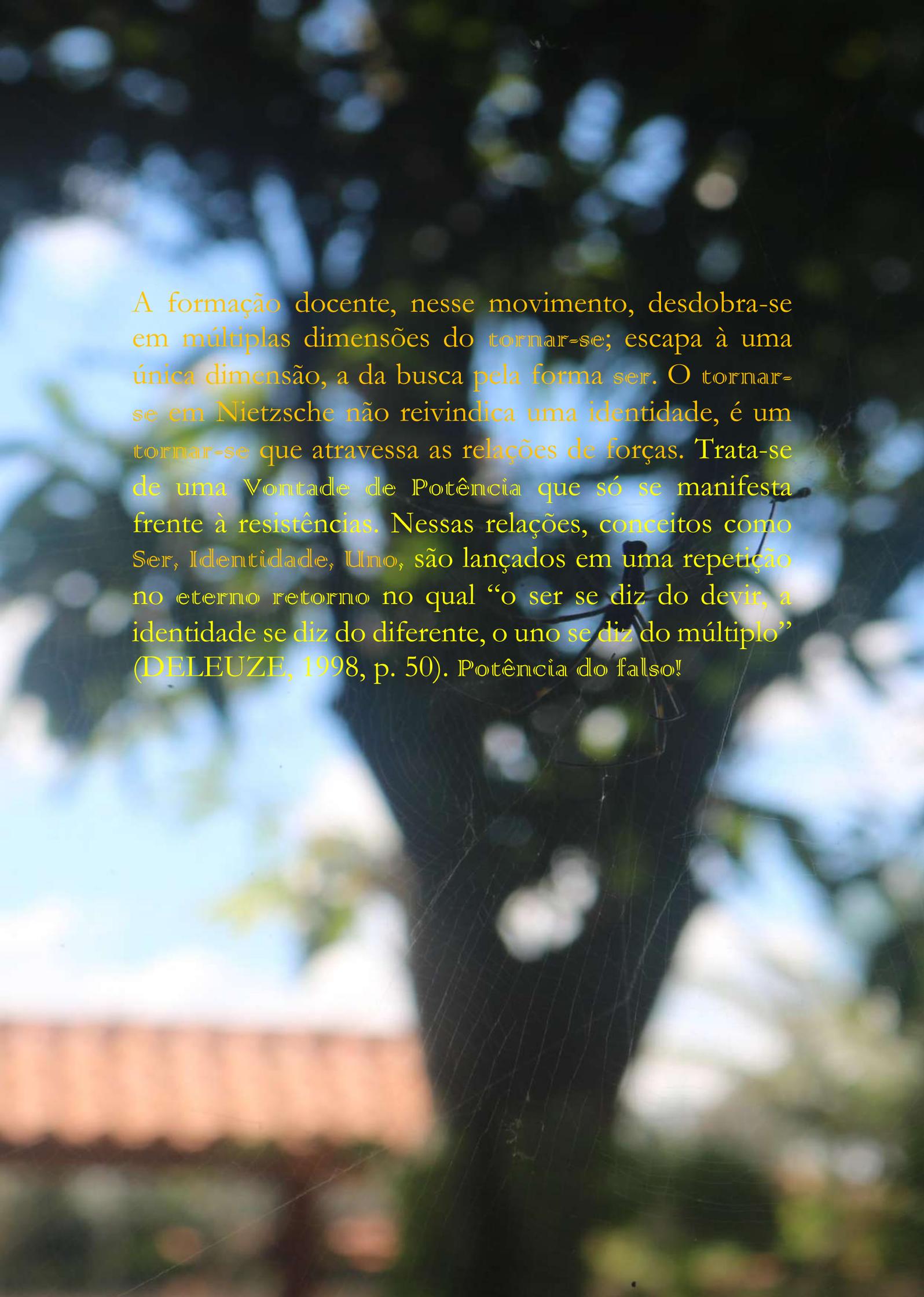
redirecionando a conversa para o tema proposto; fui vencida. Abandonei a ideia e decidi me atentar para o que estava se passando. Quando me dei conta, percebi que havia, sim, uma relação do consumismo - que a turma trouxe a partir dessa nova carreira - com a questão ecológica. Sem interromper, segui o fluxo da aula de ciências... Como saber se os alunos aprenderam?

Uma professora pre-ocupada com ensinar, o que aprende?

Aracnário

Aranhas são animais sem esqueleto interno. A sustentação e a proteção de seu corpo são feitas por uma carapaça externa, composta por uma substância chamada quitina. Essa proteção é extremamente importante para evitar a perda de água, o que permite que as aranhas e outros animais do grupo dos artrópodos (escorpiões, insetos, crustáceos) consigam sobreviver em ambientes muito variados.

Instituto Vital Brasil. Disponível em: <http://www.vitalbrasil.rj.gov.br/aracnario.html>

A photograph of a spider on its web, positioned in the center-right of the frame. The spider is dark and its legs are spread out. The web is a complex, spiral pattern. The background is heavily blurred, showing green foliage and a brick wall at the bottom. The lighting is natural, suggesting an outdoor setting during the day.

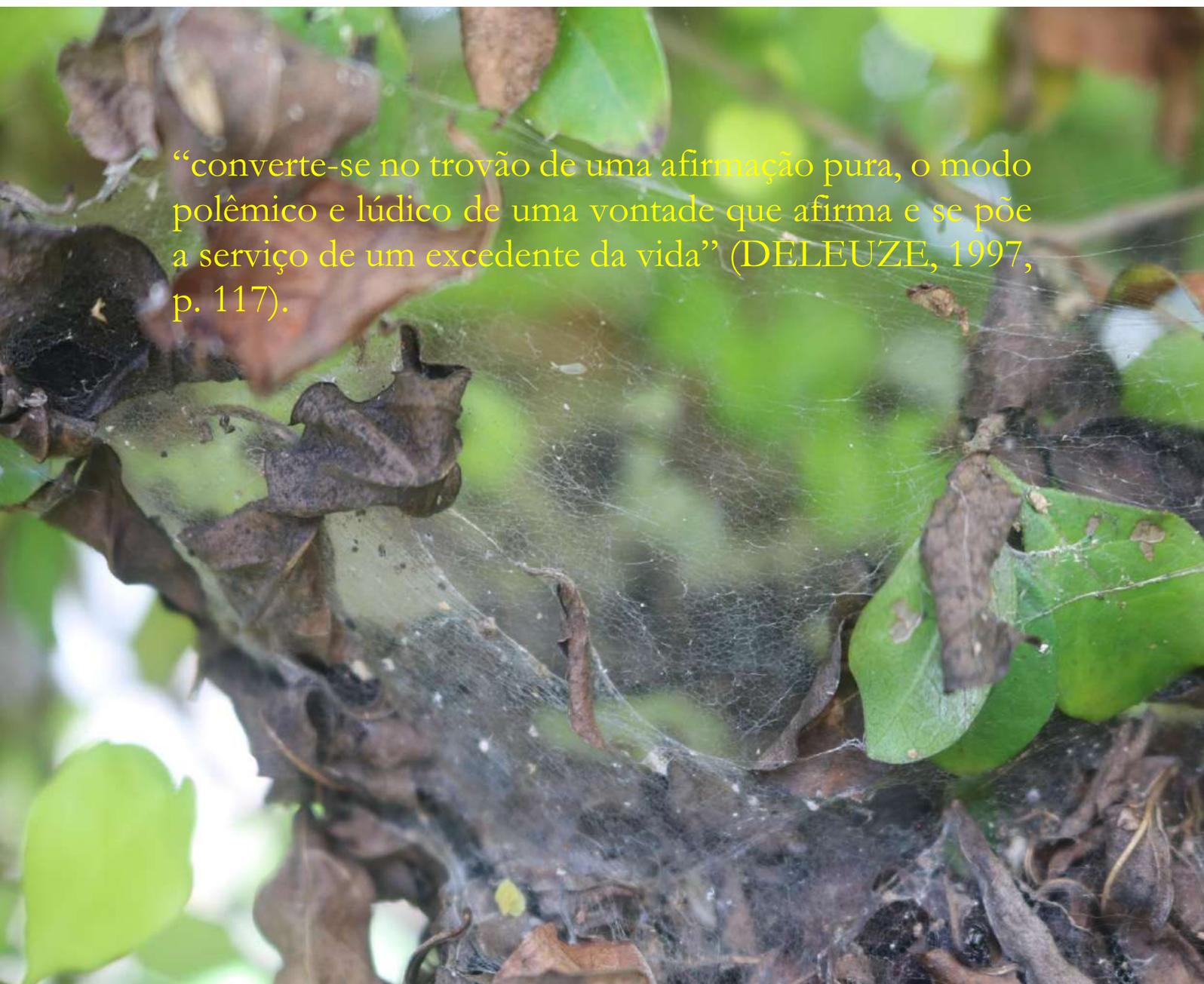
A formação docente, nesse movimento, desdobra-se em múltiplas dimensões do tornar-se; escapa à uma única dimensão, a da busca pela forma ser. O tornar-se em Nietzsche não reivindica uma identidade, é um tornar-se que atravessa as relações de forças. Trata-se de uma Vontade de Potência que só se manifesta frente à resistências. Nessas relações, conceitos como Ser, Identidade, Uno, são lançados em uma repetição no eterno retorno no qual “o ser se diz do devir, a identidade se diz do diferente, o uno se diz do múltiplo” (DELEUZE, 1998, p. 50). Potência do falso!

35 alunos, quantitativo descrito na lista do diário de classe. A aula funciona em um esquema de revezamento, mas de 7 apenas; nunca mais do que isso. Quase 40 minutos falando sem parar. Todos os dias faz a chamada, como se criasse uma cena na qual a sala de aula estivesse completa, com todos os seus alunos. Suas manhãs, de segunda à sexta, de agora em diante. Na esperança de encontrar um aluno diferente, faz um esforço para não guardar o nome dos sempre presentes. A professora segue com suas aulas bem planejadas, de acordo com o plano de curso da escola. Essa tem sido sua primeira experiência com a docência. Um contrato que conseguiu assim que se formou no curso de história, a distância. Como às vezes fala, tudo isso mais parece um ensaio para o momento no qual, por fim, assumirá uma sala de aula de verdade.

Faces de uma formação em tempos de pandemia...

Ariadne-Aranha abandona o homem superior, o modelo invariável (Tseu-Camelo); nega as forças reativas, rompe o fio do ressentimento, da moralidade; alivia a alma do pesadume do empreendimento de negação da vida. Meia noite! Transmutação em um devir dionisíaco. ARriadne se torna força ativa, potência feminina;

“converte-se no trovão de uma afirmação pura, o modo polêmico e lúdico de uma vontade que afirma e se põe a serviço de um excedente da vida” (DELEUZE, 1997, p. 117).

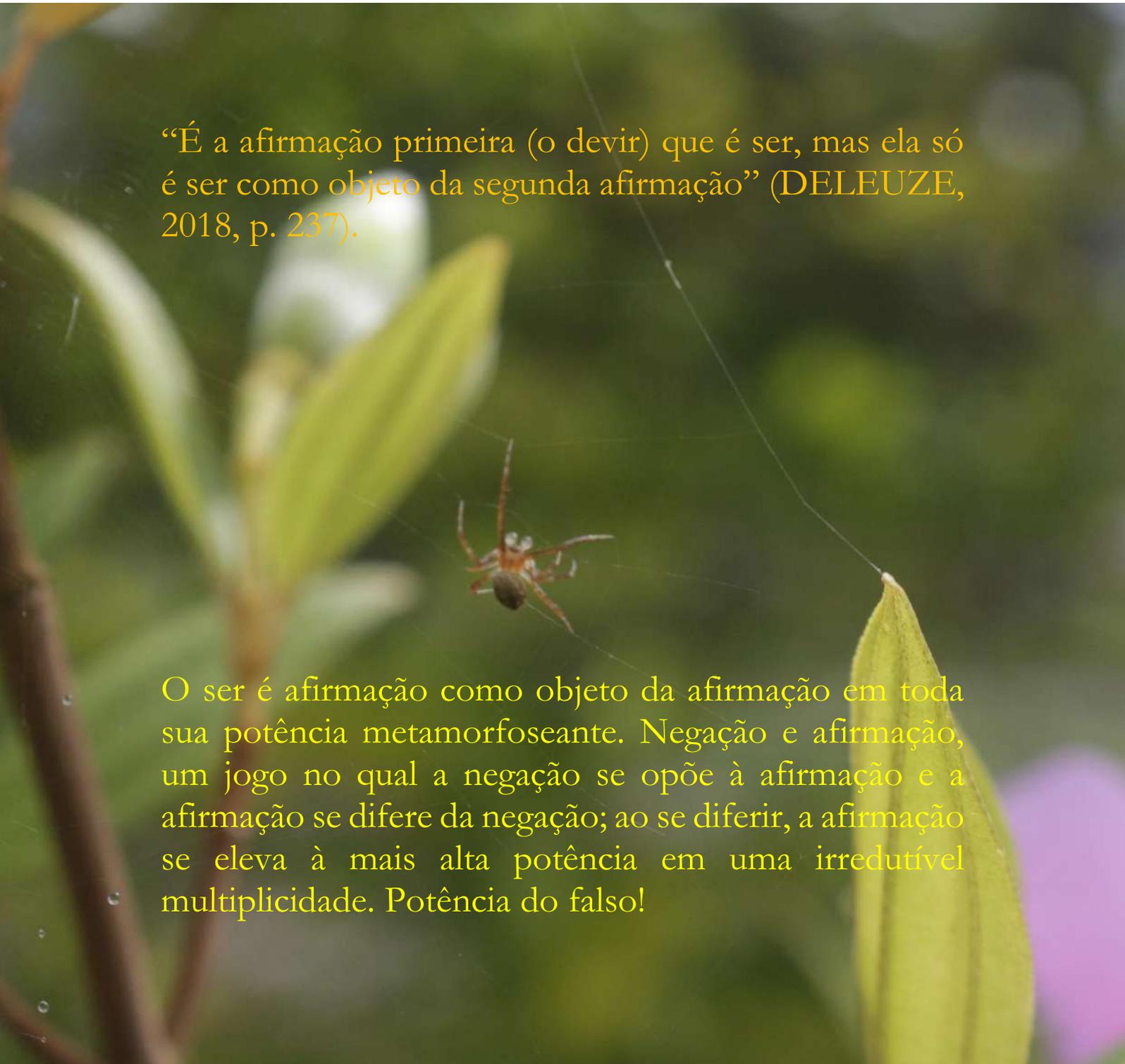


O barulho do despertador interrompe um sonho performático e aéreo. A manhã invade o quarto colocando um corpo velho e cansado para fora da cama. Todos os dias... a mesma coisa. Gestos maquinais definem sua rotina. No trabalho, comemoração pelos trinta anos de dedicação a uma atividade que ganha vida própria pelo automatismo de suas ações. A previsibilidade dos movimentos cotidianos retira, aos poucos, sua potência de vida. No silêncio, algumas palavras em um pedaço de papel saltam aos seus olhos e esvaziam o tempo de sua repetição habitual. Espelho. Transmutação! Estranhamento. Uma Guida, várias guidas. Uma mulher! Uma modelo sem Modelo. Tempo. Modulação! Potência de vida em arte. Potência da arte com-vida. Fabu(r)lação!

“A modulação é bem diferente: é um fazer variar o molde, uma transformação do molde a cada instante da operação”¹⁶¹.

¹⁶⁰ GUIDA, 2014.

¹⁶¹ DELEUZE, 2013, p. 40.



“É a afirmação primeira (o devir) que é ser, mas ela só é ser como objeto da segunda afirmação” (DELEUZE, 2018, p. 237).

O ser é afirmação como objeto da afirmação em toda sua potência metamorfoseante. Negação e afirmação, um jogo no qual a negação se opõe à afirmação e a afirmação se difere da negação; ao se diferir, a afirmação se eleva à mais alta potência em uma irreduzível multiplicidade. Potência do falso!

“85 professores, diretores, pesquisadores, pais e alunos participaram na sexta-feira passada de uma reunião aberta comigo para falar de [#VoltaÀsAulas](#) . Entreguei hoje ao ministro da Educação, Milton Ribeiro, um ofício com as sugestões desse grupo”¹⁶².

Que volta? Que aulas? Que escola? Que educação? Que qualidade? Que alunos? Que alunas? Que professores? Que professoras? Que aprender em uma aprendizagem? Que existir em uma existência? Que interesses? Que estilo de vida? Que modos de existir? Que poderes públicos? Que Políticas Públicas? Que pais? Que mães? Que família? Que pesquisadores? Que pesquisadoras? Que funcionários? Que funcionárias? Que Direção? Que instituição? Que vacina? Que cuidados? Que formações?

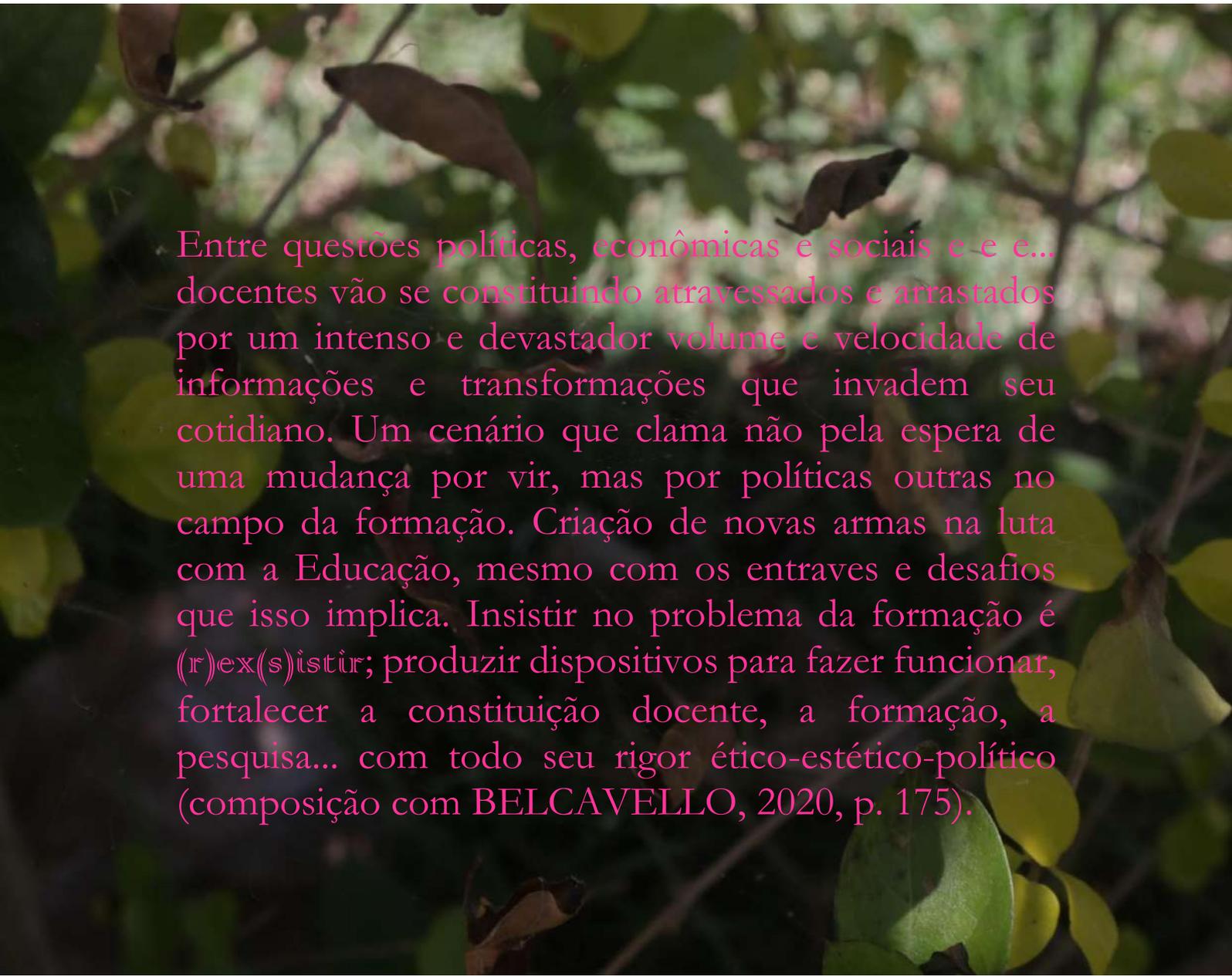
“Sou da opinião, sim, que nós já temos condições de retornar, porque o número de casos e óbitos tem caído de forma consistente, e hoje temos um ‘colchão’ de segurança na rede hospitalar. Não podemos mais continuar prejudicando alunos, pais, que têm tido trabalho grande, e essa falta de aula causa problema mental nas crianças também, trancadas em casa, sem convivência social. Estaremos fazendo um esforço para que isso ocorra”¹⁶³

Que governo? Que Secretarias? Que decisão? Que segurança? Que ondas? Que planejamento? Que Ministério? Que máscaras? Que Educação? Que Gestão? Que Diretrizes? Que Economia? Que eleições? Que transportes? Que Progresso? Que Sociedade? Que Projeto? Que Poder? Que bem? Que Ciência? Que Academia? Que protocolos? Que vidas?

Que Sentença?
Παρ Σεντενça?

¹⁶² Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/tabata-amaral-e-bombardeada-de-criticas-apos-reuniao-com-ministro-sobre-volta-as-aulas-lobby-irresponsavel/>.

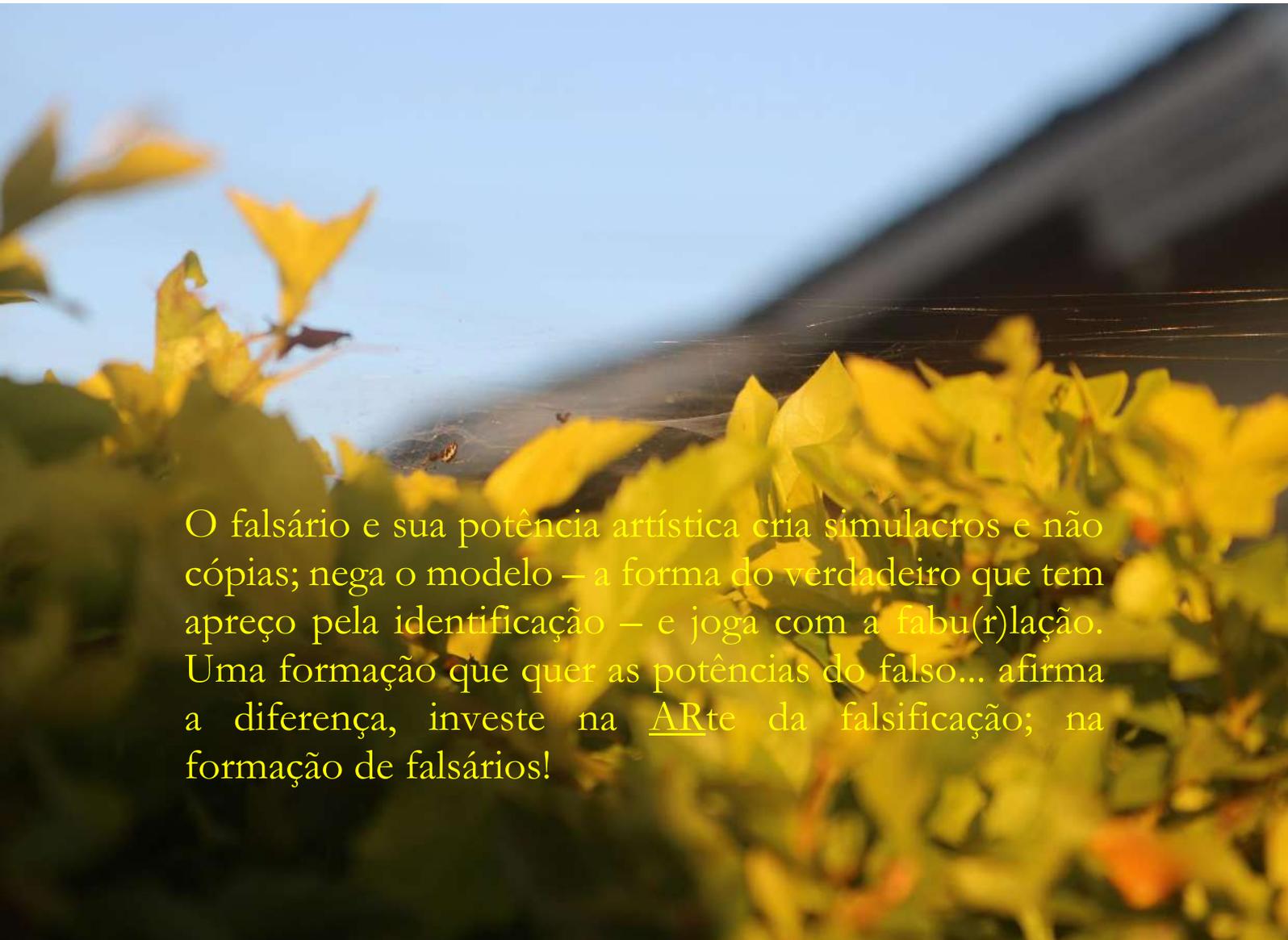
¹⁶³ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/09/22/interna_gerais,1187753/zema-sinaliza-volta-as-aulas-presenciais-em-escolas-estaduais-de-minas.shtml.



Entre questões políticas, econômicas e sociais e e e... docentes vão se constituindo atravessados e arrastados por um intenso e devastador volume e velocidade de informações e transformações que invadem seu cotidiano. Um cenário que clama não pela espera de uma mudança por vir, mas por políticas outras no campo da formação. Criação de novas armas na luta com a Educação, mesmo com os entraves e desafios que isso implica. Insistir no problema da formação é ((r)ex(s)istir; produzir dispositivos para fazer funcionar, fortalecer a constituição docente, a formação, a pesquisa... com todo seu rigor ético-estético-político (composição com BELCAVELLO, 2020, p. 175).

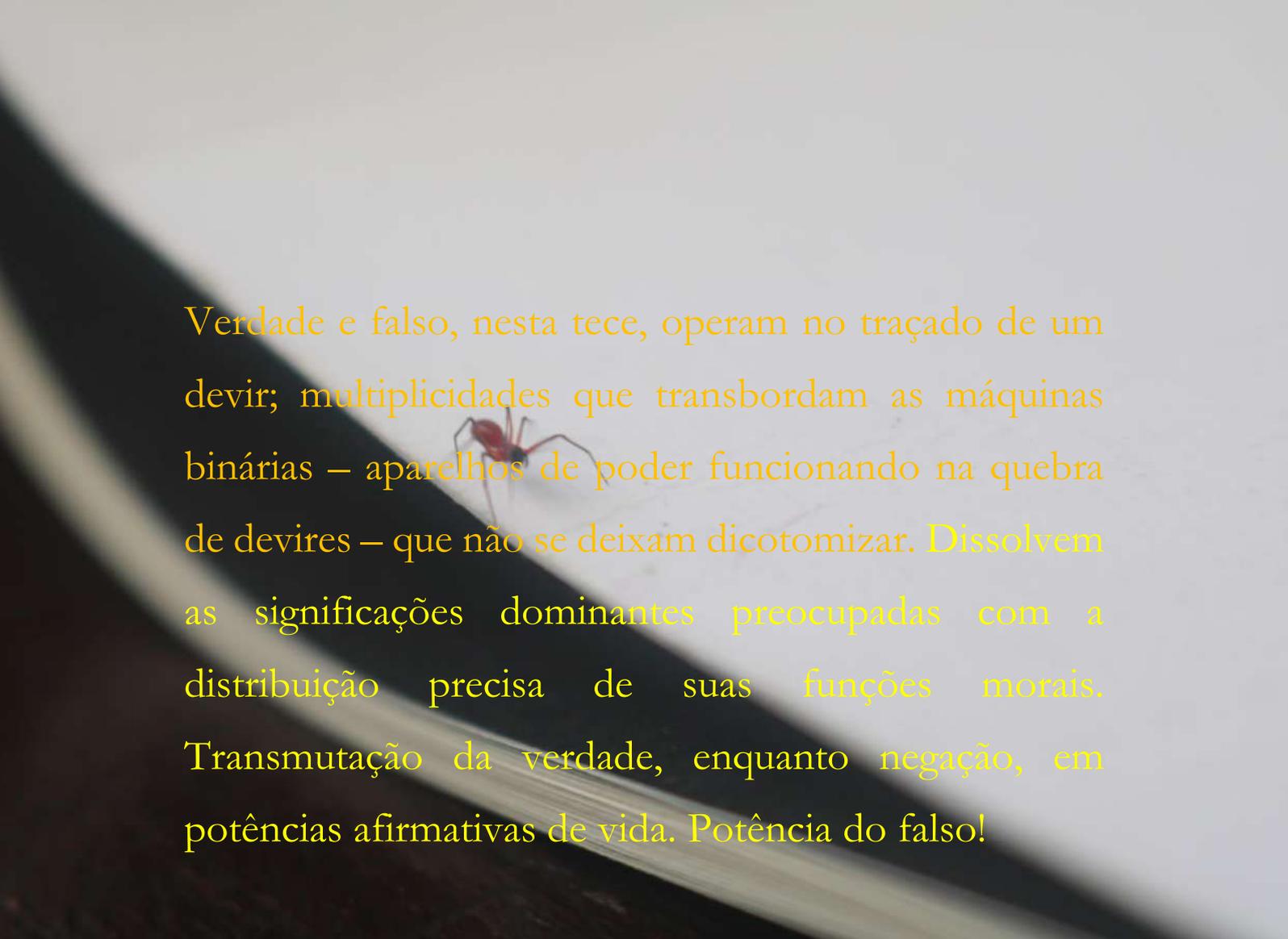
Ela chega às 7h, já cansada; senta-se sempre na fileira do meio, na 3.º carteira; parece até que o contorno da cadeira segue uma forma-corpo. Organiza seu material sobre a mesa, olhares atentos à chamada para não levar falta no diário. Após, retira o restante do material de sua mochila que já não tem mais a definição de uma cor, talvez um amarelo que foi tomado por um marrom com cinza; ou seria um bege? O esforço para levantar a mochila do chão, assim como para colocá-la, era exaustivo; parecia carregar tijolos. E por ali ela ficou por longas e intermináveis horas, em silêncio. Na sala de aula, seu comportamento e organização estavam dentro do esperado. A disciplina, grande aliada no controle e promoção da ordem. O som estridente do sinal anuncia o fim do turno de aula. Hoje os alunos foram liberados antes do tempo previsto; falta repasse de verbas para **merenda escolar**¹⁶⁴. Ela sai depressa com sua mochila que, aos poucos, vai ficando cada vez mais leve com a ajuda da lata de sardinha que fez um furo em sua base. Os alimentos, que havia recolhido no caminho da escola, vazam pela abertura da mochila e alivia o peso de suas costas. Desconfia-se de que tudo aquilo se tratava de sua refeição, a daquele dia.

¹⁶⁴ MEC não libera verba da merenda escolar para apoiar famílias pobres. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2020/07/bolsonaro-verba-merenda-escolar/>.



O falsário e sua potência artística cria simulacros e não cópias; nega o modelo – a forma do verdadeiro que tem apreço pela identificação – e joga com a fabu(r)lação. Uma formação que quer as potências do falso... afirma a diferença, investe na ARte da falsificação; na formação de falsários!

Os efeitos. O caderno. O isolamento. A caixa de lápis. O lanche fora de hora. O percurso. O professor. A paquera na saída. O feriado esperado. A prova. O impeachment. O castigo. A cola na mesa. O planejamento cumprido. O verde. O rock. O prédio cinza. A geografia. O medo. O recreio organizado. A moda. Os códigos criados. O tédio. Os documentos. O carro. O livro didático. A chuva. O banco. A arma. As férias. A teia. A matéria chata. O passarinho. A política. O professor carrasco. O lápis. O transmutar. A aprovação. A briga na entrada. A comida. O ranking. A mochila. O conselho. A vacina. Os boletins. As existências. A queimada. As escadas. As risadas. O celular. O shopping. A professora. As aulas de matemática. O frio. A hora cívica. A aula não dada. A forma. A internet. O projeto. O nascimento. A pipa. O silêncio. A chuva. O dia do índio. Os blocos. A pandemia. A carteira. Os exercícios de física. O rio. A terra. O funk. O choro. As reuniões. O vermelho. O tempo. As maquetes. A voz. O e-mail. A escola. O rosa. O ar. A aula de química. Os pareceres descritivos. O corpo. O chinelo. A morte. A formação. A merenda. O jogo. O modelo. O cachorro. O ódio. A pesquisa. O portão. O calendário. A potência. Os concursos. O racismo. A sala da Direção. A cola na prova. O uniforme. O doutorado. A academia. O namoro de verão. O gato. A fruta. O esgotamento. O espelho. O discurso. A final do campeonato. A estação. Os afetos. A prisão. A reprovação. Os encontros. O desmatamento. O negro. O ritmo. As resistências. O filme. O erro. A chamada. O bolo. A pandemia. Os mistérios. O descuido. As selfies. A educação. A casa. O aluno. A roupa inadequada. O atual. O movimento. A quadra. A saúde. As lives. O álcool. As fakes. O beco. O apontador. O desabafo. A piscina. A instituição. A atenção. O melhor. O feminicídio. A banca. A vez. O tempo perdido. A rainha da primavera. O político. A mesa. O desgoverno. O relógio. A carta. Todas as aulas. O direito. O labirinto. O sino. A universidade. Os órgãos. A poluição. O novo. O carnaval. As faixas. O espaço. O barulho. A régua. O território. O computador. A festa. A verdade. A biblioteca. As ruínas. O jardim. A fome. Os bordados. O chinelo. A amiga inseparável. O devir. O gênero. A idade. A roupa suja. O rosto. A trilha. As frações. As curtidas. A vida. O tom. As conversas paralelas. O ENEM. A aranha. A vela. O recesso. O Ensino Religioso. O documento. O whatsApp. A máscara. O mais bonito. As ondas. O virtual. A aluna. A caminhada. A música. A disciplina. A simulação. O azul. O belo. A rua. A docência. O histórico. O BBB. A borracha. A fila. O skate. O acontecimento. A menina. As redações. O sapato. A bebida proibida. As alegrias. As linguagens prontas. A fita. Os exames. O falso. A travessia. O estômago vazio. A TV. Os corredores. A máquina. A criança. Os banheiros. O pátio. A bicicleta. As relações. Os feitos às escondidas. O cristal. O mercado. O destaque. Os ruídos. O poder. A pasta amassada. A arte. A cor. O abandono. O cheiro. As aulas de ciências. A greve. O ressentimento. As experimentações. O dia da bandeira. A falta. As equações. As punições. A escrita. A paixão pela professora. A corrida. As faces. A aula perdida. O menino. O tênis furado. O cancelamento. O trabalho. As forças. O cinema. O rolê. A fuga. O cabelo. O sufocamento. O resto. O ônibus. A viagem. A pele. O verão. A formatura. A afirmação. As placas. O corte. As literaturas... **Que currículo?**



Verdade e falso, nesta tece, operam no traçado de um devir; multiplicidades que transbordam as máquinas binárias – aparelhos de poder funcionando na quebra de devires – que não se deixam dicotomizar. Dissolvem as significações dominantes preocupadas com a distribuição precisa de suas funções morais. Transmutação da verdade, enquanto negação, em potências afirmativas de vida. Potência do falso!

“Isto aqui é um depósito dos restos. Às vezes é só resto. E às vezes vem também o descuido. Resto e descuido”.
Estamira, filme de Marcos Prado.

Perder tempo

HELQEL TEMBO

O que seria o inusitado em uma sala de aula? Perder tempo... O que pode acontecer para além do planejado? Perder tempo... O que escorre pelas nossas mãos e não se pode controlar? Perder tempo... Como lidar com o imprevisível? Perder tempo... Como perceber as sutilezas de uma sala de aula? Perder tempo... É possível perder tempo de aula? Perder tempo... Questões invadem o trabalho e a vida de uma professora sempre a pensar em sua sala de aula. Como estar atenta ao que acontece? Perder tempo... Como acolher a tudo isso? Perder tempo... E se o inesperado acontecer? Perder tempo... As perguntas súbitas, as chuvas repentinas, os risos descontrolados, os choros de saudades, insetos invasores; medos que paralisam, olhares que dizem... Parar, dar-se tempo, espaço; demorar mais com os acontecimentos. Como assim? Perder tempo... E o tempo da aula? Perder tempo... E o currículo? Perder tempo... Quantas vezes falamos “não é hora disto”; ou, “não temos tempo para isto agora”; ou, ainda, “se sobrar tempo fazemos isto”? Perder tempo... Que tempo é este que nunca temos? Perder tempo... Que tempo é este que nos consome? Perder tempo... Que tempo é este que nunca podemos perder? Perder tempo... Que tempo é este de aprender? Perder tempo... Que tempo é este do currículo? Perder tempo... Que tempo é este do planejamento? Perder tempo... Como planejar o aprendizado? Perder tempo... Tornar-se atento ao que vem, ao que acontece, como? Perder tempo... Como dar passagem ao inusitado? Perder tempo... Como acolher a vida com o que ela vai se compondo? Perder tempo... Deixar acontecer; ficar à espreita, como? Perder tempo...



“Quem procura a verdade? Há sempre a violência de um signo que nos força a procurAR, que nos rouba a paz. A verdade não é descoberta por afinidade, nem com boa vontade, ela se trai por signos involuntários” (DELEUZE, 2003, p. 16).

Último conselho

É quase noite, o relógio apressado indica que a reunião já deveria ter iniciado. As imagens circulares na tela do computador mais parecem uma arte decorativa da tela de descanso. Um mosaico cujas figuras apontam para uma nova técnica que reúne tipos e estilos diferentes. Um som agudo, espécie de microfonia, quebra o silêncio e desfaz aquela arte transitória.

Vamos dar início ao nosso Último conselho?! Peço para que deixem microfones e câmeras desligadas; só se manifestem quando solicitados. Começaremos pela turma do 6.º ano A, em ordem alfabética, como de costume, deixando para o final os alunos problemáticos. Assim, não perdemos tempo com aqueles que não tiveram um aproveitamento esperado e desejado. É importante lembrar que este conselho é mais rápido e objetivo. Então, não vamos ficar parando em cada aluno. Digam somente “aprovado” ou “reprovado”. [Alvani Guimarães](#), [Bianca Wachholz](#), [Carla Carrilho](#), [Dirce Teixeira](#), [Eloá Cristina](#), [Eliza Samudio](#), [Fernanda Silva](#), [Geralda Guabiraba](#), [Isabela Silva](#), [Juliana Lucena](#), [Kathlen Romeu](#), [Kimberly Oliveira](#), [Larissa Cruz](#), [Marielle Franco](#), [Natália Germano](#), [Olívia Dias](#), [Patrícia Menezes](#), [Queila Rejane](#), [Raiane de Almeida](#), [Rosiane Cavalcante](#), [Selma Almeida](#), [Taluanly Silva...](#) Gente, desculpa, podem retornar? Tive um problema com meu notebook; estou no celular. As orientações foram repassadas a uma velocidade da luz; o tempo exercia um poder controlador e determinante, organizava até mesmo a fala. Gente, a [Carla](#) não deveria ficar para o final do conselho? Ela não faz nada na minha aula, foi assim durante todo o ano. Pelo jeito ela está com problema somente em Arte; talvez fosse o caso de dar os pontos que faltam. Mas são muitos... 26 pontos. Então, não podemos parar o Conselho, perder tempo para falar de um caso específico com uma disciplina que nem mesmo tem o poder de reprovar. Esta aluna não pode ser reprovada apenas em Arte. Os pais entrarão com recurso e não teremos argumentos. Como assim, reprovada em

Arte?! Você, professor, precisa resolver essa situação sozinho; temos que prosseguir.

Thais Mendonça, Vanessa Santana... Yasmin Guedes. Tem algum caso que querem colocar em discussão para que o Conselho possa deliberar? Seguiremos então com as turmas 6.º B até a 6.º D, nessa mesma dinâmica; temos que finalizar o Conselho e fazer, de uma vez, a enturmação para o próximo ano. Temos um total de 33 reprovações e 61 aprovações. Com esse número de reprovações o ranking da escola inevitavelmente vai cair, por dois anos seguidos. Sabem o que isso significa, né!? Em um ano atípico como este, penso que nem reprovação deveríamos ter. Nem todos os alunos tiveram as mesmas condições de acesso ao material, aulas, provas, além de outras dificuldades que estão enfrentando. Mas isso não nos diz respeito, a escola não pode assumir uma responsabilidade que não lhe compete. O que compete a nós, enquanto instituição, já foi feito: seguir e fazer cumprir o calendário letivo. O que sai disso, não temos controle e nem devemos ter. Sem contar que a escola ficou aberta neste período de isolamento para acolher quem não tinha condições de seguir com os estudos em casa. Meu Deus, a coisa não é tão simples assim! A escola tem grandes responsabilidades sobre a vida de cada aluno e se um não tem condições mínimas de acesso, cabe sim à escola ofertar essas condições e não punir esses alunos como está fazendo. Concordo com o colega, não tínhamos que estar discutindo sobre reprovações e aprovações, mas sobre a situação dos nossos alunos e de suas famílias. Assim como muitos de nós, esses alunos estão passando por situações nunca antes vivenciadas, pessoas próximas e queridas saindo de suas vidas sem ao menos um adeus. Para mim este não deveria ser o “último conselho”, mas o primeiro para se pensar em como vamos lidar com essas vidas que ocupam esse lugar chamado escola. De que escola estamos falando? A nossa não é de Educação Integral? De que educação estamos falando? Essas reprovações são atos de irresponsabilidade e até mesmo atos criminosos. Um atentado contra os direitos desses meninos de estudar. Mas eles estão estudando; isso nunca foi negado! Apesar do Conselho Regional de Educação ter dado autonomia para as escolas decidirem, não é uma atitude responsável assumirmos a reprovação. Lavaram as mãos; tiraram sua responsabilidade enquanto autoridade. Qual é a preocupação da escola neste momento, cumprir calendário letivo? São mais de 100 mil mortes só no Brasil, mais de 10 mil em

Minas Gerais, sem contar os efeitos que tudo isso tem produzido em meio à inércia e ao negacionismo, uma politicagem sem precedentes; um governo necrófilo, sem qualquer tipo de projeto de preservação da vida. Estou cansada desse discurso pronto promovido por uma mídia desinformada, querem se promover no espetáculo do circo que armam. Nossos alunos sequer têm condições de acesso a equipamentos necessários para a realização de um ensino remoto com o mínimo de qualidade possível. Você disse que nossa escola ficou aberta para receber esses alunos, mas nossa escola é pública e não dispõem desse mínimo, nem mesmo para iniciar tal processo com garantias de que a aprendizagem possa acontecer do modo esperado e desejado. Igualdade de direitos. Gente, acho que estão exagerando. O ensino a distância já existe há um tempo, muitos de nós fizemos aulas remotas. Esse momento tem sido uma excelente oportunidade para repensarmos a educação e as possibilidades de aprendizagem. Mesmo com todas as dificuldades, hoje em dia é muito difícil encontrar uma pessoa que não tenha acesso à internet, nossos alunos mesmo. Nas aulas, ficam o tempo todo no celular e se chamamos atenção ainda se irritam. A internet tem tornado possível a aproximação entre alunos e professores. O que a escola tem feito é se adaptar à nova realidade, reconhecendo que precisamos de algumas melhorias. Mas isso é com o tempo, pois estamos vivendo um ano atípico e fomos pegos de surpresa. Concordo! Ficar discutindo, agora, não vai ajudar em nada. O ano letivo já terminou e o que constamos sobre os alunos reprovados tem a ver com falta de participação da família, não comprometimento desses alunos, mais do que qualquer outra coisa. Ficamos à disposição deles. Sim, mas estão se esquecendo da falta de preparo da família para receber a escola em sua casa; poucas, ou nenhuma, condições de acesso do aluno. Nós também! É importante dizer que não temos condições, preparo e experiência para lidar com esse tipo de ensino. Nossa formação docente, nesse sentido, foi insuficiente, deixou a desejar em vários aspectos e esse é um deles. Problema que enfrentamos de uma formação em uma Instituição Pública. Eu me formei em uma Instituição Privada e também não estava preparada para enfrentar essa situação. Isso não tem a ver com a formação, mas com o modo como pensamos a educação. A formação nunca dará conta dos acontecimentos da vida. Jamais estaremos preparadas para as situações que surgem

na escola, na sala de aula, seja presencial ou a distância. Você tem razão, minha formação se deu em uma Rede de Ensino Privada e a distância. A formação acontece no dia a dia, com todos os desafios que enfrentamos. Estamos lidando com vidas, com o singular, com o imprevisível, com o inusitado. Temos que pensar as relações, como são produzidas. Penso que nosso trabalho passa por aí, somos muitas e únicas ao mesmo tempo. Assim são, também, nossos alunos. Temos que apontar outras questões relacionadas ao nosso trabalho com a Pandemia. Estamos lecionando em casa, com isso as horas de trabalho aumentaram exponencialmente; sem contar que o envolvimento dos alunos diminuiu muito durante a pandemia, estão desmotivados, sem perspectivas. Que formação? Tudo isso só acentuou as desigualdades sociais, não se discute sobre, tampouco se fala na qualidade da educação. Há um certo interesse, um projeto maior que envolve tudo isso, gente. O que querem com a escola? Com a educação? Com a formação? Pessoal, já deu nosso tempo. Outra coisa, cuidado com o que dizem; precisam provar! Não adianta trazer essas discussões para o Último conselho; agora não podemos fazer mais nada. Quero encerrar esse momento desejando um feliz ano novo para todos e boas férias! Espero que vocês, assim como eu, estejam com a sensação de “dever cumprido”. Fizemos tudo o que podíamos ter feito; o resto, não cabia a nós. Até 2021, presencial...

Aos poucos... o mosaico vai se desfazendo dando lugar a uma tela escura, como quando o monitor entra em modo descanso. O relógio se arrasta e marca, pontualmente, 22h.

“O movimento fundamental descentrado torna-se movimento em falso, e o tempo fundamentalmente libertado torna-se potência do falso que agora se efetua no movimento em falso” (DELEUZE, 2013, p. 174).



o que resta? o dia depois

Mãe, que horas são? 7h30, minha filha. Nossa, mãe! E agora? Não dá mais tempo!

Prezada professora, bom dia! Envio este e-mail para pedir que me ajude. Perdi a hora da prova. Como faço? Fui dormir tarde e não dei conta de acordar cedo. Por favor, me ajude! Sabe professora, desde que começamos a ter essas aulas a distância, não tenho conseguido organizar meu tempo de estudo. A rotina aqui em casa não tem sido nada fácil. Perdemos uma amiga próxima; não sabemos se estava com a doença, mas tinha os sintomas. Como estou ficando em casa, tenho que cuidar da minha avó de 80 anos e da minha irmã de 3. Duas pessoas que dependem de mim o tempo todo. Minha mãe fica fora de casa, trabalha; quando chega, tudo tem que estar pronto. Todos os dias, a mesma coisa. Estou muito cansada. Por favor, será que pode me ajudar?

Para-se tudo! Uma ordem. Aos poucos, uma escola vai sendo desocupada. A agitação de uma rotina, de repente, é interrompida. A arquitetura de um espaço sem ocupação, torna-se apenas uma estrutura vazia. As carteiras, as salas, o refeitório, a quadra, os banheiros, os objetos deixados ou esquecidos, tornam-se outros no mesmo lugar. Ainda estarão por lá? A porta da sala aceitará ser aberta pela chave que a abandonou? A agenda, que ficou sobre a mesa, saberá acompanhar os dias sem o movimento de suas folhas? E a caneta esquecida no chão, sua tinta terá a mesma cor? Um território de passagem, que tem a pre-tensão de formar, dá espaço à ocupação de um silêncio que quase se confunde com um abandono.

Não, a escola não pode parar. E o currículo? E o calendário escolar? E as provas? E o ENEM? E os concursos? E o ano letivo? E as atividades escolares? Não, a escola não pode parar! Mas, de que escola estamos falando?

Temos que voltar ao trabalho. Como nossa escola vai ficar no ranking geral? E nossa posição, como vamos manter? O isolamento não resolve o problema. O trabalho remoto não dá conta. E como fica a educação? Mas, de que educação estamos falando?

O trabalho excede suas horas e leva ao esgotamento. Mas... professora, você é formada, tem que dar conta. Não há que se dizer em excessos, mas em faltas. Sua formação te prepara para isso, também. Onde fez sua graduação? Você tem mestrado? E doutorado? Mas, de que formação estamos falando?

Muda-se o espaço, preservam-se as regras. Um novo modelo de escola? Conservação da forma? Um ideal de escola, de formação, de educação se mantém; a favor de que estilo de vida e modos de existir?

Professora, na minha casa tem apenas um computador e somos três para acessar, como vamos fazer? Professora, minha internet não é boa e minha mãe ficou desempregada, não tem como pagar outra. Professora, minha tia não tem condições de colocar uma internet na minha casa, como vou estudar? Professora, cuidado da minha prima recém operada, fico cansada e não estou conseguindo me concentrar nos estudos, posso enviar a atividade outro dia? Professora, minha irmã morreu. Professora, professora, professora...

Professora, nada podemos fazer. É a vida! Mas, de que vida estamos falando?

Atrás do homem verídico, que julga a vida do ponto de vista de valores pretensamente mais altos, está o homem doente, “o doente de si próprio”, que julga a vida do ponto de vista de sua doença, de sua degenerescência e esgotamento¹⁶⁵.

¹⁶⁵ DELEUZE, 2013, p. 172.

o que resta?

MP 910, dispõe sobre a regularização fundiária das ocupações incidentes em terras situadas em áreas da União.

<https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/140116>.

MP 966, dispõe sobre a responsabilização de agentes públicos por ação e omissão em atos relacionados com a pandemia da covid-19.

<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-966-de-13-de-maio-de-2020-256734909>.

Covid-19 mata mais no Brasil que tuberculose, dengue e outras doenças somadas.

<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/05/11/covid-19-no-brasil-mata-mais-que-a-soma-de-mortes-por-doencas-como-tuberculose>.

Novo ministro da Educação, Feder, defendeu fim do MEC e privatização total do ensino.

<https://www.brasil247.com/brasil/novo-ministro-de-bolsonaro-feder-ja-defendeu-extincao-do-mec-e-privatizacao-do-ensino>.

Ministro da Saúde Nelson Teich deixa governo Bolsonaro.

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/15/nelson-teich-pede-demissao-do-governo-bolsonaro.htm>.

Faces da necropolítica!

“É um tipo de força esgotada, mesmo quando continuou quantitativamente grande, mas só pode destruir e matar, antes de se destruir, e talvez a fim mesmo de se matar. É nisso que ela encontra um centro, mas que coincide com a morte. Por maior que seja a força, ela está esgotada, pois não sabe mais se transformar. Por isso é declinante, decadente, degenerada: representa a impotência nos corpos, isto é, o ponto preciso em que a “vontade de potência” já não é mais um querer-dominar, um ser para morte, e que tem sede de sua própria morte, com a condição de passar pela dos outros”¹⁶⁶.

É o direito de existir?

Precificação e negação da vida. Quantos podem viver? Quantos devem morrer? E o direito de existir? Um tempo se desfaz em sua frágil organização... Presente! Afirmação de um tempo que faz variar o que se quer invariável.

¹⁶⁶ DELEUZE, 2013, p. 171.

“Mas agora a questão que te coloco, prática, é a seguinte: como enfrentar, de um ponto de vista muito concreto, na reinvenção do poder através dos movimentos sociais, a rigidez do poder de classe associado ao Estado? Esta pergunta tem que ver com a reinvenção dos métodos de luta, com a reinvenção da luta”¹⁶⁷.

o que resta de uma escola?

o que resta de uma escola?

o que resta de uma educação?

o que resta de uma educação?

o que resta de uma formação?

o que resta de uma formação?

o que resta de uma vida?

o que resta de uma vida?

“Restam os corpos, que são forças, nada mais que forças. Mas a força já não se reporta a um centro, tampouco enfrenta um meio ou obstáculos. Ela só enfrenta outras forças, se refere a outras forças, que ela afeta e que a afetam. A potência é o poder de afetar e de ser afetado, a relação de uma força com outras. Resta que, no devir, a terra perdeu todo centro, não apenas em si mesma, mas já não tem centro em torno do qual girar. Os corpos não têm mais centro, exceto o da morte, uma vez esgotados, quando ganham a terra para nela dissolver”¹⁶⁸.

o que resta?

o que resta?

No movimento com o mundo, afirmar uma vida que é puro devir; que a única garantia que se pode dar é a de que não há garantias, apenas (r)ex(s)istências.

o que resta?

o que resta?

Restam afetos e efeitos.

¹⁶⁷ FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 42.

¹⁶⁸ DELEUZE, 2013, p. 170-174.

Qual a potência da educação em tempos de isolamento social? Qual a potência desses corpos que ocupam uma escola? Que vida do falso tem no encontro com o cristal das docências, nesse tempo que já não é? Como dar a ver essas vidas que pulsam? Que vidas?

o que resta?
o que resta?

Mãe..., não gosto dessa escola COVID; inventa outra?!

“Quanto à pergunta que você formulava, Paulo, de como essa reinvenção do poder responde à repressão do poder central existente, eu diria que essa pergunta não possui uma resposta universal. Não existem receitas. Essa resposta tem de ser inventada no bojo da reinvenção do poder, da reinvenção da luta pelo poder”¹⁶⁹.

o que resta?
o que resta?

Ah, professora, já ia me esquecendo, o que ainda preciso fazer da sua disciplina?

O que resta?
O que resta?

“Estas perguntas possivelmente farão
rir a alguns burocratas no poder ou
candidatos a ele”¹⁷⁰.

¹⁶⁹ FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 44.

¹⁷⁰ Ibid, p. 51.



“A minha missão, além de eu ser Estamira, é revelar a verdade, somente a verdade: Seja a mentira, seja capturar a mentira e tacar na cara... ou então, ensinAR a mostrar o que eles não sabem. Eu, Estamira, visível e invisível, eu tenho muitos sobrenomes...” *Estamira, filme de Marcos Prado.*

Isto aqui é um depósito dos restos...

Entrar em **um ensaio em tese**... em tese? Um ensaio seria um talvez? em tese: um gesto filosófico perguntaria Larrosa ao sugerir que para dar a ler é preciso **esse gesto às vezes violento de problematizar o evidente** (a formação no chão da escola), **de converter em desconhecido o demasiado conhecido** (a teia que a aranha tece sem se propor tecer, apenas sendo teia no devir da sua existência arácnida), **de devolver certa obscuridade ao que parece claro** (as palavras), **de abrir uma certa ilegibilidade no que é demasiado legível** (uma tese). Um ensaio em tese: um talvez, que, como nos lembra Derrida, **o pensamento do talvez envolve talvez o único pensamento possível de acontecimento...**¹⁷¹.

Às vezes é só resto.

Escrever nos restos e com restos implica sempre um exercício de exposição do limite: nos restos como o espaço da solidão da produção estética, espaço este estranho aos grandes monumentos escriturísticos e ligado à criação de ruínas com a língua¹⁷².

E às vezes vem também o descuido.

Fazer da pesquisa o que se quer que ela seja, injetando em um rígido plano de organização e desenvolvimento (agenciamentos territoriais estratificados) que encobre investigações majoritárias, desejos produtivos e inventivos, acoplando nas mesmas toda uma sorte de maquinarias pensamentais que defloram o próprio pensamento a pensar¹⁷³.

Resto e descuido...

A composição da tese, na verdade, é ela mesma uma composição, um tecido; faz o texto ficar modulado na diversificação das formas. Facetas (manifestação dinâmica da diferença) de uma docência que é cristal (que é sinal de beleza, de algo que se concentra com o tempo; que é ao mesmo tempo frágil e que precisa ser cuidado). O empreendimento da pesquisa é também um empreendimento da própria pesquisadora, que se torna “criadora”, “ativa” como a ARanha...¹⁷⁴.

¹⁷¹ RIBETTO, 2020. *Parecer 1.ª qualificação*.

¹⁷² RIBETTO, 2016, p. 66. *Uma escrita acadêmica outra*.

¹⁷³ MOSSI, 2014, p. 8. *Quem a pesquisa [em educação] pensa que é?*

¹⁷⁴ SANTOS PINTO, 2020. *Parecer 1.ª qualificação*.

Deleuze dá pistas para se pensar que o salto que se produz do cinema clássico para o cinema moderno (novo cinema) reside, principalmente, na questão do tempo; em sua problematização entre fronteira. As imagens no cenário do cinema moderno – diz Deleuze – ganham força, abrem-se a novos agenciamentos; variações que perturbam um certo tipo de conhecimento e rompe com o modelo dominante no encadeamento da montagem cinematográfica. É aí que a imagem-cristal ocupa lugar; tira de cena a representação orgânica da montagem de uma imagem-movimento – reconhecida por sua continuidade: conexões lógicas, legais, causais – e a substitui pela imagem-tempo. Desforma uma forma-esquema, quebra o sistema do julgamento e apresenta uma imagem-tempo direta, não mais uma imagem indireta que resulta do movimento sequencial; não mais o tempo subordinado, à mercê, do movimento; o contrário. Nesse novo cenário, a narração verídica deixa de aspirar ao verdadeiro para se transformar em uma narração falsificante; uma narração tecida pelas potências do falso. Dobra que liberta a imagem, o tempo do aprisionamento cronológico e lançam-nos – sob o poder do falso – para o campo da transmutação e indiscernibilidade. Isso, na medida em que as potências do falso se efetuam em movimentos que se furtam à centragem, em movimentos aberrantes, movimentos em falso. O mundo não mais representado, supostamente preexistente, decifrado; o mundo visado, sempre ambíguo, a ser decifrado; mundo a ser experimentado. Fabu(r)lAR!

Estranheza e incômodo de uma escrita que resiste a uma forma-tempo; que luta contra a convenção de um modelo de organização. E... ainda que em algum momento esse tal tempo pareça se render aos números que o define, sempre dá um jeito de escapar sem que sua ausência seja notada. A escrita, quando pensa que se livrou das garras da forma-tempo... uma armadilha a captura. Presa e cansada de lutar, rende-se por um tempo ao tempo. Joga seu jogo, sempre existindo e resistindo, à espera de uma nova fuga...

Sim, já é tempo – de um tempo que já não é – de tentar capturar uma escrita; sua materialidade, ao menos. Isso... sem dizer de uma pressa, mas de uma velocidade produzida junto aos elementos que se colocam no **entre**. De toda parte, a todo momento, eles se colocam; invadem um instante em que o vento pede passagem. Uma corrente de AR faz a escrita flutuar...

Eles, os elementos, colocam-se de tal modo levando a escrita ao delírio. “Delirar é exatamente sair dos eixos ‘como pirar’”¹⁷⁵. A cada deslocamento no labirinto, encontra-se com um problema. Há um movimento operando nesse lugar de agenciamentos, em um devir ruidoso, um devir silencioso; devires quase imperceptíveis. “Os devires são o mais imperceptível, são atos que só podem estar contidos em uma vida e expressos em um estilo”¹⁷⁶. Um estilo de escrita assumido e defendido enquanto produção de pesquisa, de formações, de vidas e e e...

Palavras soltas, palavras que foram, lentamente, ocupando este espaço. Pura resistência a um tempo que se impõe! Uma luta entre forças em um campo flutuante, sem a segurança de um solo e a certeza de uma terra firme. Mas, é preciso que ela se faça. É imperativo, estando em um espaço de produção, que se revele a que se destina sua ocupação neste território. Reivindica-se uma explicação! Clama-se por uma compreensão. Como explicar o que fica no campo dos afetos? E se não se encontra palavras para o resumo de um acontecimento, o território de passagem deixa de se produzir enquanto território? O que dizer desse campo, para além do que ele já diz? Ou não diz!? Deixa-se dizer...

¹⁷⁵ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 33.

¹⁷⁶ Ibid, p. 3.

Uma corrente de AR fresco passa pela escrita, que se agita com o vento; talvez, para que o devir não seja fixado, moldado em uma forma invariável; para que não seja aprisionado em uma estrutura. A escrita, tomada por essa agitação, traça linhas; linhas de fuga... na tentativa de não se aliar a palavras de ordem estabelecidas; não ter um fim em si mesma. “E é o vento, mesmo um vento de ar fresco, que ora ~~nos~~ a precipita e ora ~~nos~~ a imobiliza”¹⁷⁷.

“É possível que escrever esteja em uma relação essencial com as linhas de fuga. Escrever é traçar linhas de fuga, que não são imaginárias, que se é forçado a seguir, porque a escritura nos engaja nelas, na realidade, nos embarca nela. Escrever é tornar-se, mas não é de modo algum tornar-se escritor. É tornar-se outra coisa”¹⁷⁸ e tornar a coisa, ela mesma, outra... e uma palavra e um termo e um conceito.

Trata-se de um campo político tensionado pelas relações de forças que o constituem. E nessas relações, ela, a escrita, segue linhas e estilos imprevisíveis; sem que se possa apontar a origem do seu processo. Uma composição que se afirma *entretempos*; cria sua própria armadilha e se torna presa e predadora de si, sem qualquer identificação.

Um movimento que se aproxima, talvez, ao de uma aranha quando da produção de linhas sedosas à espera de sua vibração. Os signos que atravessam sua teia, despertam-na em uma agitação cambaleante; ensaia uma dança vibrante e descompassada. A escrita deve ser um pouco disso, um algo que “é atravessado por estranhos devires que não são devires- escritor, mas devires-rato, devires-inseto, devires-lobo”¹⁷⁹, devires-aranha.

Devir-aranha faz devir, traça uma linha *entre...* E isso não consiste em falar como aranha em um devir-animal que se quer imitar o animal, embora esteja penetrada por um devir-aranha. Há devires-animais na escrita, na pesquisa, na vida... que não consistem em falar do animal, da aranha. “É, antes, um *encontro entre dois reinos, um curto-circuito, uma captura de código onde cada um desterritorializa*”¹⁸⁰. Um devir sem o qual esta produção não teria se dado do modo como se apresenta; nesta forma-tece. Um devir-aranha que escapa ao modelo, à imitação; é pura conjugação com os agenciamentos em funcionamento; rente aos fluxos da pesquisa.

¹⁷⁷ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 61.

¹⁷⁸ Ibid, p. 35.

¹⁷⁹ DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 21.

¹⁸⁰ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 36.

A pesquisadora, nesse jogo, torna-se animal no momento em que o animal torna-se outra coisa; torna-se linha, cor, ruído, movimento, AR. De modo algum, trata-se de uma troca de lugar, mas de agenciamentos; blocos de devir assimétricos. Um tornar-se que só acontece “se o outro torna outra coisa ainda, e se os termos se apagam. É quando o sorriso não tem gato, como diz Lewis Carroll, que o homem pode, efetivamente, tornar-se gato, no momento em que sorri”¹⁸¹. Um processo em devir-animal que não quer dizer nada a não ser o que ele se torna e faz um corpo-professora-pesquisadora-jogadora tornar-se com ele.

A aranha não é uma metáfora, não é um sistema comparativo; a aranha é um agenciamento que inventa um corpo no jogo com a vida; faz funcionar elementos de um conjunto não homogêneo; escapa a uma estrutura que quer ser dominante. Em tudo isso, só há efeitos, afetos, devires... “ora eles nos enfraquecem, quando diminuem nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristeza); ora nos tornam mais fortes, quando aumentam nossa potência e nos fazem entrar em um indivíduo mais vasto ou superior (alegria)”¹⁸².

Devires que transbordam, colocam em relação as forças de afetar e de serem afetadas: a aranha e sua teia, a teia que se agita... AR; tornar-se aranha. Devir-animal, devir-molecular, devir-imperceptível. Devires sem passado, sem futuro, sem memória; um devir-presente, um devir-animal sem ser bicho; criação de formas sempre em metamorfose, em uma experimentação no *entre*, no meio... O devir-aranha da pesquisadora faz bloco com o devir-mulher de *Ahnara*, pura potência feminina de afirmação da vida e modos de (r)ex(s)istir.

Um tornar-se outra coisa nessa relação com as linhas de fuga traçadas; que de modo algum tem a ver com fugir da vida, renunciar às ações do mundo; é devir-ativo o tempo todo. É fazer fugir alguma coisa, um sistema de negação da vida; fazer vazar por *entre* teias... criar modos de vida. Um desarranjo e desalinho de tempos e formas... Um *fabu(r)lar entre emaranhados* de tempos e tecituras de formas, infinitamente outras e outras e outras e e e... *aranhAR.*

Potência do falso!
POTENCIA DO FALSO!

¹⁸¹ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 60.

¹⁸² Ibid, p. 49.

“É o circuito de duas imagens virtuais que não cessam de se atualizar, e não cessam de se relançAR” (DELEUZE, 2013, p. 93).

Para Deleuze o circuito é uma troca perpétua entre atual-virtual; essa troca se faz ainda mais ativa na mesma medida em que o circuito remete a uma multiplicidade infinita de formas, de imagens virtuais; como um suposto rosto refletido nas facetas de um cristal; uma imagem vista a partir de uma infinidade de espelhos. Um jogo de captura e liberação entre atual e virtual. Potência do falso!

“A troca ou a indiscernibilidade prosseguem, pois, de três maneiras no circuito cristalino: o atual e o virtual (ou os dois espelhos face a face); o límpido e o opaco; o germe e o meio” (DELEUZE, 2013, p. 91).

Potência do falso:
Potências do falso:

fio a fabu(r)lar formações...

Os/as leitores extraem ~~dos livros~~ das teses, consoante o seu ~~caráter~~ afeto, a exemplo da abelha ou da aranha que, do suco das flores retiram, uma o mel; a outra, o seu veneno¹⁸³.

(...) a canção muda de natureza e de sentido conforme quem a cante, o feiticeiro sob a máscara de Ariadne, a própria Ariadne no ouvido de Dioniso¹⁸⁴.

Desafio lançado: jogar um jogo! Não qualquer jogo... Jogar o jogo da vontade e da força; do sentido e do valor; do desejo e da produção; dos afetos e das experimentações. Jogar em um campo infinitamente aberto, sob oposições e tensões entre forças; sem critérios, nem regras. “O jogo tem dois momentos que são os de um lance de dados: os dados lançados e os dados que caem; meia-noite e meio-dia, a hora em que se lançam os dados, a hora em que caem os dados”¹⁸⁵. O movimento se dá em apenas um único lance: afirmação do acaso e da necessidade do acaso; afirmação do devir e do ser do devir. Um jogo labiríntico enredado por linhas sinuosas, imprevisíveis e vertiginosas. Os riscos são copiosos. Um deles é cair na armadilha da Aranha Universal – nas **teias de aranha da razão**¹⁸⁶ – tornar-se presa e ficar à serviço de suas artimanhas. Sim, há uma “presumível aranha de propósito e moralidade por trás da grande tela e teia da causalidade”¹⁸⁷. Um som agudo se prolonga no tempo: o jogo se inicia com um único lance de dados; sem combinação esperada, sem finalidade, sem causalidade! Uma das estratégias aracnídeas para afastar predadores em potenciais, até mesmo outras aranhas, é a repetição de sons sibilantes, emitidos pela fricção das pernas dianteiras. “Os dados lançados uma só vez são a afirmação do “acaso”; a combinação que formam ao cair, a afirmação da ‘necessidade’”¹⁸⁸. Ecos se dispersam no labirinto. “A regra do jogo”¹⁸⁹ é não ter regras! Talvez, pistas para se jogar bem. O movimento está no eterno retorno da afirmação, na produção da diferença; retornar o ser do devir, a necessidade do acaso, o uno do múltiplo. Potência; força! A primeira, com suas nuances de afirmação e negação; a última, com suas qualidades de ação e reação. Isso, a depender do lugar que ocupam no alongamento do fio: forma do ideal ou atividade da vida?

¹⁸³ NIETZSCHE, 2001.

¹⁸⁴ DELEUZE, 1997, p. 118.

¹⁸⁵ DELEUZE, 2018, p. 38-39.

¹⁸⁶ *Ibid*, p. 38.

¹⁸⁷ *Ibid*, p. 40.

¹⁸⁸ *Ibid*, p. 39.

¹⁸⁹ Filme de Jean Renoir, 1939, Paris.

Há que se alertar para o fio moral e seus disfarces



As aranhas imitam outras espécies de forma a atrair suas presas ou aproximarem-se o suficiente para capturá-las. Imitam estímulos químicos, comportamentais ou táteis do sistema de reconhecimento das formigas. A aranha levanta o abdome, curvando seu corpo, e move os dois primeiros pares de pernas, o que torna sua postura semelhante a formigas em posição de alarme. Este comportamento atrai as formigas, que são então capturadas pelas aranhas. Para reduzir as chances de fuga da presa, as aranhas podem separar as formigas do substrato, suspendendo-as no ar. Podem ainda saltar com a presa, ficando suspensas em um fio de teia. Dessa forma, evitam também um possível ataque pelas formigas, que são capazes de caminhar pelo fio. Estratégias da aranha...

Com Ecologia e comportamento de aranhas, 2007, p. 265-267

Com Ecologia e comportamento de aranhas, 2007, p. 262-263

Com Ecologia e comportamento de aranhas, 2007, p. 262-263



que perturbação produz...

uma pesquisa?

uma escrita?

uma tese?

uma formação?

uma docência?

uma vida?

Começemos como (ou seria com?) uma aranha, no **entre**; puxando cada fio de seda até que sua teia seja formada, sem que uma forma-teia se defina como única. Os fios se formam e se desformam em formas provisórias; contornam modos de (r)ex(s)istir em um devir-animal. Podem ser finos e secos e lisos e grossos e pegajosos e estriados, numa infundável produção em aliança com o AR. Fio intensivo a vibrar pulsações de um instante. Os rastros provocam confusão dando a ver os vários caminhos de um labirinto, jamais sua saída. Fissuras e fragmentos se multiplicam em sentidos e interpretações a cada acontecimento; “**não existe sequer um acontecimento, um fenômeno, uma palavra, nem um pensamento cujo sentido não seja múltiplo**”¹⁹⁰. Assim, “**alguma coisa é ora isto, ora aquilo, ora algo mais complicado segundo as forças que dela se apoderam**”¹⁹¹; consoantes aos afetos que atravessam um corpo-leitor/a-jogador/a, presa ou não da Aranha Universal. No jogo, a combinação que se forma na queda dos dados pode ser a afirmação da necessidade ou a afirmação da finalidade. Afirmar a finalidade, contar com vários lances de dados à espera de uma combinação final desejada. Afirmar a necessidade, acolher o acaso, afirmar o devir e o ser do devir. Saber jogar é saber afirmar o acaso. Afirmar a vida do falso, sua potência de fabu(r)lação!

Quando os dados lançados afirmam uma vez o acaso, os dados que caem afirmam necessariamente o número ou o destino que relança o jogo de dados¹⁹².

A certeza necessária para se jogar bem é a de que o universo não tem finalidade: não existe fim a esperar, assim como não há causas a conhecer¹⁹³.

¹⁹⁰ DELEUZE, 2018, p. 12.

¹⁹¹ Idem.

¹⁹² Ibid, p. 41.

¹⁹³ Idem.

Fios entrelinhas indicam um ensaio em tece na composição e combinação de acasos e necessidades. Um jogar em um campo infinitamente aberto com uma escola, uma universidade, uma bicicleta, uma música, uma rua, um ônibus, uma aula, um teatro, uma casa, um bar, um hospital, uma estrada, um cinema, um carro... uma vida.

Quem joga?

Fugas provisórias à algumas formas podem perturbar leitores que clamam pela identificação de uma jogadora.

Onde começa e termina o jogo?

Operar com os conceitos no exercício de não os reproduzir; tampouco dar conta de todos, rigorosamente; apenas abrir passagem a tudo que arrastam enquanto fortalecimento, fabricação de outros possíveis junto à **Potência do falso**. Talvez um excesso em transbordamento, sem se ocupar com o preenchimento de algo que falte a um certo tipo de compreensão. Seus criadores, não à toa, foram invocados/as para dizer por si; as interpretações ficam a gosto do/a leitor/a-jogador/a. Neste jogo não há garantias, nem seguranças. O que há são afirmações. Afirmar formações, educações, docências, vidas; afirmação da vida do falso enquanto potência de criação. “Vida que sabe se transformar, se metamorfosear de acordo com as forças que encontra, e que compõe com elas uma potência ainda maior, aumentando sempre a potência de viver, abrindo sempre novas ‘possibilidades’”¹⁹⁴. Um eterno “sim” ao devir. Uma materialidade de forças se apodera da pesquisa que, a um só tempo, se conecta com essas forças. Nessa relação, uma jogadora vai se produzindo no acaso, no “instinto do jogo sempre despertado que cria novos mundos”¹⁹⁵

O que pode um corpo-professora-pesquisadora-jogadora?

Forças, querereres, potências de um corpo em devir; pura experimentação em um devir-imperceptível que se afasta do representativo. Signos instauram modos; também modos de dizer o que não se pode dizer em línguas ou, até mesmo, o que não se disse; algo que ainda nascerá no entrelaçamento dos fios de vida a sair da **ooteca...**

¹⁹⁴ DELEUZE, 2013, p. 173.

¹⁹⁵ DELEUZE, 2018, p. 38.

A pesquisadora, a jogadora ou a pesquisadora-jogadora, “ou isto ou aquilo”¹⁹⁶, ou nem isto nem aquilo, e e e... se ocupa mais com os modos de operar junto ao que se produz nas relações que agenciam uma pesquisa; dizer com uma pesquisa, mais que dizer da pesquisa. Um jogar com a **potência do falso** como um fio a fabu(r)lar formações... As cenas que dão a ver as facetas do cristal das docências se abrem não apenas à múltiplas formações, cercam-nas com mundos possíveis; com uma névoa de imagens virtuais. Um espelho que dá a ver menos um suposto rosto refletido que labirintos em constituição.

Atual e **virtual** se relacionam nos menores circuitos, nos quais o virtual se cristaliza com o atual em um plano de imanência sobre o qual aparecem os cristais. “O **plano de imanência compreende a um só tempo o virtual e sua atualização, sem que possa haver aí limite assimilável entre os dois**”¹⁹⁷. A vida do falso, sua potência, dá-se nessa troca perpétua entre o virtual e o atual, nessa ex-posição que define um cristal. “A **atualização do virtual é a singularidade, ao passo que o próprio atual é a individualidade constituída**”¹⁹⁸.

cristal, educação, potência, aprender, jogo, docência, vida, cinema, falso, matemática, espelho, formação, tempo, aranha... nada querem dizer fora dessa relação. Seu sentido só se dá nessa produção que se propõe a pôr problema na formação; problematizar a docência em um **tornar-se**. Colocar o problema da formação em termos de pensamento; levar até o limite do que ela pode produzir. Uma formação que falta, que nunca existiu; sempre produção de algo novo, sem uma espera garantida. Atentar-se ao que acontece; operar no que acontece; tornar-se com o que acontece, nas relações. Atravessamentos junto a uma pesquisa que se fazem nesta combinação e não em outra.

Os fios seguem num movimento, não como forma que se remete a um conteúdo específico; seguem como um algo que se revela dando lugar a uma outra coisa que nunca se sabe o que é, um por vir sem causa, nem finalidade; sempre formas provisórias a produzir realidades em um devir como potencialização, como vontade de potência; devir como potência do falso da vida. Devir-ativo de uma vida... Dupla afirmação!

Pode uma pesquisa de doutorado não se saber?
 PODE UMA PESQUISA DE DOUTORADO NÃO SE SABER?

¹⁹⁶ MEIRELES, 1977.

¹⁹⁷ DELEUZE, 1998, p. 124.

¹⁹⁸ Idem.

Jogar com as formas; jogo das transmutações,
qual aranha na produção de suas teias...

“A literatura escrita existe no jogo da multiplicação dos eu que se unem, se afastam e se reduplicam ao mesmo tempo em que desdobram a multiplicidade das figuras da letra com falta de corpo e do corpo sofrendo pela escrita. É por isso que suas declarações não se deixam separar de suas obras. É por isso também que a existência mesma depende de certas fábulas que constituem sua potência própria na medida em que elas a efetuem”¹⁹⁹.

¹⁹⁹ RANCIÈRE, 2017, p. 84.

Mas o que significa devir-imperceptível, ao fim de todos os devires moleculares que começavam pelo devir-mulher? Como ocupar as palavras com outros sentidos e sensações que não “estraguem” ou achatem a experiência? Como injetar potência de vida nas palavras, a ponto de que elas falem não sobre a experiência, mas com a experiência? Entrar em um ensaio em tese... em tese? Um ensaio seria um talvez? Entre fios e aranhas e cristais e... que formação? Que docência? Que pesquisa? Cristal como elemento? Como movimento? Como devir caleidoscópico que só refrata e projeta a imagem na medida que o olho e a mão se dispõem a suportar o máximo grau de experiência num gesto – possível – de aderência apenas ao presente? Uma formação operante como caleidoscópico? Será que se trata simplesmente de suprimir a forma? De fugir da forma, ou de fazer a forma fugir? Afirmar um processo que faz proliferar formas, talvez? Nas fronteiras de uma formação, afastados de uma dicotomia verdadeiro falso, que efeitos de verdade se produz em encontros com e em uma formação? Com e em uma docência? Que produz? Que produz pesquisa e tese em dispositivos do falso? Que dispositivos dispõem a potência do falso em uma formação docente? Em uma docência? Através da vidraça da formação docente: o que se vê? O que a formação dá a ver? O que é falso da formação? Que potência do falso opera na docência? Como ela opera? Uma linha, um fio? Docência-cristal ou facetas do cristal de uma docência: um fio a tecer uma tese? Que tese esse fio tece? Que é produzido quando se pensa e se existe de modos distintos daquilo instituído como modos de pensar e de existir? Uma revolução silenciosa? Ruídsa? Amorosa? Revolução? Existirmos: a que será que se destina? Como o tempo opera nesta tese? Como o tempo opera na formação docente nesta tese? Como formação e tempo se conjugam? Como docência se dá em um tempo? Por que o AR de Aranha? A arte da vida? Tempo? Que tempo?

“(...) pôr o problema não é simplesmente descobrir, é inventar. A descoberta versa sobre aquilo que já existe, atual ou virtualmente; era, portanto, certo que haveria de surgir cedo ou tarde. A invenção confere ser àquilo que não era, ela poderia não ter surgido nunca”²⁰⁰.

²⁰⁰ BERGSON, 2006, p. 54-55.

Sem critérios, **nem regras... pistas para se jogar (bem?)**

As variações de fontes e cores são composições em bando; uma espécie de caleidoscópio a produzir, com os espelhos, efeitos vertiginosos. **MS PMincho**, linhas traçadas com ranhuras das disciplinas de estágio em docência, na universidade e nas escolas e nos ônibus e nas ruas e e e... **Bahnschrift Light Condensed** e **Perpetua**, **semqualquer culpa**, são linhas roubadas para composição do que se deu. **Footlight MT Light**, **maquinações da pesquisadora junto aos acontecimentos de uma vida**. **Colonna** opera na combinação com conceitos e na invasão de escritas já criadas. **Arial Narrow**, algo que anda acontecendo por aí – nessa travessia em tempos intempestivos – enquanto uma docência em um *tornar-se* se produz e é produzida. **Baskerville Old Face** são empreendimentos, vontades que andam dizendo por aí e “é sempre o mesmo empreendimento que se persegue, o de matar o touro, isto é, negar a vida, esmagá-la sob um peso, reduzi-la às suas forças reativas”²⁰¹. **MingLiU_HKSCS-ExtB**, linhas se repousam em uma espécie de imagens que se dão fatalmente e necessariamente neste jogo de um instante; um breve “abandono” da vida para “fixar temporariamente o olhar sobre ela”²⁰². *Quem* são as imagens? Trata-se mais de uma questão que diz da potência dos efeitos que as imagens podem produzir – quando elevadas ao seu limite – em termos de potência do falso. **Times New Roman**, notas rabiscadas no rodapé de um território em ruínas; indícios de falsários e falsárias em exercícios de fabu(r)lação entre te(s)(c)es. **Julica T10**, curiosidades sobre o modo de vida das aranhas e suas estratégias de (r)ex(s)istência. **Imprint MT Shadow**, questões de uma banca em “uma mesa divina para divinos dados e jogadores de dados...”²⁰³. **Garamond**, fio a fabu(r)lar uma formação em tece; tentativa de fazer funcionar dispositivos do falso na pesquisa, na escrita, na formação, na docência, na vida... **Papyrus**, um fabu(r)lar com **Ahnara** a urdir teces e tramas de uma vida que atravessa a ordem, sem subtraí-la; instaura movimentos a deslizar pelos fios da ardilosa teia... numa breve e meticulosa dança; cria formas de (r)ex(s)istências ante ao imprevisível, ao inusitado. **Meia-noite**, instante da dupla transmutação. **Potência do falso!**

²⁰¹ DELEUZE, 1997, p. 116.

²⁰² DELEUZE, 2018, p. 39.

²⁰³ Ibid, p. 38.

Um ensaio em tese, uma tese em ensaio, um talvez ... um fio a tecer uma tese.

Que tese esse fio tece? Que fio tece uma tese? Que te(s)(c)e?

Diríamos que o nome próprio não perde seu poder, mas encontra um novo poder quando entra nessas zonas de indiscernibilidade (DELEUZE, GUATTARI, 2012c, p. 116).

Potência do falso, fio a fabu(r)lar trama e teia de Ahnara; uma vida urdida de virtualidades, mistérios, acontecimentos, singularidades...

O que é uma **cinema** pesquisa deve apreender não é a identidade de **personagem** pesquisadora, real ou fictícia, através de seus aspectos objetivos e subjetivos. É o devir de **personagem** pesquisadora real quando ela própria se põe a 'ficcionar', quando entra em 'flagrante delito de criar lendas', e assim contribui para a criação de seu povo²⁰⁴.

A **personagem** pesquisadora não é separável de um antes e um depois, mas que ela reúne na passagem de um estado a outro. Ela própria (a pesquisadora) se torna um outro quando se põe a **fabular** fabu(r)lar sem nunca ser fictícia²⁰⁵.

É preciso que a **personagem** pesquisadora seja primeiro real, para afirmar a ficção como potência e não como modelo: é preciso que ela comece a **fabular** fabu(r)lar para se afirmar ainda mais como real, e não como fictícia. A **personagem** pesquisadora está sempre se tornando outra, e não mais separável desse devir que se confunde com um povo²⁰⁶.

Fluidez de uma vida na escrita, na pesquisa, na te(s)(c)e... na própria vida.

Um encontro entre devires; um **entretecer** formas provisórias. Pura metamorfose!

²⁰⁴ DELEUZE, 2013, p. 183.

²⁰⁵ Idem.

²⁰⁶ Ibid, p. 185.

Tem aranha e AR... tempo de saltar

Tem aranha e teia... tempo de enredar(-se)

Tem docência e formação... tempo de fabu(r)lar²⁰⁷

aranha
Ahnara

ARANHA

²⁰⁷ Composição com CLARETO, 2020. *Parecer 1.ª* qualificação.



Saltar no AR para entrar na dança da leitura, da escrita, da pesquisa, da vida... Entrar nos modos de produção com o que se deu. Fortalecer a dança nos saltos; produzir arranjos provisórios com o jogo.

Saltar no entre, no meio de uma linha, nesse lugar de desconforto e desassossego e delírio e e e... em um devir-aranha da dança.

devir-aranha da dança

desconforto e desassossego e delírio e e e... em um

Saltar no entre, no meio de uma linha, nesse lugar de

Pra não dizer que não falei das flores...²⁰⁸

Universidade Federal de Juiz de Fora -UFJF
e
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES²⁰⁹
e
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
e
Faculdade de Educação – FACED
e
Núcleo de Educação em Ciência, Matemática e Tecnologia – NEC
e
Travessia Grupo de Pesquisa – NEC/FACED/UFJF
e
Grupo de estudos²¹⁰
e
Colégio Tiradentes da Polícia Militar – CTPM
e
Orientadora²¹¹
e
Banca Te(s)(c)e²¹²
e
Família de sangue e de afeto
e
Amigas/os e amores
e
Pai²¹³ (em presença, sempre) e mãe²¹⁴
e
Corpos²¹⁵ muitos (todos e outros tantos) em travessia com a pesquisa e com a vida
e e e...

²⁰⁸ Geraldo Vandré, 1968. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1KskJDDW93k>.

²⁰⁹ Bolsa de estudos no período de 2018-2019.

²¹⁰ Não entre da formação docente em matemática e suas políticas cognitivas (2018-2019).

²¹¹ Margareth Aparecida Sacramento Rotondo.

²¹² Anderson Ferrari, Anelice Astrid Ribetto, Cristian Poletti Mossi, Filipe Santos Fernandes, Marcos Vinícius Leite, Roger Miarka, Sônia Maria Clareto, Tarcísio Jorge Santos Pinto.

²¹³ Ary Lopes dos Santos.

²¹⁴ Maria das Dores Pinto dos Santos.

²¹⁵ Composição de uma te(s)(c)e em bando. Multiplicidade! O que seria uma aranha sozinha?

falsARias e falsARios (bando em travessia)

BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BARROS, Manoel. Uma didática da invenção. In: _____. *O Livro das Ignorâncias*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016. p. 14-21.

BELCAVELLO, Maria Paula Pinto dos Santos. *Cinemaquinação: entre montanhas e vale, um sobrevoo*. 2017. 84 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/4562>. Acesso em: 10 nov. 2019.

_____. OBEDUC: o que pode um programa de formação?. In: BELCAVELLO, Maria Paula Pinto dos Santos; FERREIRA, Caroline Souza (Org.). *Diálogos sobre formação e trabalho docente*. Araraquara: Letraria, 2020. p. 168-193. Disponível em: <https://www.letraria.net/dialogos-sobre-formacao-e-trabalho-docente/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BORGES, Jorge Luis. El jardín de senderos que se bifurcan. In: _____. *Ficciones*. Buenos Aires: SUR, 1944.

CARVALHO, Fabrício. *EDUCAÇÃOARTEPROFESSORARTISTA*. 2015. 499 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5602>. Acesso em: 07 nov. 2019.

CHIROVICI, Eugen Ovidiu. *O livro dos espelhos*. Trad. Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Editora Record, 2017.

CLARETO, Sônia Maria. Na travessia: construção de um campo problemático. In: CLARETO, Sônia Maria; ROTONDO, Margareth Aparecida Sacramento; VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil da (Org.). *Entre composições: formação, corpo e educação*. Juiz de Fora: UFJF, 2011. p. 17-32.

CORAZZA, Sandra. Contribuições de Deleuze e Guattari para as pesquisas em educação. *Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais*, UFSM, ano V, n.º 8, p. 125-144, mar. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/5298/0>. Acesso em: 22/01/2021.

_____. Na diversidade cultural, uma docência artística. *Pátio- Revista Pedagógica*, Porto Alegre, ano V, n.º 17, p. 27-30, maio/julho. 2001.

_____. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

COUTO, Mia. A infinita fiadeira. In: _____. *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 73-76.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. Mariana de Toledo Barbosa e Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_____. *A Imagem-Tempo*. Trad. Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013.

_____. *Lógica do Sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. *A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas (1953-1974)*. Trad. Lia Guarino e Fernando Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2006a.

_____. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006b.

_____. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. Imanência: uma vida... *Educação & Realidade*, UFRGS, v. 27, n.º 2, p. 10-18. 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/31079/19291>. Acesso em: 10 fev. 2021.

_____. O Atual e o Virtual. In: DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998. p. 121-124.

_____. Mistério de Ariadne segundo Nietzsche. In: _____. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pal Pélbart. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 114 -121.

_____. A literatura e a vida. *Crítica e Clínica*. In: _____. Trad. Peter Pal Pélbart. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 11-16.

_____. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista concedida à Claire Parnet, em 1998. Trad. Raccord. TV Escola, Ministério da Educação. 1995. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4908216/mod_folder/content/0/%5BGilles_Deleuze%2C_Claire_Parnet%5D_Abeced_rio%28z-lib.org%29.pdf. Acesso em: 10 fev. 2020.

_____. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. 2.ª ed. Trad. Peter Pál Pelbar e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012a.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Vol. 4. 2.^a ed. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012b.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. 2.^a ed. Trad. Aurélio Guerra Neto et. al. São Paulo: Editora 34, 2012c.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Vol. 2. 2.^a ed. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2011a.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. 2.^a ed. Trad. Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Editora 34, 2011b.

_____. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Trad. Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. *O que é a Filosofia?*. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELIGNY, Fernand. *O aracniano e outros textos*. Trad. Lara de Malimpesa. São Paulo: n-1 edições, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA, UFMG*, v. 2, n.º 4, p. 206-219, nov. 2012-abr. 2013. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>. Acesso em: 7 set. 2020.

DILAN, Bob. *Ecrits et dessins*. Paris: Seghers, 1975.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2005.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GADELHA, Sylvio. De fardos que podem acompanhar a atividade docente ou de como o mestre pode devir burro (ou camelo). *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n.º. 93, p. 1257-1272, set/dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27278.pdf>. Acesso em: 24 set. 2019.

GALLO, Silvio Donizetti de Oliveira. Educação: entre a subjetivação e a singularidade. *Revista Educação*, UFSM, v. 35, n.º 2, p. 229-244, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacao>. Acesso em: 04 de fev. 2018.

_____. *Deleuze e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

- GONZAGA, Marcelo; SANTOS, Adalberto; JAPYASSÚ, Hilton (org.). *Ecologia e comportamento de aranhas*. Rio de Janeiro: Interciência, 2007.
- GULLAR, Ferreira. *Poesia completa, teatro e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- KASTRUP, Virgínia. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. *Educação & Sociedade*, Campinas, 2005.
- KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides. Movimentos-funções no dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 76-91.
- LACERDA, Nilma. *Manual de Tapeçaria*. Rio de Janeiro: Revan, 2006.
- LAPOUJADE, David. *As existências mínimas*. Trad. Hortencia Santos Lencastre. São Paulo: n-1 Edições, 2017.
- LARA, Tiago Adão. *Educação: conflitos, tarefa, desafio, perguntação, ética, subjetivação, vida, cultura, aprendizagem, alegria*. Juiz de Fora: Gryphon Edições, 2016.
- LARROSA, Jorge. *Nietzsche & a educação*. Trad. Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- _____. O ensaio e a escrita acadêmica. Trad. Malvina do Amaral Dorneles. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 28, nº. 2, p. 101-115, jan./dez. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/25643/14981>. Acesso em: 04 de fev. 2018.
- _____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n.º 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 04 de fev. 2019.
- LEITE, Marcos Vinícius. *Como corpo lançado em sala de aula tornou-se patas ao chão, língua ao vento: cartas, passeios e peles em aulas de filosofia*. 2016. 414 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/3781>. Acesso em: 13 nov. 2020.
- LISPECTOR, Clarice. Gertrudes pede um conselho. In: _____. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. p.119.
- _____. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MACHADO, Ana Maria. O Tao da teia: sobre textos e têxteis. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, nº. 49, p. 173-197, set./dez. 2003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/Fhhh4R3wPhQrb5vXwbcwcPh/?lang=pt&format=pdf>.
Acesso em: 10 março 2020.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Editora brasiliense, 1990.

MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1977.

MOSSI, Cristian Poletti. um corpo-sem-órgãos, sobrejustaposições: quem a pesquisa [em educação] pensa que é?. 2014. 124 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/3478/MOSSI%2c%20CRISTIAN%20POLETTI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 fev. 2021.

NANCY, Jean-Luc. *La evidencia del filme: el cine de Abbas Kiarostami*. Madrid: Errata Naturae, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PELBART, Peter Pál. "Subjetividade contemporânea". In: _____. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Trad. Raquel Ramallete et. al. São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. *As distâncias do cinema*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Trad. Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBETTO, Anelice. Experiências, experimentações e restos na escrita acadêmica. In: RIBETTO, Anelice; CALLAI, Cristiana (Org.). *Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2016. p. 58-67.

ROLNIK, Suely. A subjetividade em obra: Lygia Clarck, artista contemporânea. *Revista Projeto História*, São Paulo, v. 25, jul./dez. 2002. p. 43-54. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10571>. Acesso em: 10 nov. 2020.

_____. *Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico*, Cadernos de subjetividade, São Paulo, v.1, n.º 2, p. 241-251, set./fev. 1993.

Disponível em:

<http://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>

Acesso em: 28 ago. 2019.

ROSA, João Guimarães. O Espelho. In: _____. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1962.

ROTONDO, Margareth. Ap. Sacramento. Caminhada pelo abrigo da vida-escola: a(travessa)ndo umas orações. In: CLARETO, Sônia. Maria; ROTONDO, Margareth. Ap. Sacramento; VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil da (Org.) *Entre composições: formação, corpo e educação*. Juiz de Fora: UFJF, 2011. p. 167-196.

VASCONCELLOS, Jorge. *Deleuze e o cinema*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda, 2006.

_____. A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia, *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n.º 93, p. 1217-1227, set./dez. 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27276.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2019.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Ifch-Unicamp, 2004. Disponível em: <https://docplayer.com.br/5215617-O-vocabulario-de-deleuze.html>. Acesso em: 11 dez. 2019.

“(…) o falsário não pode ser reduzido a um mero copiador, nem mesmo a um mentiroso, pois o que é falso não é apenas a cópia, mas já o modelo” (DELEUZE, 2013, p. 178).



O senhor, por exemplo, que sabe e estuda, suponho nem tenha ideia do que seja na verdade — um espelho? Demais, decerto, das noções de física, com que se familiarizou, as leis da óptica. Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida?

Fixemo-nos no concreto. O espelho, são muitos, captando-lhe as feições; todos refletem-lhe o rosto, e o senhor crê-se com aspecto próprio e praticamente imudado, do qual lhe dão imagem fiel. Mas — que espelho? Há-os «bons» e «maus», os que favorecem e os que detraem; e os que são apenas honestos, pois não. E onde situar o nível e ponto dessa honestidade ou fidedignidade? Como é que o senhor, eu, os restantes próximos, somos, no visível? O senhor dirá: as fotografias o comprovam. Respondo: que, além de prevalecerem para as lentes das máquinas objeções análogas, seus resultados apoiam antes que desmentem a minha

tese, tanto revelam superporem-se aos dados iconográficos os índices do misterioso. Ainda que tirados de imediato um após outro, os retratos sempre serão entre si muito diferentes. Se nunca atentou nisso, é porque vivemos, de modo incorrigível, distraídos das coisas mais importantes. E as máscaras, moldadas nos rostos? Valem, grosso modo, para o falquejo das formas, não para o explodir da expressão, o dinamismo fisionômico. Não se esqueça, é de fenômenos sutis que estamos tratando.

Devia ou não devia contar-lhe, por motivos de talvez. Do que digo, descubro, deduzo. Será, se? Apalpo o evidente? Tresbusco. Será este nosso desengonço e mundo o plano — intersecção de planos — onde se completam de fazer as almas?

Se sim, a “vida” consiste em experiência extrema e séria; sua técnica — ou pelo menos parte — exigindo o consciente

alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e soterra? Depois, o “salto mortale”... — digo-o, do jeito, não porque os acrobatas italianos o aviventaram, mas por precisarem de toque e timbre novos as comuns expressões, amortecidas... E o julgamento-problema, podendo sobrevir com a simples pergunta:

— “Você chegou a existir?”

Sim? Mas, então, está irremediavelmente destruída a concepção de vivermos em agradável acaso, sem razão nenhuma, num vale de bobagens? Disse. Se me permite, espero, agora, sua opinião, mesma, do senhor, sobre tanto assunto. Solicito os reparos que se digne dar-me, a mim, servo do senhor, recente amigo, mas companheiro no amor da ciência, de seus transviados acertos e de seus esbarros titubeados.

Sim?²¹⁶

²¹⁶ Feixes do conto *O espelho* de João Guimarães Rosa, 1962.

fiARcine (filmes em composição)

A dama de Shanghai. Direção de Orson Welles. Estados Unidos: Columbia Pictures, 1947. 1 DVD (87 min). Disponível em: <http://cinemalivre.net/filme-a-dama-de-shanghai-1947.php>. Acesso em: 10 jan. 2020.

A regra do jogo. Direção de Jean Renoir. França: Petra Belas Artes, 1939. 1 DVD (106 min). Disponível em: <https://www.belasartosalacarte.com.br/a-regra-do-jogo>. Acesso em: 10 nov. 2018.

CIDADÃO Kane. Direção de Orson Welles. Estados Unidos: RKO Pictures, 1941. 1 DVD (119 min). Disponível em: http://cinemalivre.net/filme_cidadao_kane.php. Acesso em: 15 jun. 2019.

DOZE homens e uma sentença. Direção de Sidney Lumet. Estados Unidos: Obras Primas, 1957. 1 DVD (96 min). Disponível em: [https://www.telecineplay.com.br/filme/Doze_Homens_E_Uma_Senten%C3%A7a_\(1957\)_3552?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=search%7Cdsa%7Ccaquisicao%7Cmid&utm_content=vazio%7Cvazio%7Ceta%7Ckw_filme%7Cvazio&gclid=aw.ds&](https://www.telecineplay.com.br/filme/Doze_Homens_E_Uma_Senten%C3%A7a_(1957)_3552?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=search%7Cdsa%7Ccaquisicao%7Cmid&utm_content=vazio%7Cvazio%7Ceta%7Ckw_filme%7Cvazio&gclid=aw.ds&). Acesso em: 07 julho 2016.

ESTAMIRA. Direção de Marcos Prado. Brasil: Zazen Produções, 2005. 1 DVD (121 min). Disponível em: [Estamira \(official documentary film\) - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=QNO919eqx2M&ab_channel=ZacariasMarco). Acesso em: 23 fev. 2020.

EUROPA 51. Direção de Roberto Rossellini. Itália: Lux Films, 1954. 1 DVD (113 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QNO919eqx2M&ab_channel=ZacariasMarco. Acesso em: 03 mar. 2021.

F for Fake. Direção de Orson Welles. França: Les Films de l'Astrophore, 1973. 1 DVD (88 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gIVgUjj6RxU&ab_channel=MojoJojo. Acesso em: 12 mar. 2020.

GUIDA. Direção de Rosana Urbes. Brasil: Elo Company, 2014. 1 DVD (11 min). Disponível em: <https://portacurtas.org.br/filme/default.aspx?name=guida>. Acesso em: 24 set. 2017.

O Espelho. Direção de Andrey Tarkovsky. Rússia: MOSFILM, 1975. 1 DVD (105 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9Yn9q25NWAw&ab_channel=%D0%9A%D0%B8%D0%BD%D0%BE%D0%BA%D0%BE%D0%BD%D1%86%D0%B5%D1%80%D0%BD%22%D0%9C%D0%BE%D1%81%D1%84%D0%B8%D0%BB%D1%8C%D0%BC%22. Acesso em: 16 fev. 2021.

ahnarARte (fotografia e arte gráfica)

BELCAVELLO, Maria Paula Pinto dos Santos; 2021.

~~o narrador~~ a pesquisadora é uma aranha...

“um pequeno canto de sua teia se põe a vibrar e lá está ela a mexer-se, com seu grande corpo. O mesmo acontece com ~~o narrador~~ a pesquisadora. ~~Ele~~ Ela também tece uma teia, que é a sua obra, responde às vibrações, ao mesmo tempo em que a tece. Faz, desfaz, refaz sem parar. Metamorfose ainda mais radical do que em Kafka, pois ~~o narrador~~ a pesquisadora já está metamorfoseado antes da história pesquisa começAR”²¹⁷.

²¹⁷ Composição com DELEUZE. *Mesa redonda com Roland Barthes e Gilles Deleuze acerca de Marcel Proust*. Disponível em:

<https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2016/09/29/o-narrador-e-uma-aranha-a-aranha-cre-mas-ela-cre-aindas-nas-vibracoes-de-sua-teia-mesa-redonda-com-roland-barthes-e-gilles-deleuze-acerca-de-marcel-proust-transcricao-integral-do-audio/#:~:text=%C3%A9%20uma%20aranha,-.A%20aranha%20cr%C3%AA%2C%20mas%20ela%20cr%C3%AA%20apenas%20nas%20vibra%C3%A7%C3%B5es%20de,Roland%20Barthes.>

“O que pode um corpo?”

De que afetos você é capaz?

Experimente, mas é preciso muita prudência para experimentar. Vivemos em um mundo desagradável, onde não apenas as pessoas, mas os poderes estabelecidos têm interesse em nos comunicar afetos tristes. A tristeza, os afetos tristes são todos aqueles que diminuem nossa potência de agir. Os poderes estabelecidos têm necessidade de nossas tristezas para fazer de nós escravos. O tirano tem necessidade de nos persuadir que a vida é dura e pesada. Não é fácil ser um homem livre: fugir da peste, organizar encontros, aumentar a potência de agir, afetar-se de alegria, multiplicar afetos que exprimem ou envolvem um máximo de afirmação. Fazer do corpo uma potência que não reduz ao organismo, fazer do pensamento uma potência que não se reduz à consciência”²¹⁸...

fazer da vida uma potência que não se reduz à aceitação da morte enquanto empreendimento de negação de toda e qualquer forma de vida... Potência do falso!

²¹⁸ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 50-51.

(...) mas o labirinto já não é o labirinto do conhecimento e da moral, o labirinto já não é o caminho tomado por quem, segurando o fio, vai matar o touro. O labirinto tornou-se o próprio touro branco, Dioniso-touro: “Sou o teu labirinto”. Mais precisamente, o labirinto agora é a orelha de Dioniso, a orelha labiríntica. Ariadne precisa ter orelhas como as de Dioniso, a fim de ouvir a afirmação dionisíaca, mas também precisa responder à afirmação ao ourvido do próprio Dioniso. Dioniso diz a Ariadne: “Tens pequenas orelhas, tens minhas orelhas, põe aí uma palavra sensata”, sim. Ocorre ainda a Dioniso dizer a Ariadne, por brincadeira: “Por que tuas orelhas não são ainda mais longas?”. Dioniso lhe recorda assim seus erros, quando ela amava Teseu: acreditava que afirmar era carregar um peso, fazer como o asno. Na verdade, porém, com Dioniso Ariadne adquiriu pequenas orelhas: a orelha redonda, propícia ao eterno retorno. O labirinto já não é arquetetônico, tornou-se sonoro e musical²¹⁹.

Provocada por tantos papéis, fia seus registros entre escritas e fotografias... Alguns blocos não foram danificados, o que facilita sua leitura: NOR-MAS, PO-LÍ-TI-CA, BOLE-TIM, CUR-RÍ-CULO, GUI-A, FORMU-LÁRIO, RE-PRO-VAÇÃO, PRO-JETO, MANUAL, DISCI-PLINA, RE-GI-MENTO, ADVER-TÊNCIA, B-N-C-C, GRA-DE, A-PRO-VAÇÃO, CÓ-DIGO, CON-DUTA, DI-ÁRIO, DI-DÁ-TICA, RE-GISTRO. Ao ler cada termo, em marcha e concentração, um estranhamento lhe fez parar... O que guarda um in-cômodo? Pensou que seja lá o que fosse aquele lugar, seria melhor não saber; não parecia ter sido interessante, aprazível... ao contrário, os sons das palavras indicam algo temível. A menina fica sem compreender o que se passou e segue entre acontecimentos a entretecer seus fios. Decide aproveitar o cenário em ruínas para fotografar as variedades e variações de teias e aranhas que decoram com sutileza cada canto daquele território abandonado; lugar marcado pela indecifrável força do tempo. Numa combinação de mistério e encanto, singularidades dão pistas de ocupações de formas outras de (r)ex(s)istências. Ahnara flutua no ar e deixa pelo caminho linhas de seda a desfiar seu casaco; um acrobático balonismo que a faz alçar voos cada vez mais distantes; a sobrevoar numa velocidade infinita uma vida indefinida que se produz entre-tempos.

²¹⁹ DELEUZE, 1997, p. 118-119.

Suspeita-se de que

Ahnara fora concebida

pela orelha; essa, propícia

ao eterno retorno. Nasce

da relação Ariadne-

Dionísio; torna-se um

“espelho de núpcias” de

uma aliança que é pura

afirmação.

Dupla afirmação de uma

vida-ativa. Potência

feminina misteriosa; um

eterno sim ao acaso.

Força que faz variar a

forma, transformando-se

a si mesma; que eleva o

falso à mais alta potência

de transmutação...

A materialidade desta pesquisa se dá em um tempo que nos obriga a assistir, à luz do dia, os horrores de um projeto forjado para despotencializar todo e qualquer modo de existência e resistência, toda e qualquer forma de vida. Um projeto que se realiza, necessariamente, em corpos marginalizados. Corpos que escapam à forma do ideal; sempre em luta pela atividade da vida.

Potência do falso!

As vidas ceifadas pela
necropolítica...



Existírmos: a que será que se destina?

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=nmd7Nw9KqaE&ab_channel=CactanoVelosoVEVO



Potência do
POLÍTICO DO

falso...
ESTADO